Grupo de Pesquisa
Cultura e Relações de Poder

VII COLÓQUIO NACIONAL

CULTURA E PODER

Religião - Política - Juventude -
Fundamentalismo - Conservadorismo - Eleição

ANAIS

Resumos e Textos Completos

UNESPAR CAPES CNPq FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA
Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná



Grupo de Pesquisa
Cultura e Relações de Poder

02 a 04 de Abril de 2019
Unespar - Campo Mourão

Anais do VII Colóquio Nacional Cultura e Poder
http://www.fecilcam.br/viiccp

Comissão Organizadora

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro, Unespar
Frank Antonio Mezzomo, Unespar
Fred Maciel, Unespar

Comissão Científica

Ana Cristina Teodoro da Silva, UEM
Ana Karina Brenner, UERJ
André Acastro Egg, Unespar
André Luiz Sena Mariano, UNIFAL
Ari Pedro Oro, UFRGS
Beatriz Anselmo Olinto, Unicentro
Dario Paulo Barrera Rivera, UMESP
Emerson Giumbelli, UFRGS
Erneldo Schallenberger, Unioeste
Marcelo Camurça Lima, UFJF
Marcos Aurélio Saquet, Unioeste
Marcos Gonçalves, UFPR
Marcos Silva, USP
Maria Auxiliadora Schimidt, UFPR
Maria Henriqueta Gimenes, UFPR
Maristela Moresco, UTFPR
Reinaldo Matias Fleuri, UFSC
Reinaldo Nishikawa, IFES
Richard Gonçalves André, UEL
Rodrigo Toniol, Unicamp
Silvia Regina Alves Fernandes, UFRRJ
Tarcísio Vanderlinde, Unioeste
Lucio Tadeu Mota, UEM
Leonildo Silveira Campos, Universidade Mackenzie
Leandro Baller, UFGD
Ernesta Zamboni, Unicamp
Flávio Munhoz Sofiati, UFG
Geiva Carolina Calsa, UEM
Helio Sochodolak, Unicentro
Isabel Rodrigues, UEM
Joanildo Burity, Fundação Joaquim Nabuco
Zueleide Casagrande de Paula, UEL

Realização:

Grupo de Pesquisa
Cultura e Relações de Poder

http://www.fecilcam.br/culturaepoder
culturaepoder@gmail.com

VII COLÓQUIO NACIONAL
CULTURA E PODER

Grupo de Pesquisa
Cultura e Relações de Poder

02 a 04 de Abril de 2019
Unespar - Campo Mourão

Universidade Estadual do Paraná – Unespar
Câmpus de Campo Mourão

Reitoria
Antonio Carlos Aleixo

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Carlos Molena

Direção do Câmpus
João Marcos Borges Avelar

Realização

Grupo de Pesquisa
Cultura e Relações de Poder

http://www.fecilcam.br/culturaepoder
culturaepoder@gmail.com

O conteúdo dos trabalhos cujos autores são identificados representa o ponto de vista dos próprios autores e não a posição oficial do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, da Comissão Científica ou da Unespar.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

A532c
Colóquio Nacional Cultura e Poder (7: 2019: Campo Mourão, PR). Anais do VII Colóquio Nacional Cultura e Poder; org. Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder (Frank Antonio Mezzomo; Cristina Satiê de Oliveira Pátaro). Realização 04 a 06 abril. Campo Mourão: Universidade Estadual do Paraná – Unespar, 2019, 236p.

Resumos e Trabalhos Completos
Site do Evento: http://www.fecilcam.br/viiccp
http://www.fecilcam.br/culturaepoder
ISSN: 2446-6611

1. Pesquisa e Cultura. 2. Grupo de Pesquisa – Evento. 3. Interdisciplinaridade
I. Universidade Estadual do Paraná – Unespar. II. Campus Campo Mourão. III. Título.

CDD: 001.4

SUMÁRIO

10 APRESENTAÇÃO

Resumos

12 A RELIGIÃO E O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA
Ademir Ferreira da Silva, Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

12 "CHAMARAM-ME ISMAEL": SUBVERSÃO DE IDENTIDADE NA POESIA DE HEMERTÉRIA MARIANA
Adenize Aparecida Franco e Elizandra Fernandes Alves

13 A MÍMICA COMO ESTRATÉGIA DE PODER E RESISTÊNCIA CULTURAL EM CALABAR: UMA LEITURA DA DESCOLONIZAÇÃO DA MENTE
Alba Krishna Topan Feldman e Devalcir Leonardo

13 "OU SAIR DE CASA OU DEIXAR DE SER GAY?": DIFICULDADES NO AMBIENTE FAMILIAR DECORRENTES DA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE
Alessandra dos Reis de Souza, Cristina Satiê de Oliveira Pátaro e Frank Antonio Mezzomo

13 O LIRISMO NA CRÔNICA E O CASO DE ELIANE BRUM
Ana Carla da Silva Lima

14 VIOLÊNCIA E INSUBMISSÃO: "SHIRLEY PAIXÃO", DE CONCEIÇÃO EVARISTO
Ana Carla da Silva Lima

14 AS BRUMAS DE AVALON: UMA REPRESENTAÇÃO DO MITO ARTURIANO NO SÉCULO XX
Ana Carolina Lamosa Paes e André Rocha Cordeiro

15 "NINGUÉM VAI ME SUBSTITUIR": CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ROMANCE *VALSA NEGRA* (2003), DE PATRÍCIA MELO
Ana Maria Soares Zukoski e André Eduardo Tardivo

15 AS CONFRARIAS DO ROSÁRIO: DISCURSOS E PRÁTICAS (PORTUGAL – SÉCULO XVI)
André Rocha e Ana Carolina Lamosa Paes

15 HISTÓRIA, ENSINO E LITERATURA: UMA REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DA MARGINALIZAÇÃO FEMININA NA NARRATIVA DE CAROLINA MARIA DE JESUS
Andréia Aparecida dos Santos e Eulália Maria A. de Moraes

16 RELIGIÃO, IMPRENSA E PODER: A ATUAÇÃO DA MOCIDADE CATÓLICA PARANAENSE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX
Andressa Paula

16 CAMINHOS DE PEABIRU: HISTÓRIA, CULTURA E TURISMO
Arleto Pereira Rocha

17 CAMPANHA DOS CANDIDATOS CATÓLICOS E EVANGÉLICOS À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ, EM 2018
Brandon Lopes dos Anjos, Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

17 DISTOPIA? RELAÇÕES DE PODER E POLÍTICAS SOBRE O CORPO DAS MULHERES NA OBRA "O CONTO DA AIA"
Carolina Casarin Paes

18 JOVENS UNIVERSITÁRIOS: DIFERENTES COMPREENSÕES DAS DIMENSÕES POLÍTICA E RELIGIOSA
Crislaine Pereira de Lima e Thais Fernanda de Abreu

18 RELAÇÕES ENTRE O EVANGELICALISMO E A CULTURA PÚBLICA NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ (ALEP)
Daiana Nunes da Rosa, Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

19 A METODOLOGIA WEBQUEST APLICADA A UM ESTUDO COMPARADO SOBRE AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE TIRADENTES
Daniela M. do Nascimento Hypolyti, Adaiane Giovanni e Fábio André Hahn

19 MEMÓRIAS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM: AS AÇÕES DE MADEIREIRAS E DA AGROPECUÁRIA
Daniele Brocardo

20 TRATAMENTO E ANÁLISE DA FONTE HISTÓRICA: UM ESTUDO ACERCA DO JORNAL GAZETA DO CENTRO OESTE (2005-2007)
Drieli Fassioli Bortolo

20 "COMO BARRO NAS MÃOS DO OLEIRO": A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA IMAGEM DOS CANDIDATOS CARISMÁTICOS PELO MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA EM 2014 NO PARANÁ
Fábio Alexandro Sexugi, Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

21 MODA E CULTURA: (UMA REFLEXÃO AOS USOS DOS UNIFORMES DAS COMISSÁRIAS DE BORDO)
Felipe Bastos Maranezi

21 MEDIUNIDADE COMO CATEGORIA PARA OS ESTUDOS EM HISTÓRIA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS
Giovane Marrafon Gonzaga e Vanda Fortuna Serafim

21 LUGARES DE MEMÓRIAS NA REDE: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, ESPAÇOS PÚBLICOS E LINGUAGENS DIGITAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA
Giovani Marcos Bernini

22 A CONDIÇÃO FEMININA: O USO DE HISTÓRIAS DE VIDA NA RECONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Giselia dos Santos de Melo Gonçalves

22 CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: NARRATIVAS DE DOCENTES E DISCENTES
Ingrit Yasmin Oliveira da Silva Batista e Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula

23 CONSERVADORES OU PROGRESSISTAS? A AÇÃO ECLESIAL EM UM CENÁRIO DE TENSÕES SOCIAIS – DOM AGOSTINHO JOSÉ SARTORI, SEGUNDO BISPO DIOCESANO DE PALMAS-PR
Jael dos Santos

23 A HISTÓRIA DIGITAL PÚBLICA E O ESTUDO DAS APROPRIAÇÕES TEMPORAIS NAS NARRATIVAS HISTÓRICAS: ANÁLISE DAS HISTÓRIAS APRESENTADAS NOS SITES MUNICIPAIS PARANAENSES
Jorge Pagliarini Junior

24 ANÁLISE DAS NARRATIVAS SORE A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DE CAMPO MOURÃO (1900-1960)
José Carlos dos Santos e Astor Weber

24 A MÚSICA DITA ‘’BREGA’’ E SUAS AMBIVALÊNCIAS CONCEITUAIS: PERSPECTIVAS DO DEBATE
José Lucas Góes Benevides e Bruno Flávio Lontra Fagundes

25 RELIGIÃO E POLÍTICA: A PRESENÇA DE CANDIDATOS CATÓLICOS À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ, BRASIL EM 2018
Lara Pazinato Nascimento, Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

25 O DESDOBRAMENTO DA TEORIA PIERRE BOURDIEU NAS REFLEXÕES SOBRE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE
Leandro Sales Esteves

25 CONCEPÇÕES DE JOVENS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A CERCA DO MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO
Leiara Fungari Golanoski Tonete, Cristina Satiê de Oliveira Pátaro e Frank Antonio Mezzomo

26 AFINAL: O QUE DIZEM OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE O ESCOLA SEM PARTIDO?
Leonardo Carvalho de Souza, Cristina Satiê de Oliveira Pátaro e Frank Antonio Mezzomo

26 A “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E “ESCOLA SEM PARTIDO” NAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE CANDIDATOS EVANGÉLICOS PARA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTADUAL DO PARANÁ NAS ELEIÇÕES DE 2018
Lucas Alves da Silva, Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

27 LUNO SUJEITO HISTÓRICO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DE DIÁRIOS DE PESQUISA
Lucas Reis de Matos

27 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTO "OS CASAMENTEIROS" (*THE ARRANGERS OF MARRIAGE*), DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE
Marcela Gizeli Batalini e Geniane Diamante Ferreira Ferreira

28 PENSANDO O PLURALISMO RELIGIOSO POR DO HALLEL DE MARINGÁ- PR (1995-2018)
Mariane Rosa Emerenciano da Silva

28 MEMORIAL ÁGUA DA FONTE: RELIGIOSIDADE POPULAR E DEVOÇÃO AO MONGE JOÃO DE MARIA NO MUNICIPIO DE FAROL (PR)
Michel Kobelinski e Eva Simone de Oliveira

29 MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO: O QUE É? COMO AGE? QUAIS AS IMPLICAÇÕES?
Olavo Henrique Vieira Veiga, Cristina Satiê de Oliveira Pátaro e Frank Antonio Mezzomo

29 O SUDOESTE DO PARANÁ: REFLEXÕES SOBRE UMA REPRESENTAÇÃO A PARTIR DA REVOLTA DOS POSSEIROS DE 1957
Paulo José Koling

30 "VINDE A MIM TODOS OS QUE ESTAIS OPRIMIDOS": A AÇÃO DA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS NA ACOLHIDA A REFUGIADOS NA REGIÃO DA COMCAM
Rafael Almeida Callegari

30 AVALIAÇÃO DAS AÇÕES SÓCIO EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS PELO PROGRAMA PATRONATO DE CAMPO MOURÃO: A PERCEPÇÃO DOS ASSISTIDOS
Sandra Garcia Neves

31 EM TEMPOS SOMBRIOS, UMA PARTILHA DO SENSÍVEL: BRECHT, DRUMMOND, DORA FERREIRA DA SILVA, HILDA HILST, CONCEIÇÃO EVARISTO
Sandro Adriano da Silva

31 *O QUE É E COMO É* A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA DAS ESCOLAS EM ASSENTAMENTOS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Sebastião Ferreira e Maria Márcia Sigrist Malavasi

31 TEXTOS E IMAGENS: AS NARRATIVAS DE UMA REVISTA NO ENSINO DE HISTÓRIA
Sidney de Melo Catelão

32 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA VIVENCIADA POR ESTUDANTES BRASILEIROS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO BÁSICA E CONTINUADA EM ENFERMAGEM
Talita Lopes Garçon, Iara Sescon Nogueira e Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera

32 IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NO CONTO "ELEVADOR 'A SERVIÇO'" DE CRISTIANE SOBRAL
Tatiane Zambrim

33 "RELIGIÃO E POLÍTICA SE MISTURAM?": PERSPECTIVAS JUVENIS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA
Thauana Aparecida Teixeira, Cristina Satiê de Oliveira Pátaro e Frank Antonio Mezzomo

33 O GRUPO EXECUTIVO PARA AS TERRAS DO SUDOESTE DO PARANÁ (GETSOP): REGULARIZAÇÃO DA POSSE DA TERRA OU REFORMA AGRÁRIA
Tiago Arcanjo Orben

34 INTERSETORIALIDADE: UMA ANÁLISE DAS DISSERTAÇÕES DA CAPES NA ÁREA DE AVALIAÇÃO INTERDISCIPLINAR NO PERÍODO DE 2015 A 2017
Valéria Cristina da Costa

Trabalhos Completos

36 "OU SAIR DE CASA OU DEIXAR DE SER GAY?": DIFICULDADES NO AMBIENTE FAMILIAR DECORRENTES DA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE
Alessandra dos Reis de Souza, Cristina Satiê de Oliveira Pátaro e Frank Antonio Mezzomo

50 AS BRUMAS DE AVALON: UMA REPRESENTAÇÃO DO MITO ARTURIANO NO SÉCULO XX
Ana Carolina Lamosa Paes e André Rocha Cordeiro

59 AS CONFRARIAS DO ROSÁRIO: DISCURSOS E PRÁTICAS (PORTUGAL – SÉCULO XVI)
André Rocha e Ana Carolina Lamosa Paes

71 A METODOLOGIA WEBQUEST APLICADA A UM ESTUDO COMPARADO SOBRE AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE TIRADENTES
Daniela M. do Nascimento Hypolyti, Adaiane Giovanni e Fábio André Hahn

82 MEMÓRIAS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM: AS AÇÕES DE MADEIREIRAS E DA AGROPECUÁRIA
Daniele Brocardo

95 "COMO BARRO NAS MÃOS DO OLEIRO": A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA IMAGEM DOS CANDIDATOS CARISMÁTICOS PELO MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA EM 2014 NO PARANÁ
Fábio Alexandro Sexugi, Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

113 MODA E CULTURA: (UMA REFLEXÃO AOS USOS DOS UNIFORMES DAS COMISSÁRIAS DE BORDO)
Felipe Bastos Maranezi

123 MEDIUNIDADE COMO CATEGORIA PARA OS ESTUDOS EM HISTÓRIA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS
Giovane Marrafon Gonzaga e Vanda Fortuna Serafim

133 RELIGIÃO E POLÍTICA: A PRESENÇA DE CANDIDATOS CATÓLICOS À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ, BRASIL EM 2018
Lara Pazinato Nascimento, Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

149 A "IDEOLOGIA DE GÊNERO" E "ESCOLA SEM PARTIDO" NAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE CANDIDATOS EVANGÉLICOS PARA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTADUAL DO PARANÁ NAS ELEIÇÕES DE 2018
Lucas Alves da Silva, Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

164 PENSANDO O PLURALISMO RELIGIOSO POR MEIO DO HALLEL DE MARINGÁ-PR (1995-2018)
Mariane Rosa Emerenciano da Silva

174 AVALIAÇÃO DAS AÇÕES SÓCIO EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS PELO PROGRAMA PATRONATO DE CAMPO MOURÃO: A PERCEPÇÃO DOS ASSISTIDOS
Sandra Garcia Neves

185 EM TEMPOS SOMBRIOS, UMA PARTILHA DO SENSÍVEL: BRECHT, DRUMMOND, DORA FERREIRA DA SILVA, HILDA HILST, CONCEIÇÃO EVARISTO
Sandro Adriano da Silva

200 TEXTOS E IMAGENS: AS NARRATIVAS DE UMA REVISTA NO ENSINO DE HISTÓRIA
Sidney de Melo Catelão

218 IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NO CONTO "ELEVADOR 'A SERVIÇO'" DE CRISTIANE SOBRAL
Tatiane Zambrim

227 INTERSETORIALIDADE: UMA ANÁLISE DAS DISSERTAÇÕES DA CAPES NA ÁREA DE AVALIAÇÃO INTERDISCIPLINAR NO PERÍODO DE 2015 A 2017
Valéria Cristina da Costa



Grupo de Pesquisa
Cultura e Relações de Poder

02 a 04 de Abril de 2019
Unespar - Campo Mourão

APRESENTAÇÃO

O Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder apresenta os *"Anais do VII Colóquio Nacional Cultura e Poder"*, resultado do evento realizado entre os dias 04 e 06 de abril de 2019, na Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão.

O evento, que contou com apoio do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) e do Colegiado do Curso de História, contemplou em sua programação a oferta de conferência, palestras e workshop, além das sessões de comunicação oral. A programação completa pode ser acessada no site do evento: http://www.fecilcam.br/eventos/index.php/vccp/viiccp/.

Para a edição de 2019, os Anais contam com mais cinquenta trabalhos publicados no formato de resumos e textos completos, expressando, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, múltiplos olhares sobre temas que tocam a constituição cultural, a formação educacional, as diferentes identidades e espacialidades sociais, a literatura e suas linguagens. Expressamos nossos agradecimentos aos participantes do evento, às agências e setores institucionais que deram apoio financeiro e logístico para consecução da sétima edição do Colóquio Nacional Cultura e Poder.

Outras ações – pesquisas, orientações e publicações – que são desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder podem ser acessadas no site institucional disponível em: http://www.fecilcam.br/culturaepoder.

Boa leitura!

Organizadores
Junho de 2019.

Resumos

A RELIGIÃO E O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Ademir Ferreira da Silva (Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória), Unespar, ademirfersil@gmail.com
Frank Antonio Mezzomo (Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória), Unespar, frankmezzomo@gmail.com
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória), Unespar, crispataro@gmail.com

RESUMO: A comunicação tem como objetivo analisar as representações dos estudantes acerca da religião na região central de Araruna, Paraná. Essa perspectiva é problematizada a partir das representações dos educandos, tendo em vista as tendências atuais do ensino de História que aponta para sua valorização enquanto sujeitos do processo educativo. Levantamentos iniciais indicam uma tendência de aumento do número de evangélicos no país, assim como no estado do Paraná e no município de Araruna, embora com diferentes percentuais, apontando para estagnação no percentual de praticantes das religiões afro-brasileira. Com isso, pretende-se analisar as representações e narrativas históricas dos estudantes sobre a religião, orientar para identificar e historicizar os templos e práticas religiosas presentes na região central da referida cidade e oportunizar aos educandos ressignificar e ampliar as percepções sobre o campo das religiões. Com base na problematização dos dados, pretendemos desenvolver uma proposta metodológica para o estudo da religião no ensino de História, a fim de contribuir com a aprendizagem histórica e formação para uma cultura da compreensão e tolerância às diferentes práticas religiosas. Por fim, trata-se de enfocar a relevância da religião, entendida como manifestação cultural, apontando para a pertinência de seu estudo a partir do ensino de História.

Palavras-chave: Religião. Ensino de História. Representações.

"CHAMARAM-ME ISMAEL": SUBVERSÃO DE IDENTIDADE NA POESIA DE HEMERTÉRIA MARIANA

Adenize Aparecida Franco (Programa de Pós-Graduação em Letras), UNICENTRO, adenizeafranco@gmail.com
Elizandra Fernandes Alves (Programa de Pós-Graduação em Letras), UEM, elizzandra1@hotmail.com

RESUMO: Surgido de uma brincadeira em torno do que se chamou "escrita de sexo feminino", o *site* literário *Escritoras Suicidas* foi lançado em outubro de 2005 com o intuito de reunir e disseminar, em prosa ou verso, escritos de mulheres. Em 2009, parte desses textos foi organizada e publicada na antologia *Dedo de Moça*. Todas as autoras são mulheres, mesmo aquelas que não são, como alude Guttemberg Guarabyra no prefácio da obra. O que seria *ser mulher sem ser*? O objetivo dessa comunicação oral é analisar o poema "chamaram-me ismael", de Hemertéria Mariana, publicado no *site* em 2018, considerando a importância da literatura brasileira contemporânea de autoria trans. Tendo como base teórica as teorias de gênero (Butler [2000, 2016], Bento [2006]) busca-se discutir a subversão e agenciamento identitário da voz poética como um meio de levantar discussões acerca da representatividade das minorias dentro e fora do meio literário, contribuindo, assim, com a democratização da literatura e a ocupação dos lugares de fala por aqueles que precisam, querem e devem ser ouvidos.

Palavras-chave: Ismael. Hemertéria Mariana. Identidade Trans.

A MÍMICA COMO ESTRATÉGIA DE PODER E RESISTÊNCIA CULTURAL EM CALABAR: UMA LEITURA DA DESCOLONIZAÇÃO DA MENTE

Alba Krishna Topan Feldman (Programa de Pós-Graduação em Letras), UEM, profa.alba@gmail.com
Devalcir Leonardo (Programa de Pós-Graduação em Letras), UEM, devalcirleonardo@gmail.com

RESUMO: A presente comunicação tem por objetivo apresentar uma leitura da peça Calabar: um elogio da traição (2008), de Chico Buarque e Ruy Guerra a partir da teoria crítica pós-colonial. O foco deste estudo centra-se na aplicação dos conceitos de mímica e descolonização da mente como forma de resistência tanto no período colonial como no contexto da ditadura militar (1964-1985), época em que foi escrita a peça. A partir desta pesquisa constatou-se que o texto dramático Calabar possibilita, por meio da mímica, desmitificar o passado histórico do Brasil. Esta pesquisa se fundamenta nos estudos de Bonnici (2012), Fanon (1968), Bhabha (2010) e Ashcroft (2001).

"OU SAIR DE CASA OU DEIXAR DE SER GAY?": DIFICULDADES NO AMBIENTE FAMILIAR DECORRENTES DA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE

Alessandra dos Reis de Souza (Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, PPGSeD), Unespar, alereis.psico@gmail.com
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, PPGSeD), Unespar, crispataro@gmail.com
Frank Antonio Mezzomo (Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, PPGSeD), Unespar, frankmezzomo@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho objetiva compreender a relação de jovens homossexuais católicos com suas respectivas famílias, antes e depois da participação no Projeto Aprisco, desenvolvido pela Fraternidade O Caminho e realizado na cidade de Campo Mourão, Paraná. Partimos de uma abordagem qualitativa, tendo como material empírico as entrevistas realizadas com 8 jovens, integrantes desse Projeto. Nesse entrecruzamento de família, religião e homossexualidade, percebemos a presença do medo e do sofrimento de modo recorrente entre os entrevistados, mediante a negação e a rejeição por parte de seus familiares. Constatamos que essa dificuldade se deve à inserção em uma sociedade permeada por crenças, pressupostos religiosos e construções sociais em torno da heteronormatividade. Por outro lado, os próprios jovens relatam vivenciar um processo de ressignificação dos conflitos familiares devido ao auxílio obtido junto ao Projeto Aprisco. Construímos nossas reflexões teóricas a partir dos trabalhos de Santos, Júnior e Moscheta (2007), Frazão e Rosário (2008), Guimarães (2009), França (2009), Silva et al. (2015), dentre outros.

Palavras-chave: Jovens. Católicos. Homossexuais.

O LIRISMO NA CRÔNICA E O CASO DE ELIANE BRUM

Ana Carla da Silva Lima (Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, CAPES), UEL, anacsslima@gmail.com

RESUMO: O espaço da crônica, na maioria das vezes, é o lugar das reflexões críticas à sociedade, utilizando como ponto de partida temas "miúdos" que são potencializados ao nível do humor, da ironia e da poesia. Poesia adentro, a problematização do lirismo na crônica foi por vezes citada em discussões teóricas, e aparece em algumas categorizações do gênero que foram propostas por críticos. Entretanto, ao considerarmos o volume de trabalhos que já se debruçaram sobre a crônica e seus desdobramentos,

entendemos que o tema esteja distribuído de forma esparsa. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é o de propormos um breve apanhado do tema em escritos de autores como: Massaud Moisés (1982), Antonio Candido (1992), Davi Arrigucci Jr (1987), Afrânio Coutinho (1986) e Eduardo Portella (1958). Pretendemos, ainda, realizar análises-interpretativas e elucidar aspectos líricos que compõem uma crônica da jornalista e escritora Eliane Brum.

Palavras-chave: Lirismo. Crônica. Eliane Brum.

VIOLÊNCIA E INSUBMISSÃO: "SHIRLEY PAIXÃO", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Ana Carla da Silva Lima (Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, CAPES), UEL,
anacsslima@gmail.com

RESUMO: O nome da mineira Conceição Evaristo se conduz, há um tempo considerável, à uma posição de evidência e consolidação no cenário da literatura brasileira contemporânea. Tendo em vista a sua obra como um todo, observamos a recorrência do tema da violência, especificamente, contra as mulheres. Portanto, tomamos como ponto de partida um dos contos da autora que compõe a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), intitulado "Shirley Paixão". Pretendemos realizar uma análise-interpretativa do conto com o objetivo de produzir reflexões sobre as configurações de violência que são apresentadas e o modo de subversão feminina que constitui as personagens. Para tanto, utilizaremos pressupostos teóricos da literatura afro-brasileira que abordam a escrita de Evaristo como uma "escrevivência" do corpo feminino, bem como a tipologia da violência desenvolvida pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek (2014).

Palavras-chave: Violência. Escrevivência. Conceição Evaristo.

AS BRUMAS DE AVALON: UMA REPRESENTAÇÃO DO MITO ARTURIANO NO SÉCULO XX

Ana Carolina Lamosa Paes (Programa de Pós-Graduação em História, CAPES), UEM,
anacapaes@hotmail.com
André Rocha Cordeiro (Programa de Pós-Graduação em História), UEM,
andrerochacordeiro@hotmail.com

RESUMO: O presente resumo é fruto das primeiras aspirações do trabalho de mestrado intitulado "As representações do cristianismo e paganismo em As brumas de Avalon (1982)" e tem como objetivo apresentar as relações de tais representações contidas na obra de modo a se relacionarem com o contexto de produção da obra. A fonte deste trabalho, "As brumas de Avalon", foi escrita por Marion Zimmer Bradley e publicada no ano de 1982, pela editora Alfred Knopf, nos Estados Unidos. Trata-se de uma releitura do mito arturiano, onde nos é apresentada uma reatualização da narrativa mitológica que procura afastar-se daquela comumente conhecida e constitui-se pelo olhar e pelas vivências das personagens femininas presentes na obra. Para tanto, nos utilizamos das contribuições de Eric Hobsbawm (1995) acerca do contexto histórico dos Estados Unidos na década de 1970 e 1980; Observamos também os apontamentos de Thomas Bonnici (2007) a respeito do movimento feminista e suas "ondas", bem como as considerações de Antônio Ferreira (2013) a respeito dos cuidados metodológicos empregados no uso de fontes literárias.

Palavras-chave: As brumas de Avalon. Estados Unidos da América. Século XX. História e Literatura. História das Religiões.

"NINGUÉM VAI ME SUBSTITUIR": CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ROMANCE *VALSA NEGRA* (2003), DE PATRÍCIA MELO

Ana Maria Soares Zukoski (Programa de Pós-Graduação em Letras, CNPq), UEM, aninha_zukoski@hotmail.com
André Eduardo Tardivo (Programa de Pós-Graduação em Letras), UEM, tardivo.andre@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho possui por objetivo apresentar uma análise interpretativa a respeito das características da violência contra a mulher apresentadas no romance *Valsa Negra* publicado em 2003, pela autora brasileira Patrícia Melo. A obra possibilita acompanhar a trajetória do narrador e protagonista em sua exaustiva tentativa de objetificar e controlar sua nova esposa, Marie. Compassadamente, revela-se na obra inúmeros aspectos das mais variadas formas de violência contra a mulher: doméstica, simbólica e inclusive a física. À medida que o personagem se sente mais inseguro, maior o controle que tenciona exercer sobre Marie, chegando a agir de forma descontrolada. Por meio da metodologia de leitura e interpretação e à luz dos pressupostos teóricos da Crítica Feminista e dos Estudos Culturais e de Gênero, abordado por pesquisadores/as como Bonnici (2007), Duarte (1997), Campos (1992), Muraro (1995), Nascimento, Gomes e Rebello (2009), discorremos sobre as particularidades do relacionamento abusivo que protagoniza o romance.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Poder falocêntrico. Relações abusivas.

AS CONFRARIAS DO ROSÁRIO: DISCURSOS E PRÁTICAS (PORTUGAL – SÉCULO XVI)

André Rocha Cordeiro (Programa de Pós-Graduação em História), UEM, andrerochacordeiro@hotmail.com
Ana Carolina Lamosa Paes (Programa de Pós-Graduação em História, CAPES), UEM, anacapaes@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo realizar uma breve discussão sobre o movimento de renovação confrarial do século XVI, com ênfase nas Confrarias do Rosário da Ordem dos Pregadores. Desse modo, buscaremos traçar um breve panorama sobre contexto de renovação espiritual proposto pela Reforma Católica e, posteriormente, analisar os discursos institucionais em promoção de tais associações e de suas práticas. Cabe destacar, que neste contexto as associações e devoções leigas tornaram-se foco dos membros especializados da instituição que buscavam nortear uma identidade do ser cristão católico e conduzir as práticas religiosas dos fiéis. Para tanto, faremos uso enquanto fonte de análise o *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, publicado em 1573, na cidade de Lisboa, e de autoria do dominicano frei Nicolau Dias. Corrobora enquanto aporte teórico-metodológico a discussão acerca do campo religioso proposto por Pierre Bourdieu (2007).

Palavras-chave: Reforma Católica. Confrarias. Rosário.

HISTÓRIA, ENSINO E LITERATURA: UMA REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DA MARGINALIZAÇÃO FEMININA NA NARRATIVA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Andréia Aparecida dos Santos (Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória), Unespar, andreia.santos.2@escola.pr.gov.br

Eulália Maria A. de Moraes (Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória), Unespar, eulaliamoraes@hotmail.com

RESUMO: Na década de 1950/60 Carolina Maria de Jesus negra e semianalfabeta é parcela excluída pela sociedade brasileira letrada e figura nas estatísticas de migrantes que lutam contra o rebaixamento social de sujeitos miseráveis no movimento de "modernização" do Brasil. Com plena consciência racial e social expõe nas páginas de seu diário – em uma literatura periférica/ marginal e afrodescendente – sua condição feminina de empregada doméstica, favelada e catadora de papel. Apoiados na afirmativa de Jörn Rüsen, quando este afirma que o Ensino de História deve contagiar o aprendizado e determinar a sagacidade com a qual o sujeito orientará sua vida, pensamos no Ensino de História para a Educação Básica objetivando contribuir para com mudanças substanciais nas práticas historicamente construídas encaminhando reflexões da consciência política e histórica ao abordar aspectos espaço/temporais presentes na obra literária. Assim, diante da necessidade de novas metodologias para o Ensino de História, lançamos mão da narrativa literária como forma de promover, junto aos alunos, a construção de saberes históricos, por meio de análise do discurso de Carolina Maria de Jesus em seu livro "Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)", buscando analisar como a autora representa a mulher em seus escritos, como percebe os papeis de gênero e como vivenciou essas questões. Em se tratando de uma manifestação feminina da década de 1960, contextualizamos historicamente a narrativa, como fonte documental, ao mesmo tempo, correlacionamo-la com o discurso da atualidade, em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de história. Fonte Documental. Literatura Feminina.

RELIGIÃO, IMPRENSA E PODER: A ATUAÇÃO DA MOCIDADE CATÓLICA PARANAENSE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Andressa Paula, UEM, andressapaulah@gmail.com

RESUMO: No início do século XX os documentos eclesiásticos buscaram apresentar medidas para tornar o fiel mais presente na Igreja. Os leigos passaram a ser chamados para participar mais efetivamente na atuação da Igreja Católica nos países, com estimulo especial para a organização da imprensa. A partir desses encaminhamentos formou-se no Paraná o grupo da Mocidade Católica Paranaense que teria iniciado sua organização na década de 1910 com a criação de Congregações Marianas nas igrejas de Curitiba. O grupo composto por jovens advindos de famílias com visibilidade no meio social e econômico da capital do estado participou também da criação do Grêmio Literário São Luiz (1924), do Centro Operário Católico do Paraná (1924), do Círculo de Estudos Bandeirantes (1929) e na edição de diversos jornais e revistas católicos. Dentre os títulos estão *A Cruzada* (1926), *Boletim Mariano* (1928), *Cruzeiro* (1931), *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes* (1934), *O Alvor* (1935) e *O Luzeiro* (1937). Nossa proposta consiste em analisar a formação desse grupo e a sua legitimação enquanto porta-voz da Igreja Católica na imprensa paranaense. Compreendemos que sendo o principal meio de comunicação do período, editar e escrever nesses impressos atribuía ao grupo uma relação de poder sobre os fiéis leitores.

Palavras-chave: Igreja Católica. Leigos. Imprensa.

CAMINHOS DE PEABIRU: HISTÓRIA, CULTURA E TURISMO

Arleto Pereira Rocha, UEM, arleto.historia@gmail.com

RESUMO: Tematiza-se estudo de caso da geração de trabalho, emprego e renda por meio do turismo histórico, de aventura, cultural e ecológico objetivando a análise do potencial turístico reprimido do milenar Caminhos de Peabiru na cidade de Peabiru-Pr e região por meio do Projeto Caminhos de Peabiru: História, Cultura e Turismo iniciado em 2016 com o intuito de atrair turistas e receitas a cidade. Justifica-se o trabalho no sentido de que a região de Peabiru-Pr insere-se numa faixa de pobreza advinda da concentração de terras, desigualdade social e econômica, indústria incipiente, comércio e serviços estagnados. Desta feita o turismo surge como segmento gerador de perspectivas econômicas da região. Metodologicamente caracteriza-se por um empenho qualitativo no qual fez se uso de bibliografia em livros, revistas e afins, impressos e eletrônicos, e uso dos dados aferidos na aplicação do Projeto Caminhos de Peabiru na cidade de Peabiru-Pr. Percebeu-se que mediante ao trabalho já executado, mesmo de forma inicial houve progressos a economia local agregando renda à população, aos restaurantes, panificadoras, postos de gasolina, artesanato e culinária e criaram-se empregos diretos e indiretos em momentos de eventos semanais principalmente na realização de caminhadas sobre trajetos dos Caminhos de Peabiru na modalidade de Acquatrekking.

Palavras-chave: História. Cultura. Caminhos de Peabiru.

CAMPANHA DOS CANDIDATOS CATÓLICOS E EVANGÉLICOS À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ, EM 2018

Brandon Lopes dos Anjos (Graduando do curso de História, Fundação Araucária), Unespar, brandon.njos@gmail.com
Frank Antonio Mezzomo, Unespar, frankmezzomo@gmail.com
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro, Unespar, crispataro@gmail.com

RESUMO: Este trabalho busca analisar como candidatos evangélicos e católicos executaram suas campanhas na busca por uma vaga na Assembleia Legislativa do Paraná, nas eleições de 2018. Buscamos identificar os usos de elementos religiosos durante o pleito como estratégia de legitimação de suas propostas e ações, assim como um meio de atrair um eleitorado que compartilhe dos princípios e valores da religião. Os procedimentos metodológicos envolveram a identificação dos religiosos políticos e coleta de seus materiais de campanha divulgados durante o período eleitoral, entre 20 de julho e 08 de outubro de 2018, publicados em suas *fanpages*, na mídia social *Facebook*. Mediante a análise dos dados percebemos pautas em comuns entre os candidatos de diferentes denominações cristãs, sobretudos aquelas relativas a "defesa da vida e da família" e a luta contra a denominada "ideologia de gênero", além de adotarem estratégias semelhantes na construção de suas campanhas: apoio de líderes religiosos e uso de versículos e textos religiosos em flyers e "santinhos". Com tais discussões, buscamos contribuir com os estudos acerca da participação incisiva da religião no espaço público, principalmente por meio de representações políticas, apontando para as porosidades e imbricações nas fronteiras entre as arenas política e religiosa.

Palavras-chave: Religião e política. Eleições. Cristianismo.

DISTOPIA? RELAÇÕES DE PODER E POLÍTICAS SOBRE O CORPO DAS MULHERES NA OBRA "O CONTO DA AIA"

Carolina Casarin Paes (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), UNESPAR, ccpaes@outlook.com

RESUMO: "O conto da aia", romance distópico escrito pela canadense Margaret Atwood em 1985, apresenta uma sociedade radicalmente modificada por uma revolução teocrática ocorrida no final do século XX nos Estados Unidos e que alterou as relações entre homens e mulheres – as quais passam a exercer funções determinadas e sem direitos sociais. A autora assinala as bases puritanas presentes na sociedade e constrói uma narrativa complexa e não linear na qual conhecemos Offred, uma mulher de 33 anos designada para ser a concubina de um comandante com o único objetivo de lhe dar um herdeiro. A proposta que se faz é identificar discursos políticos, religiosos, culturais e sociais presentes tanto no livro quanto na sociedade contemporânea, considerando a ascensão de vertentes conservadoras no cenário político mundial. Serão discutidos temas como religião, legitimação de discursos, relações de poder, sexualidade, maternidade compulsória, aborto, heteronormatividade, entre outros.

Palavras-chave: Análise literária. Distopia. Conservadorismo.

JOVENS UNIVERSITÁRIOS: DIFERENTES COMPREENSÕES DAS DIMENSÕES POLÍTICA E RELIGIOSA

Crislaine Pereira de Lima, UNESPAR, criss0713@gmailcom
Thais Fernanda de Abreu, UNESPAR, thaisfernandafernandathais@outlook.com.br

RESUMO: Ao abordarmos a juventude, verificamos que esta temática contempla multiplicidades de concepções, devendo ser analisada enquanto construção social e histórica que está fundamentalmente ligada às questões políticas e culturais da época e ao contexto aos quais pertencem. Nessa perspectiva, nossa pesquisa buscou entender a compreensão de jovens acadêmicos da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, Brasil e da Universidade de Holguín, em Cuba, acerca da religião, da política e do próprio curso de graduação, bem como as mudanças trazidas pela relação entre essas três dimensões na trajetória destes sujeitos. Os dados foram coletados a partir de questionários online (Survey) e de entrevistas semiestruturadas, contemplando questões referentes ao cotidiano e às vivências desses jovens; as dimensões e perspectivas deles em relação à religião; suas compreensões sobre política e considerações acerca das formas de participação; e, por fim, questões voltadas a identificar como a formação universitária e as vivências no curso de graduação repercutem nos entendimentos sobre a política e religião. Neste sentido, entendemos que pesquisar juventude exige uma visão plural sobre estes sujeitos, que, em decorrência de suas múltiplas vivências, produzem diferentes saberes e conhecimentos acerca da sociedade.

Palavras-chave: Juventude. Religião. Política.

RELAÇÕES ENTRE O EVANGELICALISMO E A CULTURA PÚBLICA NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ (ALEP)

Daiana Nunes da Rosa (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, Capes), Unespar, daiananunesdarosa@gmail.com
Frank Mezzomo, Unespar, frankmezzomo@gmail.com
Cristina Pátaro, Unespar, crispataro@gmail.com

RESUMO: O objetivo da pesquisa é o de compreender as inserções evangélicas na cultura pública por meio da atuação de quatro Deputados na Assembleia Legislativa do Paraná: Pastor Edson Praczyk da Igreja Universal do Reino de Deus; Cantora Mara Lima da Assembléia de Deus; Gilson de Souza, pastor na Igreja do Evangelho Quadrangular; Missionário Ricardo Arruda da Igreja Mundial do Poder de Deus. Examinamos as matérias legislativas apresentadas pelos referidos deputados ao longo da 17ª legislatura

(2015-2018) e recortamos para análise dos seguintes projetos que denotam explicitamente o movimento de conferir visibilidade pública religiosa: Projeto de Lei n. 146/2015 de instituição do Dia da Igreja Mundial do Poder de Deus, Projeto de Lei n. 757/2015 de declaração da música gospel como patrimônio cultural, Projeto de Lei n. 429/2016 de criação do Dia da Reforma Protestante e Projeto de Lei n. 675/2017 de instauração do Dia da Proclamação do Evangelho. Consideramos que tais matérias buscam divulgar a "Palavra de Deus" e legitimar a cosmovisão evangélica. Nesse tipo de movimento legislativo, a religião se expande para o espaço público e ampliam-se as formas de vivenciar a fé.

Palavras-chave: Cultura pública. Deputados evangélicos. ALEP.

A METODOLOGIA WEBQUEST APLICADA A UM ESTUDO COMPARADO SOBRE AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE TIRADENTES

Daniela M. do Nascimento Hypolyti (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, Fundação Araucária), Unespar, daniella.hist@gmail.com
Adaiane Giovanni, Unespar, adaiane.ri@gmail.com
Fábio André Hahn, Unespar, fabioandreh@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de um estudo sobre as representações e construção da imagem de Tiradentes na mídia digital, no livro didático e na historiografia. O trabalho foi desenvolvido em três etapas. Na primeira etapa foi realizado um estudo comparativo entre as representações de Tiradentes nos artigos informativos de pequena e grande circulação publicados por portais de notícias no ano de 2014. Na segunda etapa foi elaborado e aplicado um breve questionário aos alunos da 2ª série do Ensino Médio da rede estadual de Campo Mourão - PR, tendo em vista identificar a interpretação que esses estudantes têm da figura do "herói nacional" brasileiro. Na terceira etapa foi desenvolvida uma atividade investigativa que possibilita trabalhar as representações de Tiradentes como personagem histórico em sala de aula, utilizando a metodologia WebQuest. Espera-se com esse estudo demonstrar aos estudantes da Educação Básica que existem diferentes interpretações sobre a imagem de Tiradentes e na maior parte das vezes essas interpretações são construídas e desconstruídas no processo histórico.

Palavras-chave: Tiradentes. Mídia Digital. Livro didático.

MEMÓRIAS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM: AS AÇÕES DE MADEIREIRAS E DA AGROPECUÁRIA

Daniele Brocardo (Programa de Pós-Graduação em História, CAPES), UNIOESTE, danielebrocardo@gmail.com

RESUMO: Esta comunicação é parte da pesquisa intitulada: "Percepções Sobre as Transformações na Paisagem: o processo de extração da floresta". Tal pesquisa está sendo desenvolvida para a construção de uma tese na área de História e objetiva investigar diversas percepções sobre as transformações que aconteceram na paisagem, que abrangia o ecótono da Floresta Ombrófila Mista-FOM com a Floresta Estacional Semidecidual-FES, entre as décadas de 1950 a 1990. O recorte do estudo é o espaço que compreendia o município de Cascavel no estado do Paraná, em tal período. Estas transformações ocorreram a partir, principalmente, das ações de indústrias madeireiras e da agricultura. Deste modo, para chegarmos aos objetivos da pesquisa, trabalhamos com as seguintes fontes: acervo *online* de fotografias, entrevistas de história oral e jornais impressos. Contudo, nessa comunicação vamos analisar as fontes orais, duas entrevistas, a primeira realizada com um ex-contador de madeireira e a segunda

produzida com uma antiga trabalhadora da agricultura e da pecuária. A partir, dessas fontes, podemos pensar quais são as percepções apresentadas sobre as transformações na paisagem, quais acontecimentos históricos contribuíram para que essas transformações ocorressem, e como opera a relação passado/presente nas narrativas.

Palavras-chave: História Oral. Percepções. Meio Natural.

TRATAMENTO E ANÁLISE DA FONTE HISTÓRICA: UM ESTUDO ACERCA DO JORNAL GAZETA DO CENTRO OESTE (2005-2007)

Drieli Fassioli Bortolo (Graduanda do curso de História, CAPES), UNESPAR, drifassiolibortolo@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho se propõe a realizar o tratamento arquivístico do Jornal Gazeta do Centro Oeste, de Campo Mourão (PR), bem como identificar o perfil de suas manchetes publicadas no período de 2005 à 2007. Com isso, procuramos organizar, catalogar, digitalizar e identificar, a partir das suas manchetes, os temas recorrentes no periódico. Os procedimentos metodológicos cingiram a ordenação das publicações, mediante a catalogação de suas edições – quando foram identificadas o ano, mês, dia, paginação e numeração de cada número, a digitalização de todos os exemplares, a identificação e resumo das principais notícias de cada impressão. Por intermédio dessas etapas, constatamos que haviam 226 edições, 141 tabloides de compra e venda de bens e 13 cadernos especiais, além de identificarmos os principais assuntos abordados, sendo eles referentes à política, economia, eventos e infraestrutura/planejamento. Destarte, pretendemos aprofundar a compreensão acerca da constituição história do município de Campo Mourão e região, mediante às publicações divulgadas pelo Jornal Gazeta do Centro Oeste (2005-2007), tal como disponibilizar os arquivos *online* para a consulta de outros pesquisadores e da população em geral.

Palavras-chave: Imprensa. Manchetes. Paraná.

"COMO BARRO NAS MÃOS DO OLEIRO": A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA IMAGEM DOS CANDIDATOS CARISMÁTICOS PELO MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA EM 2014 NO PARANÁ

Fábio Alexandro Sexugi (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), Unespar, sexugi@gmail.com
Frank Antonio Mezzomo (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), Unespar, frankmezzomo@gmail.com
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), Unespar, crispataro@gmail.com

RESUMO: O trabalho visa a analisar a construção, pelo Ministério Fé e Política (MFP), da imagem pública de candidatos carismáticos, em vista das eleições proporcionais de 2014 à Câmara dos Deputados Federais e à Assembleia Legislativa do Paraná. Na linha discursiva com qual se costurou essa pesquisa, submetemos à iluminação dialógica da literatura disponível as fontes empíricas cotejadas, especialmente, das redes sociais: santinhos e outros materiais de marketing de campanha produzidos por essa instância eleitoral da Renovação Carismática Católica (RCC), nos quais é possível ler o emprego sobejo de signos religiosos, cores litúrgicas e elementos hagiográficos na modelagem do perfil das candidaturas que foram apresentadas aos fiéis naquele pleito, com o intuito de abrir, no parlamento, caminhos alternativos levem a Roma.

MODA E CULTURA: (UMA REFLEXÃO AOS USOS DOS UNIFORMES DAS COMISSÁRIAS DE BORDO)

Felipe Bastos Maranezi (Programa de Pós-Graduação em História), UEM, e-mail: felipebmaranezi@hotmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é pesquisar a moda e os uniformes das comissárias de bordo da aviação brasileira e analisar a sua relação com os usos sociais e significados simbólicos presentes neste tipo de indumentária buscando contextualizar fatos comportamentais e culturais. A metodologia será de análise documental, tendo como fonte a impresa, quanto aos procedimentos técnicos, à pesquisa conta com o levantamento de dados e bibliografias sobre a história da moda e sua relação e influencia para com os uniformes a fim de aprofundar o conhecimento sobre a temática proposta. A justificativa para a realização deste trabalho se dá devido à carência bibliográfica no campo acadêmico que se dedique ao entendimento da relação entre a história e a moda dos uniformes no contexto comportamental mais especificamente.

Palavras-chave: Moda. Uniformes. Comissárias de bordo.

MEDIUNIDADE COMO CATEGORIA PARA OS ESTUDOS EM HISTÓRIA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Giovane Marrafon Gonzaga (PPH/LERR-UEM), UEM, giovanemg@gmail.com
Profª Drª Vanda Fortuna Serafim, UEM, vandaserafim@gmail.com

RESUMO: O presente artigo visa discutir sobre a aplicabilidade do termo “médium” em estudos de história das religiões afro-brasileiras, bem como procura defini-lo a partir das práticas de comunicação com os mortos, presentes em diferentes sociedades e períodos. Para tanto, parte-se das considerações de Allain Gauld (1982), que identifica a mediunidade enquanto fenômeno cultural expressivo, portanto que merece a atenção da pesquisa científica; de Marc Augé (1994), que escreve sobre a ideia de magia, e como configurações históricas do imperialismo incutiram o status da mesma enquanto forma degenerada da religião; de Paula Montero (1985), Emerson Giumbelli (2003) e Roberta Scoton (2005), que possibilitam trazer tal discussão ao cenário brasileiro, onde as religiões afro-brasileiras, e as práticas mediúnicas que carregam, se tornaram palco para o debate sobre cultura, religião e saúde pública no Brasil. Ao analisar diferentes práticas religiosas, este trabalho parte dos pressupostos teóricos de uma história das religiões comparada, em conformidade a Mircea Eliade (1992), ao reconhecer nas experiências com o sagrado, recorrências pertinentes a problemas da existência e experiência humana.

Palavras-chave: Mediunidade. Religiões Afro-brasileiras. História Comparada.

LUGARES DE MEMÓRIAS NA REDE: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, ESPAÇOS PÚBLICOS E LINGUAGENS DIGITAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Giovani Marcos Bernini (Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, CAPES), UNESPAR, gmbernini@hotmail.com

RESUMO: A Educação Patrimonial apresenta-se como importante instrumento na construção do saber histórico. Torna-se imperioso pensá-la a partir da articulação entre currículos, espaços públicos e

linguagens digitais. A presente pesquisa visa discutir uma alternativa metodológica para o ensino de História através da Educação Patrimonial no espaço escolar, articulado aos espaços públicos e redes digitais. Pensar as relações entre cultura, cidade, escola e memórias é fundamental para um ensino significativo, especialmente entre alunos do Ensino Médio da rede Estadual. As discussões contemplam o papel do patrimônio como agentes da construção do conhecimento histórico e as limitações dos mesmos, propondo a apropriação de linguagens digitais como alternativas aos cursos tradicionais da Educação Patrimonial no espaço escolar, a valorização do aluno como pesquisador e a difusão de suas produções no meio social.

Palavras-chave: Educação Patrimonial. Ensino de história. Linguagens digitais.

A CONDIÇÃO FEMININA: O USO DE HISTÓRIAS DE VIDA NA RECONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Giselia dos Santos de Melo Gonçalves (Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória), Unespar, giseliamelog@gmail.com

RESUMO: Esta comunicação compartilha as ideias de um projeto surgido das investigações realizadas para o PROFHISTORIA, e visam à criação de uma sequência didática para o ensino de história envolvendo histórias de vida femininas. O público alvo são estudantes dos oitavos anos da escola municipal Durival Britto e Silva da Secretaria Municipal de Curitiba. O objetivo é verificar a importância do uso de histórias de vida na reconstrução da consciência histórica referente á condição feminina. Adotamos a metodologia da educação histórica, referenciada nos pressupostos teóricos e metodológicos de Jörn Rüsen e pelos estudos de Peter Lee, Bodo Von Borries, Isabel Barca e Maria Auxiliadora Schmidt. A narrativa histórica é considerada uma das manifestações da consciência histórica e um dos meios de ampliação da mesma e para Rüsen, deve ser apresentada de forma mais agradável possível aos estudantes. Assim, pensamos o uso das histórias de vida femininas com a pretenção de romper com silenciamentos femininos na história de forma envolvente para os adolescentes. A sequência foi pensada conforme o conceito de aula-oficina da professora Isabel Barca (2004). O conceito de condição feminina foi cunhado por Simone de Beauvoir e será tratado dentro da perspectiva de Gênero, introduzido na historiografia por Joan Scott.

Palavras-chave: Educação histórica. Histórias de vida. Gênero.

CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: NARRATIVAS DE DOCENTES E DISCENTES

Ingrit Yasmin Oliveira da Silva Batista (Programa de Pós-Graduação em Educação - PPE), UEM, ingrityasmin_@hotmail.com
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, (Programa de Pós-Graduação em Educação - PPE), UEM, erciliaangeli@yahoo.com.br

RESUMO: Este texto visa relatar uma pesquisa desenvolvida na disciplina Trabalho Escolar e a Produção Social do Conhecimento, do Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Estadual de Maringá - UEM, ofertada para o mestrado, no segundo semestre do ano de 2018. O objetivo foi verificar, por meio das narrativas escritas em cartas pedagógicas de docentes e discentes, quais as representações nas práticas pedagógicas e nos currículos sobre a Cultura Afro-Brasileira e Africana na escola. O estudo foi realizado com uma docente e discente das turmas do 4° e 5° Ano do Ensino Fundamental, de quatro diferentes escolas da rede pública, do município de Campo Mourão-PR. A

pesquisa foi qualitativa e os procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados foram às produções das cartas. Foram realizadas reflexões com as participantes mediante a seguinte questão norteadora: como os(as) negro(as) foram retratados(as) no currículo das escolas nas quais você estudou e na sociedade atual? Como resultados, constata-se que o trabalho com a Cultura Afro Brasileira nas escolas é abordado de maneira fragmentada. Por isso, a necessidade de fomentar estudos sobre a importância da representatividade negra, que precisa ser visibilizada, com intuito de possibilitar as pessoas o acesso a outras representações e culturas.

Palavras-chave: Cultura Afro-Brasileira e Africana. Narrativas. Cartas Pedagógicas.

CONSERVADORES OU PROGRESSISTAS? A AÇÃO ECLESIAL EM UM CENÁRIO DE TENSÕES SOCIAIS – DOM AGOSTINHO JOSÉ SARTORI, SEGUNDO BISPO DIOCESANO DE PALMAS-PR

Jael dos Santos (PPG em História, CAPES), UNIOESTE, jaelsantos89@yahoo.com.br

RESUMO: o presente estudo tem por função primeira socializar os resultados de minha tese de doutorado em História, a qual tematiza a trajetória eclesial e política de Dom Agostinho José Sartori, Bispo Diocesano de Palmas-PR entre 1970 e 2005, bem como o conjunto de questões que se apresentaram durante a pesquisa. O personagem/objeto da reflexão ocupou a função episcopal em um período no qual o Brasil vivenciava um regime político autoritário e cerceador de liberdades individuais e coletivas. No processo, frações da Igreja Católica foram personagens ativos no questionar do então estado de coisas, o que foi permeado por transformações importantes que impulsionaram a instituição a redefinir-se – tanto em nível mundial, com o Vaticano II, quanto em nível regional, com as Assembleias Episcopais Latino-Americanas e o fermentar das Comunidades de Base no Brasil. Nesse sentido, o que se observava era um jogo muito amplo de debates e a demanda por posições firmes de enfrentamento, a despeito da formação tradicional que ainda era uma marca importante na construção dos quadros da Igreja. Dom Agostinho, em nossa opinião, representa um caso singular de religioso que tentou dialogar com esses universos, o que obrigou o refinar/dialogar com várias categorias históricas.

Palavras-chave: Igreja Católica. Regime Militar. Trajetória.

A HISTÓRIA DIGITAL PÚBLICA E O ESTUDO DAS APROPRIAÇÕES TEMPORAIS NAS NARRATIVAS HISTÓRICAS: ANÁLISE DAS HISTÓRIAS APRESENTADAS NOS SITES MUNICIPAIS PARANAENSES

Jorge Pagliarini Junior, Unespar, palhajr@yahoo.com.br

RESUMO: A História Digital Pública possibilita aqui um estudo de veículos oficiais de comunicação municipal, e aborda, metodologicamente, as múltiplas apropriações dos Regimes de Historicidade. O estudo analisa como os sites oficiais dos 399 municípios do Estado do Paraná estruturam suas narrativas históricas. A metodologia divide-se entre o mapeamento de discursos históricos dos sites e a aplicação e análise de um questionário da plataforma SurveyMonkei. Dentre os resultados pretende-se apresentar um quadro analítico dos sites estudados e assim contribuir com a análise e reflexão de narrativas históricas e das suas estruturas temporais, bem como possibilitar a inserção do historiador com canais de produção de conhecimento histórico.

Palavras-chave: História Digital Pública. Regime de Historicidade. Narrativa.

ANÁLISE DAS NARRATIVAS SORE A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DE CAMPO MOURÃO (1900-1960)

José Carlos dos Santos (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras/PPGSCF), Unioeste, professor-jose-carlos@hotmail.com
Astor Weber (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras/PPGSCF), Unespar, weberastor@gmail.com

RESUMO: O texto apresenta uma análise das narrativas que tratam da história da colonização de Campo Mourão (1900-1960). Foram estudados artigos, dissertações, teses e obras de autores locais. Foi feita uma análise comparativa dessas narrativas e verificou-se controvérsias interpretativas que culminaram para uma proposta de divisão em quatro perspectivas de macro análise. A primeira perspectiva remete-se aos geógrafos (1950 a 1980) que afirmam que a colonização foi um momento importante para a evolução econômica e social da região. A segunda apresenta o estudo de geógrafos (2000 a 2010) que concluem que a colonização trouxe problemas sociais e ambientais graves para a região. A terceira (1990-2000) desenvolvida por um historiador e um antropólogo segue o entendimento da segunda, porém se preocupa em mostrar que os índios e caboclos foram sujeitos históricos da colonização. A quarta apresentada por obras da historiografia local (1975 a 2010), segue a primeira, porém não enfatiza a necessidade de substituição do índio e do caboclo pelo migrante para que haja essa evolução. Portanto, as diferentes perspectivas da história dessa colonização estão relacionadas ao tempo da construção dessas narrativas, mas, muito mais, entrelaçadas ao lugar social e cultural de sua produção.

Palavras-chave: Colonização. Narrativas. Perspectivas.

A MÚSICA DITA ‘’BREGA’’ E SUAS AMBIVALÊNCIAS CONCEITUAIS: PERSPECTIVAS DO DEBATE

José Lucas Góes Benevides (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), jlucashist@gmail.com
Bruno Flávio Lontra Fagundes (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), parabrunos@fecilcam.br

RESUMO: Esta comunicação tem como escopo as perspectivas de conceituação da música dita ‘’Brega’’. O trabalho aponta uma análise cultural do tema ao questionar a música de estilo brega como representativa de relações homem e mulher em que o homem sempre domina, e que as responsabilidades da frustração sentimental masculina recaem sempre sobre a mulher, tida como ingrata, incompreensiva e culpada. Em outra perspectiva interpretativa, o termo ‘’brega’’ seria uma alcunha depreciativa a uma vertente mais extremada da música romântica. Tendo como premissa que a idealização do amor romântico traz em seu bojo um conjunto de preleções patriarcais que podem ser consideradas como anacrônicas à atualidade, o trabalho propõe reflexões introdutórias acerca da conceituação da música “Brega’’. Busca-se apresentar possíveis elementos que apontam a possibilidade de se propor uma caracterização do “Brega” por uma conceituação que incorpore ambiguidades e ambivalências desse estilo musical, as quais, ao mesmo tempo, favoreçam revisões conceituais de esquemas interpretativos da análise do relacionamento homem e mulher em sociedades de corte patriarcal como a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Musica ‘’Brega’’. Ambiguidades conceituais. Romantismo.

RELIGIÃO E POLÍTICA: A PRESENÇA DE CANDIDATOS CATÓLICOS À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ, BRASIL EM 2018

Lara Pazinato Nascimento (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), UNESPAR, larapazinato@gmail.com
Frank Antonio Mezzomo (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), UNESPAR, frankmezzomo@gmail.com
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), UNESPAR, crispataro@gmail.com

Resumo: A presente comunicação analisa a presença de elementos religiosos na campanha de 2018 à Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP/Brasil) de três candidatos católicos: Cobra Repórter (PSD), Padre Roque (PR) e Pedro Scherer (PRTB), a fim de compreender a permeabilização de fronteiras entre religião e política no contexto brasileiro, bem como as implicações dessa configuração no que diz respeito à laicidade do Estado. A partir da identificação da participação dos religiosos políticos católicos na disputa pelo cargo de deputado estadual, foi realizada a coleta dos materiais de campanha publicados em suas fanpages do Facebook, divulgados entre 20 de julho e 8 de outubro do mesmo ano. Verificamos a recorrência a elementos religiosos em materiais como flyers, "santinhos", textos, imagens e vídeos compartilhados pelos candidatos ao longo do pleito, celebração de datas comemorativas católicas, participação e presença em ambientes religiosos, e posicionamentos fundamentados em valores cristãos, como a defesa da vida e da família. A partir dos dados da pesquisa, é possível observar como esses candidatos utilizam a religião como meio de legitimar e propagar suas pautas, bem como alcançar um determinado universo eleitoral. O cenário analisado permite especular acerca do tipo de laicidade vivido no Brasil, assim como as diferentes maneiras como o campo religioso se faz presente e é operacionalizado no mundo da política.

Palavras-chave: Religião e política. Eleições. Assembleia Legislativa do Paraná.

O DESDOBRAMENTO DA TEORIA PIERRE BOURDIEU NAS REFLEXÕES SOBRE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE

Leandro Sales Esteves (Programa de Educação, Arte e História da Cultura), UPM, leandro.esteves2008@hotmail.com

RESUMO: Nas últimas décadas à temática ambiental tem se tornado cada vez mais presente nos debates das humanidades. O presente trabalho visa refletir sobre esse cenário à luz dos conceitos de campo, hábitos e capital simbólico que alicerçam a teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Essa transposição tem ampliado e aprofundado a compreensão das práticas do ambientalismo, do movimento ecológico e da educação ambiental. Nesse sentido, conceitos como campo ambiental e habitus ecológico, tonam-se referências fundamentais no debate contemporâneo sobre os desafios da relação homem/natureza em suas dimensões políticas e culturais. Por fim pretende-se com este trabalho refletir sobre o movimento ecológico brasileiro a partir das contribuições de Carvalho, Steil, Silva e Comunello.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu. Meio ambiente. Movimento ecológico.

CONCEPÇÕES DE JOVENS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A CERCA DO MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO

Leiara Fungari Golanoski Tonete, UNESPAR, leh22_fgt@hotmail.com

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro, UNESPAR, crispataro@gmail.com
Frank Antonio Mezzomo, UNESPAR, frankmezzomo@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa analisa as concepções que jovens do 4° ano de licenciatura em pedagogia possuem a cerca do movimento Escola Sem Partido. Tal movimento foi criado em 2004 mas ganha força a partir de 2015, com a dinâmica de elaboração dos Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação, tendo sido bastante enfatizado nas campanhas políticas das últimas eleições. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas nos sete campus da Unespar. Por meio dos estudos realizados ate o momento, visto que a pesquisa está em andamento, foi possível observar que as estudantes de Pedagogia nem sempre compreendem os pressupostos do Projeto Escola Sem Partido, cujo objetivo e implicações acabam sendo não apenas banir uma suposta "doutrinação ideológica", mas ameaçar a liberdade de ensinar e de aprender no contexto de uma escola democrática.

Palavras-chave: Escola Sem Partido. Estudantes de Licenciatura. Pedagogia.

AFINAL: O QUE DIZEM OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE O ESCOLA SEM PARTIDO?

Leonardo Carvalho de Souza (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), UNESPAR, carvalho_leo_@hotmail.com
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), UNESPAR, crispataro@gmail.com
Frank Antonio Mezzomo (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), UNESPAR, frankmezzomo@gmail.com

RESUMO: Na presente pesquisa realizamos uma análise acerca das compreensões de 20 jovens universitários sobre o movimento Escola sem Partido (ESP). Os dados foram obtidos por meio de entrevistas, realizadas com estudantes do 4° ano, dos cursos de licenciatura em Pedagogia, Geografia, Filosofia e História da Universidade Estadual do Paraná - Unespar, no 2º semestre de 2017. Nossa abordagem teórica parte das perspectivas da interdisciplinaridade e da teoria da complexidade, em vista de compreendermos os sujeitos da pesquisa em suas múltiplas relações, ao admitirmos a multidimensionalidade dos aspectos da subjetividade. Por meio da análise podemos inferir que a metade (10) dos licenciandos recusam a proposta do ESP, ao passo que 9 deles não possuem uma posição definida de imediato, mas relativizam suas opiniões/posições acerca do referido movimento. Apenas um dos licenciandos apresenta um posicionamento de defesa do ESP, ao argumentar que existe um inegável processo de doutrinação nas escolas e universidades do Brasil. As opiniões dos universitários fornecem elementos que nos permitem refletir acerca da formação de professores, das relações entre professores e alunos, do processo de escolarização, da definição curricular e da própria epistemologia no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Jovens Universitários. Licenciaturas. Escola sem Partido.

"IDEOLOGIA DE GÊNERO" E "ESCOLA SEM PARTIDO" NAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE CANDIDATOS EVANGÉLICOS PARA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTADUAL DO PARANÁ NAS ELEIÇÕES DE 2018

Lucas Alves da Silva, (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, CAPES), Unespar, lucas.as137@gmail.com

Frank Mezzomo (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), Unespar, frankmezzomo@gmail.com
Cristina Pátaro (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), Unespar, crispataro@gmail.com

RESUMO: Com a presente pesquisa objetivamos analisar como os discursos dos candidatos evangélicos à Assembleia Legislativa Estadual do Paraná (ALEP) nas eleições de 2018 abordaram os temas da "ideologia de gênero" e da "escola sem partido". Nas últimas décadas notamos disputas de sentido no âmbito público entre grupos sociais distintos – principalmente entre laicos e religiosos – em torno de temas ligados à família, sexualidade, reprodução, educação e outros relacionados ao ideal de moralidade, os quais foram percebidos como pautas de campanhas eleitorais no último pleito. A coleta de dados ocorreu juntamente ao Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder – Unespar, Campus de Campo Mourão, em que acompanhamos campanhas de 45 candidatos evangélicos à ALEP e coletamos materiais publicados via mídia social Facebook, como fotos, vídeos, textos, entre outros. Do material levantado recortamos para análise aqueles que trataram dos temas da "ideologia de gênero" e da "escola sem partido", em que notamos como as pautas morais se fizeram presentes e como, para algumas delas, estes assuntos foram norteadores. Em todo o material analisado percebemos uma postura conservadora, em que os candidatos se colocam contra a suposta "ideologia de gênero" e a favor do "escola sem partido", alegando a defesa da família tradicional.

Palavras-chave: Evangélicos. Ideologia de gênero. Escola sem partido.

ALUNO SUJEITO HISTÓRICO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DE DIÁRIOS DE PESQUISA

Lucas Reis de Matos (Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, CAPES), UNESPAR, kingsdematos@hotmail.com

RESUMO: Ao longo de minha trajetória como docente no Ensino Fundamental, por vezes percebi junto aos alunos certa sensação de distanciamento com relação aos conteúdos trazidos pelo livro didático. Nesse sentido, creio que o trabalho com temáticas ligadas a localidade traga para o ensino de História uma dimensão afetiva que forneça ao aluno suportes para que este perceba sua historicidade. Em minha pesquisa, estou desenvolvendo uma proposta de produto destinado ao *6º ano* que se caracteriza como um de diário de pesquisa. Neste diário, os alunos registrarão relatos a partir investigações que terão por temática a sua trajetória de vida, partindo da história familiar, para a cidade, a escola e os bairros onde residem. Estes encaminhamentos presentes no diário possuirão estreita relação com a carga conceitual trazida pelo livro didático - tempo, espaço, fontes históricas – que será discutida ao longo das aulas. Assim, ao propormos o ensino de história local centrado num método que privilegia o uso de fontes históricas, procuramos favorecer o desenvolvimento de uma didática centrada nos processos de produção do conhecimento histórico pelo entendimento de que os vestígios do passado se encontram em diferentes lugares, fazem parte da memória social e precisam ser trabalhados em sala de aula.

Palavras-chave: História Local. Sujeito Histórico. Diário de Pesquisa.

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTO "OS CASAMENTEIROS" (*THE ARRANGERS OF MARRIAGE*), DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Marcela Gizeli Batalini (Programa de Pós-graduação em Letras), UEM, marcelabatalini@hotmail.com

Geniane Diamante Ferreira Ferreira (Programa de Pós-graduação em Letras), UEM, gdfferreira@uem.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo traçar uma análise do conto "Os casamenteiros" (*The arrangers of marriage),* presente na antologia intitulada: "No seu pescoço" *(The Thing Around Your Neck),* da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A obra foi publicada em 2009 e traduzida para a língua portuguesa pela editora Companhia das Letras em 2017. Nosso foco concentra-se, então, na representação da mulher negra e nas relações de gênero presentes no conto, que se constituem como assimétricas, em virtude das amarras da tradição que aprisionam a mulher e tolhem seus movimentos, denunciadas na narrativa adichiana. Para tanto, pautamo-nos no viés dos Estudos Culturais, mais precisamente o pós-colonialismo e o feminismo, a partir de autores(as) como: Davis (2017), Hooks (1984), Mihn-ha (1989) e Spivak (2010).

Palavras-chave: Representação. Mulher negra. Relações de gênero.

PENSANDO O PLURALISMO RELIGIOSO POR DO HALLEL DE MARINGÁ- PR (1995-2018)

Mariane Rosa Emerenciano da Silva (Programa de Pós-Graduação em História, CAPES), UEM, marianer.emerenciano@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho busca realizar algumas reflexões sobre a pluralidade religiosa, atentando-nos a uma manifestação católica, o Hallel de Maringá- PR (1995-2018). O Hallel é um evento de música Católica realizado em algumas cidades no Brasil, como, Franca-SP, Aparecida do Norte-SP, Brasília-DF, entre outras, além disso, são organizadas edições do evento em outros países, como, Angola, Chile, México, Estados Unidos. Idealizado por leigos da Igreja Católica, a *Renovação Carismática* (RCC) de Franca organizou a primeira edição em 1988, e a partir de 1995 convidou outras cidades para promover o evento. Nesse sentido, *O Projeto Mais Vida*- movimento leigo da Arquidiocese de Maringá-, anualmente providenciam shows, palestrantes, missas e apresentam diversos módulos no Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, por dois dias várias pessoas de diferentes credos, idade transitam no local à procura dessa expressão de religiosa. Para tanto, nossa discussão versa pensar a pluralidade, que possibilita levantar questões relacionadas a instituição e seus meios evangelizadores, assim como, a diversidade de escolhas dos indivíduos e sua prática religiosidade. Sendo assim, como referencial teórico partimos da analise de autores como, Michel Maffesoli (1998); Danièle Hervieu-Léger (2008); Solange Ramos Andrade (2008); Antônio Flávio Pierucci (2010) e Peter L. Berger (2017).

Palavras-chave: Catolicismo. Pluralidade. Religião.

MEMORIAL ÁGUA DA FONTE: RELIGIOSIDADE POPULAR E DEVOÇÃO AO MONGE JOÃO DE MARIA NO MUNICIPIO DE FAROL (PR)

Michel Kobelinski, (Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória), Unespar, mkobelinski@gmail.com
Eva Simone de Oliveira (Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória), Unespar, evasim23hist@gmail.com

RESUMO: O considerável reconhecimento do "monge das águas santas e das curas milagrosas", o qual se insurgiu contra a igreja, desde fins do século XIX, e contra o Estado, durante a Guerra do Contestado (1912-1916), levou-nos a analisar a devoção popular ao eremita *João Maria*, na comunidade rural *Água*

da Fonte, município de Farol- Pr. A fusão entre elementos materiais (objetos pessoais e infraestrutura) e imateriais (fé, devoção, rituais religiosos), somados à consagração das fontes d'água, resultou na idealização do *Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus*. Estudamos tanto a manifestação da religiosidade popular no sentimento de devoção entre moradores e visitantes, a partir da aplicação de pesquisa de opinião pública e de entrevistas (cf. resoluções do Ministério da Saúde, nº 196/1996 e nº 510/2016), quanto o processo de patrimonialização deste espaço. O trabalho visa compreender como os comportamentos sócio-afetivos e as práticas religiosas não eruditas se manifestam na memória popular e, também, como o poder público, a comunidade organizada e as políticas de preservação patrimonial trataram dos temas: religiosidade popular e inserção social, produzindo material didático sobre a passagem de João de Maria por Farol – Pr, o qual possa ser utilizado nas aulas de história.

Palavras-chave: Religião Popular. Patrimônio. História Cultural das Sensibilidades.

MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO: O QUE É? COMO AGE? QUAIS AS IMPLICAÇÕES?

Olavo Henrique Vieira Veiga, Unespar, olv_veiga@hotmail.com
Cristina Pátaro (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, PPGSeD), Unespar, crispataro@gmail.com
Frank Mezzomo (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, PPGSeD), Unespar, frankmezzomo@gmail.com

RESUMO: Buscamos, no presente trabalho, discorrer sobre os significados que 18 jovens licenciandos da Unespar atribuem ao Projeto de Lei Escola Sem Partido. Discutimos acerca de características que constantemente têm sido utilizadas pelos idealizadores do projeto para a sua divulgação – a simplificação do *slogan*, a neutralidade do educador e a pluralidade escolar –, correlacionando também o contexto político no qual o ESP está inserido. Através de pesquisa qualitativa, o corpus empírico compreende entrevistas realizadas com de 18 graduandos, vinculados a licenciaturas da área de Ciências Humanas da Unespar. Os dados foram analisados a partir de três eixos definidos: o conhecimento acerca do projeto; a possibilidade da neutralidade do educador; e a influência do ESP para o ambiente escolar. Encontramos respectivamente nesses eixos: três alunos que não conheciam o projeto, mas, eram favoráveis ao mesmo; cinco alunos posicionados contra o conceito de neutralidade do projeto; e dois alunos que correlacionavam a aplicabilidade do projeto com o fim da pluralidade e diversidade no espaço escolar. Compreendemos que quanto mais os licenciandos conheciam o projeto, menor era a aceitação do mesmo para a realidade da educação brasileira.

Palavras-chave: Educação. Licenciatura. Escola Sem Partido.

O SUDOESTE DO PARANÁ: REFLEXÕES SOBRE UMA REPRESENTAÇÃO A PARTIR DA REVOLTA DOS POSSEIROS DE 1957

Paulo José Koling (Programa de Pós Graduação em História), UNIOESTE, pkoling@gmail.com

RESUMO: A comunicação tem por objeto a análise e reflexão sobre a construção de uma "identidade regional do Sudoeste do Paraná", tendo por matriz histórico-social a chamada "Revolta dos Posseiros de 1957". A luta pela terra e o levante popular contra as empresas imobiliárias que praticavam grilagem nas Glebas Missões e em parte da Gleba Chopim, entre o período de 1951 e outubro de 1957 é considerado como um "caso sui generis" de vitória dos posseiros (colonos e citadinos) e camponeses no Paraná e no país. Para um entendimento disso é preciso abordar o contexto no período de 1943 a 1957

e início dos anos de 1960, principalmente em relação à atuação da Congo, dos litígios que haviam das glebas (Missões e parte da Chopim), da especulação da terra realizada pelas empresas Citla, Comercial e Apucarana, da atuação do governo Moysés Lupion e do grupo empresarial Lupion, as disputas político-partidárias (PSD X PTB/UDN) e das práticas de violência e resistências populares. Num segundo momento é preciso analisar, nos contextos posteriores, com foi construída a "tradição e a identidade" do/ao Sudoeste do Paraná, tendo por base a "vitória dos posseiros" e a formação de um território com predomínio da pequena propriedade rural.

Palavras-chave: Sudoeste do Paraná. Revolta dos Posseiros. Identidade regional.

"VINDE A MIM TODOS OS QUE ESTAIS OPRIMIDOS": A AÇÃO DA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS NA ACOLHIDA A REFUGIADOS NA REGIÃO DA COMCAM

Rafael Almeida Callegari (Mestre em Sociedade e Desenvolvimento), CUI, rafael.callegari@grupointegrado.br

RESUMO: A pesquisa possui o objetivo de compreender a participação da religião no espaço público, de modo particular na atenção dispensada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, às pessoas que ingressam no Brasil solicitando o reconhecimento da situação de refúgio. A acolhida e a inclusão social é papel do Estado, contudo o fluxo migratório, especialmente da Venezuela tem apresentado aumento que, a princípio, as autoridades públicas não tem conseguido acompanhar. Em uma perspectiva interdisciplinar, transitando pelas áreas do Direito e da Antropologia, o empírico é formado por entrevistas semiestruturadas realizadas com autoridades eclesiásticas da referida Igreja e da sua população assistida, em especial venezuelanos, com recorte espacial os municípios de Campo Mourão, Goioerê e Cianorte. Ao que parece, sendo a defesa dos direitos humanos uma corresponsabilidade entre o Estado e a sociedade, também passaram a ser um compromisso das denominações religiosas, notadamente as cristãs, as quais desenvolvem ações filantrópicas aos refugiados. De um lado, as instituições religiosas atendem os estrangeiros que buscam refúgio no Brasil, de outro tendem a aumentar o número de membros ao promover a acolhida daqueles ainda "profanos".

AVALIAÇÃO DAS AÇÕES SÓCIO EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS PELO PROGRAMA PATRONATO DE CAMPO MOURÃO: A PERCEPÇÃO DOS ASSISTIDOS

Sandra Garcia Neves (PROPED), UERJ-UNESPAR, sandragarcianeves@bol.com.br

RESUMO: A equipe multidisciplinar do Programa Patronato de Campo Mourão desenvolve ações sócio educativas desde o ano de 2015. Tais ações ocorrem semanalmente em eventos de duas horas em que profissionais de diversas áreas do conhecimento expõem temas e possibilitam reflexões aos assistidos pelo Patronato-CM. Os temas tratados são sugeridos pelos próprios assistidos. Nosso objetivo nesse estudo é apresentarmos alguns apontamentos acerca da percepção dos assistidos quanto a condição de apenados e discutirmos as avaliações que realizam ao final de todas as ações sócio educativas. Nosso procedimento é qualitativo, por meio do qual, analisamos algumas respostas dadas sobre os diferentes temas e a percepção dos assistidos quanto às reflexões oportunizadas pelos profissionais que palestram nas ações sócio educativas quanto ao objetivo último do Patronato-CM de reinserção social.

Palavras-chave: Ações sócio educativas. Assistidos. Patronato-CM.

EM TEMPOS SOMBRIOS, UMA PARTILHA DO SENSÍVEL: BRECHT, DRUMMOND, DORA FERREIRA DA SILVA, HILDA HILST, CONCEIÇÃO EVARISTO

Sandro Adriano da Silva (Programa de Pós-Graduação em Literatura), UFSC, profsandrounespar@gmail.com

RESUMO: Em *Homens em tempos sombrios* (1974/1999), Hannah Arendt afirma que se trata de tarefa incômoda falar sobre poetas, mas que, todavia, suas vozes concernem a todos nós, na dimensão privada de nossas vidas, e em nossa condição de cidadãos. Tempos sombrios, expressão tomada à Brecht e relacionada às barbáries do século XX, não constituem uma raridade na história, de crimes e catástrofes. Mas mesmo neles esperar-se alguma iluminação, uma luz incerta, bruxuleante, frágil e que vem da presença de vidas e obras rútilas, que brilhem e irradiem no tempo uma *sobrevivência* na experiência histórica. Essa luz, em alguma medida, provém da poesia, que já não pode ser mais inocente. Esta comunicação pretende revistar poemas de Brecht, Drummond, Dora Ferreira da Silva, Hilda Hilst e Conceição Evaristo, a partir da ideia de *sobrevivência* em Arendt (1999) e Didi-Huberman (2014); *partilha do sensível* em Rancière (2009), e *poetificado* em Walter Benjamin (2013), aventando nos poemas uma defesa da capacidade da literatura e, especialmente, da poesia, de iluminar política e esteticamente tempos que se desenham sombrios no cenário brasileiro, pressagiando perdas no terreno da democracia , no estado de bem-estar social e nos direitos humanos, com a ascensão de um governo neofascista.

Palavras-chave: Poesia brasileira. Tempos sombrios. Brasil.

O QUE É E COMO É A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA DAS ESCOLAS EM ASSENTAMENTOS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Sebastião Ferreira (PPGE – FE, CAPES), UNICAMP, tiaoef@hotmail.com
Maria Márcia Sigrist Malavasi (PPGE – FE), UNICAMP, marciasmalavasi@gmail.com

RESUMO: O Trabalho "*O que é e como é* a Pedagogia da Alternância das escolas em assentamentos do Estado do Espírito Santo" tem como proposta dar visibilidade a uma experiência de educação desenvolvida em espaços contra hegemônicos. Como motivação à pesquisa conta, também, a importância que a Educação praticada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Estado do Espírito Santo – MST/ES teve e tem para com a Educação do Campo capixaba e Nacional. Assim partimos das seguintes hipóteses: a) a Pedagogia da Alternância, como sendo uma prática pedagógica em que os processos formativos não são fragmentados, possibilita uma leitura/interpretação crítica e uma formação contextualizada com a realidade; b) por interesses hegemônicos e burgueses, a classe trabalhadora está sendo dificultada em/de conhecer e vivenciar uma pedagogia que os reconheçam enquanto sujeitos sociais e históricos e de direito. Como recorte, apresenta-se a experiência coordenada pelo Setor de Educação do MST/ES, onde esta Pedagogia da Alternância em Movimento se materializa. A partir de diálogos com sujeitos sociais que contribuíram e contribuem na materialização e na manutenção desta prática, percebe-se que, mesmo com as conquistas, vários são os desafios no sentido de garantir os elementos que possibilita sua existência.

Palavras-chave: Pedagogia da Alternância. Pedagogia do Movimento. Educação do Campo.

TEXTOS E IMAGENS: AS NARRATIVAS DE UMA REVISTA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Sidney de Melo Catelão (Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, CAPES), UNESPAR, sidneycatelao@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho visa realizar considerações sobre as possibilidades de utilização de revistas como fonte histórica nas aulas de História do Ensino Médio. A proposta está sendo desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História e pauta-se na utilização de recortes de artigos e de anúncios publicitários da Revista Seleções do *Reader's Digest* em sala de aula, considerando para tanto aspectos contextuais em que este periódico estava inserido. Riquíssima em artigos e imagens que representavam o *american way of life*, possuindo formato de bolso, com artigos selecionados de livros e outras publicações e condensados, a revista conquistava e ampliava o número de leitores a cada nova edição. Chegou ao Brasil em fevereiro de 1942, dois meses após o país se alinhar aos Estados Unidos e aliados na Segunda Guerra Mundial estreitando a política de "Boa Vizinhança" entre os dois países. Em uma pré-análise, percebe-se o potencial da revista, uma vez que, acompanhava o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, com narrativas que elegiam os nazistas, os japoneses e, posteriormente, no pós-guerra, os comunistas como "inimigos". Configura-se, assim, num material farto para se trabalhar vários temas e metodologias com os estudantes em sala de aula, por meio da análise de seus textos e imagens.

Palavras-chave: Ensino de História. Fonte histórica. Revista Seleções.

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA VIVENCIADA POR ESTUDANTES BRASILEIROS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO BÁSICA E CONTINUADA EM ENFERMAGEM

Talita Lopes Garçon (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem), UEM, tallitalopesgarcon@hotmail
Iara Sescon Nogueira (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, CAPES), UEM, iara_nogueira@hotmail.com
Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem), UEM, vanessadenardi@hotmail.com

RESUMO: Objetivou-se identificar na literatura a produção científica acerca da Violência Simbólica (VS) vivenciada por estudantes brasileiros durante o processo de formação básica e continuada em Enfermagem. Tratou-se de uma revisão integrativa com buscas nas bases de dados LILACS, BDENF, MEDLINE e biblioteca SciELO, em janeiro de 2019, respondendo a questão norteadora: Como se caracteriza a VS vivenciada por estudantes brasileiros durante o processo de formação básica e continuada em Enfermagem? Obteve-se seis artigos, permitindo identificar que os estudantes de enfermagem vivenciam a VS durante a graduação, principalmente no cenário das salas de aula e campos de estágio, sendo cometidas por docentes, colegas de classe e profissionais de saúde, a partir de atitudes coercitivas e agressão verbal e psicológica, causando sentimentos negativos e interferência no processo de aprendizagem. O *habitus*, campo social, capital simbólico, social e poder simbólico foram elementos encontrados nas publicações. Concluiu-se que a VS está presente na formação básica em Enfermagem, sendo que as estruturas de poder permitem sua perpetuação. Desvelou-se a necessidade de investimentos no processo de formação em Enfermagem por meio da elaboração de políticas públicas e normativas que orientem o processo formativo e atuação do Enfermeiro.

Palavras-chave: Violência. Estudantes de Enfermagem. Profissionais de Enfermagem.

IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NO CONTO "ELEVADOR 'A SERVIÇO'" DE CRISTIANE SOBRAL

Tatiane Zambrim (Programa de Pós Graduação em Letras / Estudos Literários, CNPq), UEL, tzambrim@gmail.com

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo, a partir de uma análise do conto "Elevador 'A Serviço'" de Cristiane Sobral, salientar a fala de uma mulher negra que mostra-se comprometida com a causa negra e a abordagem de temas afro-brasileiros no âmbito social e cultural, em uma perspectiva de identidade, resistência e empoderamento. A personagem, como artista – conectada com sua ancestralidade e consciente de suas referências às tradições e às grandes cantoras negras – têm os elementos identitários como força e resistência cultural, uma identidade racial que exalta a cultura negra e vai contra o racismo. Como aparato teórico para este trabalho, teremos como base os estudos de Stuart Hall (2006) acerca da identidade cultural na pós-modernidade.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Resistência.

"RELIGIÃO E POLÍTICA SE MISTURAM?": PERSPECTIVAS JUVENIS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA

Thauana Aparecida Teixeira (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento – PPGSeD), Unespar, thauana.at@gmail.com
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento – PPGSeD), Unespar, crispataro@gmail.com
Frank Antonio Mezzomo (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento – PPGSeD), Unespar, frankmezzomo@gmail.com

RESUMO: Este trabalho objetiva tratar das percepções de jovens universitários dos cursos de Licenciatura de diferentes campus da Unespar a respeito das relações entre religião e política. Destacamos que o mesmo traz resultados parciais de uma pesquisa de mestrado que encontra-se em desenvolvimento e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento – PPGSeD, à linha de pesquisa Formação Humana, Processos Socioculturais e Instituições e ao Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas com 30 jovens, aplicadas no ano de 2017. As questões selecionadas para compor este trabalho tratam de assuntos que despertam posicionamentos pautados tanto em valores pessoais como em uma dimensão político-social, como o aborto e a possibilidade de discussão ou não da política no ambiente religioso. Os resultados apontam que a maioria dos jovens entrevistados percebem as conexões entre política e religião, e tomam posição, de alguma forma, frente a esta dinâmica, seja de modo favorável à articulação entre ambas, seja de modo contrário, seja com ponderações e ressalvas.

Palavras-chave: Juventude. Religião. Política.

O GRUPO EXECUTIVO PARA AS TERRAS DO SUDOESTE DO PARANÁ (GETSOP): REGULARIZAÇÃO DA POSSE DA TERRA OU REFORMA AGRÁRIA

Tiago Arcanjo Orben (Programa de Pós-Graduação em História), PUCRS, tiagoaorben@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho constituiu-se a partir do interesse em desenvolver considerações sobre a atuação do Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná - GETSOP na região Sudoeste do Paraná e sua influência na estrutura agrária e fundiária deste espaço. A atenção dada a esta região se deve por estar relacionada ao assunto abordado em meu Doutorado em História, o qual procura

considerar a estrutura agrária e fundiária desta região com referência aos levantes sociais ocorridos em outubro de 1957, ou seja, existe em algumas historiografias ou mesmo na memória pública, a construção de um discurso de pacificação da posse da terra após 1957, bem como, a noção de que o GETSOP realizou uma espécie de Reforma Agrária. Dessa maneira, é especificado o papel que o mesmo desempenhou junto aos colonos, com ênfase para em que medida sua forma de atuação delineou uma estrutura agrária e fundiária para o espaço. Na análise, são utilizados inúmeros documentos impressos e orais: os impressos referem-se ao próprio GETSOP e foram arrolados junto ao INCRA de Francisco Beltrão; já os orais são fontes buscadas a partir de outras pesquisas já desenvolvidas sobre essa região ou mesmo sobre este órgão.

Palavras-chave: História Agrária. História Regional. Pequenas propriedades.

INTERSETORIALIDADE: UMA ANÁLISE DAS DISSERTAÇÕES DA CAPES NA ÁREA DE AVALIAÇÃO INTERDISCIPLINAR NO PERÍODO DE 2015 A 2017

Valéria Cristina da Costa (Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Desenvolvimento), UNESPAR, valeria.costa07@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho sistematiza dados de dissertações sobre a Intersetorialidade por meio da metodologia o Estado da Arte e se propõe a analisar como a temática está constituída e como os autores a expressam na perspectiva interdisciplinar. A pesquisa quanti-qualitativa realizada junto às produções contidas na CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) no período de 2015 a 2017 totalizou 16 dissertações que possuem pesquisas relacionadas ao tema, em que representa que 2% das teses e dissertações da plataforma Sucupira. A análise que podemos fazer com este estudo é que a aproximação dos pesquisadores com os sujeitos da pesquisa pode contribuir com a não estagnação do fluxo de pesquisa e contribuir para o desbravamento de novas pesquisas e avanços nas que já existem sobre a intersetorialidade e a interdisciplinaridade. Conclui-se, portanto, que essa discussão é relevante para atender as demandas da população na sociedade contemporânea, de forma que contribua para integralidade do atendimento e compartilhamento de conhecimento entre os trabalhadores das mais diversas políticas e setores.

Palavras-chave: Intersetorialidade. Interdisciplinaridade. Estado da Arte.

TRABALHOS COMPLETOS

"OU SAIR DE CASA OU DEIXAR DE SER GAY?": DIFICULDADES NO AMBIENTE FAMILIAR DECORRENTES DA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE

Alessandra dos Reis de Souza[1]
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro[2]
Frank Antonio Mezzomo[3]

Introdução

Partindo do objetivo de se compreender a relação de jovens bissexuais e homossexuais católicos integrantes do Projeto Aprisco, desenvolvido pela Fraternidade O Caminho e realizado na cidade de Campo Mourão, Paraná, com suas respetivas famílias, o presente trabalho analisa a perspectiva de 8 jovens integrantes do Projeto Aprisco, por meio de entrevista semiestruturada, objetivando compreender a influência das relações familiares na vida de jovens católicos homossexuais e bissexuais.

A Fraternidade O Caminho foi fundada em outubro de 2001, pelo Padre Gilson e pela Irmã Serva das Chagas Ocultas do Crucificado, na Zona Sul de São Paulo, com o intuito de ajudar jovens que estavam imersos na drogadição, no tráfico, na prostituição, morando nas ruas, ou privados de liberdade em penitenciárias. Guiados pelo ideal de vida fraterna e pobreza, atraíram muitos outros jovens para a comunidade e atualmente, motivados pelo mesmo propósito inicial, a Fraternidade tem 78 casas espalhadas em 12 países pelo mundo[4], sendo eles: Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, El Salvador, Estados Unidos, França, Guatemala, Moçambique, Nicarágua e Paraguai. A comunidade tem 17 anos de fundação, estando no município de Campo Mourão há 11 anos, com o seu labor missionário voltado para os pobres, doentes, presos e possuindo também uma frente de trabalho direcionada aos jovens.

A Fraternidade O Caminho pode ser entendida como uma expressão das novas formas de se fazer religião na contemporaneidade, de modo específico no âmbito da Igreja Católica, evidenciando que as influências sofridas na sociedade alcançam e atingem o meio religioso. Neste cenário, estão as novas comunidades religiosas, que se caracterizam como um novo jeito de ser Igreja, construindo-se e consolidando-se por meio dos vínculos e experiências afetivas, que possibilitam que os laços sejam criados não somente baseados em uma tradição histórica, mas principalmente por meio das relações e experiências dos indivíduos.

[1] Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, Unespar, alereis.psico@gmail.com.
[2] Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, Unespar, crispataro@gmail.com.
[3] Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, Unespar, frankmezzomo@gmail.com.
[4] Os dados referentes a Fraternidade O Caminho foram coletados no site da comunidade. Disponível em: <http://ocaminho.org/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

O Projeto Aprisco vem sendo desenvolvido no município de Campo Mourão, e tem como foco os jovens homossexuais que fazem parte da comunidade religiosa. Recebe esse nome em referência à passagem bíblica do livro de João, capítulo 10, versículo 16: "ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco", no qual as ovelhas remetem aos fiéis e o aprisco ao seio da Igreja, ou seja, compreendendo que a Igreja também é o lugar dos homossexuais. Esse projeto busca, por meio do diálogo e da escuta destes jovens católicos, oferecer acolhimento e propiciar que se aproximem de Deus, independente da sexualidade.

Atualmente, o Projeto Aprisco existe há pouco mais de 2 anos e conta com 8 integrantes, entre 22 e 30 anos, todos atuantes na comunidade religiosa e que, durante esse período, buscaram compreender, com base no Magistério da Igreja, as situações pelas quais as pessoas homossexuais passam em sua vida particular, familiar e eclesial. Envolve basicamente encontros quinzenais de caráter formativo voltados para a partilha de experiências individuais, mas há também encontros mensais do grupo para um momento de adoração. Essas duas atividades constituem o fator mais importante dentro do Projeto, que até o momento aparentemente tem se limitado a elas.

O Projeto nasce em uma comunidade religiosa imersa no seio da Igreja Católica, Padre Gilson e o grupo de jovens integrantes do Aprisco acreditam que este é o momento oportuno para se permitir refletir e dialogar com a Igreja, a família e a sociedade. Dessa forma, faz-se necessário que busquem "a maturidade cristã e a vivência da fé católica, já que o testemunho é o que, sobretudo, mostrará a validade da existência da missão" (Ata Missão Aprisco[5] – 1ª reunião, 28 dez. 2016). Por conseguinte, devem seguir o recomendado pela Igreja, como a prática de orações, frequência nas missas dominicais, bem como a vivência dos valores éticos e morais cristãos, dentre os quais: fidelidade, cumplicidade e amor. Estes devem estar presentes em seus relacionamentos, uma vez que os homossexuais são marcados socialmente pelo estigma da libertinagem e do pecado, portanto os jovens integrantes do Aprisco precisam testemunhar que é possível vivenciar os valores da fé cristã em seus relacionamentos homoafetivos.

Com essa pesquisa, notamos a escassez de estudos em torno do processo de revelação da orientação sexual e sua repercussão na vida de jovens homossexuais, dentro e fora do contexto familiar. Apesar dessa dificuldade, abordaremos as questões que envolvem o *coming out*[6], que está intimamente relacionado e sofre influências do ambiente em que o sujeito está inserido.

Em vista de analisar, a partir das perspectivas dos jovens como se constitui as relações familiares que são entrepassadas pela (homo)sexualidade, a análise dos dados oriundos das entrevistas aborda 6

[5] Os jovens denominam o Aprisco como uma Missão, mas optamos por adotar a ideia de Projeto, afinal trata-se de uma ação pontual e local, envolvendo parte dos membros e dos trabalhos desenvolvidos pela Fraternidade.
[6] Refere-se ao ato de revelar a identidade sexual, a formação da identidade homossexual.

pontos: O fato da sociedade moldar a identidade em torno da heteronormatividade; a incorporação dos valores dominantes; o conflito familiar mediante o processo de revelação da orientação sexual; as reações das famílias que afetam o bem estar psicoemocional; a preocupação com o preconceito que o(a) filho(a) podem sofrer e o pensar a aceitação como um processo. Tais pontos podem ser estruturados em 2 eixos: os 4 primeiros englobam o processo vivido antes da participação no Projeto Aprisco e os outros 2, falam sobre as reflexões proporcionadas após integrarem o Aprisco. O primeiro eixo aborda as dificuldades no âmbito familiar após a revelação ou descoberta da orientação homossexual e o quanto esse momento foi permeado pelo medo e sofrimento mediante a negação e a rejeição dos familiares. Já o segundo eixo, aborda o fato de que esses jovens relatam vivenciar um processo de ressignificação dos conflitos familiares devido ao auxílio obtido junto ao Projeto Aprisco. Durante a construção desses eixos percebemos o entrecruzamento entre família, religião e homossexualidade e constatamos a presença de conflitos resultante na inserção em uma sociedade permeada por crenças, pressupostos religiosos e construções sociais em torno da heteronormatividade.

Família e orientação sexual: implicações da (homo)sexualidade na construção das relações familiares

Ao recorrermos à literatura percebemos que a homossexualidade está presente na história da humanidade em distintos períodos e culturas. Entretanto, ela foi considerada de formas diversas, desde o não ter palavras para se referir as relações entre pessoas do mesmo sexo, como em épocas que remontam o pré-cristianismo, até o ser vista como algo positivo, mas também como negativa nas culturas dominantes, na qual teve como cume a condenação social, religiosa, moral e legal (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008; FRANÇA, 2009; OLIVEIRA JUNIOR, MAIO; 2016).

Apesar de todas as dificuldades em torno da condenação, geralmente muitos indivíduos tem necessidade de expressar sua identidade sexual as pessoas que lhe são mais importantes. Dessa forma, é frequente o fato de que muitos gays e lésbicas necessitem revelar sua identidade sexual à família de origem, que pode ser considerada como a maior rede de apoio. (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008).

Frazão e Rosário (2008), tendo como base algumas investigações empíricas e clínicas, questionam se revelar a identidade sexual à família, é um processo benéfico para o indivíduo? E não chegam há um resultado preciso sobre se o *coming out* é bom, ruim, ou não interfere na saúde mental do sujeito. Contudo, a maioria dos estudos clínicos analisados evidenciava um sentimento benéfico de liberdade após o *coming out* para a família.

É relevante destacar, que entendemos orientação sexual como uma inclinação a atrair-se emocional, afetiva e sexual por outras pessoas, sejam elas do mesmo ou do sexo oposto, e assim,

envolver-se intima e sexualmente (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008). Desde modo, no presente trabalho optamos por falar de orientação sexual restringindo apenas a temática da homossexualidade e da bissexualidade, de modo a não abordar as demais sexualidades.

Algumas pesquisas evidenciam a possibilidade do surgimento de problemas emocionais e comportamentais durante o processo de *coming out*, que levam a depressão, tentativas de suicídio, abuso de substâncias e promiscuidade sexual, influenciadas muitas vezes pelas percepções negativas e atitudes homofóbicas de seus pares. (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008; SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014; BRAGA et al., 2018).

Com relação à revelação da orientação sexual podemos englobá-la em dois processos: *outness*[7] e *coming out*, que geram o temor da rejeição pela família e também pela sociedade, por não corresponder ao ideal heteronormativo que colabora com a continuação da sociedade patriarcal, distante de todo e qualquer grupo minoritário que atinja a moral das famílias tradicionais (MAFFESOLI, 2007; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008).

O processo de *coming out*, contribuiu para que emergisse diversas formulações teóricas, dentre elas a de Haneley-Hackenbruck que em 1989 entende o *coming out* como um processo complexo de transformações interpessoais oriundos do reconhecimento da orientação (homo)sexual. Na mesma linha de pensamento, em 1978 Monteflores e Schultz, compreendem como um processo de desenvolvimento que integra o conhecimento das preferências sexuais na vida pessoal e social. De acordo com essas duas concepções, podemos perceber que o *coming out* é integrado na dimensão social, mas formado por componentes pessoais que englobam o processo de formação da identidade no decorrer da vida. Entretanto, vale enfatizar que os modelos de *coming out* são alvo de críticas, por não retratarem a diversidade existente nos percursos de gays e lésbicas, como algo normativo e imperativo. (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008).

Estudos apontam que o processo de *coming out* pode provocar as mais diversas situações de tensões, que envolvem sofrimento psíquico e incertezas e contradizem a necessidade e a busca de acolhimento que os jovens esperavam receber. Tais conflitos aumentam, principalmente após a revelação da (homo)sexualidade. Entretanto o processo de *coming out* é dinâmico e varia de família para família, e geralmente suas reações podem ser imprevisíveis. (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008).

Um fator complicador na revelação da orientação sexual, é que a sexualidade ainda é concebida dentro dos padrões do século XIX, o que contribui na manutenção do preconceito e no aumento do

[7] Diz respeito ao processo de se assumir enquanto homossexual para si mesmo.

sofrimento dos homossexuais (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008).

O preconceito e a discriminação que sofrem os homossexuais, podem ser fundamentados no dualismo heterossexual x homossexual, contudo a heterossexualidade é sempre priorizada pois foi articulada de modo a ser concebida como natural e a tornar-se compulsória (MISKOLCI, 2009; BRAGA et al., 2018).

Essa divisão binária de gênero, está relacionada a redução ao sexo biológico feminino x masculino e aos comportamentos que comumente são associados a eles. Dessa forma, aqueles que não seguem essa norma são automaticamente obrigados a lidar com o preconceito da sociedade, o que muitas vezes acaba por produzir nesses sujeitos uma atitude de conformidade mediante as hierarquias sociais. Inseridos nesse contexto, que é gerido por questões morais, há a possibilidade de que os indivíduos desenvolvam uma homofobia internalizada, que gera medo e rejeição da incorporação do estigma homossexual (BRAGA et al., 2018). Nos casos em que há preservação dos valores familiares, religiosos e culturais, a identidade gay pode vir a ser vista como uma traição a esses valores em prol de uma incorporação dos valores da cultura dominante. (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008).

Segundo algumas pesquisas (SCOTT; CANTARELLI, 2004; SILVA; PAIVA; PARKER, 2013; RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2017), os fiéis geralmente acreditam nos valores que são transmitidos pela religião, mas de forma limitada em algumas temáticas, na qual fazem sua própria interpretação. Diante disso, na compreensão acerca da homossexualidade, o que sobressai é a tendência em desqualificá-la, por ser contrária à lei natural de Deus, o que é reforçado pela própria Igreja, e tende a resultar em um processo de negociação das crenças individuais com as que são transmitidas pela religião.

Nesse contexto de contrariedades e complexidades que abarca a questão da homossexualidade, religião, sociedade e família está o Projeto Aprisco, que pode ser entendido como uma iniciativa que, apesar de estar enraizada no catolicismo, não possui uma proposta de compreensão e de trabalho em consonância com o que comumente se entende por discurso moral religioso dentro da própria Igreja. O projeto Aprisco está envolto por essa rearticulação entre religião e homossexualidade, com o intuito de deixar de invisibilizar essas identidades, e de dialogar com estes que inegavelmente estão na nossa sociedade, na Igreja.

Nas entrevistas, os participantes expressaram suas vivencias e sentimentos no processo de revelação da orientação sexual para suas famílias e as implicações disso. O contato com os participantes se deu no período de outubro a dezembro de 2018, no qual estes foram informados dos objetivos da pesquisa e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. O local foi de acordo com a preferência de cada um dos entrevistados, a maioria deles ocorreu em um ambiente religioso que

assegurava liberdade, segurança e privacidade. Uma delas na residência de uma das entrevistas, mas sem a presença de outros membros, e a outra no campus da Universidade. O tempo médio das entrevistas foi de 1hr, todas elas foram gravadas e transcritas na íntegra e o anonimato foi preservado utilizando-se nomes fictícios.

A seguir temos um quadro que ilustra brevemente o perfil dos entrevistados e os integrantes da família que foram mencionados na entrevista. Após essa breve contextualização, adentramos na análise dos dados.

Quadro 1 – Relação dos participantes do Projeto Aprisco com suas respectivas famílias

Nome	**Idade**	**Escolaridade**	**Contexto familiar**
Patrícia	27 anos	Superior completo	Pai e mãe
Thiago	28 anos	Superior completo	Pai, mãe, irmão e irmã
Henrique	24 anos	Superior completo	Pai, mãe, três irmãos e duas irmãs
Amanda	26 anos	Superior incompleto	Pai, mãe, avô, avó e tios
Flávia	22 anos	Superior completo	Pai, mãe, avó e tia
Bruno	29 anos	Superior completo	Pai, mãe, avó e irmã
Marcela	30 anos	Superior incompleto	Pai, mãe, 3 irmãs e um irmão
Vanessa	29 anos	Ensino médio completo	Pai, mãe, irmã e tia

Fonte: Dados da pesquisa.

As implicações do padrão heteronormativo na vida de jovens homossexuais e bissexuais

Percebemos na sociedade, de modo geral, que todas as variantes do comportamento sexual que não estão inseridas em um padrão heteronormativo hegemônico comumente são desqualificadas e tidas como um desvio. No entanto, esse imaginário coletivo popular atua como um propagador dos preconceitos que foram socialmente construídos, o contribui para que toda a forma de vivência da sexualidade que não seja heteronormativa busque o escondimento e desencadeei culpa e sofrimento. O que poderemos perceber nos excertos das entrevistas que aparecerão nesse trabalho.

Henrique é o único dos entrevistados que se define enquanto bissexual, ele relata que um dos motivos que contribuíram para a dificuldade em lidar com a sua atração e o envolvimento com homens, foi o seu sonho de ter filhos. Tal fato, nos leva a deduzir que ele tinha uma visão estereotipada em torno das pessoas que não se encaixavam no padrão heteronormativo, não as associando à uma família. Dessa forma precisou fazer um processo de desconstrução interna, para que depois pudesse reconhecer a sua sexualidade de uma forma menos dolorida.

> E daí um processo interno de eu reconhecer que pode existir essas várias faces familiares, para daí eu começar a me encaixar. E daí, eu comecei a entender melhor

> essa bissexualidade. Porém não, eu não sou assumido para os meus pais, nem para os meus irmãos, tenho cinco irmãos, só para uma, que é a que é a que é bissexual também, ela é a única que sabe, os outros não (Henrique. **Entrevista**, 2018).

Como a sociedade molda a identidade do indivíduo em torno da heteronormatividade, qualquer orientação sexual que saia desse padrão resulta em conflitos pessoais, familiares e também profissionais. A possibilidade de enfrentar essas tensões muitas vezes motiva o indivíduo a esconder sua orientação, o que reforça o preconceito interno e social atrelado as expressões dissidentes da heterossexualidade. (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008; SILVA et al., 2015).

Henrique prossegue dizendo que nunca se encaixou nesse padrão que define as posturas comportamentais de acordo com uma divisão binária de gênero, entretanto, permanece a ressalva nos papéis de maternidade, paternidade em torno do que comumente se entende por família.

> [...] nunca compreendi o pensamento humano de que homem não pode achar homem bonito, mulher não pode achar mulher bonita, isso nunca fez muito sentido na minha cabeça, desde criança todo mundo falava para mim que não, que não, que não. [...] eu tinha um bloqueio em relação aos tipos de família que pode existir, que por conta da minha família ser uma família tradicional, eu sempre via que tinha que ser homem e mulher, que tinha que casar homem e mulher, e ter filhos homem e mulher (Henrique. **Entrevista**, 2018).

Dialogando com o que Henrique nos relatou, apresentamos a fala de Patrícia que também compartilha do sentimento de inadequação perante as predeterminações imbricadas nos papéis de sexo biológico.

> Na verdade, começou muito cedo eu era criança e desde criança [..] ao invés de me interessar pelos meninos eu me interessava pelas meninas. [...] Então, eu me dava melhor com os meninos, eu estava mais adaptada com eles do que com as meninas, e ai acabava gerando uma exclusão[...] eu era muito nova, sem experiência, eu mal sabia o que estava acontecendo comigo, eu não me entendia, eu não conseguia compreender o que estava acontecendo. Enquanto todas as outras meninas se interessavam por meninos porque que eu? [...] até mesmo a musculatura do meu corpo é diferente da maioria das meninas. Então eu tinha sim uma atração, mas eu tinha medo! (Patrícia. **Entrevista**, 2018).

Com isso percebemos que pelo fato da criança se sentir diferente dos seus pares, o que muitas vezes também é reconhecido pelos progenitores, e faz com que reforcem a necessidade de que o indivíduo deve incorporar os valores dominantes da sociedade, valores esses que consideram a homossexualidade e também a bissexualidade como erradas, o que leva essas pessoas a sentirem-se não apenas diferentes, mas também, incompreendidas. Inseridos nesse contexto de valorização heterossexual, os indivíduos percebem que os sentimentos e desejos direcionados a pessoas do mesmo

sexo são rejeitados e até mesmo ridicularizados, o que os conduz à um caminho de negação e luta para se proteger dessa fuga à "norma" (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008).

Isso posto, há uma tendência de que os homossexuais se anulem para se encaixar no que é preconizado pela sociedade: a vivência de uma vida heterossexual. Caso isso não aconteça, eles provavelmente terão que enfrentar um ambiente familiar homofóbico que depreda sua saúde psicoemocional, até que sejam expulsos de casa por não se adequarem ao padrão heternormtivo. O que podemos observar, na continuação do relato de Patrícia:

> Eu me envolvia para satisfazer minha mãe, eu me envolvia para satisfazer a sociedade, eu me envolvia para tentar me encaixar como normal. [...] ele – pai - disse que não entendia, mas que respeitaria, mas se eu tivesse que fazer alguma coisa, eu tinha que fazer, por exemplo, se você tiver que sair de casa, saia logo porque a relação está machucando todo mundo! E foi quando eu sai de casa. [...] a gente meio que foi despejada né, tanto eu quanto ela. A gente não tinha muita opção, então nós acabamos indo morar junto (Patrícia. **Entrevista**, 2018).

Complementando o exposto, entramos na história de Flávia, que assim como Patrícia precisou sair de casa para poder viver e expressar a sua sexualidade: "[...] aí a minha mãe começou a falar que era para eu sair de casa, que ela não queria que eu morasse ali. [...] Ou sair de casa ou deixar ser gay! Então minha mãe batia nessa tecla todos os dias" (Flávia. **Entrevista**, 2018).

Há casos em que a família por meio da violência psicológica faz a tentativa de que o indivíduo se adeque a norma sexual hegemônica, o que resulta em grande sofrimento psíquico e consequências emocionais, principalmente pela dificuldade em se fazer um enfrentamento. Tal situação de preconceito, pode fazer com que pais e filhos(as) rompam suas relações de modo transitório, e até mesmo definitivo. Nesse contexto há a expulsão, que é algo dolorido tanto para os pais como para os filhos(as) (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014; SANTOS; FERNANDES, 2009; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008).

Para não enfrentar o preconceito dos pais Patrícia namorava com homens, e de forma oculta se relacionava com mulheres, mas quando decidiu sair do privado e ir para o público teve que suportar o afastamento dos pais, e principalmente a quebra total de contato com a mãe por longos meses, e apesar de hoje se falarem, ela ainda não aceita o seu relacionamento com uma mulher. Já no caso de Flávia, esse distanciamento durou pouco menos de um mês, e após houve a inclusão não somente dela, mas também de Patrícia, a qual tem um relacionamento.

Todavia, antes de retomarem as relações com seus progenitores e de saírem de casa, tiveram que suportar algumas punições por não viverem o que os pais e a sociedade tinham estabelecido como ideal, como é o caso de Amanda, que se define enquanto uma pessoa heterossexual, mas que se apaixonou por uma mulher, e ao decidir viver esse relacionamento precisou lidar com a não aceitação

da sua família. Ela nos relata que: "[...] no começo eu chegava em casa e o meu pai saia, meu vô chegou a me falar para eu não abraçar ele na frente dos outros" (Amanda. **Entrevista**, 2018).

Entretanto, além da dificuldade com a família há a dificuldade pessoal, e nesse processo ter algum tipo de rede de apoio é fundamental, porque todo esse contexto conflituoso contribui para a incidência de ideações e tentativas suicidas, conforme podemos ver no relato de Thiago, Marcela e Bruno. De todos os entrevistados, Thiago foi o único que não sofreu rejeição familiar e encontrou nesse ambiente o apoio que precisava para lidar com as suas dificuldades. "[...] aí eu vi que não dava para aguentar mais sozinho, sem o apoio da minha família, precisava deles do meu lado neste momento, porque senão eu estava entrando em depressão e prestes a cometer suicídio" (Thiago. **Entrevista**, 2018).

Contudo, isso não aconteceu na vida dos demais, que por muito tempo tiveram que lidar sozinhos com tudo o que estavam passando e sentindo, como é o caso de Marcela, que até mesmo medicada foi, em uma tentativa de reprimir e "curar" a sua (homo)sexualidade. E como essa "inadequação" persistia independente do que tentassem, ela continuou se envolvendo com cada vez mais pessoas tentando encontrar esse conforto nos relacionamentos. Como seus conflitos e angustias não sanaram, durante algum tempo faz diversas tentativas de suicídio, para tentar acabar com aquilo que a incomodava.

> E daí eu fiquei meio que perdida, se envolvendo com várias pessoas em busca de um vazio para preencher, esse vazio que não dava certo. Até que quando eu decidi, tentei me matar várias vezes, joguei a minha moto em cima de um carro, queria tirar aquela dor, aquela coisa que me incomodava (Marcela. **Entrevista**, 2018).

Situação semelhante aconteceu com Bruno, que também não encontrou um ambiente acolhedor na sua família, e com esse agravante, faz diversas tentativas de suicídio durante a vida, pois não tinha nenhuma rede de apoio naquele momento que o ajudasse a passar por esses conflitos de uma outra forma.

> [...] minha mãe virou para ele – amigo – e falou assim: Olha, eu preferia ter abortado! [...] na época eu morava com eles e meu pai ficou seis meses sem falar comigo e esse silêncio foi horrível, foi a pior coisa que eu já vivi na minha relação com meu pai [...] foi a primeira vez que eu pensei em suicídio por conta da minha sexualidade e isso não aconteceu porque estava com um amigo, porque eu tinha um amigo que me deu a mão (Bruno. **Entrevista**, 2018).

Ao verem em seus filhos uma dissidência da heterossexualidade, os pais costumam aplicar-lhes algumas punições, de modo que a rejeição e a violência familiar seja ela física ou simbólica afetam

diretamente a saúde do indivíduo, levando há um isolamento social, baixa autoestima, aumento da homofobia internalizada, ideações e tentativas suicidas e depressão (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014; BRAGA et al., 2018).

Diante do exposto, percebemos que o processo de *coming out* na família pode ser um gerador de problemas pela frustração mediante a falta de acolhimento, a intolerância, e também a frustração e o medo dos pais, por terem um filho homossexual. Ou seja, os pais também têm dificuldades para lidar com a orientação sexual de seus filhos (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008). Contudo, como já dito, o *coming out* é um processo e possui algumas fases, dessa forma, no próximo eixo retratamos um outro momento na vida dos jovens com relação aos seus familiares.

Aceitação como um processo: resignificando a não aceitação da (homo)sexualidade

Partindo do pressuposto de que o *coming out* é gradual e difícil para o indivíduo, mas também para a sua família, pois passa pela negação e a reflexão antes de ser aceito, é possível perceber o fortalecimento dos vínculos, e a diminuição dos conflitos externos, mas também internos, após o acolhimento familiar, como é o caso de todos os entrevistados que passaram por esse processo, que teve como facilitador a relação anterior à revelação e o posterior afastamento, elementos que contribuíram para que os laços fossem reestabelecidos posteriormente.

No afastamento emocional entre pais/filhos, muitas vezes os progenitores vivem uma dissonância, de um lado o amor que sentem por seus filhos, e de outro, a homofobia internalizada. Está dissonância afetiva/cognitiva, resulta em um afastamento no seio familiar, o que produz a sensação de um desligamento. (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008). Ou seja, após a crise inicial, e com o passar do tempo o processo de aceitação está muito mais avançado se comparado com as primeiras semanas. Entretanto, contribui favoravelmente na relação o fato de os filhos perceberem que os acontecimentos marcados pela rejeição não eliminam o amor de seus pais para com eles.

Podemos perceber o desenvolvimento desse percurso que resultou em uma ressignificação do que viveram com seus familiares nos trechos que se seguem:

> [...] eram os medos que eles tinham: se eu aceitar a Marcela homossexual as pessoas vão maltratar, vão matar, a sociedade vai julgar. Esse é o medo dos pais! E eu não entendia isso! Eu entendia que meu pai não gostava de mim, que minha mãe não gostava de mim, que eles preferiam ter uma filha qualquer coisa, menos isso. E o Aprisco foi dando essa base, de entender que a família também sofre, que eu sofro, meus amigos que criaram expectativa sofrem (Marcela. **Entrevista**, 2018).

> [...] o medo deles na verdade, da família é o quê? É eu sofrer, e da sociedade me condenar e eu sofrer perante a sociedade. Não por eu ser assim, mas porque eu vou sofrer perante a sociedade, vou ser julgado, vou ser condenado. [...] que eu era uma

> figura pública, que eu trabalhava, que muita gente me conhecia, que eu ia ser exposto (Thiago. **Entrevista**, 2018).

Algo muito presente quando se fala em pais de homossexuais é a preocupação no preconceito e violência que o filho pode vir a sofrer, o que não exclui o fato de que muitas vezes são alvo de preconceito dentro da própria casa, muitas vezes velados, como por exemplo, negando ou omitindo a (homo)sexualidade de seus filhos, como um segredo perante a sociedade, e reforçando a premissa de que o relacionamento não pode acontecer na esfera pública (MISKOLCI, 2013; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008).

Contudo, apesar da estabilização na relação entre pais e filhos após o *coming out*, é comum que eles não deixem de nutrir a esperança de que posteriormente o(a) filho(a) terá um relacionamento heterossexual, e que essa é uma fase passageira, pois é algo que não estava nos planos deles e não se encaixa no ideal difundido pela sociedade e que eles internalizaram. Conforme podemos notar no excerto da entrevista com Marcela:

> [...] eles ainda têm uma expectativa que eu possa mudar um dia, eu falo muito de adoção, no caso, para que eles entendam que eu posso ter um filho não nascido de mim, mas eles ainda têm uma expectativa: Um dia você vai se esbarrar com um cara e vai se apaixonar por ele! Não tiro assim, esse sonho deles, mas não é algo que, para mim eu não me vejo! (Marcela. **Entrevista**, 2018).

Dentro desse processo, os pais precisam vivenciar o luto da heterossexualidade idealizada em seus filhos, geralmente acompanhando os estágios de negação, raiva, culpa, aceitação e esperança. Entrelaçado a isso, buscam eliminar o sentimento de culpa e fracasso, para tanto, precisam descontruir os mitos em relação à comunidade gay e despatologizar a homossexualidade (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008).

Nesse sentido, percebemos uma inclinação para a compreensão das dificuldades que o círculo social desses jovens enfrenta mediante a revelação da orientação sexual. Como podemos observar na entrevista de Flávia: “[...] eu noto assim um esforço muito grande em tentar compreender, uma boa vontade em tentar saber lidar com a situação! Para eles eu acho que também gera aquela incompatibilidade do que eles aprenderam a vida toda!” (Flávia. **Entrevista**, 2018).

Ou seja, pensar a aceitação como um processo diminui a frustração daqueles que sofreram rejeição nos meios em que transitam, na expectativa de que com o tempo essa situação se reverta em algo positivo (MISKOLCI, 2013; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2008).

Considerações finais

Por meio deste estudo percebemos que as experiências vivenciadas pelos participantes da pesquisa, assim como o referencial bibliográfico aqui apresentado, demonstram o enraizamento de uma postura heteronormativa dentro da nossa sociedade, e quando se foge a essa norma há as violências simbólicas e/ou fisícas, a quebra dos vínculos, a expulsão de casa, etc., que são mantidos por meio de mecanismos subjetivos. Essas situações geram efeitos psicossociais na vida desses indivíduos e afetam diretamente sua qualidade de vida.

A família pode ser uma importante rede de apoio, acolhimento e proteção, mas em contrapartida também pode gerar ainda mais sofrimento, por meio da exigência da vivência da heteronormatividade. Podem potencializar a vulnerabilidade ou aumentar a resiliência. É o momento do fortalecimento ou do afrouxamento dos vínculos para tanto deve haver a desconstrução dos padrões heteronormativos e homofóbicos. Notamos que as famílias reproduziram discursos e práticas heteronormativas buscando recolocar seus filhos dentro da norma heterossexual.

De acordo com as narrativas dos participantes da pesquisa, de forma predominante as reações dos familiares mediante à revelação da orientação (homo)sexual foram não acolhedoras e afetaram a qualidade de vida dos mesmos. As reações de rejeição, repressão e silenciamento mediante a descoberta da orientação sexual do filho demonstram que há um dispositivo regulatório da sexualidade que está em torno da heteronormatividade.

Compreendemos o que o processo de *coming out* ocasionou no seio familiar, de modo específico na vida dos jovens homossexuais que integram essa pesquisa, e o quando essa rede social que é o Projeto Aprisco se constituiu como um referencial de apoio para que lidassem melhor com o processo de aceitação dos seus pais e da sociedade.

Referências

Ata Missão Aprisco: reunião inicial**.** Fraternidade o Caminho, Campo Mourão, 28 de dez. 2016 (Mimeo).

BRAGA, Iara Falleiros et al. Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **REBEn** – Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 71, n. 03, p. 1295-1303, 2018.

BRAH; Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

COSTA, Crístofer Batista da; MACHADO, Mariana Rodrigues; WAGNER, Márcia Fortes. Percepções do homossexual masculino: Sociedade, família e amizades. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 777-788, 2015.

FRANÇA, Maria Regina Castanho. Famílias homoafetivas. **Revista Brasileira de Psicodrama,** São Paulo, v. 17, n. 1. p. 21-33, 2009.

FRAZÃO, Pedro; ROSÁRIO, Renata. O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 1, n. 26, p. 25-45, 2008.

MAFFESOLI, M. Homossocialidade: da identidade às identificações. **Bagoas** – Estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v. 1, n. 01, 27 nov. 2012.

MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analitica da normalizacao. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. Machos e brothers: Uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, 2013.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas** – Estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v. 8, n. 11, p. 51-78, 2014.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 03, p. 1527-1541, set. 2008.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino et al. Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 03, p. 547-563, 2015.

SANTOS, André Faro; FERNANDES, Sheyla Christine Santos. Enfrentamento, locus de controle e preconceito: Um estudo com pessoas de orientação homoafetiva. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 03, p. 101-119, dez. 2009.

SCOTT, Russell Parry; CANTARELLI, Jonnhy. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 42, p. 375-388, 2004.

SILVA; Cristiane Gonçalves da; PAIVA, Vera; PARKER, Richard. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface**, São Paulo, v. 17, n. 44, p. 103-117, jan./mar. 2013.

SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA JUNIOR, João Batista Junior da. Entre revelar e esconder: Pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 124-148, maio/ago. 2014.

RUPPERT, Helena da Cruz. **Desafios da juventude homossexual frente às relações familiares**: relatos dos usuários**.** Trabalho de conclusão de curso em Serviço Social, Setor Litoral - Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2017.

SILVA, Mônica Magrini de Lima et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 03, p. 677-692, 2015.

OLIVEIRA JUNIOR, Isaias Batista de; MAIO, Eliane Rose. Opção ou orientação sexual? (des)constrovérsias nas (des)contextualização da homossexualidade. **Ensino em re-vista**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 324-344, jul./dez. 2016.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 19, n. 1, p. 67-76, 2014.

TOLEDO, Lívia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013.

AS BRUMAS DE AVALON: UMA REPRESENTAÇÃO DO MITO ARTURIANO NO SÉCULO XX

Ana Carolina Lamosa Paes[8]
André Rocha Cordeiro[9]

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns seguimentos e possibilidades advindas da abordagem adotada para a organização do primeiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada "As representações do cristianismo e paganismo em As brumas de Avalon", em andamento no Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Estadual de Maringá. O desenvolvimento da pesquisa que aqui apresentamos é resultante das discussões realizadas junto ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades, da Universidade Estadual de Maringá, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Vanda Fortuna Serafim.

Começo, então, apresentando a fonte deste trabalho de pesquisa, a obra "As brumas de Avalon" que foi escrita pela autora Marion Zimmer Bradley e publicada, em volume único, no ano de 1982, nos Estados Unidos. Quase imediatamente à sua publicação, a obra atingiu a marca de Best-seller do The New York Times com cerca de 300 mil cópias vendidas. (SEKLES, 1987). Tal repercussão levou a tradução da obra para diversas línguas e chega ao Brasil no final de 1985, onde, segundo o jornal Folha de São Paulo, "corre a boca pequena" (BRUMAS E BRUXAS, p.2, 1986) que o livro passou de mão em mão e foi bastante lido naquele momento.

Segundo observamos no catálogo de mais vendidos da semana do Jornal Folha de São Paulo, a obra permaneceu por cerca de três anos, oscilando entre as primeiras colocações, de mais vendidos semanalmente no referido jornal. Diante destes dados observados, podemos perceber a recepção da mesma de forma muito positiva pela sociedade da época, nos levando a pensar quais seriam as questões presentes neste contexto, que possibilitam à obra "As brumas de Avalon" alcançar tamanha repercussão.

A respeito do conteúdo, a obra nos apresenta uma releitura do mito arturiano, afastando-se dos campos de batalhas e seus cavaleiros, nos permitindo um olhar mais concentrado nas relações entre as personagens femininas, suas funções políticas e o lado mais místico da trama. A história é narrada por Morgana, que representa a presença da magia de Avalon e a crença na Grande Deusa, ao se propor registrar a existência de Avalon diante do iminente desaparecimento nas brumas. Bem como Gwenhwyfar, que representa o lado cristianizado, adotando uma postura conservadora quanto aos

[8] Programa de Pós-Graduação em História, bolsista CAPES, UEM, anacapaes@hotmail.com.
[9] Programa de Pós-Graduação em História, UEM, andrerochacordeiro@hotmail.com.

costumes e práticas, mas que infere questionamentos a respeito de sua posição na corte, advinda da sua condição de mulher, esposa e cristã.

Desenvolvimento

Como notamos na construção da narrativa e na caracterização das personagens, o contexto histórico de produção da obra, que localizamos como a década de 1970 até meados de 1980, se faz presente, tal como destaca Antonio Ferreira (2009) ao tratar sobre como as fontes literárias possibilitam observar o seu contexto de produção em meio ao enredo.

> Os gêneros literários estão intimamente relacionados às condições sociais e históricas que determinam a formação do público leitor, com seus gostos e sensibilidades, que também se alteram de acordo com mudança do suporte material dos textos (FERREIRA, 2009, p. 73).

Então, isso pode ser percebido na trama, visto que os olhares e estudos se voltam às mulheres, de modo que as personagens femininas aparecem de forma ativa e participativa nos acontecimentos. Exercem, à sua maneira, influência sobre as questões políticas e admirativas da corte, por vezes até nas questões militares.

Outro sinal da presença do contexto histórico, como construção da personalidade dos personagens pode ser percebido na personagem Gwenhwyfar pois a mesma, alocada no lado cristão da narrativa se vê profundamente atormentada pela impossibilidade de gestar um filho para o rei, demonstrando que existe certa incumbência cabida à mulher esposa do rei. O lado religioso aparece quando Gwenhwyfar sente-se punida por deus, pelos pecados cometidos por ela e pelo rei, materializado na forma da esterilidade. Mas podemos observar algumas recorrências, no corpus, que Gwenhwyfar infere questionamentos a respeito de sua condição, sobre as punições advindas de deus para as mulheres, bem como ao discurso que impõe a ela um comportamento submisso e provedor: “(...) a esterilidade é uma cruz pesada para uma rainha” (BRADLEY, 2007, p. 83).

Ao desenvolver uma versão bastante renovada da história, a autora pretende ofertar às mulheres da lenda, um lugar de destaque. A trama se desdobra no período Medieval, durante os conflitos da Bretanha, resistindo à invasão saxônica. Nesse sentido, boa parte do pano de fundo da obra versa sobre uma tentativa de manutenção dos cultos à Deusa, originais da região da Bretanha e o avanço crescente da fé cristã, com seus costumes distintos. Desse modo, a biografia de Bradley, autora de As brumas, auxiliar em contextualizar a produção e elementos que se destacam na obra.

Marion Eleanor Zimmer Bradley, autora do romance, nasceu no ano de 1930, em Albany, Nova Iorque. Sua infância se dá logo após a grande depressão econômica de 1929, o que a faz crescer num lar bastante humilde. A autora da obra é Marion Zimmer Bradley, nascida em 1930, em Albany, capital do

Estado de Nova Iorque. Sua infância se dá sob influência da grande depressão econômica, após 1929, levando-a a crescer num lar bastante humilde. Ao completar 16 anos, Bradley ganhou de sua mãe, como presente de aniversário, sua primeira máquina de escrever e, a partir daí, ela exercita a prática e o hábito da escrita em pequenos contos. Mesmo com as dificuldades enfrentadas por sua família, ela conseguiu concluir o colégio em 1946, começando a frequentar, logo em seguida, a New York State College for Teachers, em Albany, onde se formou em 1949 (PINHEIRO, 2011).

Posteriormente, em 1964, ela completou um bacharelado em inglês e espanhol na Hardin Simmons University, no Texas, e também estudou psicologia na University of California, em Berkeley, entre os anos de 1966 e 1967. Bradley acreditava que deveria ter saberes de diversos campos do conhecimento, a fim de fomentar seu trabalho como escritora. Para tanto buscou estudar, além de psicologia, parapsicologia, mitologia e religiões (PINHEIRO, 2011). Bradley informa ao leitor, na apresentação do primeiro volume de "As brumas de Avalon" quais foram suas inspirações, citando a obra "O ramo dourado" de James Frazer, bem como também aponta a leitura de uma coletânea que tratava de religiões comparadas (BRADLEY, 2007, p. 7).

Durante a década de 1950, Bradley escreveu e publicou contos em diversas revistas, preferindo temas de ficção cientifica, e trazendo dali sua fonte de renda. Então, na década de 1960 passa a dedicar-se à escrita de romances das mais variadas naturezas, o que a leva até 1970 quando a autora passa a produzir narrativas com protagonistas femininas. Nesse momento, acompanhando uma tendência literária, seus trabalhados passam a ser mais conhecidos, levando a reedição de algumas obras e trazendo a Bradley, uma legião de fãs. Finalmente, em 1980, a autora decide se dedicar a um romance mais longo, uma fantasia histórica de nome *The mists of Avalon*, tornando-se um marco na carreira de Bradley "em termos de sucesso, popularidade e alcance" (PINHEIRO, 2011, p. 88).

Diante disso, Marion Zimmer Bradley se mostra um importante sujeito para se pensar a história, visto que, ao produzir uma obra literária, a autora representa (CHARTIER, 2002) em meio a sua narrativa, a sua compreensão a respeito de grupos e práticas, específicos. Bradley fala enquanto um sujeito de seu tempo e de seu espaço.

Movimento feminista e literatura

Como aponta Pinheiro (2011), na década de 1970, ao passo em que Bradley apresenta mudanças em sua escrita, a autora está acompanhando uma tendência literária da época, passando a atribuir mais importância a personagens femininas, colocando-as em evidência na narrativa ao apresenta-las como protagonistas fortes. Assim, a autora apresenta obras que se passam em sociedades matriarcais. Bradley responde aos movimentos de seu lugar social (CERTEAU, 1982) enquanto escritora feminina, de modo que torna possível visualizarmos em sua narrativa e na caracterização de personagens.

A segunda onda feminista, nos Estados Unidos, pode compreender seu início na década de 1960, muito atrelado ao que Hobsbawn chama de Revolução Cultural, iniciada nesse mesmo período e levando a diversos questionamentos a respeito das práticas tradicionais e por vezes conservadoras. Esse momento do movimento feminista reivindica direitos sociais e denuncia os sintomas do patriarcalismo na sociedade estadunidense. Segundo apresenta Thomas Bonnici, organizador do Dicionário Critico Feminista, no ano de 1977, Elaine Showalter publica a obra *A literature of their own*, propondo o debate feminista no âmbito da literatura e questionando a noção de cânone literário.

A literatura produzida por mulheres, tal como a fonte que analisamos em nosso trabalho, é resultante desse espaço criado pela segunda onda feminista. Há um questionamento a respeito da ausência de textos de autoria feminina e uma preocupação nesse sentido, levando ao surgimento da crítica literária feminista, que sustenta a ideia de que a ausência destes textos está relacionada a supressão e não à inexistência (BONNICI, 2007).

A maneira como Bradley apresenta as personagens, sua aparência, trajes, ações e formas de pensar, retratam como a autora, enquanto um sujeito de seu tempo, traduzia e representava questões pertinentes ao lugar em que estava inserida. Por meio da imagem de um pano de fundo medieval e fantástico, a autora apresenta sua compreensão acerca do que seria um grupo movido por valores cristãos e outro desviante, subversivo. “As maneiras pelas quais as mulheres conceptualizam seus corpos e suas funções sexuais e reprodutivas estão intrinsicamente ligadas a seus ambientes culturais” (SHOWALTER, 1994, p. 44).

Se no passado, as imagens femininas na literatura eram construídas de modo a reforçar estereótipos oriundos de uma noção patriarcal, a literatura de autoria feminina contemporânea oferece alternativas, sendo uma delas a representação positiva por meio de personagens femininas fortes, independente de protagonistas masculinos (BONNICI, 2007).

Diante destas alterações na construção das personagens femininas, em função de uma abertura reivindicada pelo movimento feminista e o posicionamento de autoras como Marion Zimmer Bradley, o romance de autoria feminina se transforma quando a construção das características físicas, comportamentais transpassam os questionamentos e requerimentos exercidos pelo contexto de produção para integra-la aos personagens da obra.

Por meio disso, ao tomarmos a obra “As brumas de Avalon” enquanto fonte para o estudo da história, podemos acessar, por meio da narrativa, algumas representações que a autora transpõe do seu contexto histórico para integrar a obra. Nesse sentido percebemos como a obra se faz um importante documento histórico para se pensar sobre as representações que a década de 1970 e 1980 produzia a respeito dos grupos religiosos presentes na narrativa bem como a construção das personagens, trazendo consigo marcas do contexto de produção.

Para além de possibilitar um acesso às formas de pensar e leituras de mundo, do contexto histórico de produção e do autor (FERREIRA, 2009) "As brumas de Avalon" também se mostra uma fonte viável no que concerne à relevância para se pensar a história das religiões pois apresenta em seu corpus a presença de manifestações, práticas religiosas e crenças.

O movimento neopagão e seu desenvolvimento

Para compreensão de algumas lógicas adotadas na narrativa da autora, precisamos observar que, na apresentação do primeiro volume, Bradley informa aos leitores quais foram suas inspirações para a construção de algumas práticas, atribuindo-as a grupos neopagãos locais. (BRADLEY, 2007, p. 8). Nesse sentido é preciso que observemos tais grupos e sua história, de modo que nos forneçam dados para melhor compreensão de nosso objeto historicamente localizado.

Ao nos atentarmos ao contexto, podemos perceber que o mais recente reavivamento do ocultismo, onde o movimento neopagão está inserido, vai da metade do século XIX, até o século XX, momento em que a fé no cristianismo tradicional está enfraquecida. (RUSSEL; ALEXANDER, 2008). Danièle Hervieu-Léger aponta que, até a década de 1970 se pensava que o enfraquecimento da religião estaria relacionado a um traço fundamental das sociedades modernas, afinando-se com os discursos sociológicos que compreendiam a religião como algo próprio de sociedades tracionais, portanto, o processo de racionalização os afastaria da religião. Entretanto, já nos anos de 1970 tal tendência de caráter racionalista, tal projeção se viu em declínio devido a novos movimentos religiosos. (HERVIEU-LÉGER, 2005).

Ao mesmo tempo que os frutos da década de 1960 surgem para os movimentos sociais, tal como o feminismo, ele também fertiliza o campo da religião. Em 1962, Gerald Gardner leva aos Estados Unidos a Wicca e, a princípio, a "Wicca Gardneriana-" é popularizada, ao passo que há um declínio dos adeptos ao cristianismo, e tem seu ápice na década de 1970. Seus interessados olham para o passado e nele buscam modelos de práticas religiosas politeístas e práticas xamânicas. Num primeiro momento recorrem às religiões pré-cristãs e aos textos clássicos, mas posteriormente se permitem influenciar pelo movimento feminista da segunda onda e pelo crescente movimento preocupado com a questão ambiental (RUSSEL; ALEXANDER, 2008).

> A revolução cultural pela qual passou a sociedade ocidental desde a década de 1960 contra o *establishment*, e as convenções culturais firmadas em valores sociais conservadores foram ridicularizadas e frontalmente atacadas. No âmbito da religião, o cristianismo foi identificado como parte integrante desse *establishment*, e desse modo os valores judeu-cristãos foram considerados perniciosos (RUSSELL; ALEXANDER, 2008, p. 204).

Esse movimento cultural tem o intuito de extinguir tudo que é antigo e assim buscar libertar as essências inerentes à pessoa humana. Manifestações através da natureza, feminismo, liberdade sexual e oposição a uma visão fisiscista que dominava diversas áreas da ciência tornam o período propício e próspero para a bruxaria moderna e neopagã. "A quebra de ortodoxias religiosas e científicas deu oportunidade para o surgimento de formas alternativas de observação do mundo" (RUSSELL; ALEXANDER, 2008, p. 204).

A partir destas novas noções, como liberdade sexual e feminismo, Fry (1993) identifica, em suas entrevistas junto aos integrantes da comunidade neopagã, de que modo a estrutura dessa religiosidade e de suas práticas privilegiam a figura feminina, e como, diferente de todas as religiões, usam um tratamento para com o corpo e a sexualidade, tidos por ela como tradicionais.

> Talvez o aspecto mais interessante do neopaganismo, como movimento cultural, seja o poderoso núcleo feminista da crença. Desde 1960, a ênfase na Deusa e a sacerdotisa como líder do Coven tem exercido forte atração para as feministas[10] (FRY, 1993, p. 70).

A partir das características dessas práticas neopagãs, de um culto enfático quanto à presença da mulher, percebemos uma diferença com os cultos tidos por Fry como tradicionais, em que o papel da mulher é reduzido ao de coadjuvante. Parte da comunidade neopagã entende as religiões cristãs com um caráter misógino, que vem desde a Idade Média e afasta as mulheres do clero de muitas igrejas.

Durante a realização das entrevistas, para o documentário *Creeds in Conflict*, Isaac Bonewits comenta sobre a atribuição da religiosidade neopagã a cultos relacionados ao Diabo e ao satanismo. Bonewits se posiciona fortemente contrário quanto a qualquer relação entre o culto pagão com a prática de satanismo, empregando um discurso hostil contra o cristianismo, e que é partilhado pela comunidade neopagã, tal qual o desprezo pelos satanistas (*Cf.* FRY, 1993).

Considerando a presença deste discurso dentro da comunidade neopaganista, na qual Bradley está inserida, a ideia de cristianismo expressado pela autora pode seguir pelo mesmo entendimento; sendo assim, vem retratado de forma aproximada em sua narrativa.

A ideia de cristianismo, de Bradley, constitui o pano de fundo da obra *As brumas de Avalon*, em conflito com o culto dito pagão, e se mantém durante ambos volumes selecionados para este estudo. Percebemos que a "representação" do cristianismo, na assimilação de Bradley a seu respeito, é composta pelas próprias visões de mundo da autora. Ou seja, é um conjunto de aspirações, de sentimentos e de

[10] No original: "Perhaps the most interesting aspect of Neo Paganism as a cultural movement is the powerful feminist core of the belief. Since the 1960s, the Neo-Pagan emphasis on the Goddess and the priestess as leader of the coven have exerted a potent attraction for feminists".

ideias que une os membros de um mesmo grupo (de uma classe social, na maioria das vezes) e os opõe a outros grupos (CHARTIER, 1991).

Tal percepção nos possibilita operacionalizar o conceito de representação de Roger Chartier (1991) para compreender como o cristianismo é representado na obra, e como são retratadas as concepções de Bradley a esse respeito. Segundo o referido autor, a "representação" constitui-se a partir de uma visão de mundo, partilhada pela comunidade na qual determinado indivíduo está inserido, e se expressa em sua narrativa.

> A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta (CHARTIER, 1991, p. 185).

Bradley está inserida em grupos nos quais há diversas formas de compreensão da religiosidade cristã. Ao se apropriar de tais ideias acerca do cristianismo, ou seja, a partir dessas percepções, partilhadas coletivamente, a autora desenvolve a sua própria interpretação a respeito das várias formas de cristianismos e as representa na obra.

Nesse sentido, é possível pensarmos que tal declínio apontado pelos autores está relacionado a uma estrutura de religião institucional de caráter conservador e patriarcal, visto que é observado por Hervieu-Léger (2005) a presença de novos movimentos religiosos, onde podemos incluir os movimentos neopagãos. Portanto há uma busca por novas formas de religião, que se aproximem dos anseios de uma geração que se mostra inquietada por movimentos políticos e sociais, voltados a repensar o papel da mulher e as relações do homem com a natureza.

Considerações finais

Portanto, pensando sobre as propostas metodológicas apresentadas por Antonio Ferreira (2009), ao trabalhar com fontes literárias, é possível olhar para estas questões que parecem muito efervescentes na segunda metade do século XX, apontando então o movimento feminista, a presença e avanço das práticas religiosas não tradicionais, munidos pelas transformações culturais de 1960, podemos perceber que este é um ambiente ideal para o surgimento de uma narrativa feminina que busca recontar uma história clássica masculina, transpondo-a para o olhar feminino, permeada de uma religiosidade matriarcal que questiona as visões de mundo cristãs e conservadoras.

Por fim, ressalto que esta é uma das possibilidades de observar a fonte "As brumas de Avalon" (1982) e as questões desta temática, as quais pretendo defender em meio a escrita da dissertação. Sendo

assim os pontos levantados e as considerações apresentadas não anulam as demais perspectivas que podem ser usadas ao observarmos a totalidade da obra.

Referências

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

BRADLEY, Marion. **As brumas de Avalon**: a grande rainha. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Imago, 2008. [vol. 2]

BRADLEY, Marion. **As brumas de Avalon**: a senhora da magia. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Imago, 2008. [vol. 1]

BRADLEY, Marion. **As brumas de Avalon**: o gamo rei. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Imago, 2008. [vol. 3]

BRADLEY, Marion. **As brumas de Avalon**: o prisioneiro da árvore. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Imago, 2008. [vol. 4]

Brumas e bruxas, p. 2. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/?q=As+brumas+de+Avalon&site=&periodo=acervo&x=19&y=16>. Acesso em: 05 maio 2019.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo, 2009.

FRY, Carrol L. **The Goddess Ascending**: Feminist Neo-Pagan Witchcraft in Marion Zimmer Bradley's Novels. *The Journal of Popular Culture*, vol. 27, p. 67-80, 1993. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.0022-840.1993. 64521458967.x/abstract>. Acesso em: 05 maio 2019.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **La religión, hilo de memoria**. Trad. Maite Solana. Barcelona: Herder, 2005.

PINHEIRO, Renata Kabke. **Viviane e Morgana**: uma nova dicotomia em meio à tensão discursiva de "As Brumas de Avalon". 2011. Tese de Doutorado. Centro de Ciências Sociais e Tecnológicas, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2011

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks**. História da Bruxaria**. Tradução de Álvaro Cabral e William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.

SEKLES, Flavia. **Elas são medievais**. Revista Veja, 1987. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/964?page=4&section=1&word=Marion%20Zimmer%20Bradley>. Acesso em: 11 jan. 2018.

AS CONFRARIAS DO ROSÁRIO: DISCURSOS E PRÁTICAS (PORTUGAL – SÉCULO XVI)

André Rocha Cordeiro[11]
Ana Carolina Lamosa Paes[12]

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma breve discussão sobre o movimento de renovação confrarial do século XVI, com ênfase nas Confrarias do Rosário da Ordem dos Pregadores. O movimento confrarial, iniciado no século XIII, ganhou proeminência com o discurso reformista empreendido pela Reforma Católica. Permeadas pela atmosfera de renovação espiritual e religiosa, a Igreja Católica buscou nas instituições laicas associativas sustentáculo de sua identidade, prática e devoção.

Em fins do medievo a sociedade europeia vivenciava profundas crises religiosas, sociais e políticas. Frente a tais situações, homens e mulheres buscaram saciar suas necessidades por bens de salvação, para os combates desta vida e a do além-mundo, o que oportunizou o crescimento e renovação do movimento confrarial. Foi neste ambiente que as Confrarias sob o signo do Rosário ganharam espaço no continente europeu. As primeiras confrarias dedicadas ao Rosário foram instituídas pelo frade dominicano Alano da Rocha, no século XV, nas regiões de Douai e de Colônia.

O movimento da Reforma Católica, iniciado no século XV, buscou apresentar resposta às problemáticas dos homens que vivenciaram fenômenos que eram interpretados como sinais dos pecados e punição aos erros. Os sentimentos, práticas e discursos deste período nos ajudam a compreender o sistema de ideias formulados pela Igreja Católica neste período.

Assim, objetivando compreender as práticas e discursos institucionais acerca das Confrarias do Rosário de Nossa Senhora, difundidas durante a Reforma Católica, faremos uso das bulas papais de Sisto IV (1471-1484), Leão X (1513-1521) e Pio V (1566-1572). Compreendemos que tais documentos, constantes no *Livro Terceiro das Indulgências, e graças que os Summos Pontices tem concedidos aos que rezam o Rosário de Nossa Senhora, e estão escritos no livro da Confraria* (DIAS, 1573, p. 205-288), expressam uma retórica institucional da Igreja Católica em promoção das Confrarias do Rosário da Virgem Maria.

As confrarias: devoções e sociabilidades

[11] Programa de Pós-Graduação em História – PPH, UEM, andrerochacordeiro@hotmail.com.
[12] Programa de Pós-Graduação em História – PPH, UEM, bolsista CAPES, anacapaes@hotmail.com.

As confrarias leigas foram instituídas na Europa Ocidental, no período de renascimento urbano no século XIII, de forma autônoma e inspiradas nas guildas de mercadores, confrarias sacerdotais e corporações de ofício (BOSCHI, 1986; VAUCHEZ, 1995). Segundo Caio César Boschi (1986), estas surgiram com diversas denominações "*confraternitas, sodalitas, sodalitium, confraternitas laicorum, congregatio, pia unio, societas, coetus, consolatio*." (BOSCHI, 1986, p. 14; grifos do autor) e com o objetivo de incremento às práticas religiosas e de devoção pública.

Embora tentam se inspirado nas guildas de mercadores e corporações de ofício, as confrarias possuíam teor mais "democrático" que as demais associações. Além disso, diferentemente das guildas de mercadores e das corporações de ofício, as confrarias leigas não possuíam a ocupação profissional enquanto um pré-requisito admissional (BOSCHI, 1986, p. 13). Tal aspecto pode ser notado no discurso eclesiástico do século XVI, quando, por exemplo, o papa Leão X (1513-1521) em sua bula papal enuncia a pertença masculina e feminina, independente de idade e profissão, às associações confrariais do Rosário da Virgem Maria (LEÃO X, 1520 apud DIAS, 1573, p. 251-252).

Além disso, as confrarias surgiram com os objetivos de subvenção de rituais funerários e auxílio financeiro entre os confrades. Leonara Lacerda Delfino (2015, p. 21) compreende as confrarias como "*família simbólica"* ou "*família ritual"* devido a promoção da solidariedade entre irmãos, sejam vivos ou mortos.

Na compreensão de Caio Boschi (1986) as motivações que promoveram o surgimento de associações leigas foram "As inseguranças e incerteza do homem medieval levam-no a unir-se em torno de associações voluntárias, daí originando uma proliferação de confrarias de auxílio mútuo" (BOSCHI, 1986, p. 13). Segundo Del Roio (1997, p. 97), neste contexto as mudanças nos setores econômicos e sociais eram sensíveis, principalmente pelo ressurgimento comercial. Assim, observamos mudanças em vários setores da sociedade medieval - questões sociais, comerciais, culturais e políticas -, de modo que as associações leigas, tais quais as confrarias, expressaram-se como instituições que caracterizaram este momento histórico (BOSCHI, 1986; DEL ROIO, 1997).

Ademais, os indivíduos, de diferentes espaços, tanto urbano quanto rural, congregaram-se a partir de questões sócio-profissionais ou questões territoriais (paróquia, aldeia) e com compromissos de reciprocidade entre seus membros (BOSCHI, 1986, p. 14). Destacamos a dicotomia de tais associações, uma vez que individualidades distintas formavam coletividades a partir do sentimento de identificação e pertencimento.

Segundo André Vauchez (1995, p. 161), dependendo da região geográfica e localização poderiam existir diferenças de modalidade de constituição e os objetivos de tais associações, onde homens e mulheres, e por vezes clérigos e leigos, se encontravam em pé de igualdade: algumas confrarias mantinham-se ligadas a mosteiros ou conventos que as haviam admitido na sua "sociedade";

outras, mais autônomas, só recorriam a sacerdotes ou religiosos para a celebração de missa ou por ocasião de uma pregação excepcional. Mas todas tinham em comum o facto de se administrarem a si próprias e de elegerem livremente seus dirigentes (VAUCHEZ, 1995, p. 161).

No contexto da Reforma Católica, entre os séculos XV e XVI, o movimento confrarial ganhou novo impulso e tais associações foram renovadas e retomadas enquanto instrumentos de identidade católica, com destaque à devoção ao Rosário da Virgem Maria. A sociedade europeia vivenciava, neste período, profundas crises religiosas, sociais e políticas, denominada por Jean Delumeau (1967, p. 64) enquanto "calamitosa época". Diante destas situações, homens e mulheres buscaram saciar suas necessidades por bens de salvação, para os combates desta vida e a do além-mundo. Tal período é apresentado pela historiografia enquanto um período de crises, de perturbações, de guerras, de pestes e de angustias (DELUMEAU, 1967; LE GOFF, 2010), o que oportunizou o crescimento e renovação do movimento confrarial. Foi neste ambiente que as Confrarias sob o signo do Rosário ganharam espaço no continente europeu.

De acordo com Giacomo Martina (1997, p. 214), entre os séculos XV e XVI os novos institutos religiosos, que florescem nos países ibéricos e reinos italianos, buscam em Roma seu lugar de nascimento ou ainda a aprovação para suas práticas. Tais características podem ser vislumbradas nas confrarias do Rosário da Virgem Maria, que surgiram na região de Colônia, mas careceram de aprovação clerical de Roma. Na perspectiva de Susana Goulart Costa (2009, p. 239), deve-se compreender que o culto mariano cooperou para dar um novo impulso de renovação cristã, principalmente no período quinhentista, quando notadamente a Igreja Católica promoveu a renovação nas devoções por meio de confrarias e associações, dentre elas a devoção e as confrarias do Rosário.

As primeiras confrarias dedicadas ao Rosário foram instituídas pelo frade dominicano Alano da Rocha, no século XV, nas regiões de Douai e de Colônia. O culto à Virgem Maria conquistou espaço na religiosidade medieval, principalmente pela posição ocupada pela mãe de Cristo na "hierarquia sagrada" do cristianismo. A respeito dos movimentos confrarias no século XVI, Costa (2009) argumenta que.

> [...] os organismos de carácter associativista como as Misericórdias e as Confrarias que, também anteriores a Trento, foram um veículo da expressão reformista ao dinamizarem as devoções ao Rosário, às Almas do Purgatório e ao Santíssimo Sacramento; as peregrinações; os cultos; as devoções; as festas e muitas outras temáticas são vertentes tentaculares que, com maior ou menor êxito, se tornaram um espelho da actividade reformadora. (COSTA, 2009, p. 239).

Impulsionada pelo espírito reformista a Igreja Católica se respaldou, no processo de renovação, em cultos e devoções já propagadas pela instituição (PENTEADO, 1995). A compreensão de propagação de crenças, devoções e práticas consideradas antigas e tradicionais são expressas nos

documentos papais, de modo que devemos compreender seus discursos inseridos em uma atmosfera religiosa de reforma e renovação católica.

A partir de 1470, Frei Alano da Rocha (1428-1478) começou a difundir a devoção ao Rosário (DELUMEAU, 1967, p. 10), por meio da instituição da Confraria da Virgem e São Domingos, na cidade holandesa de Douai (LABARGA, 2003, p. 156). De acordo com Fermín Labarga (2003, p. 156; *tradução nossa*), nesta associação leiga,

> [Os] irmãos tinham a obrigação cotidiana de rezar o saltério mariano; podiam formar parte dela tanto homens como mulheres, e todos participavam dos bens espirituais da Congregação de Holanda da Ordem dos Dominicanos por concessão de seu Vigário Geral, João Excuria, datada de 15 de maio de 1470[13].

Notamos que uma das práticas requeridas dos confrades era a obrigatoriedade de rezar o saltério mariano ou Rosário da Virgem Maria. No século XVI esta prática continuou a ser requerida dos confrades associados e que possuíam o nome "escrito no livro da Confraria", em troca a instituição prometia "bens de salvação", numa espécie de "trocas de dádivas".

No discurso eclesiástico do século XV as Confrarias, ao serem renovadas, eram espaços para louvor e honra dos santos, pois, para o fiel católico estes eram necessários para a ajuda e socorro da alma (ALEXANDRE, 1476 apud DIAS, 1573, p. 209). Além disso, vemos que nos discursos eclesiásticos as Confrarias do Rosário de Nossa Senhora eram espaços para conversões, combates às heresias, de prática cristã e limpeza da alma, conforme pontua o papa Pio V (1566-1572) (PIO V, 1569 apud DIAS, 1573, p. 275).

A primeira confraria do Rosário da Virgem Maria foi fundada pelo frade dominicano Alano da Rocha, na cidade de Colônia, no ano de 1475, com o intuito de renovar a devoção mariana do Rosário e propaga-la pela cristandade europeia. As aprovações da referida confraria foram emitidas em 08 de setembro de 1475 e contou com a participação do dominicano Fr. James Sprenger[14] (VAIL, 1998; LABARGA, 2003). Nesta associação leiga dominicana "Seus membros adquiriam a obrigação principal

[13] "[Los] Hermanos tenían la obligación cotidiana del rezo del salterio mariano; podían formar parte de ella tanto hombres como mujeres, y todos participaban de los bienes espirituales de la Congregación de Holanda de la Orden Dominicana por concesión de su Vicario General, Juan Excuria, fechada el 15 de mayo de 1470" (LABARBA, 2003, p. 156).

[14] Fr. James Sprenger (1435-1495) tornou-se noviço da Ordem dos Pregadores em 1452, posteriormente fez os estudos teológicos tornando-se mestre e deão da faculdade de teologia da Universidade de Colônia. Ademais se tornou-se prior do Convento de Colônia e foi indicado ao cargo de Inquisidor das províncias eclesiásticas de Colônia, Mainz e Trier (VAIL, 1995, p. 68; BYINGTON, 2015, p. 1). Tornou-se conhecido, principalmente, pela coautoria da obra *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras), escrito em 1487. Entretanto, segundo Byington (2015), alguns historiadores defendem que Sprenger não coproduziu a obra de teor inquisitorial, seu papel foi apenas de colaborador uma vez que ocupava cargo de importância na Igreja.

de rezar o rosário e oferecê-lo pelas necessidades dos demais irmãos[15]" (LABARGA, 2003, p. 157). Um século após as emissões das aprovações notamos a ênfase na recitação do Rosário e o elencar de benefícios religiosos, como a confissão.

A reforma católica: renovação espiritual da igreja

O século XVI, na História da Igreja Católica, foi marcado, principalmente, pelo Concílio de Trento (1545-1563), a 19ª reunião conciliar, que caracterizou a centralização da instituição do movimento reformista, ou seja, foi o marco da centralização eclesiástica da Reforma Católica. Segundo Bruce Shelley,

> Alguns historiadores interpretam a Reforma Católica como um contra-ataque ao protestantismo; outros descrevem como uma verdadeira revivificação da religiosidade católica com pouca consideração ao protestantismo. A verdade é que o movimento foi tanto uma Contrarreforma como insistem os protestantes, quanto uma Reforma católica, como argumentam os católicos. Suas raízes remontam à forças anteriores à época de Lutero, mas a forma assumida foi, em grande parte, determinada pelo ataque protestante (SHELLEY, 2018, p. 295).

Ainda segundo Shelley (2018, p. 295), a Igreja Católica demorou a compreender a gravidade do movimento protestante inicado por Martinho Lutero (1483-1546), com a fixação das 95 teses na Catedral de Wittenberg em 31 de outubro de 1517. Ocupava o papado neste período Leão X[16] (1513-1521), considerado um príncipe renascentista[17], responsável com grandes extravagâncias, gastos com campanhas militares, pela construção da Basílica de São Pedro, em Roma, e pela venda de indulgências e cargos eclesiásticos (MCBRIEN, 2000, p. 278). De acordo com Lindberg (2018, p. 379), mesmo que Leão X (1513-1521) tenha demonstrado pouco interesse em assumir uma respostas frente aos protestantes a necessidade de uma reforma e renovação da Igreja eram aspectos que não podiam ser ignorados pela instuição. A expressão da percepção da instituição frente ao movimento protestante foram o Concílio de Trento (1545-1563), demonstração da Igreja Militante, a reforma do mecanismo do cargo papal e o recrutamento de soldados espirituais, ou seja, as orgens religiosas, dentre elas a Companhia de Jesus (SHELLEY, 2018).

Com relação ao uso do conceito de Reforma Católica, respaldamos nossas discussões em Jean Delumeau (1967), Brenda Bolton (1986), Salvador Castellote (1997), Henri Daniel-Rops (1999), Bruce

[15] "Sus miembros adquirían la obligación principal de rezar el rosario y ofrecerlo por las necesidades de los demás hermanos" (LABARGA, 2003, p. 157).
[16] Nascido Giovanni de' Medici, filho de Lorenzo o Magnifico, em 1475 (MCBRIEN, 2000, p. 278).
[17] Segundo Richard McBrien (2000, p. 279), Leão X adora livros, arte, música, teatros e caçadas. Durante seu pontificado fez de Roma o centro cultural do Ocidente.

Shelley (2018) e Carter Lindberg (2018). Estes autores defendem que embora o Concílio de Trento, maior expressão do reformismo católico, tenha se reunido após o movimento empreendido por Lutero, devemos observar as raízes da Reforma Católica anterior a tal fato histórico. Segundo Carter Lindberg (2018, p. 379), "Mesmo antes de Lutero, já havia críticas em relação à Igreja, ilustradas pelo provérbio italiano de que aquele que vai a Roma perde a fé e pelo acróstico: R[adix] O[mnium] M[alorum] A[varitia]: "O amor ao dinheiro é a raiz de todo mal". O autor recorda que já Egídio de Viterbo (1472-1532), na abertura do V Concílio de Latrão (1512-1517), anunciava a necessidade da renovação e reforma da Igreja e dos membros da instituição (LINDBERG, 2018, p. 379).

Além disso, Jean Delumeau (1967) ao observar as ações empreendidas pela Igreja Católica no campo religioso europeu, do século XVI, defende que devemos compreender a Reforma Católica, iniciada no século XV, enquanto ações reformistas de igrejas particulares e ordens religiosas específicas, ou seja, não foi empreendida pela alta hierarquia eclesial, e que, posteriormente, foram centralizadas no Concílio de Trento. A base deste movimento reformista era a renovação espiritual e religiosa.

De acordo com Brenda Bolton (1986, p. 13-14), tanto a reforma católica quinhentista quanto o movimento reformista do século XII objetivaram renovar a Igreja Católica. Dialogando com as discussões do período, a autora enfatiza que, ao restringir o conceito de *reformatio* ou reforma no sentido único de recuperação ou retorno seria algo restritivo para pensar o contexto com o qual trabalha. Declara que pensar as reformas religiosas, tanto do século XII, quanto a do século XVI, requer entrelaçar *reformatio* com *renovatio*, pois ambas seriam pilares paras as alomorfias verificadas nos contextos mencionados, de modo a dar significados uma à outra. (BOLTON, 1986, p. 131).

Cabe destacar, ainda, que conforme aponta Salvador Castellote (1997, p. 75, *grifos do autor*), "*Reforma* [Católica] tem um sentido positivo, enquanto que a *Contrarreforma* carrega determinado traço negativo: não tem criatividade, limita-se a uma reação, deixando iniciativa à ação"[18]. Debruçando sobre a bibliografia especializada e sobre a documentação que elegemos como fonte de pesquisa não podemos afirmar que as ações empreendidas pela instituição católica, dentre elas a promoção às Confrarias do Rosário, restringiram-se à uma reação aos atos de Martinho Lutero (1483-1542). Desse modo, adotarmos a terminologia de Reforma Católica como categoria de análise para o período quinhentista, é considerarmos que, para além de transformações epistemológicas, existiam sinais de mudanças no século XV, como, por exemplo, os movimentos de renovação espiritual e devocional, promovidos por

[18] "*Reforma* tiene un sentido positivo, mientras que *Contrarreforma* conlleva un determinado rasco negativo: no hay creatividad, se limita a una <<reacción>>, dejando la iniciativa a la <<acción>>" (CASTELLOTE, 1997, p. 95, *grifos do autor*).

algumas ordens religiosas e dioceses europeias (DANIEL-ROPS, 1999, p. 17-28), bem como a renovação e ressignificação da *vita apostolica* advinda do século XII (BOLTON, 1986, p. 22).

A Reforma Católica objetivava corresponder às exigências que vinham sendo formuladas havia tempos e tentava oferecer respostas de mentes que pensaram tais problemáticas, respaldando-se, assim, em princípios da tradição da Igreja (DANIEL-ROPS, 1999). Essas exigências já eram percebidas na segunda metade do século XV, e os representantes da instituição tinham consciência das reclamações por uma reforma, dentre eles Leão X, conforme apontou Carter Lindberg (2018, p. 379). Todavia "a heresia obrigou a Igreja a precisar a sua doutrina em certos pontos, a fixar as suas posições com mais firmeza do que teria feito se não houvesse erros a combater" (DANIEL-ROPS, 1999, p. 8).

O movimento da Reforma Católica se pretendeu enquanto resposta às angústias dos homens que vivenciaram catástrofes como guerras, fomes e mortes por peste, fenômenos que eram interpretados como sinais dos pecados e punição aos erros (DELUMEAU, 1967). A sociedade interpretava esses fenômenos como consequências do pecado humano, e afirmava que tais desgraças tinham a finalidade de purificá-la. Esses sentimentos nos ajudam a compreender os questionamentos que se construíram contra o que a Igreja denominava pecado (DELUMEAU, 1967; ROMANO; TENENTI, 1980). Também nos auxiliam na compreensão das motivações que, possivelmente, levaram tantos a procurarem as confissões e demais sacramentos, os bens de salvação, espirituais e materiais, como aqueles ofertados pelas Confrarias do Rosário de Nossa Senhora.

Práticas e discursos acerca das confrarias do rosário de nossa senhora

Conforme podemos observar, as confrarias do Rosário de Nossa Senhora podem ser compreendidas enquanto espaços de sociabilidades, práticas e devoções católicas. Ademais, estas associações leigas contribuiram para a formulação da identidade católica por meio de suas práticas e dos discursos emanados pelos membros da instituição católica em promoção das confrarias. Desse modo, analisaremos os discursos e as práticas impulsionadas pela instituição católica, principalmente a partir dos discursos papais, acerca das Confrarias do Rosário de Nossa Senhora. Para tanto utilizaremos o livro terceiro do *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), intitulado *Livro Terceiro das Indulgências, e graças que os Summos Pontices tem concedidos aos que rezam o Rosário de Nossa Senhora, e estão escritos no livro da Confraria* (DIAS, 1573, p. 205-288). Ao analisar as bulas papais podemos observar a busca pela formalidade da prática da recitação do Rosário a partir do discurso emanado pela instituição. De acordo com Michel de Certeau (1982, p. 160), "As práticas permitem apreender os modos de uma nova combinação: elas definem, com efeito, o campo onde se efetua o deslocamento que irá refluir sobre as ideologias. Sua *formalidade* diferente manifesta seu *reemprego* com um outro funcionamento". Aqui

notamos o reemprego, por parte do pontífices de uma prática medieval, no contexto da crise religiosa ocasionada pelas Reformas.

No seio da instituição católica os pontífices ocupam lugar privilegiado na hierarquia institucional, de modo, que ao tomar posse da cátedra petrina os religiosos tornam-se porta-vozes autorizados por excelência e reconhecidos pelos membros da Igreja. Conforme aponta Bourdieu (1998, p. 84), os porta-vozes assumem uma retórica característica institucional a partir da sua delegação enquanto agente e procurador desta. Desse modo, tal categoria leva-nos a compreender que os discursos redigidos por Sisto IV (1471-1484), Leão X (1513-1521) e Pio V (1566-1572) expressam uma retórica institucional da Igreja Católica em promoção das Confrarias do Rosário da Virgem Maria.

Dentre os três pontífices, acima citados, Sisto IV pode ser considerado o mais emblemático e quiçá o mais principesco deles. Nascido Francesco dela Rovere (1414-1484), professou-se sacerdote da Ordem dos Frades Menores e foi eleito papa em 09 de agosto de 1471 (FISCHER-WOLLPERT, 1999, p. 123). O adjetivamos enquanto emblemático, pois ao assumir o maior cargo da instituição católica, Sisto IV pouco expressou o carisma difundido por Francisco de Assis (1182-1226), fundador da Ordem a qual pertencia; antes assumiu características de um príncipe de Estado (BARRACLOUCH, 1972; FISCHER-WOLLPERT, 1999; DUFFY, 1998).

Embora caracterizado como "papa mundano", preocupado com os territórios dos Estados Pontifícios e a construção da capela Sistina, Sisto IV nos legou uma bula papal datada de 15 de março de 1469, no qual observamos a atenção do pontífice para com a devoção mariana do Rosário (FISCHER-WOLLPERT, 1999, p. 123). Nesta bula, o papa aprova e confirma o método de orar dos príncipes cristãos, denominado "vulgarmente o Saltério da bem-aventurada Virgem Maria" (SISTO IV apud DIAS, 1573, p. 214), em consideração as solicitações de Francisco II (1435-1488), duque da Bretanha, e sua esposa duquesa Margarida (1443-1469).

> Sisto Bispo, servo de Deus, para perpétua memória. As coisas que são piedosamente ordenadas por devoção dos fiéis Cristãos, a louvor e glória do onipotente Deus, e da gloriosa Virgem Maria, para que permaneçam firmes, com a força de nossa aprovação as confirmamos, e aos mesmo fiéis convidamos de boa vontade com indulgências, para que se exercitem nas obras de devoção, e assim disponham mais para a graça Divina, especialmente quando nos isto pede a devoção dos Príncipes Cristãos. Foi nos proposto por parte do amado filho, o nobre Francisco Duque da Britânia, e da amada filha em Cristo a nobre Margarida Duquesa sua mulher, que no dito ducado de Britânia, e em muitos outros lugares, crescendo a devoção dos fiéis, de certo tempo para cá, se inovou um certo modo de orar pio e devoto: o qual também nos tempos antigos em diversas partes do mundo costumaram os fiéis. Este modo de orar é, dizer a honra de Deus, e da beatíssima Virgem Maria, contra os perigos do mundo, tantas vezes a Saudação Angélica da Ave Maria, quantos são os Salmos do Saltério de Davi, convém saber, cento e cinquenta dizendo primeiro um Pater noster, e depois dez Ave Marias, e assim consecutivamente, E este modo de

> orar se chama vulgarmente o Saltério da bem-aventurada Virgem Maria (SISTO IV, 1479 apud DIAS, 1573, p. 213-214).

Ao traçar os aspectos evangélicos do modo de orar o "Saltério da bem-aventurada Virgem Maria", o papa oferece aos fiéis cristãos indulgências como bens de salvação e instrumento de disposição da "graça Divina". Lembrado historicamente enquanto criador da Dataria[19], particularmente, na presente bula papal, Sisto IV não taxou ou mesmo estabeleceu valor monetário pelas indulgências oferecidas aos cristãos que praticassem a devoção do Rosário da Virgem Maria.

Ainda no discurso do referido pontífice, a devoção do Rosário praticada entre os confrades do Rosário era uma devoção "pia", "devota" e considerada "lícita" para os membros da Igreja.

> [...] quanto mais facilmente esperem alcançar mediante ele a saúde das almas. A todos e a cada um dos fiéis Cristãos que rezarem uma parte do dito Rosário, que são cinquenta Ave Marias, e cinco vezes o Pater Noster: lhe relaxamos misericordiosamente em o Senhor cinco anos, e cinco quarentenas de indulgências (SIXTO IV, 1479 apud DIAS, 1573, p. 216).

Já no século seguinte, observamos a transição de um discurso político para um discurso combativo. No discurso de Leão X (1513-1521) as práticas devocionais promovidas pelas confrarias do Rosário, principalmente a recitação do Rosário, acarretou na operação de milagres.

> E por tanto as coisas que sabemos serem concedidas para este fim, as aprovamos, e inovamos de boa vontade, para que sejam perpetuamente firmes: especialmente quando os Príncipes seculares, e outras pessoas gratas a nós, e a sé Apostólica o pede com humildade. Uma petição nos foi apresentada por parte dos amados filhos o Prior e frades do mosteiro dos pregadores da cidade de Colônia, na qual se continha que antigamente como se lê nas histórias, fora pregada, e instituída por São Domingos em diversas partes do mundo uma confraria e irmandade assim de homens como de mulheres, chamada do Rosário da bem-aventurada Virgem à honra da saudação Angelical, obrando nosso Senhor mediante esta devoção muitos milagres (LEÃO X, 1520 apud DIAS, 1573, p. 251-252).

Assim como Sixto IV (1471-1484), Leão X (1513-1521) apresenta tons principescos e de compromisso político com os príncipes seculares europeus ao promover, aprovar e inovar a Confraria do Rosário de Nossa Senhora. Durante a centralização reformista assumida por Trento e pelos papas reformistas o discurso eclesiástico se modifica. De acordo com Eamon Duffy (1998, p. 168), "Depois de Trento, a Igreja ficaria melhor organizada e equipada, seria mais clerical, mais vigilante, mais

[19] Setor financeiro com a finalidade de registrar os rendimentos provenientes das indulgências e da venda dos cargos (BARRACLOUCH, 1972, p. 216).

repressiva [...]". Tal tom combativo e repressivo pode ser vislumbrado no discurso de Pio V (1566-1572).

Pio V (1566-1572) assumiu a Cátedra de Pedro com a missão de implementar os decretos conciliares na instituição católica. Diferentemente de Sisto IV que negou sua pertença à Ordem dos Frades Menores, Pio V conservou seus hábitos de frade pertencente à Ordem dos Frades Pregadores. Destacamos que, na bula de 17 de setembro de 1569, Pio V, ao rememorar o santo fundador da Ordem dos Frades Pregadores, apresenta-o como "[...] o bem-aventurado são Domingos, fundador da ordem dos frades pregadores, cujo instituto e regra professamos expressamente antes de ser Papa" (PIO V apud DIAS, 1573, p. 272). Observamos, assim, a necessidade e ênfase de Pio V em delimitar o sistema de ideias e crenças que partilhava enquanto religioso. Outrora grão-inquisidor de Paulo IV (1555-1559), ao assumir o cargo de pontífice da Igreja Católica, Pio V mantêm um discurso combativo aos males e heresias que ameaçam a instituição, de modo que o Rosário da Virgem Maria, criado por São Domingos de Gusmão (1170-1221), torna-se uma profícua em tal combate.

Passados exatos um século da bula de Sisto IV, em 17 de setembro de 1569, o discurso papal assume um tom mais religioso e combativo. Se entre os papas principescos, como Sixto (1471-1484) e Leão X (1513-1521), observávamos a defesa do Rosário da Virgem Maria enquanto um instrumento de fé e em como resposta diplomática de uma solicitação da nobreza inglesa, no discurso dos papas reformistas o mesmo Rosário se apresenta enquanto ferramenta de combate das diversas heresias da história católica, sejam elas do século XIII – os albigenses – sejam elas do século XVI – o protestantismo e o islamismo.

O Rosário a partir de então assume, no discurso institucional, a função de defesa da doutrina católica no período Reformista (SOUZA, 2002, p. 127). Podemos observar que no discurso de Pio V, de 1569, a disposição combativa do Rosário foi enfática: a Virgem Maria e seu Rosário combateu a heresia dos Albigenses, esmagou a cabeça da serpente e salvou da condenação o primeiro homem, expressando-se enquanto luzeiro católico que poderia apagar as escuridades heréticas. Assim, em contextos conturbados - tais como foram os primeiros tempos da criação e os vivenciados por São Domingos de Gusmão – a Virgem Maria e o Rosário tornam-se ferramentas de refúgio católico.

Também cabe destacar o incentivo e a promoção das associações leigas confrariais e as inscrições dos fiéis nelas realizada por Pio V (1566-1572) na referida bula papal. O papa circunscreve e normatiza a prática da devoção do Rosário em espaços eclesiásticos, supervisionados por Ordens Religiosas, como as Confrarias do Rosário da Ordem dos Frades Pregadores, na perspectiva de, quiçá, evitar novos levantes e contestações, de leigos e religiosos, como os da Reforma Protestante.

Conforme já afirmado, no século XVI, pela singularidade ocupada pela Virgem no plano salvífico cristão, Maria tornou-se no discurso da Igreja Católica elemento distintivo do catolicismo

reformista (SOUZA, 2002; ANDRADE, 2012; DELFINO, 2013); ademais, as devoções marianas contribuíram para dar um novo impulso de renovação cristã, de maneira que as confrarias sob títulos marianos configuraram-se enquanto espaços privilegiados de sociabilidade católica no discurso eclesiástico.

Referências

Fontes:
ALEXANDRE, Bispo de Forlin. Breve Apostólico [1466]. In: DIAS, Nicolau. **Livro do Rosário de Nossa Senhora**. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.

LEÃO X. Bula Amplíssima [1520]. In: DIAS, Nicolau. **Livro do Rosário de Nossa Senhora**. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.

PIO V. Concessão do Papa Pio quinto [1569]. In: DIAS, Nicolau. **Livro do Rosário de Nossa Senhora**. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.

SIXTO IV. Confirmação e Concessão do Papa Sixto quarto [1469]. In: DIAS, Nicolau. **Livro do Rosário de Nossa Senhora**. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.

Bibliografia:
ANDRADE, Solange Ramos de. Devoções e santuários Marianos na História do Paraná. **Revista Angelus Novus**, São Paulo, n. 3, p. 239-260, maio 2012.

BARRACLOUCH, Geoffrey. O papado no início de uma nova época. In: BARRACLOUCH, Geoffrey. **Os papas na Idade Média**. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**: século XII. Lisboa: Edições 70, 1986.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder**: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BYINGTON, Carlos. Prefácio. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum.** Rio de Janeiro: Bestbolso, 2015.

CASTELLOTE, Salvador. **Reformas y Contrarreformas en la Europa del siglo XVI**. Madrid: Ediciones Akal, 1997.

CERTEAU. Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORDEIRO, André Rocha. ***Mater, Virgo et Regina***: Frei Nicolau Dias e o Rosário da Virgem Maria (Portugal-1573). 2017. 180 f.. Dissertação (Mestrado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

COSTA, Susana Goulart. A reforma tridentina em Portugal: balanço historiográfico. **Lusitania Sacra**, Lisboa, 2ª série, 21, p. 237-248, 2009.

DANIEL-HOPS, Henri. **A Igreja da Renascença e da Reforma**. São Paulo: Quadrante, 1999.

DELFINO, Leonara L. **O Rosário dos Irmãos Escravos e Libertos**: Fronteiras, Identidades e Representações do Viver e Morrer na Diáspora Atlântica. Freguesia do Pilar de São João del-Rei (1782-1850). 2015. 526 f. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

DELFINO, Leonara L. Senhora das Conquista e das Missões: Origens da Devoção da Virgem do Rosário como Santa Mãe Protetora dos Pretos no Ultramar. **Revista Ars Histórica**, n. 6, p. 107-127, ago./dez. 2013.

DELUMEAU, Jean. **La reforma**. Barcelona: Editorial Labor, 1967.

DUFFY, Eamon. **Santos e pecadores**: história dos papas. São Paulo: Cosac e Naufy, 1998.

FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. **Os papas**: de Pedro a João Paulo II. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

JEDIN, Hubert. **Concílios ecumênicos**: história e doutrina. São Paulo: Herder,1961.

LABARGA, Fermín. Historia del culto y devoción en torno al santo rosario. In: **Scripta Theologica**: revista de la Facultad de Teologia de la Universid de Navarra, Navarra, n. 35, p. 153-176, 2003.

LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja** – de Lutero a nossos dias. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MCBRIEN, Richard. **Os papas**: os pontífices: de São Pedro a João Paulo II. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos**: seu papel na história da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PENTEADO, Pedro. Confrarias Portuguesas da Época Moderna: problemas, resultados e tendências da investigação. **Lusitania Sacra**, Lisboa, 2ª série, 7, p. 15-52, 1995.

SHELLEY, Bruce. **História do Cristianismo.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SOUZA, Juliana Beatriz de Almeida. **Senhora dos Sete Mares**: Devoção mariana no império colonial português. 2002. 268 f. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

VAIL, Anne. **A história do Rosário**. São Paulo: Loyola, 1998.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade da Idade Média Ocidental (séc. VIII – XIII)**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

A METODOLOGIA WEBQUEST APLICADA A UM ESTUDO COMPARADO SOBRE AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE TIRADENTES

Daniela M. do Nascimento Hypolyti[20]
Adaiane Giovanni[21]
Fábio André Hahn[22]

O dia 21 de Abril, feriado nacional de Tiradentes, se caracteriza como uma das datas comemorativas do calendário brasileiro. Celebrado pela primeira vez em 1890 – como uma forma de prestar homenagem e rememorar a figura de Joaquim José da Silva Xavier – o feriado de 21 de abril foi excluído e restabelecido em diversos momentos da história Brasileira. Todavia, em 1965, por meio da promulgação da lei nº 4897, de 9 de dezembro, o dia 21 de abril foi declarado oficialmente feriado nacional. Essa lei além de declarar o dia 21 de abril feriado brasileiro, também declarou Tiradentes patrono cívico do Brasil, em virtude de seu "sacrifício" no movimento da Inconfidência Mineira e de sua "gloriosa" representação republicana.

Com a instituição dessa lei no ano de 1965, Tiradentes passou a integrar o calendário brasileiro como sendo a única personalidade história a possuir um feriado em sua homenagem, visto que os outros feriados correspondem ou a eventos políticos que marcaram um determinado evento da história do Brasil, ou são de cunho religioso. De todo modo, ao direcionar a atenção para a maneira como os feriados são comemorados no território brasileiro, é possível observar que no feriado do dia 21 de abril parece existir um desinteresse coletivo em torno dessa celebração. Não se percebe uma compreensão consensual dos motivos que fizeram de Tiradentes um herói nacional. No feriado, a relação de Tiradentes com a República não fica evidente, tendo em vista que ele geralmente é lembrado apenas como parte da Inconfidência Mineira.

A ideia de comemoração em uma festividade cívica – como é o caso do feriado de 21 de abril – tem segundo Helenice da Silva Rodrigues (2002), um sentido de comemorar juntos, de relembrar juntos, de rememorar algum evento ou figura histórica de forma coletiva. Ocorre, no entanto, que ao transferir essa ideia de comemoração para o feriado de Tiradentes, percebe-se que, no contexto nacional, essa data aparece mais sendo um dia ocioso do que como um motivo para se celebrar.

Uma confirmação desse fato está nas produções sobre o feriado nacional, publicadas pelos portais de notícias no dia 21 de Abril do ano de 2014. As narrativas produzidas nesse mecanismo de

[20] PPGSeD, Fundação Araucária, Unespar, daniella.hist@gmail.com.
[21] Unespar, adaiane.ri@gmail.com.
[22] Unespar, fabioandreh@gmail.com.

comunicação no dia do feriado apresentaram em sua maioria versões e explicações variadas, confusas e equivocadas acerca do personagem histórico Tiradentes e a comemoração do dia 21 de abril. Entretanto, ao mesmo tempo em que os portais de notícias apresentam versões variadas sobre Tiradentes, elas também propiciam reflexões sobre a existência desta data comemorativa, uma vez que, o dia em que seria para rememorar a representação de um personagem consagrado como "herói" nacional brasileiro, acaba por ser celebrado apenas como um dia ocioso.

Posto isto, somos conduzidos a repensar e problematizar não só a instituição desta data comemorativa, mas também as representações do seu símbolo como personagem histórico.

Ao levarmos em conta que a figura de Tiradentes é mencionada nos conteúdos escolares, decidimos transferir esse contexto sobre sua imagem e o significado do seu feriado para o ambiente escolar, trabalhando com a hipótese inicial de que existe uma discussão equivocada dos alunos da educação básica sobre Tiradentes.

Na tentativa de dar uma resposta positiva a esse suposto equívoco por parte dos discentes e ao mesmo tempo contribuir com os professores da educação básica na abordagem dessa temática, desenvolvemos um estudo com estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Darcy José da Costa[23], localizado na cidade de Campo Mourão – PR. O estudo realizado foi dividido em dois momentos com suas respectivas etapas, e teve como proposta trabalhar com a figura de Tiradentes enquanto um personagem histórico e símbolo de identidade nacional, na qual se buscou gerar consciência histórica sobre sua figura, a partir das fontes históricas e variadas possibilidades interpretativas.

Apresentaremos, portanto neste trabalho os desdobramentos da investigação sobre as representações de Tiradentes e, em seguida, discorreremos a respeito do desenvolvimento de uma atividade de intervenção realizada junto aos alunos da educação básica, utilizando a ferramenta metodológica WebQuest[24].

Proposta da atividade: uma primeira abordagem

No momento em que decidimos trabalhar com a hipótese de que existe uma discussão equivocada dos alunos da educação básica sobre a representação de Tiradentes como personagem histórico, deparamos-nos com a necessidade de confirmar essa suposição, para em seguida pensar o

[23]O Colégio encontra-se situado na Asa Leste da cidade. O estabelecimento com um baixo índice de aprendizagem se caracterizava como um dos quatro Colégios vinculados ao Subprojeto *Ensino de História: práticas, metodologias e espaços de formação* do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, no Município de Campo Mourão.

[24] O conceito foi criado em 1995 por Bernie Dodge, professor estadual da Califórnia (EUA) tendo como proposta metodológica o uso da internet de forma mais criativa. A WebQuest é uma atividade investigativa onde as informações com as quais os alunos interagem provém da internet.

conteúdo e consequentemente utilizar uma metodologia que viesse promover a abordagem e discussão desse tema.

Assim sendo, elaboramos e aplicamos um breve questionário com os alunos da 2ª série do Ensino Médio[25] do Colégio Estadual Darcy José da Costa, situado na cidade de Campo Mourão no Estado do Paraná.

A aplicação do questionário permitiu compreender a representação que os discentes têm sobre Tiradentes e, ao mesmo tempo, confirmar a hipótese sobre o equívoco existente de Tiradentes como personagem histórico.

Responderam o questionário trinta e oito alunos (as), com idade entre 15 e 20 anos. Diante da questão: *o que é comemorado no dia 21 de Abril?* 92% dos alunos (as) responderam ser a figura de Tiradentes e, os outros 8% alegaram desconhecer o motivo dessa celebração. No entanto, apesar de a maioria dos alunos (as) questionados (as) saberem o que é celebrado no dia do feriado nacional, os mesmos apresentaram dificuldades em responder a seguinte questão: *para você, quem foi Tiradentes?*

Alguns alunos (as) declararam desconhecer a figura de Tiradentes, já outros associaram a imagem de Tiradentes à profissão de dentista e ao movimento da Inconfidência Mineira. De todo modo, as respostas em um contexto geral foram as mais diversas possíveis. Houve quem assegurou que Tiradentes foi um dentista e soldado, e que morreu não se sabe o porquê. E teve aluno (a) que afirmou ter sido Tiradentes um "cara que morreu enforcado para dizer independência ou morte".

Isto posto, observa-se que apesar desses resultados remeterem apenas a um grupo de alunos da educação básica, eles não deixam de revelar e confirmar a necessidade de se formar uma concepção de Tiradentes como personagem histórico com os discentes no ambiente escolar. Além disso, a confirmação da existência de uma discussão equivocada dos alunos sobre a figura de Tiradentes como personagem histórico promove novos questionamentos a fim de compreender alguns fatores que contribuem para a formação desse equívoco.

Para identificar esses fatores, ou melhor, tentar identifica-los, se optou por desenvolver uma investigação em três etapas distintas: na primeira etapa, se averiguou o modo como à imagem de Tiradentes é retratada nos livros didáticos do Ensino Médio utilizado nos colégios estaduais[26] de Campo Mourão; em seguida se buscou investigar e apresentar a maneira que Tiradentes foi representado na propagação midiática no dia do feriado nacional de 21 de Abril do ano de 2014; e, por último, se analisou

[25] A escolha por essa turma do Ensino Médio ocorreu em virtude do conteúdo a respeito de Tiradentes ser abordado nessa série.
[26] Os colégios estaduais do Munícipio de Campo Mourão adotaram a coleção: VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos. **História:** o longo do século XIX. Volume 2. São Paulo: Saraiva, 2010. Para ser utilizado entre os anos de 2012 e 2014.

alguns dos discursos sobre a representação de Tiradentes produzidos pela historiografia. Quanto o resultado dessa investigação? Mesmo que de forma breve, será apresentada aqui a partir de agora.

As diferentes faces do herói nacional tiradentes

O livro didático recebe uma atenção especial por aqueles que se interessam pelo ensino de história na escola. Jörn Rüsen afirma que "[...] o livro didático é a ferramenta mais importante no ensino de história" (RÜSEN, 2011, p. 109). Entretanto, mesmo sabendo que o livro didático é o instrumento de apoio pedagógico que norteia os conteúdos escolares, não se pode deixar de considerar que outros materiais também são importantes para ampliar discussões que por vezes os livros didáticos por si só não contam de abordar. Ademais, Célia Cristina de Figueiredo Cassiano (2004), apresenta um estudo, mostrando que a circulação do livro didático, mais do que em função do contexto escolar, envolve primeiramente questões comerciais e que na maioria das vezes, "[...] interferem diretamente na prática do professor, que se concretiza na sala de aula e, portanto, no currículo em ação" (CASSIANO, 2004, p. 47).

Na presença dessas informações, a averiguação da retratação de Tiradentes nos livros didáticos se faz mais que necessário. Ao considerarmos que a figura do personagem histórico está presente nos guias didáticos e que de uma forma ou de outra é trabalhado nos conteúdos escolares. Acreditamos que um dos fatores a contribuir para a existência do equívoco dos alunos sobre Tiradentes, pode ser justificado pelo conteúdo dos livros didáticos que consequentemente, de uma forma ou de outra, se reflete na abordagem realizada pelo professor em sala de aula.

Tiradentes é um personagem histórico que integra a constituição da identidade nacional brasileira. E não faz muito tempo que os conteúdos e a educação eram direcionados a uma espécie de culto cívico, com caráter dogmático dos heróis. Todavia, várias críticas existem contra essa maneira de ensinar. Circe Bittencourt (2005) apresenta um estudo com uma série de críticas a esse tipo ensino, alegando que em nada contribui na formação intelectual e humanística das atuais gerações.

De todo modo, ao averiguarmos os livros didáticos utilizados nos colégios estaduais de Campo Mourão, se constatou que a figura de Tiradentes é apresentada de forma breve. Há também uma nota informativa sobre o personagem histórico, que informa a sua participação na Inconfidência Mineira e a sua consagração como herói nacional no regime republicano. Embora os guias curriculares apresentem essas informações, elas não são suficientes para abordar o tema, sendo necessário que o professor busque outros meios, até mesmo, para não cair no modo de ensinar criticado por Bittencourt (2005).

Na segunda etapa, investigamos a maneira como Tiradentes foi representado na propagação midiática no feriado nacional do dia 21 de Abril de 2014. O motivo da realização dessa investigação está no fato desse tipo de fonte (TV, internet ...) ser um dos maiores meios de circulação de notícia. E

por Tiradentes ser o herói nacional brasileiro, símbolo do feriado, nada melhor do que investigar os discursos publicados por esses veículos de informação, que estão presentes no cotidiano dos indivíduos da atualidade.

Para selecionarmos as reportagens sobre Tiradentes, enfrentamos algumas dificuldades. A maioria faz menção ao tráfego intenso de veículos nas estradas em função do feriado. No entanto, foi possível encontrar produções que privilegiaram a figura do símbolo nacional. Entre as produções midiáticas publicadas destacam-se: *A luta de Tiradentes* por Rodrigo Constantino[27] (colunista da Veja); *Conheça um pouco da história de Tiradentes, o mártir da independência do Brasil* por Central Regional de Notícias (CRN)[28]; *Governo de Minas mantém população fora da celebração da Inconfidência* por Folha de São Paulo[29]; *Estátua de Tiradentes volta ao marco zero de Curitiba* por Gazeta do Povo[30]; *21 de Abril de 2014* por Portal Ouro Preto[31] e *Depois de 8 meses estátua de Tiradentes volta a praça* por RPC TV[32].

Um ponto em comum e importante a ser observado em todas as reportagens analisadas, é a associação da imagem de Tiradentes apenas ao movimento da Inconfidência Mineira. As versões e explicações sobre a representação de Tiradentes são em sua maioria variadas e apresentam equívocos. Sendo a figura do personagem histórico retratada desde mártir até herói.

Contudo, diante das representações de Tiradentes expressas nos livros didáticos e na mídia, optou-se por recorrer à historiografia com a finalidade de obter mais informações sobre Tiradentes e ao mesmo tempo analisar como ele é retratado.

A historiografia apresenta uma discussão sobre a representação de Tiradentes imbricada ao processo de instauração da República brasileira. José Murilo de Carvalho (1990) relata que durante a transição do regime monárquico para o regime republicano, o poder político sentiu a necessidade de criar valores republicanos na consciência popular. Nesse período era preciso legitimar o poder e dar uma imagem ao novo regime político. Imagem essa que fosse forte o suficiente para apagar a figura de D.

---

[27]Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/historia/a-luta-de-tiradentes/>. Acesso em: 21 abr. 2014.

[28] BARROS, Jussara. *Conheça um pouco da história de Tiradentes, o mártir da independência do Brasil (CRN).* Disponível em: <http://www.crn1.com.br/noticias/32907.html>. Acesso em: 21 abr. 2014.

[29] PEIXOTO, Paulo. *Governo de Minas mantém população fora da celebração da Inconfidência.* In: Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/04/1443456-novo-governo-de-minas-mantem-populacao-excluida-da-celebracao-da-inconfidencia.shtml>. Acesso em: 21 abr. 2014.

[30] BRODBECK, Pedro. *Estátua de Tiradentes volta ao marco zero de Curitiba*. In: Gazeta do Povo. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1463428>. Acesso em: 21 abr. 2014.

[31] Disponível em: <http://www.carnavalouropreto.com/21_de_abril_em_ouro_preto.php>. Acesso em: 21 abr. 2014.

[32]RPC TV. *Depois de 8 meses estátua de Tiradentes volta a praça.* Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rpctv/noticia/2014/04/parana-tv-depois-de-oito-meses-estatua-de-tiradentes-volta-praca.html>. Acesso em: 21 abr. 2014.

Pedro I, símbolo da monarquia e, que ao mesmo tempo, definisse a identidade e os objetivos que a República ambicionava instalar.

Assim sendo, o movimento republicano tratou de encontrar uma imagem para a República. Porém, essa não foi uma tarefa muito simples, pois conforme Carlos Alberto Ballarotti, o novo "[...] herói republicano deveria ser um instrumento eficaz para atingir a cabeça e o coração do povo" (BALLAROTTI, 2009, p. 202). E embora várias figuras tenham sido selecionadas para representar a república e os seus ideais, quem aos poucos se revelou atender as necessidades republicanas foi Tiradentes.

Todavia, o personagem histórico brasileiro não foi criado pela República, mas a sua imagem foi apropriada pelos vencedores. A República transformou a figura de Tiradentes em herói republicano e, ao mesmo tempo, lapidou os ideais de liberdade defendidos na Inconfidência Mineira e transferiu-os para a República que se estava consolidando. Além disso, Carvalho (1990) sustenta que após a Proclamação da República o culto cívico a Tiradentes se intensificou. E a implantação em 1890 do feriado nacional de 21 de Abril, dedicado ao mito nacional que se estava "pintando" naquele momento, corroborou para entronizar na memória popular a simbologia e a significância do mito e personagem histórico que se desejava estabelecer.

Por conseguinte, e diante das diferentes formas que Tiradentes foi representado, se observou que existem divergências sobre as representações de Tiradentes nos materiais examinados. Entretanto, cabe destacar que o que buscamos fazer até aqui, foi apresentar algumas considerações sobre as investigações e análises realizadas em fontes como: a mídia, o livro didático e a historiografia.

Contudo, um dos pontos mais relevante de tudo o que foi apresentado até o momento, reside no fato do desenvolvimento desse estudo ter nos conduzido a pensar uma metodologia que possa contribuir para repensar os equívocos existentes sobre a representação de Tiradentes juntamente com os alunos da educação básica. E que consequentemente, permita ao professor trabalhar esse tema com seus alunos, possibilitando a eles o acesso ao material analisado nesse trabalho, de modo a gerar uma consciência histórica a partir de fontes históricas e variadas possibilidades interpretativas.

A metodologia webquest e a sua aplicação em sala de aula

A partir dos estudos realizados e apresentados no tópico anterior, enfrentamos o desafio de elaborar uma proposta de atividade que permita ao professor da educação básica trabalhar com o conteúdo sobre as representações de Tiradentes e, concomitantemente, problematizar os discursos variados acerca da instituição do feriado nacional do dia 21 de Abril, com seus alunos no ambiente escolar.

Entretanto, para que professores e alunos tenham acesso aos materiais analisados nesse trabalho e, para que possam discuti-los em sala, optamos em desenvolver e aplicar uma atividade utilizando a ferramenta metodológica WebQuest. A escolha dessa metodologia está fundamentada no fato dela estimular o trabalho tanto individual como em grupo, proporcionando uma aproximação de alunos e professores ao universo digital, por meio da interação com os conteúdos educacionais, de modo que, favoreça as habilidades do conhecer (o aprender a aprender).

Posto isso, discorreremos aqui o processo de elaboração da atividade e os resultados de uma experiência metodológica desenvolvida com os alunos da 2ª série do ensino médio, do período vespertino do Colégio Estadual Darcy José da Costa. Além disso, cabe enfatizar que dividimos a aplicação da atividade em três momentos: aula de interação sobre Tiradentes; aplicação da ferramenta Webquest e debate em sala de aula.

A aula de interação sobre Tiradentes ocorreu em sala e teve duração de 50 minutos. No momento de selecionar o conteúdo a ser trabalho com os alunos nessa aula, levamos em consideração o conhecimento prévio dos discentes, extraído por meio da aplicação de um breve questionário sobre Tiradentes. Em seguida, com auxílio do quadro branco e caneta estereográfica, realizamos uma exposição oral e visual do assunto destacando a origem de Tiradentes desde o período Colonial até a sua consagração como herói na Proclamação da República. Além dessa explanação, introduzimos uma apresentação sobre fontes, discutindo o que elas são e como elas possibilitam diferentes interpretações a respeito de um determinado assunto. Por fim, a aula foi concluída com uma prévia da próxima atividade que seria realizada no laboratório de informática nas dependências do colégio.

A atividade investigativa realizada no laboratório de informática, com a aplicação da metodologia WebQuest, ocorreu em duas aulas, tendo cada uma das aulas a duração de 50 minutos. Porém, antes de discorrer sobre a elaboração e aplicação dessa atividade, cabe óntuar que, apesar de existir plataformas com WebQuests de diversas disciplinas e atividades disponíveis na web, é possível também que a mesma seja montada em formato de Blog. Do mesmo modo, é interessante esclarecer que por mais que a utilização da internet se constitua presente nos dias atuais, ao se aplicar uma atividade com o uso do computador nas escolas públicas, iremos nos deparar com algumas dificuldades – computadores que não funcionam, indisponibilidade da sala de informática, programas e imagens que não são compatíveis com o sistema operacional das máquinas, alunos com dificuldades de manusear os computadores, entre outros problemas – das quais enquanto professores temos que estar preparados para encarar. Contudo, essas dificuldades também têm seu adicional positivo, de maneira que, nos incentiva a se aprofundar melhor acerca do assunto a ser trabalhado, pois conforme Anita C. L. de Almeida e Keila Grinberg (2009), para que o aluno seja produto do saber, é fundamental que, antes, seu professor também o seja.

Por conseguinte, para formular nossa WebQuest levamos o tempo estimado de aproximadamente um mês para discutir o caso e montar a atividade em formato de blog. A WebQuest que tem como título *As representações de Tiradentes*[33], encontra-se disponível na Web e visa colocar o aluno no centro da produção do conhecimento e da concepção que se deseja formar sobre a representação de Tiradentes como personagem histórico.

Sobre a aplicação da atividade na 2ª série do ensino médio, ela teve uma boa aceitação pelos alunos e os envolveu aguçando a sua imaginação. Todavia, a proposta da atividade permitiu que os alunos esquecessem a sua condição de aluno do ensino médio e apreciassem as coordenadas que lhe foram dadas na WebQuest, imaginando-se como um jornalista em meio a uma competição para publicar uma reportagem em um jornal renomado.

Com o desafio de se informarem com diferentes fontes (reportagens midiáticas, livro didático e relatos historiográficos) sobre Tiradentes, para montarem suas reportagens, os discentes se dividiram em grupos compostos de quatro pessoas. Nesse momento foi lhes dado à tarefa de investigar os discurso presentes em cada fonte disponível e a partir delas construir a sua própria opinião traçando um paralelo entre elas. Após cumprir a tarefa que lhes foi dada, os textos jornalísticos foram expostos em sala e defendidos pelos autores em uma "suposta" reunião para a contratação de uma vaga de um famoso jornal.

Contudo, por mais que tenha existido dificuldades e preguiça, em relação à leitura dos textos da WebQuest por parte de alguns dos discentes – fato que estendeu nossa atividade para duas aulas -, a atividade ocorreu com êxito e foi bem recebida pelos alunos e pelo professor regente da turma.

Por fim, o terceiro momento de nossa atividade se deu com o debate em sala. A discussão foi muito produtiva e nos proporcionou recolher os resultados obtidos com a aplicação da ferramenta metodológica WebQuest. O debate em sala ocorreu em uma aula de 50 minutos com a exposição dos conhecimentos absolvidos pelos alunos durante os dois primeiros momentos da atividade.

Para a realização do debate, as carteiras da sala de aula foram postas em forma de círculo e os alunos narraram suas pesquisar realizadas por meio da investigação orientada na WebQuest. Nesse momento, os discentes expuseram seus conhecimentos, suas descobertas e indagações a respeito das representações de Tiradentes.

Por conseguinte, uma averiguação e indagação sobre a atividade levantada pelos alunos nos chamou a atenção. Os discentes mencionaram a necessidade da existência de variedade de informações a respeito de um mesmo assunto, para que se possa ter uma visão mais ampla pelo tema. Além disso, questionaram o "esquecimento" da figura de Tiradentes no tempo presente. Os questionamentos e

[33] Link da WebQuest disponível na web: http://webquesttiradentes.blogspot.com.br/.

compreensão expostos pelos alunos durante o debate desenvolvido em sala de aula são fundamentais, pois nos impulsiona a olhar para frente e pensar novas possibilidades de futuras pesquisas sobre o caso.

Considerações finais

Durante a execução desse trabalho, nos deparamos com alguns desafios a serem superados. O nosso primeiro desafio foi o de evidenciar que os alunos da educação básica têm uma discussão equivocada sobre as representações de Tiradentes como personagem histórico. Após confirmar essa hipótese inicial com a aplicação de um breve questionário, buscamos averiguar alguns fatores que contribuem para que os discentes tenham essa noção simplificada e confusa sobre o herói nacional.

Sendo assim, apresentamos algumas possibilidades para identificar esses fatores. A princípio averiguamos a maneira que os livros didáticos do ensino médio da educação básica retratam a imagem de Tiradentes. Em seguida investigamos os discursos midiáticos publicados sobre o herói nacional no feriado do dia 21 de Abril de 2014. Por último, fomos buscar na historiográfica o modo que os autores apresentam a figura do herói brasileiro. Todavia, essas análises nos permitiu constatar que todas as fontes estudadas apresentaram discursos divergentes sobre a representação de Tiradentes.

No discurso midiático Tiradentes está vinculado apenas ao movimento da Inconfidência Mineira. A historiografia aproxima a figura de Tiradentes enquanto herói brasileiro ao evento da formação da República, discutindo a sua representação e simbologia para o país. Já no que diz respeito ao livro didático, esse apresenta uma breve discussão, carecendo de outros materiais e ferramentas metodológicas para que o assunto seja ampliado e abordado em sala de aula.

Diante dessas análises, aceitamos o desafio de propor uma atividade em que professores e alunos possam ter acesso ao material estudado nesse trabalho. E assim, em ambiente escolar, a partir de fontes históricas e variadas possibilidades interpretativas construam uma compreensão de Tiradentes como personagem histórico brasileiro.

Para tanto, propomos trabalhar com a ferramenta metodológica WebQuest. Essa metodologia permitiu mostrar aos alunos, por meio de uma investigação orientada, que existe em cada veículo de informação um discurso diferente sobre a representação da imagem de Tiradentes como herói nacional brasileiro. Além disso, com o auxílio da WebQuest, propomos um caminho para repensar a concepção atual que os alunos têm do personagem.

Após a aplicação da atividade investigativa na WebQuest, encontramos um terceiro desafio; verificar se os alunos compreenderam ou não a construção das representações de Tiradentes e a razão da instituição do feriado nacional do dia 21 de Abril.

Os resultados da aplicação da metodologia não foi ao todo satisfatório. Porém, foi possível sentir uma aceitação da WebQuest por parte dos alunos. Muitos deles teceram elogios e mencionaram que a

atividade não apresenta ideias prontas, mas que é preciso pesquisar e pensar para realiza-la. Além disso, os discentes demonstraram interesse e participaram de todo o processo. Embora, alguns tenham apresentado dificuldade e até mesmo certa ociosidade para executar a tarefa, foi possível perceber que a maioria compreendeu a maneira como a imagem de Tiradentes foi construída. Quanto à problematização da instituição do feriado nacional, essa foi uma questão que partiu dos alunos após realizarem suas pesquisas. Do mesmo modo, os alunos também teceram críticas contra a ausência de informações sobre o personagem histórico, pois o livro didático é muito escasso de informações e, para que eles pudessem ter uma melhor compreensão que sobre Tiradentes foi necessário realizar uma investigação em várias fontes, fato esse pouco comum de se ver em sala de aula.

Contudo, algumas dificuldades apresentadas pelos alunos no momento da aplicação da WebQuest, nos conduz a pensar outras alternativas com o objetivo de melhorar o formato da metodologia aplicada. Os alunos manifestaram dificuldades no momento de elaborar o texto jornalístico, pois é um gênero textual que não está tão presente no cotidiano escolar.

Apesar de os alunos não conseguirem construir um texto jornalístico, nós não vemos esse acontecimento como um fracasso, mas como um problema a ser superado. E para supera-lo, temos um próximo desafio pela frente. Isto é, reformular a WebQuest sobre as representações de Tiradentes, aproximando-a mais das necessidades e formação dos alunos, de modo a torna-la interdisciplinar. Todavia, a interdisciplinaridade nos aparece no momento como uma alternativa para reverter os desacertos ocorridos, além de que, é algo que tantos discursamos, mas que pouco coloquei em ação.

A conclusão, portanto, é a de que os acertos e falhas durante todo o processo desse estudo - desde o levantamento da hipótese inicial até a finalização da aplicação da metodologia – foi de extrema significância, pois nos permitiu refletir um fenômeno defendido pela autora Flávia Eloisa Caimi (2009), de que para se ensinar história é preciso antes de tudo, aprender história, aprender a ensinar e aprender sobre o sujeito para quem se está formando.

Referências

ALMEIDA, Anita Correia Lima de; GRINBERG, Keila. As Webquests e o ensino de história. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 201-212

BALLAROTTI, Carlos Roberto. A construção do mito de Tiradentes: de mártir republicano a herói cívico na atualidade. **Antíteses**, v. 2, n. 3, p. 201-225, jan./jun. 2009.

BITTENCOURT, Circe. Identidade nacional e ensino de História do Brasil. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História em sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 185-204.

CAIMI, Flávia Eloisa. História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende?. In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Elenice; GONTIJO, Rebeca. (Orgs.). **A escrita da história escolar:** memória e historiografia. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 65-79.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Aspectos políticos e econômicos da circulação do livro didático de história e suas implicações curriculares. **História**, São Paulo, 23 (1-2), 2004, p. 33-48.

RUSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Editora UFPR, 2011. p. 109-127.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

MEMÓRIAS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM: AS AÇÕES DE MADEIREIRAS E DA AGROPECUÁRIA

Daniele Brocardo[34]

Introdução

Este texto é parte da pesquisa intitulada: "Percepções sobre as Transformações na Paisagem: o processo de extração da floresta". Tal pesquisa está sendo desenvolvida para a construção de uma tese na área de História e objetiva investigar diversas percepções sobre as transformações que aconteceram na paisagem, que abrangia o ecótono[35] da Floresta Ombrófila Mista-FOM com a Floresta Estacional Semidecidual-FES, entre as décadas de 1950 a 1990. O recorte do estudo é o espaço que compreendia o município de Cascavel no estado do Paraná, em tal período. Estas transformações ocorreram a partir, principalmente, das ações de indústrias madeireiras e da agricultura. Deste modo, para chegarmos aos objetivos da pesquisa, trabalhamos com as seguintes fontes: acervo *online* de fotografias do Museu da Imagem e do Som-MIS de Cascavel[36]; jornais impressos produzidos nesse município, no período de 1960 a 1990 e entrevistas realizadas através da metodologia da História Oral com pessoas que trabalharam em atividades ligadas às ações de madeireiras e da agricultura.

Contudo, nesse texto vamos analisar apenas as fontes orais, duas entrevistas, a primeira realizada com um ex-contador de madeireira e a segunda produzida com uma aposentada do trabalho na agricultura e na pecuária. A partir dessas fontes, queremos pensar quais são as percepções apresentadas sobre as transformações na paisagem, quais acontecimentos históricos contribuíram para que essas transformações ocorressem, e como opera a relação passado/presente nas narrativas.

Na análise das entrevistas deixamos claro nossa participação ativa na sua elaboração, a partir de um projeto de pesquisa em História, na seleção dos entrevistados e na escolha das perguntas. Entretanto, procuramos pensar as entrevistas como um diálogo, como escreveu Yara A. Khoury (2006, p. 32):

> [...] as entrevistas orais, por sua própria natureza, não se fazem com técnicas e, sim, com relações humanas em que estamos desejosos de conhecer melhor como cada

[34] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História, linha de pesquisa Cultura e Identidades, Órgão de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil -CAPES- Código de Financiamento 001, Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, danielebrocardo@gmail.com.

[35] O conceito de ecótono pode ser definido, de forma concisa, como: "transição entre dois ecossistemas diferentes e tensão entre ambos" (MILAN; MORO, 2016. p. 76).

[36] O município de Cascavel, através da Secretaria de Cultura, em parceria com a UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, através do CEPEDAL (Núcleo de Pesquisa e Documentação Sobre o Oeste do Paraná), vem digitalizando as fotografias do Museu de Imagem e Som de Cascavel e disponibilizando o acesso por meio do *site*: <http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu/acervo.php>. Durante o período da graduação em História atuei neste projeto de extensão.

> pessoa vive e constrói essa luta, ou mesmo se submete. Tem significado, também, trazer essas narrativas para dentro de nosso texto numa relação de igualdade.

Nesse sentido, o texto de Alessandro Portelli (2016, p.10), *História Oral como arte da escuta*, também é significativo:

> Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a *entrevista*: literalmente, uma troca de olhares.

No entanto, sabemos que essa relação de troca não é tarefa fácil, que ela não depende só de um bom planejamento do entrevistador, e que nem sempre os entrevistados estão dispostos a conversar sobre determinado assunto. Portanto, também, consideramos o que escreveu Alistair Thomson (2000, p. 47; 50), que: "não há, necessariamente, uma única, ou universal 'maneirar certa', de se fazer história oral", mas que "os entrevistadores precisam ter sensibilidade definidas por gênero, classe, raça e etnia, região, sexualidade, deficiência e idade" na realização da entrevista.

Ainda, segundo Alessandro Portelli (2016, p. 09-10), podemos considerar que a História oral nada mais que "uma ferramenta adicional na panóplia de fontes do historiador", no entanto, a entrevista oral tem alguns diferenciais, esses estão ligados à memória, a narrativa e a subjetividade, assim ela exige uma análise especifica conectada a esses elementos.

Destarte, cabe dizer como pensamos a memória, pois quando trabalhamos com entrevistas, essa também deve ser considerada. A memória é pensada como uma elaboração tanto individual, como algo social, pois:

> [...] não se pode desconhecer que em toda entrevista, mesmo aquela que relata memórias de experiências bastante singulares, a dimensão social é constitutiva desta em razão dos aspectos lingüísticos, culturais, econômicos ou mais propriamente históricos formadores de qualquer indivíduo. Logo, o historiador tem diante de si um documento que é individual e social ao mesmo tempo (PEREIRA NETO; MACHADO; MONTENEGRO, 2007, p. 117).

Portanto, as memórias apresentadas em uma entrevista incluem elementos que são ao mesmo tempo pertencentes exclusivamente ao entrevistado, mas, também, dialogam como restante da sociedade que esse está inserido. Thomson (1997, p. 57.), em seu artigo sobre a relação entre a História Oral e as memórias, escreveu que:

> A memória "gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas", em função

> das mudanças nos relatos públicos, sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e portanto, relembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.

Assim, a memória está sujeita a ser reelaborada conforme a situação apresentada no momento da entrevista. De modo que, não só o passado é parte constituinte da memória, mas, também o presente. A partir dessas características da memória: como algo dinâmico, construído na relação indivíduo/sociedade, passado/presente, é que analisaremos a seguir as entrevistas.

Relatos sobre as ações de transformações na paisagem

A primeira entrevista foi realizada no dia 22 de março de 2013, com Alberto Rodrigues Pompeu, que nasceu em Foz de Iguaçu no dia 15 de novembro de 1937 e trabalhou como contador em indústrias madeireiras. Além desse trabalho, Pompeu atuou como diretor geral do Hospital Universitário do Oeste do Paraná e como professor na Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná).

A segunda entrevista foi realizada com Lurdes Zancanaro Manica, no dia 17 de abril de 2018, em sua residência no distrito Juvinópolis, pertencente ao município de Cascavel/PR. Ela nasceu em 06 de agosto de 1944, no município de Passo Fundo/RS, e mudou-se no de 1966 para o espaço do estudo, é uma ex-empregada de diversas fazendas da região, trabalhou na agricultura e na pecuária, no período e espaço estudados.

Ao analisar a entrevista realizada com Pompeu podemos visualizar uma valorização sobre as ações das madeireiras, junto a essas ações são encontrados elementos considerados como sinônimos de modernidade, progresso ou de tecnologia. Há também a descrição da conversão dos madeireiros em agricultores. Vejamos um trecho da entrevista.

> Pompeu (2013, s/p): Então nós viemos morar aqui, mas a economia aqui estava, já tinha terminada a fase econômica da erva mate e estava iniciando a parte de madeira, a madeira que ainda estava na mão de uma serraria, de uma grande empresa que era a Industrial Madeireira, sucessora de M. Lupion de Moysés Lupion, que era sucessora de Domingos Barthe. Então a Industrial Madeireira que depois, nós viemos a saber que pertencia aos Festugatos, mas eles não moravam nessa época aqui, quem veio administrar aqui como um sócio minoritário, mas era um administrador da Industrial, foi o seu Florêncio Galafassi, [...]. Então essa é a grande indústria que começou a exploração da, a extração da madeira, que foi na época econômica muito importante aqui pra nós [...].

A percepção apresentada pelo entrevistado se assemelha ao que historiografia local escreveu sobre município de Cascavel em dois sentidos: o primeiro a ordenação da história do município em ciclos econômicos, com o esgotamento ou fim de uma atividade econômica nasceria outra para substituir e iniciar uma nova fase. A historiadora Adamy (2010, p. 39), em sua dissertação, analisou como o autor

Alceu Sperança construiu em suas obras (*Pequena história de Cascavel e do oeste* de 1980; *Cascavel*: a história de 1992 e *Cascavel - Livro Ouro*: 50 anos de História de 2002.) a história do município a partir de ciclos econômicos: primeiro o ciclo da erva-mate, substituído pelo ciclo da madeira, em seguida pelo ciclo da agricultura, pecuária e por fim pela agroindústria.

A segunda semelhança da narrativa de Pompeu com a historiografia local está na valorização das ações das madeireiras. Em meus trabalhos anteriores analisei como Alceu A. Sperança em suas obras constrói sua narrativa de forma a justificar e dar destaque as ações das madeireiras para o município de Cascavel (BROCARDO, 2012, p. 45). Segundo Sperança (2011, p. 73) essas ações constituíram o "[...] ciclo econômico responsável pelo aparecimento e consolidação de Cascavel". Também, podemos analisar essa valorização no fragmento abaixo:

> Era um tempo de crise, mas havia sinais positivos. A Industrial Madeireira do Paraná, por exemplo, transferiu em 1966 a sua sede de Foz do Iguaçu para Cascavel, quando a família Festugato igualmente se deslocou para cá. Isto representou uma aposta no futuro do centro-pólo oestino (SPERANÇA 2011, p. 223).

Como na narrativa de Pompeu, a importância se dá a uma indústria madeireira em específico: a IMAPAR (Industrial Madeireira do Paraná[37]). Para o autor ela seria capaz de ajudar o município a resolver os problemas que enfrentava na década de 1960. Assim, a partir tanto dos textos de Sperança como da fala do entrevistado, podemos pensar no que escreveu Freitag (2010, p. 63):

> [...] a natureza deve sucumbir em nome do progresso. Embora aparentemente isso venha colocar em xeque os fundamentos de identidade que regem a ideia de nação – o espaço de prodígios naturais – esses não perdem seu valor intrínseco, pois da modernidade que passa a habitar o sertão, nasce uma outra paisagem, mais plástica, organizada, mercantilizada: é o espaço produtivo.

Algo semelhante ao que Freitag analisou, também foi considerado por Arruda (2000, p. 57; 52) como "'re-invenção' da natureza". Pois se antes a natureza era vista como exuberante, paradisíaca, associada a "identificação ou de individualização de uma nação ou de um espaço", nessa nova visão a natureza é: "associada a um outro componente de comparação, a idéia de progresso", um "recurso para promover ou impedir" esse. Sendo o progresso "entendido como desenvolvimento econômico". Assim, uma percepção semelhante a essas que está presente na historiografia local e na narrativa de Pompeu

[37] *Industrial Madeireira do Paraná* (*IMAPAR*), no ano de 1948, passou a atuar em Cascavel, a partir da compra das serrarias *(Central Lupion e São Domingos)* pertencentes a Moysés Lupion, (Governador do estado do Paraná, no período de 1947/1951 e 1956/1961). Foi a maior empresa madeireira a se estabelecer no município de Cascavel, tendo três serrarias e uma beneficiadora. Operou também na exportação de madeira, com "depósitos de embarque nos portos de Foz do Iguaçu, Antonina, Paranaguá e Porto Alegre. Diversifica nos anos 70 suas atividades, atuando também na agricultura e na pecuária". (SPERANÇA, A.; SPERANÇA, C. 1980, p. 91-92).

sobre o munícipio de Cascavel, por isso há uma valorização das ações das madeireiras como um elemento capaz de garantir o progresso.

Analisamos mais um trecho da entrevista de Pompeu, ao final da entrevista quando foi questionado sobre qual era sua percepção sobre a ação das madeireiras para o município de Cascavel, respondeu:

> Pompeu (2013, s/p): Há! Foi uma fase econômica muito importante pra nós aqui, trouxe muita população e trouxe economia bastante e todos esses produtores, eles claro que desenvolveram outras atividades, eles, houve a sucessão deles da própria família e também em outras atividades. Por que eles não se limitaram em madeira, o resultado econômico dessa exploração, ela foi aplicada aqui em Cascavel com certeza, muita gente, muita gente fico rico aqui baseada, essa riqueza é naturalmente possibilitou aos demais, aos que estavam junto com eles. Bom, daqui também se projetou muito empresário que foi pro Mato Grosso, foi daqui pra diante, isso é próprio do gaúcho ser cigano né, meio migrante, então também daqui eles foram pra lá. Mas a maioria fico por aqui, [...] Há! Um detalhe interessante também sobre a economia, o, quando acabou essa fase de madeira parecia que ia haver uma estagnação, mas surgiu o "boom da soja", principalmente soja, e aí também surgiu com isso, claro, a lavoura mecanizada e pegou, olha um detalhe importante, pegou todos esses empresários de madeireira com experiência no manuseio de máquinas. Então todos eles tinham equipes, todos tinham oficina mecânica, todos tinham a sua de manutenção, todos eles pegavam o trator dele, o caminhão pra outro ramo, foi a coisa mais fácil do mundo, eles sabiam lidar com caminhão, sabiam lidar com trator, sabiam lidar com a parte rural, olha como foi importante essa sucessão, quer dizer, a experiência deles no ramo, na sucessão, na parte industrial. Porque não tiveram que produzir ou ensinar a forjar tratorista, não tiveram que forjar motorista de caminhão, eles já tinham esse, a manutenção dessas máquinas já estava, eles já tinham prática disso, eles já tinham local, já tinham base pra tudo isso, todos os madeireiros viraram agricultores com muita facilidade e veja bem que não foi pequenas lavouras, eles tiveram, eles não foram pequenos empresários que se desenvolveram em Cascavel na área agrícola, tanto que eles tem grande experiência em agricultura de alta escala, veja o quanto foi importante esse detalhe econômico.

A percepção de Pompeu se assemelha novamente ao que historiografia local escreveu sobre Cascavel, não somente o que Alceu Sperança redigiu em suas obras, mas, também, o que o historiador Vander Piaia (2015) escreveu no livro *Terra, sangue e ambição:* a gênese de Cascavel. Podemos analisar isso até mesmo por alguns títulos de capítulos dessa obra: *Madeira e agricultura - o caminho da riqueza* e *O comércio e a agricultura consolidam o progresso*. No capítulo *Madeira e agricultura - o caminho da riqueza*, o autor escreveu sobre as serrarias:

> A sua existência era sinal de progresso, pois utilizavam determinadas maquinarias industriais, como serras e tornos, além de dependerem de motores, cuja energia provinha de usinas privadas ou de sistemas a combustão. Tecnologicamente, poucas outras indústrias do setor de transformação tinham esse patamar (PIAIA, 2015, p.133).

Nesse trecho, como na fala de Pompeu, há uma valorização das madeireiras como agentes portadores dos avanços tecnológicos. Piaia (2015, p. 137-138.), também, escreveu que houve uma crise em 1970, o que obrigou os madeireiros a: "diversificar suas aplicações. E a opção mais rentável era exatamente aquela que combinava de muitos modos com a experiência desses pioneiros que já estavam acostumados às lides agrárias: a agricultura". Em *O comércio e a agricultura consolidam o progresso*, registrou logo no início do capítulo:

> A agricultura foi a substituta eficaz do mérito econômico iniciado pelo período madeireiro. A continuidade de crescimento muito provavelmente teria sido abreviada, caso não houvesse nenhuma atividade econômica à altura da acumulação proporcionada pela extração madeireira. Eram atividades que se complementavam, visto que o vazio deixado pela extração das árvores condicionava o aproveitamento do solo a favor do cultivo (PIAIA, 2015, p. 151).

Deste modo, tanto na fala de Pompeu, como no texto de Piaia, está presente a percepção que os madeireiros eram dotados de um preparo para exercer a atividade a agrícola, constituindo esses em seres únicos: "madeireiro-agricultores".

É evidente na entrevista de Pompeu e na historiografia local, uma percepção de ordenamento progressivo, na qual a passagem de uma atividade econômica para outra ganha um ar natural e mecânico, que garantiria o progresso, esse entendido com uma certeza na melhora. No entanto, essa percepção desconsidera o contrário do progresso, que são suas incertezas e que sempre o acompanham: a decadência e a degradação (MORIN, 2005, p. 97).

Assim, temos problemas socioambientais causados pelas ações dos "madeireiro-agricultores", alguns observados por Pompeu (2013, s/p), como: "é próprio do gaúcho ser cigano né". A continuidade do "desmatamento civilizador" em outros biomas do Brasil, com a abertura de novas "fronteiras agrícolas" é responsável pela perda da biodiversidade, pela morte de indígenas, conflitos rurais, etc.

Analisaremos agora a entrevista realizada com Lurdes Zancanaro Manica. Em sua narrativa existem elementos que descrevem uma produção agrícola e uma alimentação, em moldes diferentes das operantes na atualidade. Deste modo, ao falar sobre a morte de familiares, narrou:

> Lurdes Zancanaro Manica (2018, s/p): É morre os mais novos e ficam os mais velhos, que comeram mais feijão [risos]. Eles guentam mais, é que eu acho que agora tá mais difícil por causa dessas coisas, muito veneno, muito veneno, por que a gente, no tempo da gente, plantava, era feijão sem veneno, milho sem veneno, não se colhia nada com veneno. Agora hoje em dia plantam tudo e matam tudo com veneno, pra depois colher.

Segundo Milton Santos (2004, p. 88): "Desde o princípio dos tempos, a agricultura comparece como atividade reveladora das relações profundas entre as sociedades humanas e o seu entorno". Deste

modo, através da agricultura: do plantar, colher e se alimentar, mas, também, a partir da comparação do passado com o presente, sendo o passado valorizado, a entrevistada percebeu as mudanças nessas relações dos humanos com o seu entorno.

Essas mudanças, que se somam a outras alterações socioambientais, são fruto da modernização da agricultura, estabelecida, sobretudo, após o golpe de 1964 no Brasil, e acarretaram na instalação de "uma agricultura propriamente científica, responsável por mudança profundas quanto à produção agrícola e quanto à vida de relações" (SANTOS, 2004, p. 88). Também, tornaram o Brasil, "nos dias de hoje, o maior consumidor mundial de agrotóxicos" (ALENTEJANO, 2012, p. 480) e o município Cascavel, um dos primeiros no Estado do Paraná nesse consumo[38].

Para a entrevistada essas mudanças observadas na agricultura ocasionam impactos na saúde humana. Segundo o *Atlas do Agronegócio*, as intoxicações agudas por agrotóxicos (ou veneno) "afetam principalmente as pessoas expostas em seu ambiente de trabalho", ou seja, trabalhadores agrícolas como Lurdes Zancanaro Manica, ou agricultores. Entre os sintomas dessas intoxicações, estão: "[...] irritação da pele e dos olhos, coceira, vômitos, diarreias, dificuldades respiratórias, convulsões e morte" (SANTOS; GLASS, 2018, p. 22).

No entanto, os agrotóxicos, também acarretam em intoxicações crônicas, sendo essas "[...] decorrentes da presença de resíduos de agrotóxicos em alimentos e no ambiente, geralmente em doses baixas", assim, afetado toda população. Alguns danos desses tipos de intoxicações são: "infertilidade, impotência, abortos, malformações, neurotoxicidade, desregulação hormonal, efeitos sobre o sistema imunológico e câncer" (SANTOS; GLASS, 2018, p. 22).

O dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) também apresenta através de pesquisas os impactos do uso de agrotóxicos na saúde. Segundo o dossiê "um terço dos alimentos consumidos cotidianamente pelos brasileiros está contaminado pelos agrotóxicos", além disso, "parte dos agrotóxicos utilizados tem a capacidade de se dispersar no ambiente, e outra parte pode se acumular no organismo humano, inclusive no leite materno" (CARNEIRO et al, 2015, p. 58; 74). No entanto:

> Há muitas lacunas de conhecimento quando se trata de avaliar a multiexposição ou exposição combinada a agrotóxicos. A grande maioria dos modelos de avaliação de risco serve para analisar apenas a exposição a um princípio ativo ou produto formulado, ao passo que no mundo real as populações estão expostas a misturas de produtos tóxicos cujos efeitos sinérgicos (ou de potencialização) são desconhecidos ou não são levados em consideração. Além da exposição mista, as vias de penetração no organismo também são variadas, podendo ser oral, inalatória e ou dérmica simultaneamente. Essas concomitâncias não são consideradas nos estudos experimentais mesmo diante da possibilidade de que exposições por diferentes vias

[38] Dados referentes ao ano de 2013. Disponível em: <http://www.saude.ufpr.br/portal/observatorio/monitoramento/mapas-do-consumo-de-agrotoxicos-no-parana/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

> modifiquem a toxicocinética do agrotóxico, podendo torna-lo ainda mais nocivo (CARNEIRO et al, 2015, p. 76).

Considerando essas questões, provavelmente, as percepções apresentadas por Lurdes Zancanaro Manica, não são totalmente baseadas na "ciência moderna", elas operam mais com base em seu conhecimento, composto de suas vivências em sociedade, do trabalho na agricultura e das relações a partir do passar do tempo. Podemos pensar no que escreveu Arruda (2000, p. 60):

> A apreensão dos fenômenos da natureza, hoje em mãos do discurso científico, como a meteorologia, geologia, cartografia, etc., também pode ser pensada em termos de uma tradição baseada na experiência. É válido lembrar o "notório" saber que os "antigos" tinham sobre os fenômenos naturais, seu senso de direção e orientação espacial, que foi sistematicamente negado pela "ciência". Esses saberes populares fazem parte de um conjunto maior que poderíamos chamar de "memória coletiva da natureza", ou de "horizonte espacial coletivo" e, como tal, propiciar ao historiador um rico veio de pesquisa sobre a "mentalidade popular" e suas relações conflituosas com os "saberes científicos", ou com os valores da modernidade.

Assim, os elementos que descrevem uma produção agrícola e uma alimentação, em moldes diferentes das operantes na atualidade, vão aparecer mais vezes na narrativa de Lurdes Zancanaro. Deste modo narrou:

> Lurdes Zancanaro Manica (2018 s/p): A minha mãe mesmo morreu com essa idade e não se via uma latinha de comida comprada dentro da casa dela, morava no sítio, daí ela fazia, se era pra fazer um doce era das frutas dela lá e daí tinha tudo, a hortinha, tinha de tudo lá na horta e era pouquinha terra que eles tinham, só tinham três alqueires, depois que o falecido pai morreu, eles sempre arrendavam terra, mais depois ficou só o meu irmão com a mãe, daí eles se viraram naquele [terreno] mesmo, pedacinho de terra, dava pra viver.
> Daniele Brocardo: E plantavam o que seus pais? O que eles plantavam mais?
> Lurdes Zancanaro Manica**:** O tempo que nós era solteiro lá, que eu morei 21 anos junto só depois casei, nós sempre plantava arroz, até poucos anos eles plantavam arroz, arroz, feijão, era milho, daí a gente plantava fumo também, daí mudou pro fumo também. [...].
> Lurdes Zancanaro Manica**:** Não se usava nada de veneno, nem nas muda de fumo, era tudo plantado sem veneno e plantava tudo sem veneno e o falecido pai tinha muita abelha. Daí nós tinha bastante abelha, dava muito mel.

Zancanaro Manica (2018, s/p) narrou também que essa produção era vendida para os vizinhos ou consumido pela própria família. Portanto, o modo de produção agrícola descrito: de subsistência, de policultura e marginal aos princípios do mercado, é muito diferente do operante no presente. Nesse, em oposição, a produção segue a lógica total do mercado, voltada para exportação de monoculturas, com uso excessivo de venenos. Ou como escreveu Milton Santos (2004, p. 89):

> Nas áreas onde essa agricultura científica globalizada se instala, verifica-se uma importante demanda de bens científicos (sementes, inseticidas, fertilizantes, corretivos) e, também, de assistência técnica. Os produtos são escolhidos segundo uma base mercantil, o que também implica uma estrita obediência aos mandamentos científicos e técnicos. São essas condições que regem os processos de plantação, colheita, armazenamento, empacotamento, transportes e comercialização, levando à introdução, aprofundamento e difusão de processos de racionalização que se contagiam mutuamente, propondo a instalação de sistemismos, que atravessam o território e a sociedade, levando, com a racionalização das práticas, a uma certa homogeneização.

Tal homogeneização também passa fazer parte da alimentação da população. Já que: "estima-se que os povos pré-históricos alimentavam-se de mais de 1.500 espécies de plantas e que pelo menos 500 dessas espécies e variedades têm sido cultivadas ao longo da história. Atualmente, apenas 30 vegetais cultivados perfazem 95% da dieta humana, e o trigo, arroz, milho e soja representam mais de 85% do consumo de grãos" (MAICÁ, 2012, p. 700). Temos, portanto, uma transformação na alimentação humana, que é parte de uma transformação na paisagem.

Essas transformações na alimentação humana foram percebidas pela entrevistada, a partir das lembranças sobre sua mãe. E foi a partir da Revolução verde que tinha como objetivo "intensificar a oferta de alimentos [...] a fim de solucionar a fome no mundo, visto que na época se considerava a pobreza, e principalmente a fome, como um problema de produção" (PEREIRA, 2012, p. 687), que tivemos essas mudanças na alimentação humana.

A Revolução verde, além de não acabar com a fome no mundo – visto que esse problema não está na quantidade de alimentos produzidos, mas na desigual distribuição – ainda inseriu: "os organismos geneticamente modificados que hoje dominam boa parte da agricultura também trouxeram incertezas e preocupações por parte, principalmente, dos consumidores, que temem pela sua saúde com o consumo de organismos transgênicos" (MENDONÇA, 2014, p. 2). Além disso:

> O refinamento dos alimentos, o "empacotamento" dos mesmos, o crescimento e maturação forçados, o uso de produtos químicos, organismos geneticamente modificados (OGMs), e entre tantas outras transformações vieram para acelerar todos os processos, deixar os alimentos aparentemente mais bonitos, com maior durabilidade, com maior praticidade (semi-prontos ou prontos) enquanto que a produção natural de cultivares de espécies animais e vegetais reduzem o seu tempo natural de desenvolvimento. [...] (CONTE, 2016, p. 71).

Para pensarmos essas mudanças, podemos analisar, como exemplo, a produção de fumo (tabaco), como foi descrita por Zancanaro Manica e como ocorre no presente, após os efeitos da Revolução verde. Se antes na produção não se utilizava agrotóxicos, atualmente, "são usados em média 60 litros de agrotóxicos por hectare dessa lavoura" (SANTOS; GLASS, 2018, p. 22). Além disso, na descrição, o fumo, como as demais culturas, era consumido pela própria família ou vendido para os

vizinhos, hoje a produção de fumo no sul do Brasil ocorre, sobretudo, com controle total das empresas de tabaco, no Sistema Integrado de Produção do Tabaco (SIPT), descrito por alguns autores como servidão moderna (ALMEIDA, 2005), pois:

> [...] As atividades são realizadas manualmente, exigindo a execução de movimentos repetitivos e a adoção de posturas forçadas durante longos períodos, que implicam distúrbios osteoarticulares. Exceto durante as etapas de cura/secagem e pré classificação, todas as demais atividades são realizadas sob céu aberto, expondo as pessoas envolvidas às intempéries e ao risco de adoecimento por doenças provocadas pela radiação solar, como câncer de pele. A larga utilização de agrotóxicos, de diversas classes toxicológicas, expõe as famílias produtoras ao risco das intoxicações agudas e crônicas. Os trabalhadores e as trabalhadoras ficam expostos à nicotina presente nas folhas do tabaco, principalmente na época da colheita, o que resulta na doença da folha verde do tabaco. [...].
> O Sistema Integrado de Produção do Tabaco (SIPT) regula as relações entre famílias produtoras e as empresas fumageiras, por intermédio de contratos de compra e venda da produção. Por meio desse contrato cabe às empresas a governança das atividades, com fornecimento de insumos (agrotóxicos, fertilizantes etc.), prestação de assistência técnica e classificação final do produto para o pagamento da produção, entre outras obrigações. [...] (MARCELO, 2017, p. 49).

Assim, nessa nova forma de produção do fumo[39] os agricultores além de estarem sujeitos aos problemas de saúde, causados pelos agrotóxicos e a nicotina, ainda tem sua produção limitada pelos interesses das empresas que estabelecem contrato para a venda do produto.

A entrevistada demostrou ter uma percepção bastante crítica sobre essas mudanças. É interessante pensar porque Zancanaro conectou a produção de alimentos com a criação de abelha. Será que ela tem conhecimento que são esses insetos os principais responsáveis pela polinização, tanto dos remanescentes de florestas, como de plantas cultivadas? Mas, também, que a ciência atual, aponta o uso de agrotóxicos em larga escala como o causador do desaparecimento de várias espécies de abelhas e que a "[...] segurança alimentar global está ameaçada pelo declínio das abelhas manejadas e pela perda de polinizadores selvagens, no Brasil chamadas de abelhas indígenas sem ferrão [...]" (NOCELLI et al, 2012, p. 199). Talvez novamente suas percepções estejam mais baseadas em suas vivências e menos na "ciência moderna".

Considerações

[39] Para informações sobre a produção de fumo, na atualidade, associada ao uso de agrotóxicos, ver: REIS et al. O uso de agrotóxicos na produção de fumo: algumas percepções de agricultores da comunidade Cândido Brum, no município de Arvorezinha (RS). In: SOBER CONGRESSO, 47, 2009, Porto Alegre. **Apresentação oral**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 1-20. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/13/844.pdf>. ASCARI, R. A.; SCHEID, M; KESSLER, M. Fumicultura e a utilização de agrotóxicos: riscos e proteção da saúde. **Revista Contexto & Saúde**, 2012(23), 41-50. Disponível em:<https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1840> Acesso em 04 abr. 2019.

Tanto a entrevista de Alberto Rodrigues Pompeu, como a de Lurdes Zancanaro Manica, possibilitam outras análises, para além dos interesses dessa pesquisa. No entanto, quando se trata de pensar as transformações na paisagem, ambas também fornecem muitos elementos, no entanto, de forma diferenciada.

Na fala de Pompeu as ações das madeireiras aparecem como responsável por trazer a tecnologia, modernidade e progresso, a partir do domínio sobre a natureza. Mas, isso não ocorreu sem que ocorresse algum custo, porém esses são vistos como necessários. Já a narrativa de Zancanaro Manica possibilita pensar as transformações na paisagem, e como isso alterou a alimentação e a saúde dos seres humanos. Além disso, sua fala possibilita analisar as diferentes vivências de uma trabalhadora do meio rural.

Referências

ADAMY, Irene Spies. **Formação e organização política da classe dominante agrária***:* A sociedade Rural do Oeste do Paraná. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2010.

ALENTEJANO, Paulo. Modernização da Agricultura. In: CALDART, Roseli Salete et al (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.479-483.

ALMEIDA, G. E. G. **Fumo:** servidão moderna e violação de direitos humanos. Curitiba: Terra de Direitos, 2005.

ARRUDA, Gilmar. Representações da natureza: história identidade e memória. In: ROLIM, Rivail C.; PELEGRINI, Sandra A.; DIAS, Reginaldo (Orgs.). **História, espaço e meio ambiente.** Maringá: ANPUH-PR, 2000. p. 43-65.

BROCARDO, Daniele. **Memórias sobre o Processo de Desmatamento e da Ação de Madeireiras na Região de Cascavel / PR (1950-1970)**. 2012. 50 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.

CARNEIRO. F. F. et al (Orgs.). **Dossiê ABRASCO**: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro/ São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CONTE, Franciéli Aline. Efeitos do consumo de aditivos químicos alimentares na saúde humana. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 181, ano 26, p. 69-81, 2016.

FREITAG, Liliane da C. Região Editada: história territorial em narrativas de Paraná. In: SALES, J. R.; FREITAG, L.; FILHO, M. (Orgs.). **Região:** espaço, linguagem e poder. São Paulo: Alameda, 2010, p. 53-70.

KHOURY, Yara A. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R. de; KHOURY Y. A.; MACIEL, L. A. **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d' Água, 2006. p. 22-43.

MAICÁ, Eitel Dias. Sementes. In: CALDART, Roseli Salete et al (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro/São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 699-706.

MARCELO, Moreno dos Reis, et al. Conhecimentos, atitudes e práticas de agricultoras sobre o processo de produção de tabaco em um município da Região Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, vol. 33, p. 148-161, 2017.

MENDONÇA, Fernanda Graebin. **Alimentos transgênicos x alimentos de qualidade:** os desafios jurídicos para a garantia do direito humano à segurança alimentar. 2014. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=9fa382e159884a63>. Acesso em: 20 fev. 2019.

MILAN, Elisana; MORO, Rosemeri Segecin. O conceito biogeográfico de ecótono. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 75-88, jan./jun. 2016.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NOCELLI, R. C. F. et al. Riscos de Pesticidas sobre as Abelhas. In. Semana dos Polinizadores, 3, 2012, Petrolina **Anais.** Palestras e resumos: Embrapa Semiárido. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/69299/1/Roberta.pdf>. Acesso: 26 abr. 2019.

PEREIRA, M. C. de B. Revolução Verde. In: CALDART, Roseli Salete et al (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 687-691.

PEREIRA NETO, André de Faria; MACHADO, Bárbara Araújo; MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral no Brasil: uma análise da produção recente (1998/2008). **História Oral**: Revista Associação Brasileira de História Oral, Rio de Janeiro, v 10, n. 2, p. 113-126, jul./dez. 2007.

PIAIA, Vander. **Terra, sangue e ambição**: a gênese de Cascavel. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, M; GLASS, V. (Orgs.). **Atlas do Agronegócio**: fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2018.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SPERANÇA, Alceu; SPERANÇA, C. **Pequena História de Cascavel e do Oeste.** Cascavel: J. S. Impressora Ltda., 1980.

_____. **Cascavel:** a história. Cascavel: Positiva, 2011.

THOMSON, Alistair. Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Proj. História**, São Paulo, 15, p. 51-84, abr. 1997.

_____. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: ALBERTI, Verena, FERNANDES, Tania Maria, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **História oral:** desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 47-65.

Fontes:

Entrevista concedida por Alberto Rodrigues Pompeu a Daniele Brocardo e Nilceu J. Deitos. Cascavel/PR, casa do entrevistado, em 22 de março de 2013. s/p.

Entrevista concedida por Lurdes Zancanaro Manica a Daniele Brocardo. Distrito de Juvinópolis – Cascavel-PR, casa da entrevistada, em 17 de abril de 2018. s/p.

"COMO BARRO NAS MÃOS DO OLEIRO": A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA IMAGEM DOS CANDIDATOS CARISMÁTICOS PELO MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA EM 2014 NO PARANÁ

Fábio Alexandro Sexugi[40]
Frank Antonio Mezzomo[41]
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro[42]

"Eu quero ser, Jesus amado, como barro nas mãos do oleiro. Rompe minha vida e faz-me de novo. Eu quero ser... Eu quero ser um vaso novo" (RCC/BRASIL, 2003, p. 37). Com tal petição – tradicional corinho[43] pentecostal que reproduz um versículo deuterocanônico[44] –, cantada fervorosamente de mãos levantadas diante do sacrário, numa espécie *sui generis* de ato penitencial, os católicos vinculados à Renovação Carismática Católica (RCC) sinalizam, desde há exatos 50 anos no Brasil, sua disposição em assumir a condição de "homem novo" (At 4,22), como os carismáticos costumam chamar a si, após a experiência mística e pessoal do Batismo no Espírito Santo.

Tal cântico evangélico é tão popular entre os carismáticos que permanece, desde 1987, sob o número 340 em todas as edições anuais do Louvemos o Senhor, hinário carismático, conhecido pela capa que exibe uma imagem de Nossa Senhora de Pentecostes. Ao trazê-lo para o título desse artigo – que brota da nossa dissertação de mestrado sobre a eleitoralização do movimento carismático paranaense (SEXUGI, 2019) e das discussões do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder –, queremos sinalizar a importação não apenas do cancioneiro pentecostal pela RCC, mas, sobretudo, de uma prática muito comum desde a redemocratização (1985): a vocação das urnas, isto é, a inserção política de agentes religiosos nas principais casas legislativas do país.

[40] PPGSeD, Unespar, sexugi@gmail.com.
[41] PPGSeD, Unespar, frankmezzomo@gmail.com.
[42] PPGSeD, Unespar, crispataro@gmail.com.
[43] O cântico "Vaso Novo", amplamente utilizado pelos carismáticos em suas celebrações desde a década de 1980, foi composto em 1960 pelo Pr. Nilton Tuller de Maringá (PR) que, à época, estava vinculado à Igreja Presbiteriana Renovada (JUNIOR, 2015). Nas primeiras edições do hinário carismático e do LP Louvemos o Senhor, produzido pela Associação do Senhor Jesus (ASJ), o corinho – nome dado pelos pentecostais a seus hinos breves de louvor – recebe o número figurava como sendo de autoria desconhecida. A partir da edição de 2003, faz-se menção ao compositor, ainda que seu nome tenha sido grafado como "Newton" e sem, todavia, citar sua condição de pastor evangélico.
[44] "Como o barro está nas mãos do oleiro, que o amolda e o dispõe, dando-lhe todas as formas que deseja, assim é o homem na mão de quem o criou, e que lhe retribuirá segundo o seu juízo": o versículo encontra-se no Livro do Eclesiástico, capítulo 33, versículos 13 e 14. Deuterocanônico, o livro consta apenas nas bíblias católicas, uma vez que os evangélicos consideram-no apócrifo.

Certamente, os pregadores Diego Garcia (PHS / Maringá), Evandro Araújo (PSC / Marialva), Jura (PSD / Siqueira Campos) e Gessani (PP / Foz do Iguaçu) – escolhidos pelo Ministério Fé e Política (MFP) da RCC para representar oficialmente o movimento católico nas eleições proporcionais de 2014 – ter entoado muitas vezes esse cântico e, provavelmente, não apenas por isso consentiram ser (re)modelados politicamente por esse segmento religioso que tem conseguido, com relativo êxito, conjugar missa e comício, púlpito e palanque, no melhor estilo Jesus-Genésio, para apresentar aos fiéis-eleitores uma imagem sacroeleitoral sedutora que se pretendia entronizar nas casas de lei nas eleições daquele ano: a do primeiro, como candidato a deputado federal; a dos demais, estaduais.

Em verdade, especialmente, a partir do pleito de 2014 no Paraná, a RCC tem concentrado esforços para reverberar suas pautas na Assembleia Legislativa do Estado (Alep) e no Congresso Federal – epicentros do poder civil no Paraná e no Brasil –, adotando estratégias eleitorais, até então, inéditas nessa variante de catolicismo, de maneira a impulsionar suas candidaturas, de tal forma que o envolvimento institucional do movimento católico naquilo que é de César, ou seja, na política, pela primeira vez no Paraná – quiçá, no Brasil – não partiu unilateralmente dos candidatos, mas do próprio segmento religioso, convertendo sacristias em verdadeiros comitês partidários, ou melhor, em olarias eleitorais.

A matéria prima utilizada nesse empreendimento quase artesanal – isto é, os candidatos anteriormente mencionados – foi amassada por muitas mãos – lideranças estaduais do movimento carismático – que, no âmbito do MFP, cuidaram desde a logística ao *marketing* eleitoral, de modo a apresentar aos frequentadores dos grupos de oração, durante suas cerimônias – físicas e virtuais – um ícone ideal de político ungido pelo Espírito Santo e, portanto, digno de votos. As fontes consultadas demonstraram que para os carismáticos paranaenses, líderes ou liderados, a sujeição a tal (re)construção da imagem pública dos candidatos é premissa inevitável para que as línguas de fogo que o Espírito Santo soprou sobre o Cenáculo de Jerusalém no Dia de Pentecostes também invadisse o parlamento.

Assim, se os ungidos consentiram expressamente acatar as deliberações da coordenação estadual da RCC nessa questão menos augusta – como costuma ser tradicionalmente considerada a política eleitoral pelos católicos – é natural que o movimento eclesial se ocupasse, entre outras coisas, do visual de seus escolhidos e da própria imagem pública, "ou não tem o oleiro poder sobre o barro para fazer da mesma massa um vaso de uso nobre e outro de uso vulgar?" (Rm 9,21).

"Amassando com fadiga a terra mole"[45]: signos religiosos e hagiografia na modelagem da imagem pública dos candidatos

[45] Excerto bíblico do Livro da Sabedoria, capítulo 15, versículo 7.

Se religião é imagem, política também o é. Não por acaso, antes de incensar seus ungidos nos andores políticos da RCC, o MFP desenhou o ícone eleitoral de cada um, "pois o homem olha para o que está diante dos olhos" (1Sm 16,7). De modo estratégico – com maior ou menor profusão, como veremos adiante –, não apenas a imagem pública dos pregadores avalizados foi politicamente (re)modelada para, na nossa leitura, imprimir-lhes visibilidade e crédito na caça aos votos, como também elementos imagéticos sagrados foram politicamente engendrados no *marketing* de campanha para, cremos, sinalizar um alegado chamado divino. Percebe-se, portanto, uma tentativa latente de construção de um *habitus* (BOURDIEU, 2007) aos quatro escolhidos, a partir da acumulação do capital simbólico face aos campos eleitoral e religioso, para que os ungidos sejam capazes de encarnar, na tribuna parlamentar, a representação religiosa do movimento carismático e, no púlpito, sua expressão política (MANDUCA, 2017), de forma que o hábito carismático – costurado a muitas mãos e consagrado por vários hissopes – fará, alegoricamente, monge e político.

Vale salientar que o processo de construção da imagem pública dos políticos em vista da campanha eleitoral tem despertado o interesse dos pesquisadores (GANDIN, 2010; JORGE, 2013; MANDUCA, 2017; SCHÜLER, 2015; SILVA, 2011), uma vez que, do nosso ponto de vista, configura um fator vultuoso para alcançar vida política além-urna.

Assim, a campanha desses candidatos carismáticos de 2014 foi integralmente idealizada pelo MFP, numa instância recém-criada a que se deu o nome de "Núcleo Central" (RCC/PR, 2013, p. 23). Coube, portanto, a essa equipe tanto a confecção da batina eleitoral quanto do perfil de seus sacerdotes da política que a endossariam, o que compreende a criação do material de propaganda que, no caso dos candidatos em questão, pelo que encontramos nas mídias sociais, corresponde a: santinhos impressos e virtuais; *perfurades* (ou seja, adesivos perfurados que se afixam no vidro traseiro de veículos) e adesivos menores com o mesmo *design* gráfico dos santinhos; e panfletos biográficos e testemunhais. Além desse material, também selecionamos, como objeto de nossa diligência, fotos que foram divulgados nas redes sociais, por meio do qual divulga o apoio recebido de clérigos e leigos ligados à RCC, bem como sua pertença ao meio carismático.

No recorte a ser analisado, é notória a tentativa de produção de sentido, a partir da apropriação de um verdadeiro rosário de arquétipos semióticos, por meio do qual se pretende fixar a imagem de candidato da Igreja (MIRANDA, 2006), ou melhor, "candidato da Renovação", *slogan* presente no material de divulgação dos candidatos, legitimando não apenas seu ingresso na vida pública e a intenção de renová-la, mas, sobretudo, sua pertença ao movimento carismático. É o que evidencia a Imagem 1, em que o aspirante a depurado federal – que, na foto, se posta como padre – é apresentado como "o candidato da Renovação" – em maiúsculo –, do que pode se inferir, além da pretensão de mudar a política, seu vínculo com o movimento católico. Isso também acontece com os candidatos a deputados

estaduais: Evandro Araújo (Imagem 2) e Gessani (Imagem 3), que exibem a mesma inscrição, "É Renovação", novamente em maiúsculo. Numa ótica, a legenda – igualmente ambígua – pode imprimir nos candidatos tanto uma capacidade de renovar o campo político, como, sobretudo, evidenciar nos eleitores carismáticos que estes homens vinculam-se ao mesmo segmento religioso dos possíveis eleitores e, portanto, merecem o voto. Embora corrente, a ambiguidade lexical na política, cabe o parêntesis, remonta à época em que *ecclesia*, principal assembleia da democracia em Atenas, ainda não denotava igreja (ERMAN, 2009).



Imagem 1 – Santinho de Diego Garcia
Fonte: Blog do Claudeci[46].



Imagem 2 – Santinho de Evandro Araújo
Fonte: Perfil de Reinaldo Batista no Facebook[47].



Imagem 3 – Santinho de Gessani
Fonte: Perfil de Gessani no Facebook[48].



Imagem 4 – Santinho de Jura
Fonte: Perfil de Ironi Spundaro no Facebook[49].

[46] Disponível em: <http://bit.ly/2HvDWfP>. Acesso em: 25 jan. 2019.
[47] Disponível em: <https://goo.gl/3fxspE>. Acesso em: 25 jan. 2019.
[48] Disponível em: <https://goo.gl/7VCGVP>. Acesso em: 25 jan. 2019.
[49] Disponível em: <https://goo.gl/HETTm6>. Acesso em: 25 jan. 2019.

No material dos dois primeiros – Garcia (Imagem 1) e Evandro (Imagem 2), que se elegeriam naquele pleito – verifica-se a presença de símbolos religiosos, como também se verá mais à frente, malgrado um maior comedimento, no material de Gessani e Jura. Seja como for, ao empregar signos católicos para autenticar o discurso eleitoral, intenciona-se, conforme a semântica da semelhança do século XVI, pormenorizada por Foucault (2000, p. 24), relacionar gradativamente, nas extremidades do sentido das coisas e das paixões, *pro convenientia*, diferentes elementos, de "sorte que, nessa articulação das coisas, aparece uma semelhança". Há aí uma (dis)simulação do sistema de representações da religião, visando a impor, de acordo com Bourdieu (2007, p. 33), um pensamento do mundo social, "cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política" vende-se como alicerce "natural-sobrenatural". Ademais, em sua Gênesis eleitoral no Édem da gralha azul, no ímpeto de acender – *fiat* – sua luz sobre os membros da RCC e ascender – *dominamini* – seu poder hierárquico do religioso ao secular, o emprego engenhoso de símbolos católicos pelo MFP corrobora a afirmação de Bourdieu (1994, p. 12) de que "a aptidão para manipular legitimamente o maior número de usos diferentes dos signos, cresce quando nos elevamos na hierarquia social".

A comunhão entre significantes sólidos da religião e do sufrágio – matéria-prima – esculpe um simulacro que, autoalusivo (BAUDRILLARD, 1991), se convém resistente. Isso porque "*forte lignum et inputribile elegit artifex sapiens quærit quomodo statuat* ***simulacrum*** *quod non moveatur*"[50] (Is 40,20, grifo nosso). E o que dá robustez a esse simulacro sacro-eleitoral não é senão a manipulação perspicaz de elementos discursivos religiosos por agentes políticos no processo de construção de suas campanhas.

Esse fenômeno, na verdade, tem sido objeto de investigação nas Ciências Humanas e Sociais: Bem e Tadvald (2014) analisam a "Apropriação da discursividade religiosa pelo campo político", buscando compreender as imbricações entre o religioso e o político na campanha de um candidato a vereador de Porto Alegre; Jorge (2013) investiga o *ethos* discursivo e o apelo religioso que sustentaram uma campanha eleitoral de Mauá; Nicola (2013, tradução nossa) se debruça "Sobre o uso dos símbolos na política"; Gandin (2010), por sua vez, todavia, esclarece que "A sacralização do político" não é um fenômeno recente e dá como exemplo o fato de que, no Brasil, o material básico de *marketing* eleitoral recebe o nome de "santinho".

É, aliás, sobre o santinho de Diego Garcia (Imagem 5) – adesivado como *perfurade* no vidro traseiro dos carros e difundido por páginas oficiais da RCC/PR no Facebook e compartilhada à exaustão por seus membros, que o utilizavam como capa em seus respectivos perfis pessoais na referida rede social – que volvemos nossa primeira análise.

[50] Versão latina de São Jerônimo do fragmento bíblico: "O artista sábio que esculpe um simulacro escolhe madeira forte e imputrefável para que não balance" (tradução nossa).



Imagem 5 – Santinho de Diego Garcia
Fonte: Página do Ministério Jovem – RCC/SJP[51].

O primeiro elemento a se constatar no seu prospecto é a adoção predominante do azul em detrimento total do vermelho, cor característica do PHS, numa provável tentativa de afastar do imaginário dos fiéis-eleitores quaisquer vínculos com ideais e partidos de esquerda, pelas razões já abordadas anteriormente.

Convém destacar, contudo, que o azul não está disposto a esmo. Antes, parece colorir uma espécie de capa celeste orlada por uma faixa amarela, quase dourada, que atravessa horizontalmente a publicação: uma indireta evocação da figura de Nossa Senhora, cujo manto como que protege o candidato, outorgando-lhe sua santa autorização. É que a presença mariana no ambiente carismático é de tal modo forte que não há quem se ame mais, depois de Deus, senão a Virgem Maria, cuja devoção tem servido, numa perspectiva, "para demarcar as fronteiras entre o catolicismo e o pentecostalismo e, em certa medida, reforçar a identidade religiosa dos carismáticos" (MACHADO, 1996, p. 48).

Se o relacionamento filial e afetivo com a Mãe de Jesus entre os católicos já é notório, nos grupos de oração da RCC, é tão íntimo e direto, que se faz experiência da sua maternidade espiritual também de forma mística, pentecostal: segundo o Novo Testamento, Maria foi a primeira pessoa a receber o Espírito Santo (Lc 1,35) e, perto dela, Isabel (Lc 1,41) e os Apóstolos (At 1,14) igualmente tiveram a mesma experiência, respectivamente na Visitação e no Dia de Pentecostes. Converte-se assim, no sacrário de signos carismáticos, em "uma companheira com quem se deveria rezar" (SOUZA, 2013/2004, p. 74) para alcançar a mesma intimidade sobrenatural com Deus.

Se a alusão indireta à Virgem no impresso confirma o enraizamento do candidato ao grupo social que pretende representar no legislativo federal, mais ainda o fará o Espírito Santo, simbolizado iconograficamente por uma tradicional pomba branca. Ela aparece em destaque, abrindo suas asas sobre a figura sorridente de Garcia. O signo imprime o vínculo do candidato com essa forma de catolicismo e

[51] Disponível em: <http://fb.com/jovemrccsjp>. Acesso em: 25 jan. 2019.

dialoga com a famosa profecia de Isaías: "O espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor consagrou-me pela unção" (Is 61,1). Ele é o líder "provocado por Deus" (RCC/PR, 2013, p. 6) para representar seu povo. Enquanto a pomba ganha proeminência na publicação, o nome da coligação e a logomarca do partido, ao contrário, de presença obrigatória pela legislação eleitoral, figuram desapercebidos perifericamente: não convém pompear elos com partidos políticos, já que são as instituições menos confiáveis entre os brasileiros[52]. Além disso, se o PHS é uma sigla de pouca capilaridade social, sem bandeira histórica, situado entre os que são chamados de partidos de aluguel, emoldurá-lo por quê? Nesse caso, é preferível e estratégico evocar a identidade carismática de Garcia, cuja candidatura é endossada pelo MFP do Paraná.

É, a propósito, nesse sentido que se justapõe, sobre fotos monocromáticas com apoiadores, a citação bíblica: "porque a vitória no combate não depende do número, mas da força que desce do céu" (1Mc 3,19). A sentença é rica de polissemia: o "número" (quer se refira ao da legenda partidária do candidato, quer reporte à quantidade de cabos eleitorais voluntários) não é importante. Fundamental mesmo é que o aspirante ao parlamento seja capacitado pela força divina. Cumpre ressaltar que a escolha em particular desse versículo entre tantos similares (1Sm 14,23; 2Sm 22,51; Sl 18,35; Sl 20,6; Sl 60,12; Sl 108,13; Sl 118,15; Sl 149,4; Pv 20,22; Pv 21,31; Os 1,7; 1Cor 15,57; 1Jo 5,4; etc) não se deu por acaso: I Macabeus é um dos sete deuterocanônicos que figuram exclusivamente nas bíblias católicas. Além disso, seu enredo é um paralelo curioso do que pretendem os cristãos – não só católicos – na política: em outras palavras, fazer com que a nação (no cenário bíblico, a grega) seja impregnada pela cultura judaica. "Levantemos nossa pátria de seu abatimento e lutemos por nosso povo e nossa religião" (1Mc 3,43). Esse versículo adereça outros santinhos similares de Diego e é utilizado pela RCC/Brasil (2016, p. 9) para justificar seu aval à "participação na política daqueles que se sentem chamados a trabalhar em cargos eletivos".

Tampouco a tradução do excerto bíblico empregada no *folder*, a da Editora Ave Maria, é casual: trata-se da bíblia oficial dos carismáticos, uma versão pré-conciliar de linguagem mais erudita, traduzida da Vulgata de Jerônimo, e voltada ao uso devocional. Os membros das pastorais sociais preferem o texto coloquial da Edição Pastoral publicada pela Paulus, vertido dos originais, e com notas de rodapé baseadas na perspectiva da Teologia da Libertação. Assim, o versículo empregado pelo MFP no recorte observado serve para carimbar a pertença do candidato a essa modalidade específica de catolicismo mais intimista e espiritual, menos progressista e reformador (SEXUGI; MEZZOMO; PÁTARO, 2018).

[52] De acordo com pesquisa encomendada pela Confederação Nacional de Transporte (CNT), em parceria com o instituto MDA, e divulgada em julho de 2015, os partidos políticos são as instituições menos confiáveis, com apenas 0,1%. Para 53,5% dos pesquisados, a Igreja é a instituição mais confiável do Brasil.

Vale destacar, para além disso, que a imagem mesma do jovem pregador, nos materiais de campanha, passa a ser outra. O estilo despojado, reconhecível pelo boné promocional e pela camiseta esportiva que usa na Imagem 6, habitual até sua unção durante a assembleia em Apucarana em 2013, deve dar lugar, no homem novo a ser estampado nos santinhos, à camisa social que emoldura uma cruz peitoral, blazer escuro e muito gel fixador no cabelo, retratados na Imagem 7. Não fosse a ausência do *clergyman*, diríamos tratar-se da imagem tradicional de um padre. Para Garcia, "passou o que era velho; eis que tudo se fez novo!" (2Cor 5,17). O Diego político que a RCC apresenta ao público tem outro perfil, que passa a ser adotado desde então.



Imagem 6 – Garcia na 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude
Fonte: Perfil no Facebook de membro da RCC[53].



Imagem 7 – Garcia no horário eleitoral obrigatório.
Fonte: Canal de Diego Garcia no YouTube[54].

Salta aos olhos, ainda analisando seu material de campanha (Imagem 1 e 7), o fato de que o candidato passa a exibir, doravante, uma cruz peitoral dourada que possui proporções episcopais. Sobre o peito de um bispo, o crucifixo do tamanho do ostentado representa uma das insígnias da sua autoridade, que "não é um ornamento para vestir" (FRANCISCO, 2017), "nem joia, mas símbolo precioso da fé e do sinal visível e material do ligame com Cristo" (BENTO XVI, 2008, tradução nossa).

O uso de insígnias, de acordo com as deliberações do Concílio Vaticano II (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, parágrafo 130) é privativamente "reservado às pessoas eclesiásticas que possuem a dignidade episcopal ou gozam de especial jurisdição". Ao usá-las, seu portador fixa a imagem de depositário da autoridade sobre um grupo social específico. Cria-se assim, *grosso modo*, um simulacro da autoridade eclesial: é um outro *επίσκοπος*, ou seja, alguém que "vê de cima, que protege" o rebanho que representa. O que é mesmo, afinal, o político senão um "pastor de homens"? (DELEUZE, 1974, p.

[53] Disponível em: <http://bit.ly/2sWWefF>. Acesso em: 25 jan. 2019.
[54] Propaganda eleitoral de Diego Garcia dentro do horário político reservado aos candidatos da chapa do candidato Beto Richa. Disponível em: <https://youtu.be/QTjQPM5i9CI>. Acesso em: 25 jan. 2019.

259). Essa construção de um diverso conceito de autoridade eclesiástica que se confunde com a autoridade secular, ilustra, sumariamente, o que Foucault (2000) alude como *æmulatio*, por meio do qual êmulos distantes se correspondem; exemplifica, do mesmo modo, o conceito de legitimidade de Bourdieu (2007), ao discutir o direito simbólico restritivo do agente autorizado de transmitir poder social e religioso.

É preciso sublinhar, como se perceberá doravante, que Diego, em relação aos candidatos a deputados estaduais, parece ter recebido uma atenção especial no que se refere ao *upgrade* do próprio visual. Na verdade, à diferença destes, já experimentados em purgatórios eleitorais anteriores, Garcia era um iniciante completo: daí, talvez, a mudança tão acentuada na maneira de se vestir.

Isso posto, passamos a analisar os elementos que compõem o material gráfico dos três carismáticos que disputavam uma cadeira na ALEP, a começar por Evandro Araújo (Imagem 2). Diferentemente de Diego Garcia, que adotou tons predominantemente marianos no santinho, isto é, o azul e vestiu-se de maneira sóbria, fugindo de quaisquer evocações a elementos que pudessem ser confundidos com partidos de esquerda, Evandro veste vermelho. Decerto, conjecturamos, a adoção dessa cor não terá expresso – ao menos não naquele momento sufrágico – uma proximidade com partidos progressistas, pelas razões religiosas e estratégicas que já exploramos, ainda que, uma vez eleito, adotará uma pauta, até certo ponto, revolucionária, em comparação com a que se implementará do colega federal (SEXUGI; MEZZOMO; PÁTARO, 2018). O vermelho eleitoral de Evandro Araújo é o mesmo litúrgico dos paramentos católicos da Solenidade de Pentecostes (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2002), festividade do calendário cristão que faz "recordar e reviver a efusão do Espírito Santo sobre os Apóstolos e sobre os outros discípulos, reunidos em oração com a Virgem Maria no Cenáculo" (FRANCISCO, 2018) e pela qual os carismáticos têm grande apreço. Dessa maneira, a camisa escarlate de Araújo evocaria as línguas de fogo que desceram sobre os protocristão e que, alegadamente, continua a descer sobre os carismáticos. Tanto é assim que o ícone que simboliza o Espírito Santo é composto a partir da junção de sete chamas de fogo de tons avermelhados: uma alusão aos sete dons carismáticos do Espírito Santo: "sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus" (JOÃO PAULO II, 1993, parágrafo 1831). O algarismo "7", aliás, aparece em destaque, em outra cor, na parte inferior do santinho no número do candidato (20720). Diga-se de passagem, o número sete costuma ter um apelo forte entre os cristãos, especialmente entre os católicos: além dos carismas já citados, também são sete os sacramentos, os pecados capitais, as virtudes cristãs, as dores de Maria, as falas dela no Evangelho, as frases do Crucificado, as trombetas do Apocalipse que anunciam o mesmo número de flagelos. Dar destaque a esse número que, na Bíblia, "é símbolo de plenitude" (JOÃO PAULO II, 2004), para que possa ser digitado na urna eletrônica por católicos parece mesmo uma boa estratégia.

Importa sublinhar ainda que as cores do PSC, partido ao qual Evandro se vincula desde 5 de outubro de 2013 (TSE, 2016), são o verde e o branco. Porém, as predominantes no panfleto são o verde e o amarelo, numa possível tentativa de aproximar o candidato de uma base eleitoral cujo sentimento patriótico se confundirá, com mais clareza nas conturbadas eleições de 2018, com o ufanismo que vê nas cores da bandeira a salvação política do Brasil. Ainda que, quiçá, Evandro Araújo demonstre não comungar dos ideais do eleitorado dito "patriótico" a que, supomos, a RCC almejasse votos, o emprego do verde-amarelo característico do pensamento ultraconservador no Brasil no material do candidato não reflete inclinações particulares, já que, na "política, o gosto pelas cores não se dá como uma preferência pessoal" (OLIVO, 2004, p. 3), mas porque "o papel da cor-informação e sua relação com as campanhas eleitorais demonstram as intenções que ela carrega" (OLIVO, 2004, p. 4).

À semelhança do material de Diego Garcia, o símbolo do partido de Evandro também não tem destaque, pelas mesmas razões estratégicas. Mais: ainda que a sigla do PSC apareça dentro de um *Ichthys*, ou seja, o desenho de um peixe que serviu como primeiro sinal a identificar os cristãos desde as catacumbas de Roma (CARLETTI, 2009), tem mais apelo entre os evangélicos, que o adotam como simbologia. O peixe aparece na logomarca da Convenção Batista Brasileira e, de modo estilizado, na da Assembleia de Deus. Não convém enfatizar esse símbolo cristão já que não há votos em potencial entre os membros dessas igrejas.

A inexistência de signos religiosos nos materiais de Gessani (Imagem 3) e Jura (Imagem 4) coincide com a ausência de financiamento declarado de campanha realizado pelo coordenador estadual do MFP: ele e familiares, sócios proprietários de uma empresa especializada em formatura, patrocinaram, segundo dados divulgados pela Justiça Eleitoral, as campanhas de Evandro e Diego, que saíram vitoriosas das urnas. Isso somado à qualidade superior dos materiais destes pode sinalizar uma atenção maior da parte da hierarquia da RCC em relação aos que obteriam o melhor resultado, em detrimento daqueles. Por outro lado, a ausência de signos religiosos no material publicitário eleitoral de Jura e Gessani poderia representar uma tentativa de superar o que Gomes chama de "proliferação de símbolos" (2002, p. 2) sem nenhum significado político, para dar lugar a "logotipos, slogans, cores e até [...] programas personalizados de candidatos" (GOMES, 2002, p. 2), como, de fato, se percebe do material recortado.

De qualquer maneira – e, quem sabe, resida aí uma das razões de não terem sido eleitos – o fato de esse material de campanha de Jura e Gessani equiparar-se ao daqueles que "não se preocupam quase nada com a linguagem não verbal e com a linguagem visual" (GOMES, 2002, p. 2) configura um deslize e "talvez uma incomunicação" (GOMES, 2002, p. 3).

Ainda assim, mesmo que não usem símbolos religiosos nos materiais citados, o discurso carismático está presente: Gessani – que não usa crucifixo na foto oficial – lembra que seu ingresso na

vida pública se deu mediante iniciativa da RCC, que o teria indicado para concorrer como vereador em 2004, cargo que só assumiria em 2008 e em 2012, sempre com o suporte do MFP. Há também no seu material alusões a uma mensagem do Papa sobre política, elemento que exploraremos mais à frente.

A exemplo de Gessani, Jura (Imagem 4) também não recebe ajuda eleitoral dos símbolos religiosos. Não fosse pelo verbo "renovar", que o vincularia longinquamente à Renovação Carismática Católica no panfleto, não há nada nesse material que possa servir como chamariz religioso. Outro material, esse sim, com personagens respeitadas pelos católicos foi apresentado ao público carismático no decorrer da campanha, o qual será detalhado oportunamente.

O apelo iconográfico presente no *marketing* da campanha de Diego Garcia e Evandro Araújo, a partir da apropriação de significantes religiosos, não apenas serve para imprimir autoridade e legitimidade ao discurso, como também reforça a noção identitária dos membros do segmento religioso a que se almeja apoio nas urnas. Robustece, para além disso, o que Libanio (2002, p. 246) chama de "religiosidade do simulacro", fortemente atrelada à sociedade de consumo, no qual se falseia uma "presença ausente". Dessa maneira, a campanha, de certa forma,

> gera a ilusão da presença do objeto na sua simulação. Atua sobre a fé de maneira duplamente negativa. Ou faz que se creia no que não existe – teríamos uma espécie de idolatria, acreditando na realidade divina de uma ficção. Ou esvazia o papel sacramental das realidades da fé. […] estabelece a possibilidade de uma articulação entre a "res" e o "signum".
> A cultura do simulacro deturpa a compreensão do sacramento. Atribui sacramentalidade a realidades que não a têm. Pensa que é sacramento o que não é. Ou não valoriza o sacramento, quando ele é, porque banaliza os sinais. (LIBANIO, 2002, p. 246).

Ocorre, portanto, senão uma dessacralização de signos exclusivos da fé católica, um visível alargamento de seu significado, isto é, uma ressignificação do símbolo, para confins mais abrangentes e menos incorpóreos, na construção do que podemos chamar de "política benta", que não é nem cópia nem repetição do poder matricial da política e da religião, mas um simulacro autocéfalo.

Ao aproximar signos católicos aos eleitorais, atribui-se um sentido moderno ao *faciamus* do Gênesis. Uma nova representação do político e do religioso é modelada à imagem e semelhança da canônica: uma para-sagração que confere legitimidade divina e secular ao discurso do candidato da Igreja, "na medida em que o interesse político […] subsiste dissimulado" (BOURDIEU, 2007, p. 54).

Há outros materiais em que a apropriação do sagrado pelo eleitoral se evidencia na campanha. É o caso de um *folder* sobre Diego Garcia (Imagem 8), no qual se divulgam a biografia do candidato e o apoio que recebe de lideranças de seu movimento. Nele, no entanto, o emprego da religião não se dá

pelos signos, mas por meio da adoção de um estilo discursivo à moda bolandista[55], que não se verifica em materiais similares dos demais candidatos carismáticos de 2014.



UMA TRAJETÓRIA PAUTADA NA FÉ

QUEM É DIEGO GARCIA?

Diego Garcia tem 29 anos e é casado com Beatriz Pinto Garcia. Ele é um jovem visionário, capaz de lutar pelos anseios da juventude brasileira e pelos direitos de todos. "Minha luta será pela renovação da política e atuarei, intensamente, em defesa da dignidade da pessoa humana, da família e dos princípios cristãos" reforça Diego Garcia.

A vida de Garcia é carregada de desafios. Passou sua infância e adolescência na cidade de Andirá-PR. Apesar de amar o Norte Pioneiro do Paraná, aquela região era pequena para um jovem que sonhava alto. Como todo menino, Diego almejava ser jogador profissional de futebol. Aos 14 anos, ele tomou as rédeas da própria vida e correu atrás de seu sonho. Conseguiu! Jogou em vários clubes pelo Paraná, São Paulo e Santa Catarina.

Em 2003, Diego lesionou o joelho, quando representava o Esporte Clube Comercial, de Cornélio Procópio, e precisou submeter-se a uma cirurgia. Ele retornou à casa dos pais, em Andirá, porque precisava do apoio familiar durante o período pós-cirúrgico. Não seria esse motivo que o levaria a abandonar o futebol. Foi por um ideal maior. "Nessa época, passei a frequentar a Igreja Católica e participei de um encontro de experiência de oração, promovido pela RCC. Na ocasião, tive uma experiência profunda do amor de Deus. Recebi a cura do meu joelho e decidi esquecer o futebol. Naquele fim de semana, Deus falou ao meu coração", relata.

RENOVAÇÃO

Diego Garcia seguiu em frente. O grupo de oração da Paróquia São Sebastião, de Andirá, o acolheu. "A partir dessa escolha, Deus abriu portas para um novo caminho em minha vida", diz. Com as esperanças renovadas, após quatro anos de dedicação à igreja, Diego Garcia ganhou um presente: em 2007, o jovem foi escolhido como o novo coordenador da paróquia São Sebastião. Em dois anos, o jovem passou a coordenar o Decanato de Bandeirantes (formado por oito cidades com nove paróquias).

Em 2010, Garcia foi eleito o coordenador da Renovação Carismática Católica (RCC) da Diocese de Jacarezinho, composta por trinta cidades. Esta oportunidade causou uma mudança radical na vida dele. "Todas essas coordenações foram muito importantes na minha vida pessoal, pois busquei constantemente as formações humanas e espirituais. Amadureci muito e passei a amar, ainda mais, a Deus, a Igreja e as pessoas", acentua.

NASCE UMA VIDA POLÍTICA

No ano de 2010, a RCC/PR lançou o projeto do Ministério de Fé e Política, oportunidade em que Diego Garcia passou a valorizar mais as questões políticas. Ele foi convidado a representar a Igreja Católica na Conferência Nacional de Políticas Públicas da Juventude, realizada em Brasília.

Na ocasião, Diego foi escolhido delegado para representar o seguimento religioso e debater as diretrizes elaboradas em duas etapas anteriores. No evento, os participantes discutiram vários projetos importantes, entre eles, a proposta de legalizar e descriminalizar o aborto. "Eu me posicionei contra a proposta de legalizar e descriminalizar o aborto no Brasil, porque defendo o direito à vida e a dignidade da pessoa humana", ressalta Diego Garcia.

Aumentou, então, o interesse pela política. "Voltei de Brasília determinado a engar-me em outras causas. Nesse período, senti forte o quanto eu me identificava com a vida política" destaca o candidato. Depois disso, Garcia continuou a procurar capacitação. Determinado, ainda em 2011, filiou-se ao Partido Humanista da Solidariedade (PHS), esperando uma oportunidade para integrar o meio político.

Inspirado por uma multidão de incentivadores, Diego Garcia resolveu doar-se pelo povo e por um projeto de Deus. "Em 2013, fui indicado por líderes da RCC de 25 cidades que pertencem à Diocese de Jacarezinho, como um nome para o Projeto de acompanhamento de leigos da RCC do Estado do Paraná", comenta. Em março de 2013, Diego Garcia foi escolhido, por unanimidade, pelos 18 coordenadores diocesanos para ser candidato a Deputado Federal, numa Assembleia Estadual da RCC.

Dep. Federal
DIEGO GARCIA 3131

Imagem 8 – *Folder* com a biografia de Diego Garcia
Fonte: Perfil no Facebook do então coordenador do MFP/PR[56].

As etapas de vida de um "jovem visionário", ex-jogador profissional de futebol, são descritas no *folder* como numa narrativa hagiográfica, que "é mais do que uma biografia. Esta incide muito em aspectos de natureza essencialmente historiográfica […]. Aquela propõe um programa moral"

[55] Termo pelo qual é denominado um grupo de jesuítas eruditos do século XVII, também chamado de *Société des Bollandistes*, que trabalharam na compilação dos *Acta Sanctorum*, uma compilação da biografia dos santos católicos, sob a coordenação do padre belga Jean Bolland. São os responsáveis pela criação da revista bruxelense de análise hagiográfica *Analecta Bollandiana*, publicada ainda hoje. (DE VRIENDT et al., 2009).
[56] Disponível em: <http://bit.ly/2FPELOD>. Acesso em: 25 jan. 2019.

(REBELO, 2004, p. 136): são memórias bucólicas e testemunhos envernizados da vida de um bem-aventurado. Parece-nos, porém, que a hagiografia é aqui empregada não apenas para imprimir beatitude ao candidato, mas, especialmente, para tonificar no (e)leitor a ideia de que os laços entre ele e o movimento carismático são resistentes e antigos.

Tal apelo ao discurso hagiológico deve-se ao fato de que a hagiografia

> é, pois, indissociável do contexto religioso, político e sócio-cultural do santo biografado: do seu local de culto, da sua terra natal, da sua família, da nação a que pertenceu, da ordem ou movimento religioso onde professou, das intenções ou interesses dos promotores da sua causa, do autor da hagiografia ou de quem a encomendou. É nesse sentido que Réginald Grégoire declara que a hagiografia é uma 'historiografia apologética, dotada de uma finalidade didáctica, elaborada sobre a noção de virtude pessoal e social, individual e colectiva' (REBELO, 2004, p. 132).

No impresso, mais até que na biografia dos santos, a história pré-querigmática do jovem candidato também é idealizada. Ainda que o único fato relatado da adolescência seja mesmo a carreira esportiva – precocemente interrompida por uma lesão no joelho – o texto afirma que sua vida "é carregada de desafios", sem, conquanto, elencá-los. Seja como for, o episódio frustrante na carreira do craque, de certo modo, flerta intertextualmente com a queda de Saulo a caminho de Damasco ou com a inesperada captura do Soldado de Assis pelo exército de Perúgia: graças a esses providenciais obstáculos, é que cada qual teve "uma experiência profunda do amor de Deus", como se relata no texto. Conforme Rebelo (2004, p. 136), vale sublinhar que, "Quando o hagiógrafo descreve a vida do seu biografado segundo as características de um de um modelo anterior, aproxima-se do conceito de 'vidas paralelas' ainda que de forma inconsciente ou implícita". Dissemina-se, portanto, a ideia de que o retratado é digno de fé, já que sobre sua cabeça repousa, alugada, a auréola do Apóstolo Paulo e de Francisco.

Quando se cunha num mesmo níquel o que é de Deus e o que é César para fins sufrágicos, ou seja, quando "se verifica uma fusão dos objectivos religiosos e políticos […]. Nestes casos, o hagiógrafo procura salientar a condição de crente do biografado" (REBELO, 2004, p. 157).

É exatamente essa condição que se impulsiona sob o subtítulo "Renovação", no qual o postulante elenca algumas recordações concernentes à sua escalada na hierarquia carismática. A hagiografia dá aqui espaço a um estilo que, respeitadas as devidas limitações literárias, emula as famosas Confissões agostinianas. A franqueza do santo de Hipona no seu livro autobiográfico, justiça seja feita, não fosse quiçá a mesma, caso quisesse depender do êxito em sufrágios seculares. Afinal, importa que a reputação do candidato, como sugere sua etimologia, seja "cândida", eximindo-se de qualquer suspeita, máxime quando se almeja representar um grupo social que se quer espiritualmente renovado.

Esse verniz com que o MFP pintou a trajetória de vida de Diego Garcia de modo a aureolizá-lo

não se repetiu no material biográfico de Gessani, já apresentado na Imagem 3 – onde se narra, em primeira pessoa, sua trajetória religiosa sem, contudo, ostentar virtudes heroicas –, nem no de Evandro Araújo (Imagem 9) – apesar do *quote* do Papa Francisco – e no de Jura (Imagem 10) – ainda que ilustrado pela presença do fundador nacional da RCC, Pe. Eduardo Dougherty, sj, e ladeado por propostas majoritariamente conservadoras – num estilo textual que lembra muito mais o de *curriculum vitae* do que propriamente o do Martirológio Romano, e que parece ilustrar, numa leitura possível, o que Hervieu-Léger (2008) classificou como "modernidade religiosa", na qual predominam a subjetivação e a individualização da crença.



Imagem 9 – Currículo de Evandro Araújo
Fonte: Perfil de Reinaldo Batista no Facebook[57].



Imagem 10 – Currículo de Jura
Fonte: Perfil de Reinaldo Batista no Facebook[58].

Não basta, entretanto, que os relatos da vida do candidato partam só de si, porque, como sustenta o Evangelho, "Se eu dou testemunho de mim mesmo, meu testemunho não vale" (Jo 5,31). É então que ícones do movimento carismático – fundadores e lideranças – aparecem no material dos candidatos oficiais para testificar, consensualmente, a imagem que se pretende esculpir do candidato "na olaria de

[57] Disponível em: <https://goo.gl/cCwzeo>. Acesso em: 25 jan. 2019.
[58] Disponível em: <https://goo.gl/KAu8yH>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Deus" (RCC/BRASIL, 2003, p. 194), ou seja, no MFP.

"Vaso entre vasilhames"[59]: considerações finais

A (re)construção da imagem de seus candidatos em vista da bem-aventurança das urnas, acionando elementos religiosos no material eleitoral dos candidatos, de modo a fazer com que os "santinhos" fizessem jus ao nome, confirma a disposição eleitoral do movimento carismático paranaense em fazer-se político entre os religiosos, e religioso entre os políticos – "vaso entre vasilhames", como diria o profeta Isaías –, num amálgama de elementos semióticos e discursivos empregados como estratégia de inserção de seus representantes e de suas pautas no parlamento, abrindo aí caminhos alternativos que continuem levando a Roma (LUNEAU; MICHEL, 1999).

Ao legitimar e assumir de um modo tão audacioso sua vocação sufragista (BURITY; MACHADO, 2006; MARIANO, 2000; CONRADO, 2000; JORGE, 2013; BRACHO, 2015; MACHADO, 2012; MARIANO, 2011; MIRANDA, 1999; PROCÓPIO, 2012), já testada em outras ocasiões isoladamente por candidaturas avulsas (MIRANDA, 2012; REIS, 2011), articulando o envolvimento de agentes pastorais e estruturas paroquiais na sustentação profusa dos candidatos carismáticos, o movimento eclesial cinquentenário no Brasil propõe e convalida uma outra boa nova: não tão boa – ou despida de problematizações –, já que o enlace entre religião e política suscita naturalmente questionamentos e inevitáveis contestações, ao se invocarem as discussões em torno da laicidade do Estado brasileiro; e não tão nova, a julgar por iniciativas similares adotadas pelos evangélicos há mais tempo, não só no Paraná.

Dessa forma, no verniz eleitoral com que se pintaram os altares eucarísticos na terra dos pinheirais foi possível refletir o dom das urnas que parece ter atingido a maturidade em 2014. Não casualmente, foi ao redor da mesa da Eucaristia que foram desenhadas e executadas as candidaturas carismáticas oficiais, que serão, doravante, exploradas nesse texto, a partir da construção simbólica da imagem dos candidatos.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BEM, Daniel Francisco de; TADVALD, Marcelo. A apropriação da discursividade religiosa pelos campos políticos. **Debates do NER**, v. 2, n. 6, p. 63-82, set. 2004.

BENTO XVI, Papa. **Viaggio Apostolico di Sua Santità Benedetto XVI in Francia in occasione del 150° Anniversario delle Apparizioni di Lourdes**. Set. 2008. Disponível em:

[59] Excerto bíblico do Livro de Isaías, capítulo 45, versículo 9.

<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2008/09/12/0566/01413.html>. Acesso em: 18 abr. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRACHO, Carmen Vallarino. Laicidad y Estado moderno: definiciones y processos. **Cuestiones Políticas**, San Cristóbal, n. 34, p. 157-173, jan./jun. 2005.

BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores (Orgs.). **Os votos de Deus**: evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

CARLETTI, Carlo. **La croce nella documentazione epigrafica**: Il segno del vincitore. L'Osservatore Romano. Publicado em: 20 nov. 2009. Disponível em: <http://www.vatican.va/news_services/or/or_quo/cultura/269q04a1.html>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução geral do Missal Romano**. Tradução portuguesa para o Brasil da separata da terceira edição típica. Cidade do Vaticano: Tipografia do Vaticano, 2002.

CONRADO, Flávio César dos Santos. **Cidadãos do reino de Deus**: representações, práticas e estratégias eleitorais: um estudo da Folha Universal nas eleições de 1998. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, PPGSA/UFRJ, 2000.

DE VRIENDT, François. et al. **De Rosweyde aux Acta Sanctorum**. La recherche hagiographique des Bollandistes à travers quatre siècles. Bruxels: Société dês Bollandistes, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ERMAN, Michel. **As ambigüidades da fala política**. Publicado em: 03 fev. 2009. Disponível em: <http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap2.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2019.

FOUCAULT, Michael. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das Ciências Humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRANCISCO, Papa. **A cruz não é um ornamento, mas um símbolo de fé**. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2017/03/12/papa_a_cruz_não_é_um_ornamento,_mas_um_símbolo_de_fé/1298184>. Acesso em: 18 abr. 2019.

FRANCISCO, Papa. **Regina Coeli**. Publicado em: 20 maio 2018. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2018/documents/papa-francesco_regina-coeli_20180520.html>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GANDIN, Lucas. A sacralização do político. In: **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul, set. 2010.

GOMES, Edgar da Silva. **O espaço público e a ingerência do privado**: as religiões ditando regras em um país laico. Publicado em: 30 jun. 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1407001105_ARQUIVO_Edgar.ANPUH14.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2019.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

JOÃO PAULO II, Papa. **Audiência geral**. Publicado em: 23 jun. 2004. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2004/documents/hf_jp-ii_aud_20040623.html>. Acesso em: 23 abr. 2019.

JOÃO PAULO II, Papa. **Catecismo da Igreja Católica**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1993.

JORGE, João Leandre. O ethos discursivo na política mauaense e o apelo ao religioso. In: **Anais do 9º Interprogramas de Mestrado**, São Paulo: Faculdade Cásper Libero, 2013.

JUNIOR, Robson. **Vaso Novo**. Hinologia Cristã. Publicado em: 22 abr. 2015. Disponível em: <http://www.hinologia.org/vaso-novo>. Acesso em 5 maio 2019.

LIBANIO, João Batista. **A Religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

LUNEAU, René; MICHEL, Patrick. **Nem todos os caminhos levam a Roma**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Religião, cultura e política**. Religião e Sociedade, Rio de janeiro, v. 32, n. 2, p. 29-56, 2012.

MACHADO, Maria das Dores. **Carismáticos e pentecostais**: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

MANDUCA, Vinicius. A construção do candidato carismático católico em face ao candidato evangélico pentecostal. **Áskesis**, v. 6, n. 1, jan./jun. 2017, p. 30-39.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2000.

MIRANDA, Julia. **Carisma, sociedade e política**: novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

MIRANDA, Júlia. O candidato da igreja: do que nos fala sua presença na política brasileira. In: LEMENHE, Maria Auxiliadora; CARVALHO, Rejane Vasconcelos Aciolly de (Orgs.). **Política, cultura e processos eleitorais**. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2006, p. 149-170.

NICOLA, Francesca. **Sull'uso dei simboli in politica**. La Ricerca, 19 abr. 2013. Turim: Loescher, 2013. Disponível em: <http://www.laricerca.loescher.it/societa/464-sulluso-dei-simboli-in-politica.html>. Acesso em: 20 abr. 2019.

OLIVO, Júlio César Cancellier de. A cor na propaganda política: significados e produção de sentidos. In: **Anais do VI Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/A%20COR%20NA%20PROPAGANDA%20POL%C3%8DTICA%20SIGNIFICADOS%20E%20PRODU%C3%87%C3%83O%20DE%20SENTIDOS.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. Carismatismo católico e eleições no Brasil. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 14, n. 16, p. 79-99, Jun. 2012.

RCC/BRASIL. **Fé e Política**: Conceitos e abordagens – Palestra de Dom Roberto Francisco Paz, durante o workshop do Ministério Fé e Políticas. Canas: Editora RCCBRASIL, 2016.

RCC/BRASIL. **Louvemos o Senhor**. Valinhos: Associação do Senhor Jesus, 2003.

REBELO, António Manuel Ribeiro. A estratégia política através da hagiografia. In FIALHO, Maria do Céu; JIMÉNEZ, Aurelio Pérez. **O retrato e a biografia como estratégia de teorização política**. Coimbra/Málaga: UC, 2004. p. 131-158.

REIS, Marcos Vinícius Freitas. **Política e religião**: o envolvimento dos católicos carismáticos na política brasileira. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, 2011.

SACROSANCTUM CONCILIUM. **Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia**. Concílio Vaticano II. 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctumconcilium_po.html>. Acesso em: 18 abr. 2019.

SCHÜLER, Arthur Abati. **Eleições, candidatos e marketing** – a construção da imagem de candidato: estudo de caso do deputado estadual Neodi Saretta. Publicado em: 2015. Disponível em: <https://editora.unoesc.edu.br/index.php/aecs/article/download/9152/5132>. Acesso em: 24 jan. 2019.

SEXUGI, Fábio Alexandro. **Entre o Santíssimo e os santinhos**: a atuação do Ministério Fé e Política nas eleições proporcionais de 2014 no Paraná. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Desenvolvimento) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2019.

SEXUGI, Fabio; MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. À imagem e semelhança: simulacro e hagiografia nas propagandas eleitorais de políticos religiosos. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 224-236, jan./abr. 2018.

SILVA, Érica Anita Baptista. **Mídia e política**: a construção da candidatura de Aécio Neves como presidenciável em 2010. 2011. 161f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

TSE. **Consulta de relação de filiados**. Filiaweb. Publicado em: 15 out. 2016. <http://filiaweb.tse.jus.br/filiaweb/filiacao/registro/resultadoLazy.seam?cid=3995>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MODA E CULTURA: (UMA REFLEXÃO AOS USOS DOS UNIFORMES DAS COMISSÁRIAS DE BORDO)

Felipe Bastos Maranezi[60]

Introdução

Para que possamos dissertar sobre o nosso objeto "uniformes das comissárias de bordo", é relevante salientar que a Cultura tem um papel importante nas realizações do homem, sendo que a mesma diz respeito a todo um comportamento aprendido e transmitido do convívio humano. A cultura é uma "invenção" que só pode vir a ser alcançada e entendida diante das experienciações e do choque cultural entre indivíduos ou situações (WAGNER, 2010).

Segundo o autor Wagner (2010), a cultura é um conjunto de crenças, hábitos, formas de vestir e pensar, agir e falar. É tudo aquilo que é passado, adquirido, vivido e compartilhado entre as pessoas, sendo que a civilização é um reflexo de um longo processo de acumulação que permite invenções, inovações, melhoras e avanços tecnológicos. As culturas não são imutáveis, elas estão ao tempo todo em conexão no mundo globalizado em que vivemos, modificando-se o tempo todo em contato com o diferente, contudo sem perder sua essência.

Em sua obra "O processo civilizador" Norbert Elias (1992) analisa o comportamento do homem desde os primórdios da sua existência até os processos que o levaram a deixar que tais comportamentos tidos como naturais em um determinado momento, passaram a ser evitados em outros, e considerados horrendos na atualidade. Tais mudanças de comportamento fazem parte do processo da estrutura emocional analisada pelo psicanalista Sigmund Freud (ed, ego e superego) que acreditava que conforme o "homem" vai tomando consciência de seus atos e de suas conseqüências diante da sociedade, ele vai se atentando no que diz respeito a sua fala, suas escolhas, e a seus comportamentos como um todo.

Elias (1992) descreve que no passado o fato de falar com a boca cheia, comer utilizando as mãos, a prática sexual sem algum pudor, são alguns dos comportamentos que foram sofrendo transformações e deixando de existir com o passar do tempo e da tomada da consciência conforme a estrutura emocional mencionada por Freud analisou. Diante do nosso objeto de pesquisa, podemos entender que a roupa, o uniforme de comissária, como traje utilizado por mulheres em um espaço de tempo onde o trabalho feminino fora de casa era algo raro e limitado e que o poder simbólico que tal traje acarreta, influenciou mulheres de muitas gerações, seus comportamentos, a busca por conquista,

[60] Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, UEM, felipebmaranezi@hotmail.com.

sendo o seu uso, o sinônimo de poder, elegância e independência, quesitos almejados por mulheres que admiravam a figura da mulher "alada" a mulher que está nas alturas, à aeromoça.

Para Elias, ao trabalhar com o processo de civilização do homem desde os primórdios da sociedade nos faz estabelecer relação ao trabalho do historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) que trata em sua metodologia de pesquisa a análise de fontes, as pistas, os indícios, tal método é chamado de "Paradigma Indiciário". Essa linha de raciocínio emergiu quando o historiador analisou três estudiosos e será utilizada para pensar em nosso objeto de pesquisa.

O primeiro é Freud, médico que tinha em sua metodologia de investigação, os sintomas de pacientes e do seu histórico clínico para diagnosticar enfermidades, o segundo é Morelli, pintor que estabeleceu um método de atribuição a veracidade e falsidade a obras de arte, e o terceiro é Arthur Conan Doyle, escritor que juntamente ao seu personagem Sherlock Homes, atribuiu as pistas, as minúcias, ao investigar casos policiais que eram despercebidas pela maioria.

A pista, o indício, a minúcia, é um método de trabalho, uma ferramenta utilizada pelos três estudiosos que tinham sua formação acadêmica em medicina (semiótica médica), porém tal metodologia pode ser aplicada a várias ciências, tais como a história, geografia, criminalística, antropologia entre outros. Carlo Ginzburg (1989) relata que o pensamento é aplicado desde o início da humanidade, pois se pensarmos no que os primatas procuravam nas pegadas, nos rastros a serem deixados por sua caça, é o mesmo raciocínio da atualidade, pois o cérebro do ser humano faz a todo o momento a pensar de forma a buscar pistas e indícios sobre o que está acontecendo ao nosso redor, sendo em nosso ambiente de trabalho, em nossa casa, ou em convívio com outras pessoas.

Ao pensar nos uniformes das comissárias de bordo, os mesmos são ricos em detalhes, de pistas e de indícios que se fazem presentes para transmitir algo para quem o vê, seja, respeito, admiração, desejo, entre outros sentimentos subjetivos do nosso ser.

Carlo Ginzburg em relação a nossos textos historiográficos nos chama a atenção aos filtros, onde menciona que toda fonte de pesquisa é fruto da ideologia de quem o produz, sendo ela escrita, oral, material ou imagética. É enfatizando tal questão que Sandra Pesavento (2008) trabalha o conceito de representação em fontes visuais, para a autora, seu interesse pelas fontes visuais vem desde o período asteca, bizantino até a atualidade e afirma que quem produz algo, tem o interesse de direcionar o olhar à determinada fonte visual.

Sua linha de pesquisa está inserida na História Cultural e suas fontes de pesquisa podem ser fotográficas, textos literários, peças de teatros, roupas, cinemas entre outros. Pesavento (2008) afirma que as imagens como representação vieram dar um refinamento e complexificação nas pesquisas historiográficas, sendo um novo modelo epistemológico e uma nova estratégia metodológica.

Assim como o cinema e a publicidade, as revistas foram grandes divulgadoras das imagens de comissárias, dotando a profissão de valores como o glamour e a elegância. No Brasil, entre as décadas de 1950 a 1970, as revista O Cruzeiro e Jornal das Moças– presente nos lares da classe média urbana e voltada para toda a família – produzia e construía valores, trazia suas versões e propostas sobre a juventude e os significados de gênero do seu tempo (BASSANEZI, 1992). Ao divulgar e discursar sobre as imagens das aeromoças na "era de ouro" da aviação comercial brasileira, as revistas citadas contribuem para a percepção tradicional do papel das mulheres no campo do trabalho, além de fortalecer a aproximação entre os uniformes das comissárias e a moda, fazendo transitar os ideais de beleza feminina entre o mundo profissional e o seu exterior.

A partir desses preceitos, podemos compreender que a problemática do objeto estudado "uniformes das comissárias de bordo" está centrado na análise das imagens das mesmas, remetidas pelas empresas Varig, Transbrasil e Vasp, veiculadas pelas revistas nos anos decorridos entre 1950 e 1970, a fim de identificar como a moda se incorporou a essas indumentárias e, ainda, como tal vinculação contribuiu para as noções de feminilidade ao fornecer representações de mulher elegante, moderna, sexy e protetora.

Dessa forma, as fontes imagéticas no contexto das companhias aéreas espalhadas pelo mundo, inclusive no Brasil, têm trabalhado juntamente com nomes de grandes estilistas como Cristian Dior e Cristóbal Balenciaga na criação de uniformes modernos, que sigam as últimas tendências da moda, provando que desde os primeiros anos da aviação os uniformes têm mantido um grande poder de comunicação e influência na sociedade, em especial, no que tange aos códigos vestimentares femininos.

O salto, a maquiagem, a roupa com corte social e ajustada ao corpo e os acessórios como lenços e meias ainda compõem o uniforme de muitas mulheres que trabalham ou não como comissárias. Em aviões, lojas, empresas, consultórios ou salas de aula, cobra-se das mulheres um estilo indumentário semelhante e pautado pelos códigos da moda, levando, muitas vezes, a horas de preparação de um visual "impecável", aumentando, de certa maneira, as horas de trabalho das mulheres em suas profissões.

Ainda, para Pesavento (2008), as roupas, uniformes e acessórios como imagens são relevantes para a pesquisa em história, a partir do momento que possuem o poder da "presentificação de uma ausência", ou seja, o que não está dito, mas que precisa ser decifrado e que mostra o mundo das imagens como parte do território da história cultural e, com isso, amplia a diversidade de fontes e a maneira de se abordar os documentos estudados.



Imagem 1 – Ellen Church, primeira aeromoça da história da aviação comercial.
Fonte: meskodiasadvogados.com.br, 2018.

Os uniformes dizem respeito ao controle do eu social segundo a autora Craik (2003) menciona, mas também do eu interno e de sua formação. Há vários sentidos no seu uso, tais como o de "[...] compreender e obedecer às regras relativas ao exercício do uniforme, transformando as peças de roupa em manifestações comunicativas" (CRAIK, 2003, p. 6). Assim, uma dimensão a ser buscada na pesquisa, é a que diz respeito ao ritmo do corpo ditado pelos uniformes, os comportamentos condizentes aos elementos de moda presentes nessas indumentárias, entre eles os cortes, as cores, os tecidos, as costuras e os elementos acessórios que, por sua capacidade de comunicação, produzem sentidos para as mulheres no trabalho e os que com esses elementos se relacionam.

Conforme elencado por Castilho (2004), a moda é uma instância sociocultural que desempenha um papel significativo na modelagem de comportamentos, das ideologias, dos gostos, dos estilos de vida e das interações sociais. As aparências dos sujeitos se constituiriam em fragmentos daquela instância sociocultural, permitindo entrever os limites da liberdade sob a qual é concebida como o conjunto formado pelos trajes, adornos e acessórios, os quais são sinônimos de indumentária.

Acerca do assunto, Lima (2009) argumenta ainda:

> Então se aceitarmos que a verdade é aparente e que a razão não precisa negar as sensações estamos reconhecendo a moda como uma forma de conhecimento. Porque ela é aparência e expressão sensorial. Portanto, é uma forma de conhecer o mundo e

> o passado, a história de homens e mulheres que a criaram, vestiram e foram por elas moldados. A moda pode finalmente ser categorizada como um fenômeno histórico (LIMA, 2009, p. 29).

Diante de sua capacidade de revelar novas identidades e estilos de vida, a moda é um dos produtos da cultura que melhor podem espelhar transformações, pois seu caráter não verbal e a criação de um quase imediato reconhecimento de novas identidades a transformam em um dos produtos da cultura privilegiados para construção de uma reflexão sobre vários temas. Para Lipovetsky (1991), a indumentária utilizada em uma determinada época reflete os hábitos e os costumes da sociedade em questão, atuando como uma espécie de espelho da cultura.



Imagem 2 – Aeromoças da empresa americana Braniff Airways e seus uniformes na década de 70
Fonte: www.gazetadopovo.com.br, 2015

Uma das mais notáveis e representativas áreas da teoria contemporânea a cultura popular é a moda. Embora permaneça desorganizado em todos os sentidos institucionais, o estudo da moda como prática cultural tem produzido algumas análises significativas dos efeitos do que é lido por alguns autores como pós-modernismo a mais íntima, geral e disseminada dimensão da vida sociocultural.

(CONNOR, 2000, p. 154). Cabe, portanto, destacar que o conceito de identidade deve aqui ser tomado algo impresso pela cultura, na medida em que as identidades são nomeadas a partir de um determinado contexto, e de expectativas que se criam em torno delas, por exemplo, ser homem ou mulher, ser homossexual ou heterossexual.

Desta forma, é possível afirmar que as identidades são constituídas culturalmente e estão fortemente vinculadas às práticas sociais. Para Hall (1997, p. 33) toda prática social depende e tem relação com o significado: "consequentemente, a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural" e ainda, que ela tem um caráter discursivo.

Ao tratar sobre a temática das práticas sociais, podemos refletir a respeito sobre uma notícia que rodou as mídias sociais nos últimos meses sobre o uso de uma jaqueta que foi utilizada pela primeira dama americana Melanie Trump, onde possuía os seguintes dizeres; "I really don't care, do u?" na tradução: "eu não me importo, você se importa?" Tal vestimenta foi utilizada justamente ao se praticar uma visita as crianças latinas que foram separadas de seus pais por motivos de ilegalmente territorial americana.



Imagem 03 – A primeira dama Americana Melanie Trump e o traje emblemático.
Fonte: www.edition.cnn.com, 2018.

No caso mencionado acima, a mídia utilizou de tal imagem emblemática, o traje da primeira dama americana para poder direcionar o olhar das pessoas a uma situação conflituosa, podendo a mesma ser verdadeira ou não, esse é um dos componentes da imagem, passar uma informação a uma determinada pessoa ou a um determinado público, a roupa como forma de fonte da História Cultural tem o poder de dizer muito sobre a pessoa que a usa, ou sobre seus pensamentos e comportamentos.

Junto ao conceito de representação, passa a existir o conceito de memória, sendo a história a narrativa que recupera algo ou alguém no tempo, já a memória evoca através da imagem do vivido,

sendo a memória responsável pelas identidades das pessoas, já que ela tem o poder de legitimar ou deslegitimar comportamentos, anseios, conflitos sociais, econômicos e religiosos.

Segundo Guarinello (1994) a memória é uma reflexão sobre o passado, um debruçar-se sobre vestígios presentes para selecioná-los, agregá-los, condensá-los, destrinchando a espessura temporal do agora, para dar sentido, não tanto ao passado, como ao próprio presente. A memória é, assim, uma forma de ação, uma ação representativa, parte da atividade auto-representativa que uma sociedade, grupo ou indivíduo produzem de si, para assumirem e defenderem sua identidade e para orientarem sua ação individual ou coletiva. A memória é, no fundo, um jogo dos sentidos possíveis nos quadros, mais ou menos indefinidos, do tempo. Um jogo que se altera entre duas dimensões distintas do ato de rememorar.

A memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992).

Para Portelli (2016) cada pessoa tem uma memória, de alguma forma, diferente de todas as outras, então, mais do que memórias coletivas, é que há um horizonte de memórias possíveis. Quando pensamos em memórias individuais, há uma parte disso que se pode tratar como uma ferramenta comparativa e estatística, porque há situações que são compartilhadas e que podem ser relatadas, mas há outras que são qualitativas, no sentido em que há o encontro entre um acontecimento, um lugar e uma subjetividade individual, um passado e um futuro individual.

Portelli (2016) ainda menciona que ao tratar de memórias individuais é conseqüentemente abrir uma porta para trabalhar com a História Oral, pois ela consegue trabalhar em pontos onde os arquivos e a história convencional não vêem, e é precisamente na vida cotidiana onde podemos ter o contato com a história das mulheres, da relação com as roupas e a moda, e neste caso com o objeto de pesquisa “os uniformes das comissárias de bordo”.

Para Portelli (1997), as fontes históricas orais são fontes narrativas. Daí a análise dos materiais da história oral dever se avaliar a partir de algumas categorias gerais desenvolvidas pela teoria narrativa na literatura e no folclore. Isso é tão verdadeiro no testemunho recolhido em entrevistas livres quanto nos materiais de folclore organizados de modo mais formal.

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos:

elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. Deste ponto de vista, o único problema colocado pelas fontes orais é aquele de verificação (PORTELLI, 1997).

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez (PORTELLI, 1997).

O estudo da moda traduz muito da vida e cultura da história de um povo, então, estudá-la através dos uniformes é considerado um elemento integrante e expressivo, seu estudo precisa estar embasado em pesquisas antropológicas que possam suprir esse universo tão amplo, pois são muitos os tipos físicos, estilos, pensamentos, filosofias de vida e hábitos. Os comportamentos a serem analisados no uso dos uniformes, partem, portanto, da observação que converge às narrativas de antropólogos, sociólogos e historiadores acerca da inscrição de homens e mulheres na sociedade, evidenciada pelos arranjos desarmônicos de suas relações.

Considerações finais

A análise com as fontes escritas favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros. Porém, para a pesquisa acerca dos uniformes, as fontes orais surgem como uma alternativa a ser trabalhada como forma de entrevista com aeromoças que estavam em exercício da profissão nas décadas de 50 a 70, Portelli (2006) pondera que a História Oral busca transformar as entrevistas gravadas em fontes para se compreender o passado, complementando assim as fontes documentais escritas, imagéticas e outros registros técnicos, como memórias, biografias, autobiografias, sempre procurando expressar como os indivíduos vivenciam e interpretam os acontecimentos e as situações das quais foram testemunhas ou participantes diretos.

Diante do que foi mencionado, podemos verificar que o reconhecimento das fontes orais, como importante fonte histórica da História Cultural tem nos presenteado com a possibilidade de historiar momentos passados do cenário da nossa vida cotidiana. A consciência dessa riqueza de fonte histórica fez aumentar a quantidade de estudos que usam as entrevistas como suporte, o que está sempre em pauta na proposta de Portelli é exatamente o relevante papel que a subjetividade desempenha na reconstrução do evento histórico.

A pesquisa acerca dos uniformes e a moda das comissárias de bordo da aviação brasileira da era de oura da aviação (décadas de 50 a 70) está sendo desenvolvida no campo de pesquisa da História

Cultural como tese de doutorado do programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

Referências

BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). 1992. Dissertação (mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CILLIZZA, Chris. **Melanie Trump totally changed her story on the "I really dont care" jacket**. Disponível em: <http://www.edition.cnn.com>. Acesso em: 14 out. 2018.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CRAIK, Jennifer. **A política cultural do uniforme**. Fashion Theory, v. 2, n. 2, p. 5-26, jun. 2003.

DIAS, Bruno Mesko. **Ellen Church a primeira comissária de bordo**. Disponível em: <http://www.meskodiasadvogados.com>. Acesso em: 02 dez. 2018.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**: uma história dos costumes, trad. Ruy Jungmann, revisão e apresentação Renato J. Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992: Traduzido de Uber den Prozess der Zivilisation vol.I, publicado originalmente em 1939 na Basiléia, Suíça.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, v. 14, n. 28, p. 180-193, 1994.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LIMA, Laura Ferrazza de. **Vestida de frivolidades:** a moda feminina em suas visões estrangeira e nacional na revista O Cruzeiro de 1929 a 1948. Dissertação de Mestrado em História. UFRGS, Porto Alegre, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In: ROSSINI, Miriam de Souza; SANTOS, Nádia Maria Weber; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escrita**. Tradução: Ricardo Santhiago, São Paulo: Letras e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 14, 1997.

RIBEIRO, Gustavo. **Museu TAM expõe uniformes históricos de aeromoças**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br>. Acesso em: 15 abr. 2015.

WAGNER, Roy. "A pressunção da cultura" in: **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac-Naify, 2010. p. 27-28.

MEDIUNIDADE COMO CATEGORIA PARA OS ESTUDOS EM HISTÓRIA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Giovane Marrafon Gonzaga[61]

Profª Drª Vanda Fortuna Serafim[62]

Introdução

No Brasil, o espiritismo kardecista e as religiões afro-brasileiras, como Umbanda e Candomblé, na maior parte do tempo, adota o termo médium para se referir à pessoa capaz de realizar comunicações com espíritos, uma prática. Conforme a leitura de Célia Arribas (2008), possivelmente tenha chegado ao Brasil em meados do século XIX, com a repercussão das mesas girantes, práticas mediúnicas da classe média e alta, sobretudo na França. Se performática, essas reuniões caracterizavam também manifestações da religiosidade mediúnica europeia. Inclusive, "mesa" pode ainda hoje se referir a sessões religiosas de incorporação da Umbanda e do Espiritismo.

Com a consolidação de sociedades científicas e das universidades, ao fim do século XIX e início do XX, organizam-se estudos em busca de melhor compreender e avaliar a natureza de tais manifestações. Entre os intelectuais pioneiros desses esforços, estão aqueles que contribuíram junto à *Society for Psychical Research* (SPR), instituição inglesa fundada em 1882, com abrangência na Europa e países-colônia da época. Allain Gauld (1986), um século mais tarde, analisaria os resultados da SPR com objetivo de observar se, por meio dos experimentos realizados durante o período, seria possível chegar a um laudo científico pessoas que possuiriam capacidade mediúnica e os fenômenos dessa característica.

A inspeção e comprovação das manifestações se davam por uma série de experimentos. Como as correspondências cruzadas, onde médiuns que não se conheciam deveriam se comunicar com um mesmo espírito, escrevendo o que estes lhes falava. Os pesquisadores compariam tais escritos estabelecendo se grafia, vocabulário e conteúdo se aproximavam ou distanciavam de coincidirem. Ou então, por exemplo, se investigava casos específicos, onde médiuns afirmavam se comunicar ou manifestar o espírito de determinada pessoa falecida. Demonstrando memória sobre acontecimentos muito particulares e, no caso de manifestação corpórea, conhecimento de técnicas que o espírito possuiria quando encarnado, com trejeitos semelhantes.

[61] PPH/LERR-UEM, giovanemg@gmail.com.
[62] Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: vandaserafim@gmail.com

A respeito da existência de espíritos e da comunicação com os médiuns, a análise do centenário da SPR finda inconclusiva, Gauld afirma que

> [...] o que sabemos está em proporção ao que não sabemos como um balde d'água em relação ao oceano. Não se pode ter certeza, nem mesmo uma forte convicção, que a nossa área da incerteza foi estreitada a um tamanho controlável (GAULD, 1986, p.254).

Podemos dizer que, cerca de 30 anos depois da publicação de *Mediunidade e Sobrevivência*, esta continua sendo uma opinião sensata a respeito da relação entre conhecimento científico e vida após a morte. No entanto, muitas das observações e do trabalho da SPR, como apresentado na obra de Gauld (1982), é interessante para pensarmos a relação entre o que chamamos de mediunidade, seu caráter cultural e o papel que tem desempenhado nas relações humanas ao longo do tempo.

Segundo Gauld (1982), o que entendemos por mediunidade, a comunicação com os mortos e o conjunto de práticas que a envolve, remeteria, no passado ou em outras culturas, a xamãs, feiticeiros e curandeiros, por exemplo. Tais personagens exercem papel importante em diversos aspectos da vida social, desde o tratamento de doenças, resolver intrigas do dia-a-dia, a questões teológicas complexas. O que lhe exige um profundo conhecimento a respeito das pessoas com quem lida.

Neste trabalho, os resultados e métodos da *Society for Psychichal Research* não serão considerados como prova da veracidade das manifestações mediúnicos, a pesquisa se distancia de intuitos dessa semelhança. Pois considera que este não é um tema ou objetivo da historiografia. Contudo, me proponho a uma análise das relações tecidas entre o passado e a mediunidade afro-brasileira, com recorte geográfico em Maringá-PR. A partir dessas considerações, a obra de Allain Gauld (1982) possibilita refletir sobre um conceito de mediunidade que se desenvolve até os dias de hoje.

Uma categoria que envolve manifestações religiosas de diferentes sociedades, mas que possuem a comunicação com os mortos como característica compartilhada. Onde uma série de atividades funcionais depende de tal comunicação. Como o tratamento de doenças, organizar os trabalhos no campo, explicação de questões teológicas e existenciais, julgamento e resolução de conflitos internos. Funções que boa parte das vezes exige o auxílio de um espírito, que ajudava por meio de visões, intuição ou incorporação.

Mediunidade no tempo e no espaço

Ao considerar esta ideia de mediunidade, não se pretende que, todas as práticas que tem a comunicação com os mortos como fundo, sejam consideradas uma só. Mas destacar a figura do médium, as atividades que tem preenchido, enquanto elemento das culturas humanas. Tal consideração se faz necessária visto que a forma como este fenômeno foi abordado pela ciência nos séculos XIX, muitas

vezes sugere que a mediunidade seja o atavismo de uma psicologia primitiva, sendo relacionada com doenças mentais e retrocesso cultural.

Exemplos de personagens que reúnem tais atributos podem ser encontrados em sociedades isoladas entre si, reforçando o caráter humano do que procuro incluir como o lugar do médium nessas sociedades. Os *medicine man* africanos, como se refere Augé (1994), exercem a função de feiticeiros, curandeiros e sacerdotes. Jean de Léry (1961), durante suas viagens ao continente americano no século XVII, relata a presença dos índios caraíbas, quais

> [...] andam de aldeia em aldeia como os tiradores de ladainha e fazem crer não somente que se comunicam com os espíritos e assim dão força a quem lhes apraz, para vencer e suplantar inimigos de guerra, mas ainda persuadem terem a virtude de fazer com que cresçam e engrossem raízes e frutos da terra do Brasil (LÉRY, 1961, p. 167).

Uma aproximação, entre estas figuras históricas e o papel desempenhado pelo médium, não tem o intuito de imiscuir as particularidades culturais do xamã ou do pajé, ou implicar que o papel que desempenhavam cumpre com rigor de semelhança àquele desenvolvido pelo médium atualmente. Contudo apoio-me nas ideias de Eliade (1992) e Otto (2007), quando reconhecem, na experiência do sagrado de diferentes sociedades, a presença de características religiosas similares, pois provém de questões existenciais e práticas comuns à experiência humana com a vida e com o mundo material.

Quando esta pesquisa propõe o papel do médium contemporâneo em sintonia com manifestações religiosas de outras sociedades e tempos, o faz na tentativa de estabelecer a mediunidade, sobretudo a afro-brasileira, a partir de uma perspectiva científica que não procure identificá-la a termos de verdade ou mentira. Reconhecendo sua realidade e investigando, no caso da perspectiva da História, suas transformações ao longo do tempo e em diferentes espaços. Pelo menos duas razões fundamentam a relevância de estudos sobre o tema. A primeira diz respeito a compreensão de como as sociedades lidam com a morte, onde a relação com os espíritos é um elemento importante a ser analisado. No entanto, esta tese se apoia sobre a segunda razão, que diz respeito das relações entre mediunidade e inconsciente. E pesquisar sobre a vida de médiuns maringaenses que desempenham um papel de liderança religiosa pode contribuir nesse sentido. Um campo de investigação que inclusive se faz necessário, bisto a forma que o assunto tem sido tratado na Ciência dos últimos dois séculos.

Pese que cânones da medicina psiquiátrica dos séculos XIX e XX, como Freud, Jung e Janet, compreendiam fenômenos abordados de maneira religiosa pelo universo mediúnico, como as visões e o hábito de ouvir vozes, enquanto alucinações mentais, e a incorporação, enquanto possível sintoma de transtorno de personalidade dissociativa.

No Brasil, para a discussão das religiões mediúnicas do início do século XX, são referência os trabalhos de Nina Rodrigues e Arthur Ramos, médicos com interesses voltados às áreas da biologia

humana, psicologia e psiquiatria. Embora, em suas teorias, incluíssem a ideia de hierarquia cultural e, nas primeiras publicações de Rodrigues, evolucionismo racial, nunca defenderam a adoção de medidas violentas contra a população negra ou a cultura afro-brasileira. Pelo contrário, ambos defendiam que o acesso à educação e melhores condições de vida para a população negra as retirariam do suposto atraso cultural que representava a mediunidade afro-brasileira. Embora este preconceito pudesse ser encontrado em praticamente toda sociedade branca da época, as soluções apontadas caminharam em direção contrária àquelas de Rodrigues ou Ramos.

A partir de Montero (1985), tem-se que, entre os séculos XIX e XX do Brasil, ocorre a transição política de monarquia para república. Tal passagem anima agentes do Estado e a elite civil com a ideia de impulsionar o progresso e a modernidade. A saúde pública constituía uma das áreas a serem modernizadas. Porque a população de maneira geral não tinha nos médicos, mas nos curandeiros e nos remédios caseiros, os recursos para o tratamento de moléstias cotidianas. As sociedades de medicina se organizam e atuam no governo, formulando medidas higienistas a respeito do espaço público e privado. Neste contexto, encontra-se um entrave entre as práticas mediúnicas, que tem o tratamento de doenças entre seus fundamentos religiosos, e o Estado.

Conforme Roberta Scoton (2005, p. 103), as leis de 1890 criminalizavam praticantes do espiritismo, da magia e seus sortilégios, caso reivindicassem a capacidade de cura espiritual, pois fascinariam e subjugariam a credulidade pública. Com o código penal da República, o artigo 284 da Constituição Federal, que repreende o curandeirismo, não traz referências específicas ao espiritismo ou a magia, porém inclui a presença de qualquer remuneração como possível agravante de multa à pena. A pesquisadora atenta para o fato de que o gesto de aceitar ou cobrar pelas consultas espirituais acaba se tornando um critério para retirar o médium de liberdade.

Esta questão seria um dos fatores de distinção entre o alto e o baixo espiritismo brasileiros. No alto, estariam sociedades espíritas, que agiriam conforme as orientações de Allain Kardec, obedecendo aos princípios de caridade, sem cobrança, e de não praticar do espiritismo para atingir objetivos considerados mundanos, como o amor e o sucesso financeiro, por exemplo. Baixo espiritismo, basicamente, se referia às religiões afro-brasileiras. Dos elementos que reforçavam esta anteposição, estava o fato de que o alto espiritismo atuava junto a entidades elevadas no plano espiritual, espíritos de médicos, cientistas, líderes políticos. Enquanto o baixo espiritismo lidava com personagens menos prósperas do ponto de vista social, como índios com pouca habilidade da língua portuguesa, velhos escravos marcados por problemas da idade e do esforço físico, prostitutas e criminosos. Os médiuns do baixo espiritismo sempre, ou quase sempre, cobrariam por suas consultas, o que projetaria a pouca evolução dos espíritos incorporados em suas sessões espirituais.

Em *O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos*, Emerson Giumbelli (2003) reflete sobre a normatização legal dos cultos mediúnicos, organizada por meio da Polícia Militar carioca durante a década de 1940. Por meio da documentação de portarias publicadas no *Jornal do* Brasil, analisa que o limiar, para que religiões mediúnicas não fossem criminosas, chegava a possuir determinações rituais impostas pela Polícia:

> constava a necessidade do "centro espírita" ter sede própria e não permitir "manifestações sonambúlicas" durante sessões públicas. Segundo a última delas, os grupos não poderiam funcionar "em casas de habitação coletiva"; permitia-se a freqüência de menores apenas às sessões "exclusivamente religiosas"; [...] não se limitavam a intervir sobre os diretores e a discriminar finalidades, mas criavam determinações por assim dizer rituais, procurando normatizar a natureza e as condições das atividades das sociedades espíritas a partir de uma lógica que garantisse, tal como determinava a Constituição de 1937, a adequação do espaço religioso às "exigências da ordem pública": local apropriado, público adulto, ausência de atividades terapêuticas e assistenciais e um modelo comedido de possessão espiritual (GIUMBELLI, 2003, p. 274).

Como demonstram Giumbelli (2003) e Scoton (2005), esta relação era respaldada também por documentos da polícia ou produções científicas da primeira metade do século XX, no Brasil. Inicialmente, as religiões mediúnicas de maneira geral, depois, especialmente religiões afro-brasileiras, eram atacadas publicamente, em notas de jornais ou apreensões policiais, por a possibilidade de causar o mal e induzir à loucura.

Dessa forma, temos que existe um complexo de práticas mediúnicas, principalmente as herdeiras de culturas africanas, cuja prática social é dificultada devido a essa série de barreiras legais, psicológicas e rituais. Construídas na sociedade, na mídia, nas ciências, no poder público, entre outros. Em consequência dessa situação, nesse período, boa parte dos terreiros de Umbanda ou Candomblé, sobretudo no Sudeste brasileiro, adota para seus templos a nomenclatura de centro espírita, inclusive se filiando a federações espíritas, como forma de garantir segurança a seu espaço religioso.

A solução de problemas amorosos e financeiros, por exemplo, se tornou âmbito das consultas particulares. No universo das religiões afro-brasileiras, aspectos materiais da vida também são território do sagrado. E a atividade mediúnica afro-brasileira exige o cumprimento de certos preceitos que, muitas das vezes tomam tempo e materiais específicos para sua realização. Dessa forma, o atendimento a consulentes, que buscam por um trabalho religioso, pode ser cobrado como forma de atender às necessidades da vida do médium. São características que historicamente nunca apresentaram um conflito com concepções das religiões afro-brasileiras.

No entanto, devido à pressão social, o espaço da prática religiosa da mediunidade diminuiu e se camuflou em meio à vida urbana. Sobretudo quando envolve a solução de problemas amorosos ou financeiros. Nos dias de hoje, praticamente em todas as cidades de médio e grande porte, é possível se

encontrar anúncios religiosos nos classificados de um jornal ou em propagandas espalhadas na cidade. Tomando como exemplo a pesquisa que realizamos a partir de Maringá-PR (GONZAGA, 2016), em qualquer uma dessas propagandas será raro constar o endereço do local de atendimento. Essa é uma informação que será fornecida apenas depois de uma conversa ao telefone. Justamente porque não é seguro ser um médium e partilhar de manifestações e crenças relativas às religiões afro-brasileiras.

Historia oral, historia regional e mediunidade: possibilidades

Apesar de um cenário repressivo, a atividade mediúnica, seja em templos ou em atendimentos individuais, continuou a se desenvolver e aumentar em número de adeptos e consulentes. Quando me proponho a pensar a pesquisa a partir da ideia de mediunidade afro-brasileira, é no sentido de aprender sobre que características dessa prática podem ser relacionadas com a história da cidade e a história das religiões de matriz africana no Brasil. Adoto a perspectiva de que, devido a esse passado de perseguição, os aspectos da mediunidade (a comunicação com os mortos, um fenômeno comum na maioria dos grupos humanos) e a sua relação com o passado da sociedade brasileira constituem temática instigante para a historiografia.

Em dissertação de mestrado, também em conforme com outras pesquisas sobre o tema, não foram constadas fontes escritas sobre as religiões afro-brasileiras em Maringá-PR.

Algo decorrente de uma característica nacional sobre a história de tais manifestações, onde a pressão social em que essas religiões foram submetidas, o preconceito em torno do tema, dificultaram a produção e manutenção de documentos sobre o assunto. O autor de um escrito produz uma versão da realidade sobre aquilo que escreve. Logo, um país que oficialmente desqualificava determinada prática cultural, como a mediunidade afro-brasileira, dificilmente se esforçaria em produzir leituras que tivessem essas manifestações como destaque. O que corrobora para que as religiões de matriz africana, ainda que sua história possivelmente tenha se iniciado com a escravidão negra no Brasil, sejam relatadas com solidez apenas em documentos do século XIX.

No caso do município maringaense, uma relação de troca de interesses entre Igreja Católica e a Companhia Melhoramentos, responsável pela colonização da cidade, produziu o que alguns autores denominam reengenharia da memória (GONÇALVES, 2014). A partir desse conceito, em dissertação de mestrado, procurei constatar que a presença do catolicismo foi reforçada no passado da cidade, enquanto outras denominações religiosas recebem pouca atenção. Considerando estas duas dimensões, nacional e regional, a história oral consiste método importante da investigação sobre as religiões afro-brasileiras em Maringá.

Nas últimas três décadas, a informação obtida por meio de entrevista desenvolveu papel importante na mídia pública, diariamente vemos telejornais impressos recorrerem a entrevista de um

especialista. Consistido uma forma de garantir fiabilidade à informação difundida. Por exemplo, ao se consultar um economista para falar sobre a situação financeira do país. Em paralelo, a entrevista autobiográfica, enquanto relato de si a um interlocutor, ganhou ampla popularidade nas redes sociais. Narrar o cotidiano, o passado, experiências e opiniões adquiridas tem sido um recurso à informação atuante em nossa sociedade. O que denota, para a historiografia, a necessidade de se pensar a metodologia adequada a uma fonte notória na contemporaneidade.

Leonor Arfuch (2010), doutora em Letras, professora titular da *Universidad de Buenos Aires*, compreende que, para as ciências humanas, a entrevista é capaz de dotar de corpo um ator social, identificá-lo. O relato autobiográfico é capaz de revelar as posições que o sujeito desempenha na sociedade. A partir de um relato de alteridade, onde quem fala, fala consigo mesmo, olhando o passado a partir do presente. E fala com o público que imagina. Dessa forma, ao se proceder com entrevistas para fins acadêmicos, é interessante ter em mente que o relato não traduz uma realidade concreta. Ao narrar um acontecimento, quem fala o faz a partir da própria perspectiva e memória. O que chega ao historiador se trata de uma autoanálise do passado do narrador e, de certa forma, relata muito sobre o entrevistado no momento em que a entrevista é realizada, e menos sobre acontecimentos do passado.

E mesmo com elementos históricos do relato é necessário cautela. São produtos da memória, também da manipulação do indivíduo. Devido a tais características, as entrevistas e suas narrativas foram recursos pouco explorados, conforme Portelli (1997), no campo científico entre os séculos XIX e XX. O autor defende, contudo, que as entrevistas produzem textos que, por sua vez, constituem fatos científicos. Na medida em que podem ser analisados e estudados por métodos controláveis e disciplinas específicas, como a linguística, a psicologia, a antropologia e a história oral. Assim, a subjetividade das fontes orais se insere em um contexto de possibilidades para a ciência.

> a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável. [...] E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada (PORTELLI, 1997, p. 7-8).

Assim, quando o projeto procura entrevistar lideranças religiosas de Maringá, o faço com o sentido de histórico de contribuir para o campo de possibilidades sobre o passado dessas práticas na cidade. De que maneira se desenvolveram ao longo do tempo, as condições para conduzir suas cerimônias e ritos no espaço urbano, o processo de adequação social relativos à descoberta mediúnica.

Em dissertação de mestrado, reflito que algumas dessas questões poderiam ser respondidas por outra documentação, que não a narrativa oral, como publicações de jornais e o mapeamento de templos

na cidade, trabalho que deve ser complementado durante a pesquisa de doutorado. No entanto, existem lacunas que, ao menos no caso do município maringaense, apenas os relatos orais poderiam preencher. A relação do sacerdote com a cidade, quando observada por meio de fontes impressas e distribuição geográfica, permite visualizar muito sobre o lugar, a cidade, em relação às religiões afro-brasileiras, porém pouca informação sobre a história de seus sacerdotes e templos.

Dessa forma, a tese se pauta sobre a ideia de que a subjetividade do relato de vida é fundamental para a construção de um quadro de possibilidades historiográficas. O papel da narrativa não é de estruturar uma cadeia de fatos, mas considerar o passado a partir da perspectiva do sujeito.

Por exemplo, na literatura acadêmica se observa que as religiões afro-brasileiras, em toda sua história, sofreram algum tipo pressão social, condicionando a forma como seriam praticadas. Esse caráter geral permite que conjecturemos que a mesma pressão ocorra em Maringá. Ao olhar para publicações de jornal do início do século XXI, uma série de matérias corroboram para tal hipótese. A distribuição geográfica dos terreiros pela cidade também nos informa sobre essa pressão. Mas as consequências de tal atmosfera no cotidiano e na vida dos sacerdotes, o processo de iniciação pelo qual passaram, de que maneira se dá sua comunicação com as entidades e como ela se desenvolveu até atualmente, por exemplo, fazem parte de uma série de questões onde as fontes orais são necessárias.

Por meio da pesquisa de Eronildo Silva (2014) e de nossos resultados durante a pesquisa de mestrado, é possível refletir que estão presentes na cidade sacerdotes de diferentes denominações religiosas, como a Umbanda, o Candomblé e o Tambor-de-mina. Também há pessoas que não se organizam sobre uma religião específica, são cartomantes, videntes, sensitivos. Em ambos os casos, desempenham o papel de médium no sentido que procuro estabelecer para esta pesquisa. Ou seja, por meio da comunicação com espíritos, seja em reuniões coletivas ou particulares, procuram encontrar solução para problemas e conselhos aos consulentes que os procuram.

Inicialmente quatro lideranças religiosas serão entrevistadas, podendo ir a seis caso a pesquisa progrida de maneira satisfatória. Os entrevistados são Pai Zezinho, Mãe Marilza, Mãe Ruth e Dona Selma. Com a possibilidade de serem incluídos são Pai Jorge de Xangô e Dona Dirce Mariano. Para identificá-los, foram utilizados como fontes os classificados do jornal *O Diário do Norte do Paraná*, maringaense, onde são oferecidos serviços religiosos junto a um número de telefone; a lista de telefones e endereços publicada na tese de Silva, acima citada; o Zelador Giancarlo Hilário, sacerdote da Umbanda e capoeirista, que conheci em passagens pela ACCAMÊ, associação de capoeira e cultura afro-brasileira instalada no bairro Conjunto Requião, em Maringá, me indicou uma série de templos e médiuns da cidade.

Cada entrevista será norteada por um roteiro geral, conforme recomenda Alberti (2004, p. 101). Não se trata exatamente de questões pré-elaborados, mas pontos que podem contribuir para o

enriquecimento de informações sobre o tema da entrevista. Por exemplo, em relação ao despertar para a vida religiosa, alguns pontos devem ser questionados.

Com quantos anos e como se manifestaram os primeiros sinais de mediunidade; de que forma o entrevistado lidou com tais ocorrências, que pensamentos eram frequentes durante o período de descobrimento; essas manifestações aconteceram quando o entrevistado estava sozinho, ou na presença de outras pessoas; nesse último caso, qual foi a reação do entrevistado e de possíveis participantes. Caso os eventos tenham sido relatados a outras pessoas, quais foram suas reações; Como as manifestações foram abordadas, houve tentativa de tratamento médico ou religioso.

Considerações finais

Por fim, a ideia de mediunidade, operacional da produção sobre história das religiões, pode ser utilizada para pensar passagens dos relatos de vida que remetam a características da prática mediúnica. A presença de tal fenômeno permitiria um passo no sentido reconhecer o caráter histórico e humano do que aqui se entende por mediunidade. Como apontado anteriormente, a resolução de problemas espirituais e outras áreas da vida humana (amor, trabalho, por exemplo), e da comunidade (crises agrícolas, contendas com outros grupos) surge como responsabilidade de personagens específicas em diferentes comunidades. Para esta figura, a comunicação com os espíritos consiste característica também compartilhada em espaços e períodos variados. Assumir o caráter geral de tal prática, não o destitui de suas condições históricas de representação. Ao contrário, a partir de uma linha podemos partir de um objeto específico – a Arte, a Religião, a Política – e aplicá-las a sociedades onde etimologicamente tais ideias não possuam alcance algum, mas que por outro lado, suas práticas e estruturas se referem ao que se dirige àquele conceito. Como podemos falar sobre Política entre os vikings e culturas não europeias. Assim, é possível se referir à Mediunidade em tempos onde o termo não se encontra, mas as práticas que constituem o termo de certa forma sim. Esta condicional, "de certa forma", é uma lacuna que o historiador pode auxiliar a preencher.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AUGÉ, Marc. "Magia". In: **Enciclopédia Einaudi:** religião-rito, vol. 30. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

GAULD, Allan. **Mediunidade e sobrevivênia:** um século de investigações. São Paulo: Pensamento, 1982.

GIUMBELLI, Emerson. A Presença do Religioso no Espaço Público: Modalidades no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 80-101, 2003.

GONÇALVES, José Henrique; DIAS, Reginaldo Benedito. "Jorge Ferreira Duque Estrada: intérprete de Maringá" In: DIAS, Reginaldo; GINI, Sérgio; SILVA, Miguel Fernando (Orgs.). **Terra crua / Jorge Ferreira Duque Estrada**. Maringá: EDUEM, 2014. p. 169-224.

GONZAGA, Giovane Marrafon. **Memórias, notícias e espaços**: a presença das religiões afro-brasileiras em Maringá-PR (2000-2014). 2018. 158f. Dissertação (mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem:** a magia na Umbanda. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

SCOTON, Roberta M. S. Médicos acadêmicos e curandeiros na Manchester Mineira (Juiz de Fora-MG, 1890-1940). **Anais Eletrônicos do I Seminário de História Econômica e Social da Zona da Mata Mineira.** Juiz de Fora, 2005.

SILVA, Eronildo José. **Maringá de todos os santos:** presença das religiões afro-brasileiras. 307f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontífera Universidade Católica/SP. São Paulo, 2014.

A PRESENÇA DA RELIGIÃO NA CAMPANHA DE CANDIDATOS CATÓLICOS À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ EM 2018

Lara Pazinato Nascimento[63]
Frank Antonio Mezzomo[64]
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro[65]

Introdução

"Ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos" (*Evangelii Gaudium*, 2013:183). Tais palavras do Papa Francisco parecem indicar um descontentamento com a postura institucional da Igreja Católica diante da possibilidade de ser confinada apenas à vida privada de seus seguidores, sem receber espaço para se envolver em questões relativas ao restante da sociedade. Isto fica ainda mais evidente quando se observa o incentivo da Instituição à participação de seus seguidores na política, o que pode ser demonstrado, por exemplo, com a instituição do Ano Nacional do Laicato, que se estendeu de novembro de 2017 a novembro de 2018 – acompanhando o ano de eleições no Brasil – em busca de motivar a atuação dos leigos nos diversos grupos e espaços sociais. Tal participação dos fiéis na esfera pública, em particular na política, se daria segundo as orientações do Documento 105 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que traz com uma de suas metas "incentivar e preparar os cristãos leigos e leigas a participarem dos partidos políticos e serem candidatos para o executivo e legislativo, contribuindo, deste modo, para a transformação social" (CNBB, 2017). Diante desse cenário, objetivamos analisar a utilização da religião na campanha dos candidatos católicos Cobra Repórter (PSD), Padre Roque (PR) e Pedro Scherer (PRTB) à Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP) nas eleições de 2018. Deste modo, levando em consideração posicionamentos da Igreja e a presença cada vez mais frequente nas disputas eleitorais brasileiras de candidaturas vinculadas, de alguma forma, a instituições religiosas (CARVALHO JUNIOR; ORO, 2017; MACHADO, 2012; ORO, 2001; FRESTON, 1993), buscamos discutir nesse texto as articulações entre religião e política, particularmente no que se refere ao catolicismo.

[63] Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, UNESPAR/CM, larapazinato@gmail.com.
[64] Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, UNESPAR/CM, frankmezzomo@gmail.com.
[65] Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, UNESPAR/CM, crispataro@gmail.com.

A cada vez mais incisiva e estruturada participação de religiosos políticos[66] na cena pública brasileira traz à tona questionamentos sobre como se dá a laicidade no Brasil. Tomada como uma das principais características da modernidade, o princípio da laicidade pode ser entendido como a emancipação do Estado "dos poderes eclesiásticos e de toda referência e legitimação religiosa" (MARIANO, 2011, p. 244), sendo decorrente do processo de secularização, que tende a deslocar a religião para a esfera privada e resulta em um significante arrefecimento da influência do sagrado na vida e nas ações dos indivíduos, que até então tinham no plano divino o principal ordenador (HERVIEU-LÉGER, 2008; BERGER, 1985). No entanto, tais configurações não resultam na extinção ou no isolamento da religiosidade em função do plano secular, mas em um arranjo em que ambas as áreas coexistem e interagem entre si (ORO; CAMURÇA, 2018), até porque "as religiões precisam se valer das mais diversas estratégias que as possibilite assumir um papel relevante nas contínuas construções pessoais de sentido dos fiéis" (PRANDI; SANTOS; BONATO, 2019, p. 46). Deste modo, a laicidade, ao menos no caso brasileiro, não se constitui em um sistema uniforme, mas, conforme Camurça (2017, p. 882), em um "mosaico de cenários" carregado de pautas destoantes, que é acionado tanto por grupos laicos quanto religiosos como mecanismo para defesa de seus respectivos interesses (CAMURÇA, 2017).

De acordo com Lacerda (2017, p. 18), "a presença da religião na política brasileira sempre foi, desde a proclamação da república 1889 até hoje, muito mais a regra do que a exceção", ainda que o princípio da laicidade tenha sido garantido a partir da Constituição de 1891. Mesmo transferida por vias jurídicas à esfera privada, a Igreja Católica, até então detentora oficial das confissões no país, continua a exercer influência sobre o Estado brasileiro (MACHADO, 2012), contribuindo até mesmo para o seu fortalecimento, ao passo que segue "fazendo campanhas, propondo leis, planos de políticas sociais, participando de atividades partidárias e até mesmo da burocracia governamental" (MONTERO; ALMEIDA, 2000, p. 328). É apenas no final do século XX que a posição de centralidade da Instituição no cenário nacional começa a sofrer mudanças, em um contexto em que, dentre outros fatores, a Igreja, "ao opor-se à ditadura militar e defender os direitos humanos a partir de 1968, perdeu, como ator religioso, a exclusividade na relação e no estabelecimento de diálogo e negociação com os dirigentes políticos e estatais" (MARIANO, 2009, p. 114), o que contribui para que a esfera política receba a participação de outros segmentos religiosos, dentre os quais é possível destacar os evangélicos, principalmente aqueles vinculados à vertente pentecostal.

[66] Os religiosos políticos são definidos por Carvalho Júnior e Oro (2017, p. 19) como "sujeitos detentores de um pertencimento religioso anterior a sua eleição, que se utilizam deste pertencimento como capital político, mesmo que de forma sutil, e que, uma vez eleitos, mantêm o seu vínculo religioso de forma explícita".

É então a partir da década de 1980 que os evangélicos pentecostais passam a se inserir "na arena política impelidos pelo temor de que a Igreja Católica estivesse disposta a tentar dilatar seus privilégios junto ao Estado" (MARIANO, 2011, p. 250), em busca também de representação e espaço na cena pública, e de confrontar alas progressistas da sociedade, como os movimentos feministas e LGBT+ (MACHADO; BURITI, 2014). Assim, são realizadas na Assembleia Constituinte de 1986 as primeiras articulações para formação da Bancada Evangélica, um grupo não homogêneo, mas cujos integrantes trabalham em conjunto para defender interesses afins (MARIANO, 2011; PRANDI; SANTOS, 2017). Desde então, "nos deparamos com o contínuo aumento de visibilidade e de participação de evangélicos na esfera política brasileira" (PRANDI; SANTOS; BONATO, 2019, p. 46), já que tem sido significativa a participação de lideranças religiosas e fiéis em eleições, com candidaturas apoiadas ou não pelas igrejas a que pertencem, e um constante acionamento de símbolos e discursos religiosos nas campanhas eleitorais (SEXUGI; MEZZOMO; PÁTARO, 2018).

Nesse sentido, é possível dizer que, em concorrência por espaço com os evangélicos (MARIANO, 2011), "aos poucos a Igreja católica vem igualmente se apropriando de estratégias semelhantes, trazendo cada vez mais, para as disputas eleitorais das diferentes esferas, a linguagem, os signos e as representações da religião" (SEXUGI; MEZZOMO; PÁTARO, 2018, p. 225). Essa configuração tem se dado desde o período de redemocratização, por meio de leigos católicos e até mesmo de membros do clero, dispensados temporariamente de suas atividades religiosas, apresentando suas candidaturas nas corridas eleitorais (ORO, 2003), e fazendo o uso da identidade católica como instrumento de campanha (MARIANO, 2011). Desta maneira, estes religiosos políticos contribuem para atender o incentivo da Instituição à atuação de seus fiéis na esfera pública, que não é recente e vem sendo reforçado pela Igreja, pelo menos, desde o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), momento que pode ser considerado o principal marco de sua abertura ao diálogo com a modernidade (SANCHEZ, 2017), convocado pelo Papa João XXIII em busca de "conciliar a presença e atuação da Igreja com os novos tempos" (MENDES, 2012, p. 153).

Embora não demonstre apoio oficial às candidaturas que encoraja para que seus seguidores possam "atender ao bem comum e, ao mesmo tempo, abrir caminho ao Evangelho" (*Apostolicam Actuositatem*, 1965:14), a Igreja não deixa de lado as dicas sobre as características dos candidatos que os eleitores devem levar em consideração ao decidir seu voto. Exemplo disso é a atuação da CNBB, que tem construído uma tradição de instrução política no país e vem publicando, ao longo dos anos eleitorais, textos e cartilhas pautados nos valores cristãos com o objetivo de promover a conscientização da população sobre este campo (ZANIN, 2000; ORO, 2003). Desta forma, é possível entender que a Igreja Católica busca manter influência na decisão dos votantes, além de contribuir para a construção da campanha de candidatos que incorporam os quesitos que, segundo a Instituição, caracterizam "o bom

político", de modo a legitimar sua identidade católica nas disputas eleitorais. Seguindo esses moldes, a edição de 2018 da Cartilha de Orientação Política da CNBB, intitulada "Os cristãos e as eleições 2018", traz indicações para que o povo procure eleger candidatos que, "preferencialmente, possuam vínculos com a Igreja, demonstrados antes da campanha eleitoral", apresentem "uma sincera adesão aos valores cristãos", defendam "a vida, desde a concepção até o seu fim natural" e "a família, segundo o plano de Deus", entre outros aspectos.

Tais temas fundamentados na moralidade cristã, considerados imprescindíveis àqueles dignos de voto do ponto de vista da Igreja (CNBB, 2018a, p. 25), mostraram-se recorrentes durante as eleições de 2018, assim como o acionamento de linguagens e símbolos oriundos da religião, e a aproximação de candidatos a instituições religiosas. Talvez o exemplo mais evidente tenha sido a campanha do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (PSL), eleito no segundo turno com 55,13% dos votos válidos, que além das pautas conservadoras trouxe como seu *slogan* a frase "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" e recebeu significativo apoio de segmentos evangélicos (FUJITA, 2018). Ainda na disputa pela presidência, Cabo Daciolo (Patriota) constantemente se fez presente nos debates acompanhado de uma Bíblia, proferindo o jargão evangélico "Glória a Deus!"; Geraldo Alckmin (PSDB) e Henrique Meirelles (MDB), respectivamente, firmaram alianças com as Igrejas Mundial do Reino de Deus e Assembleia de Deus Belém; bem como Fernando Haddad (PT) realizou visita à sede da CNBB, onde se comprometeu "a reforçar pontos como o 'compromisso de preservação da vida'" (MEGALE, 2018). No cenário paranaense, Ratinho Junior (PSD), que declarou apoio a Jair Bolsonaro e "tem um perfil conservador e historicamente é ligado a partidos que tem base em igrejas evangélicas" (BARAN, 2018), foi eleito ao cargo de governador do estado; Flávio Arns (REDE) e Professor Oriovisto Guimarães (PODE), ambos os candidatos eleitos ao Senado pelo Paraná, declararam-se contra a legalização do aborto (ARNS, 2018; EUSTÁQUIO, 2018); e, de forma similar, também nas eleições do mesmo ano à ALEP, foi possível observar uma mobilização da religião como mecanismo e estratégia de campanha.

As eleições de 2018 à ALEP contaram com 7.971.087 eleitores aptos, e alcançaram 6.620.465 votos, dos quais 6.145.689 foram votos válidos (92,83% do total), 308.785 nulos (4,66%) e 165.991 em branco (2,51%) (GAZETA DO POVO, 2018). Dentre os 776 concorrentes ao cargo de deputado estadual, cujos dados foram disponibilizados online pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), identificamos 37 candidatos como religiosos políticos – isto é, que fizeram uso intenso e contínuo de símbolos religiosos e/ou contaram com apoio de lideranças eclesiásticas –, 27 deles sendo evangélicos, dois pertencentes a religiões de matriz africana, e oito católicos[67]. Para tal caracterização, observamos,

[67] Os oito candidatos católicos identificados como religiosos políticos nas eleições de 2018 à ALEP foram: Cleusa Camargo (PPS, suplente), Cobra Repórter (PSD, reeleito), Evandro Araújo (PSC, reeleito), Heico Silva (PPS,

por meio de publicações nas mídias sociais *online* dos candidatos e notícias sobre suas candidaturas, a frequência e a intensidade com que acionaram elementos religiosos durante o pleito, como no nome de urna, na construção de seus materiais de campanha, discursos, posicionamentos, entre outros. Ademais, foram coletadas e tabuladas as publicações de cunho político e religioso realizadas em suas *fanpages* do *Facebook* entre 20 de julho e 8 de outubro de 2018[68]. Assim, com base nesses dados, buscamos analisar como se configurou o acionamento da religião durante as eleições de 2018 à ALEP nas campanhas de Cobra Repórter (PSD), Padre Roque (PR) e Pedro Scherer (PRTB), candidatos católicos que, ainda que não tenham recebido apoio institucional oficial de segmentos da Igreja, como o Ministério Fé e Política da Renovação Carismática Católica, que se destaca na atuação política, demonstraram ênfase e recorrência de tal mobilização do sagrado na construção de sua identidade, seus materiais de campanha e defesa de suas pautas, frequentemente vinculadas a princípios cristãos.

De tal forma, levando em consideração que as disputas eleitorais são momentos em que, especialmente, os diálogos entre a esfera religiosa e a esfera política se tornam mais evidentes e mostram uma instrumentalização recíproca entre ambos os campos (ORO; CARVALHO JÚNIOR, 2015), almejamos contribuir com os estudos voltados à compreensão de como a religião, em particular a católica, permeia a política brasileira e com ela se articula.

A religião na campanha eleitoral de 2018 à ALEP

Vinculados à Igreja Católica, os três candidatos analisados neste trabalho fizeram constante uso da religião durante o pleito de 2018 à ALEP, o que pode ser observado por meio de materiais de campanha como *jingles*, *flyers*, "santinhos" textos, fotos, *lives* e vídeos publicados em suas *fanpages* do *Facebook* ao longo do período eleitoral[69]. Em meio à utilização de elementos religiosos atrelados à política, estes religiosos políticos expressaram de forma nítida o seu pertencimento ao catolicismo. Cobra Repórter, eleito à ALEP em 2014 pelo Partido Social Cristão (PSC) com 29.097 votos, e reconduzido ao cargo de deputado estadual em 2018 pelo Partido Social Democrático (PSD) com um total de 46.983 votos, afirma em vídeo publicado em sua *fanpage* que decidiu adentrar a disputa ao legislativo estadual em 2014, quando participou do Encontro de Casais com Cristo (ECC) e notou que

suplente), Nelmo Cassiano (REDE, suplente), Padre Roque (PR, suplente), Pedro Scherer (PRTB, suplente), Sérgio do Cristma (PV, suplente).

[68] A identificação dos candidatos que podem ser caracterizados como religiosos políticos, bem como a coleta de seus materiais de campanha, foram realizados pelo Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, da Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão.

[69] Consideramos como formas de divulgação da campanha mesmo aquelas publicações que não estavam relacionadas diretamente às eleições, mas foram apresentadas no espaço de tempo mencionado, visto que é possível supor uma visualização desses conteúdos por parte dos eleitores, podendo ou não contribuir para a sua decisão de voto.

a Igreja "apoia muito as ações boas na política". Pedro Scherer, que alcançou a condição de suplente com um total de 1.261 votos pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), tendo anteriormente sido candidato a vereador de São José dos Pinhais em 2004 (suplente) e a vice-prefeito do mesmo município em 2016 (não eleito), ainda que se coloque como "Liderança Cristã", sem especificar uma denominação, afirma em seu *flyer* de campanha que frequentou a Escola Fé e Política da CNBB, participou da Pastoral da Juventude e foi catequista, e que deseja ser deputado estadual para "ser um representante da igreja de saída[70], sendo sal da terra e luz do Mundo[71]", fazendo referência ao Ano Nacional do Laicato. Já Padre Roque, embora esteja em licença sacerdotal desde 2004, foi o único religioso político católico identificado que utilizou título eclesiástico em seu nome de urna em 2018, obtendo a condição de suplente pelo Partido da República (PR), com 4.934 votos. O candidato havia participado também das disputas eleitorais ao legislativo estadual em 2010 e 2014 (suplente), e ao legislativo municipal de Londrina em 2008 (eleito), 2012 (eleito) e 2016 (suplente, assumindo o mandato como vereador em 2017).

Ao longo da campanha, o pertencimento religioso dos candidatos é reforçado por meio do acionamento de elementos característicos da doutrina católica. Pedro Scherer compartilhou imagem em que se encontra ao lado de uma Bíblia, sobre a qual se vê uma representação da figura de Jesus; Padre Roque terminou várias de suas publicações com a saudação franciscana "Paz e Bem", tendo também realizado postagem em celebração ao dia de São João Maria Vianney, padroeiro dos sacerdotes, e oração a São Miguel Arcanjo; de forma análoga, Cobra Repórter divulgou publicação sobre o dia comemorativo em homenagem a este último, apontando que a Festa de São Miguel foi inserida no calendário oficial de eventos do Estado do Paraná por meio de projeto de lei de sua autoria, além de utilizar o dia de São Francisco de Assis para falar sobre sua atuação na política em defesa dos direitos dos animais, com uma imagem do santo ilustrando o conteúdo. Com isso, podemos inferir que o uso de expressões, símbolos e imagens próprios do catolicismo podem contribuir para a construção da identidade dos candidatos na percepção do eleitor, funcionando também, como no caso de Cobra Repórter, para indicar posicionamentos pautados nos princípios católicos, reafirmando a condição desses religiosos políticos como representantes dos interesses e tradições da Igreja no que diz respeito ao Estado. Assim, observamos que o pertencimento religioso é acionado não somente de forma a listar as atividades realizadas junto à Igreja, ou pelo nome de campanha, como no caso do Padre Roque, mas pela menção

[70] O termo "Igreja em saída" é parte da temática do Ano do Laicato ("Cristãos leigos e leigas, sujeitos na 'Igreja em saída', a serviço do Reino") e faz relação ao posicionamento da Instituição, frisado pelo Papa Francisco, de que "sobretudo os leigos, devem contemplar as periferias, sejam geográficas, sociais, morais ou quaisquer outras onde Cristo deva ser anunciado e amado" (CNBB, 2018b).

[71] Referência ao texto bíblico escrito em Mt 5: 13-14: "Vós sois o sal da terra; mas se o sal se tornar insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta, senão para ser lançado fora, e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte".

explícita e reiterada dos candidatos de que consistem em cristãos envolvidos, católicos participantes da política.

Também foi verificada, em meio às publicações no *Facebook*, a concessão de apoio por parte de indivíduos do meio religioso aos candidatos, com exceção de Padre Roque que, embora tenha sido apoiado por nomes com o Ratinho Junior e Darci Piana, eleitos governador e vice-governador do Paraná em 2018, não pareceu ter apresentado conexões do gênero com integrantes da Igreja. Neste âmbito, podemos destacar o candidato Cobra Repórter que divulgou várias publicações de religiosos lhe declarando voto e pedindo o mesmo dos eleitores, mencionando sua atuação na igreja e na política como cristão, como é o caso de Padre Marinho, de Centenário do Sul; Adilson de Freitas, diácono e fundador do Grupo de Oração Renascer, da Comunidade Católica Filhos da Luz; Padre José Agius, da Paróquia São Paulo Apóstolo, de Rolândia; e a Irmã Elisabeth Mendes, da Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Jesus. Além destes, dois membros da Renovação Carismática Católica fizeram o mesmo, ambos apontando a defesa da vida e da família praticada pelo candidato como motivo de voto. Já Pedro Scherer, mesmo que de forma não tão expressiva e declarada quanto se mostrou a campanha de Cobra Repórter neste quesito, publicou uma foto com Dom Celso, bispo da Diocese de São José dos Pinhais, de quem diz ter recebido uma benção para sua "missão de ser sal da terra e luz do mundo no mundo da política". Ao discorrer sobre a inserção bem sucedida dos evangélicos no campo da política, Prandi, Santos e Bonato (2019) trazem a ideia de que essa configuração é resultado não tanto da identificação do eleitor com o pertencimento religioso do candidato em si, mas da atuação das instituições religiosas como uma espécie de "máquina eleitoral", por meio da qual são acionadas redes de contatos e fiéis trabalham na divulgação das campanhas, sendo "capazes de mobilizar tanto o linguajar religioso quanto afinidades extrarreligiosas no convencimento político dos habitantes de suas comunidades" (PRANDI; SANTOS; BONATO, p. 53, 2019). Com isso, a partir dos exemplos apresentados, é possível interpretar de maneira similar o funcionamento da Igreja Católica durante as eleições, quando leigos e até mesmo membros do clero manuseiam a "máquina eleitoral" e contribuem para que a campanha seja divulgada ao público de seu alcance, ainda que a Instituição não se envolva oficialmente na concessão de apoio aos religiosos políticos.

A participação dos candidatos no meio religioso foi demonstrada ao longo da campanha por publicações que apresentaram suas presenças em igrejas. Padre Roque publicou vídeo em que era visto entre os fiéis, assistindo a uma missa na Catedral de Londrina, e Pedro Scherer divulgou imagens em que aparecia no ambiente religioso vestindo as roupas de Ministro da Eucaristia. Enquanto isso, Cobra Repórter postou foto ao lado de um padre em espaço onde parecia ter sido realizada uma missa, acompanhada pela frase "fé em Deus" e seu número de urna, e junto a fiéis em sua visita à igreja Assembleia de Deus, em Cambé, o que pode ser um indício da atuação em conjunto entre católicos e

evangélicos na política em prol da defesa de interesses comuns (PY; REIS, 2016), como é o caso da defesa da vida e da família. Deste modo, podemos inferir que tanto a presença em igrejas quanto a divulgação desse conteúdo nas *fanpages* contribui para uma assimilação por parte do eleitor do engajamento do candidato com relação à religião, contribuindo para uma ideia do político como um representante dos princípios cristãos – seja da vertente católica ou não – que lhes confere uma aura de confiabilidade (SANTOS, 2008).

No que diz respeito às pautas defendidas pelos candidatos, foi unânime a luta pela defesa da vida e da família, que se mostraram duas das principais bandeiras por eles defendidas durante a campanha, se não as que mais receberam ênfase de modo geral, figurando diversas vezes em meio aos materiais coletados. Estruturado nas concepções cristãs de uma ideia heteronormativa de matrimônio e de procriação sagrada que, portanto, não deve ser interrompida por intenções humanas (MACHADO, 2017a), o debate da defesa da vida e da família tem como vozes ativas a Igreja Católica e igrejas evangélicas, implicando numa tentativa de contenção do espaço que tem sido conquistado na cena pública brasileira por grupos progressistas, como o movimento feminista e LGBT+ (MACHADO, 2017b; MARIANO; BIROLI, 2017). Esses posicionamentos conservadores integram o processo de moralização da discussão acerca dos direitos humanos, cuja fundamentação é firmada nos valores e na moral provindos da religião e de sua permeabilização na esfera política (IVANESCU, 2010), consistindo em uma questão que não é novidade no contexto brasileiro (MACHADO, 2017), mas vem se intensificando significativamente em meio às instabilidades políticas e econômicas enfrentadas pelo país nos últimos anos (TATAGIBA, 2018).

Além de ter utilizado a *tag* "#odeputadodafamília", até mesmo em postagens não relacionadas ao assunto, o candidato Cobra Repórter, em uma das muitas *lives* realizadas durante o pleito abordando o tema, afirmou que é "o deputado estadual que defende a família na Assembleia Legislativa, os valores da família, os princípios cristãos", também trazendo a questão constantemente em seus materiais de campanha oficiais, como seu *flyer* de propostas, em que mostra como um de seus objetivos "reforçar o trabalho pela família paranaense". De forma similar, o candidato Pedro Scherer trouxe essas temáticas em primeiro plano em sua campanha, demonstradas em seus flyers e "santinhos", com frases como "Pátria e Família em primeiro lugar", "em defesa da vida e da família! Na política, na sociedade e na igreja", além de dizer que, caso fosse eleito, seria "um 'Defensor da Vida e da Família' representando e respeitando os interesses do povo". No entanto, ainda que abordassem o tema constantemente, não fica claro nos materiais publicados nas *fanpages* do *Facebook* desses dois candidatos em que, exatamente, consiste a defesa da família para além da pauta anti-aborto, e nem quais são as maneiras para exercê-la, embora seja possível subentender, a partir do teor religioso envolvido, a ideia de manutenção da "família tradicional" como "entidade matrimonializada, patriarcal, patrimonializada, indissolúvel, hierarquizada

e heterossexual" (DIAS, 2005, p. 5), o que pode ser indicado pela fala de Cobra Repórter sobre ser integrante do Encontro de Casais com Cristo (ECC) e, portanto, ser sua "obrigação defender a família, estar lá para defender a família".

Já as publicações de Padre Roque indicam com maior clareza qual é a abordagem do candidato acerca da defesa da família. Em sua campanha, a temática parece estar relacionada principalmente ao combate da dita "ideologia de gênero", levado por grupos conservadores a "diversas discussões que giram em torno da saúde reprodutiva das mulheres, da educação sexual ou do reconhecimento de identidades não heterossexuais, entre outras questões" (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 724-725), visando cercear a atuação e os direitos de minorias e interferindo até mesmo no que diz respeito aos estudos de gênero no ambiente escolar. Nesse sentido, o candidato apresentou postagens frequentes sobre o assunto, como um vídeo acompanhado de seu nome e número de urna em que disse ser "contra a ideologia de gênero porque querem passar a ideia para as crianças que não se nasce homem e nem mulher", apontando que "isso é contra a natureza de Deus", colocando-se a favor da família tradicional e defendendo "a moral e os bons costumes cristãos"; e frases sobre a "ideologia de gênero" ter a destruição da família como objetivo, retirar "a autoridade dos pais sobre os filhos", e as crianças serem o seu público-alvo. Além disso, empregou o posicionamento do Papa Francisco de forma a legitimar a pauta, como em uma imagem que afirma que este "foi terminante ao afirmar que a ideologia de gênero não pode ser aceita como algo normal e necessário". É também válido apontar que o candidato Padre Roque foi o único religioso político católico identificado nesta pesquisa que observamos ter tratado, ao menos explicitamente e por meio de suas publicações no *Facebook*, da luta contra a "ideologia de gênero", o que pode indicar que, de modo geral, espera-se que este tema fique subentendido na compreensão do público quando a defesa da família é apresentada de forma menos específica.



Imagem 01 – Pautas de cunho moral nos materiais de campanha
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

Ainda com relação às pautas de cunho moral, ao analisarmos o debate anti-aborto na campanha dos candidatos em questão, é possível ser inferida a noção cristã de que a vida humana se inicia a partir do momento da concepção, dado o constante acionamento da religião. No entanto, não foi possível verificar nos materiais coletados na *fanpage* de Pedro Scherer um maior aprofundamento sobre a defesa da vida para além da defesa da família – o que não indica, necessariamente, um menor interesse por parte do candidato sobre a questão –, enquanto Cobra Repórter e Padre Roque dedicaram várias publicações exclusivas ao assunto. O candidato Cobra Repórter, por exemplo, inseriu a pauta em seu *flyer* de propostas para o mandato, visando "reafirmar o compromisso com a vida, defendendo-a em todas as circunstâncias", e frisou ao longo do pleito a sua proposição do Projeto de Lei 303/2017, que atualmente tramita na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), e busca instituir o Dia Estadual de Conscientização Contra o Aborto, em que seriam realizadas atividades e mobilizações com vistas à reflexão sobre o tema.

Entre as formas de abordagem, ambos os candidatos demonstraram uma interpretação da vida como um dom divino e fizeram uso de recursos visuais para tratar do assunto, comumente trazendo a representação do nascituro ou do bebê, que pode funcionar como meio a sensibilizar o público, considerando que "esse tipo material, ao humanizar aquilo que seria objeto de um aborto, interpela as emoções da audiência transformando um potencial direito abstrato em um ato moralmente cruel" (MONTERO; SILVA; SALES, 2018, p. 156). Foi observada também a percepção do aborto como assassinato, que sinaliza uma "visão pecaminosa que se insere nas entrelinhas do discurso religioso e a mulher que comete tal ato é vista com repugnância" (PINHEIRO; SILVA, 2018, p. 577), sendo exemplo a fala de Padre Roque, que afirma que "assassinar a vida de quem não tem defesa é ato de violência, é pecado que agride o coração de Deus, o criador da vida", e um vídeo postado por Cobra Repórter com legendas que colocam o nascituro como narrador, dizendo que "na obscuridão da noite, como um ladrão, roubaram-me a vida". No entanto, embora a pauta anti-aborto tenha sido recorrente, com maior ou menor intensidade nas campanhas dos três candidatos analisados, não identificamos, em meio às suas publicações, propostas de políticas voltadas a questões socioeconômicas e de saúde pública para sanar condições que possam induzir alguém a recorrer ao aborto, parecendo prevalecer apenas a ideia de que a gravidez não deve ser interrompida de forma intencional.



Imagem 02 – Defesa da vida
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

Verificamos, também, a utilização da Bíblia e posicionamentos vindos oficialmente da Igreja Católica nos materiais de campanha. Como já mencionado, o candidato Padre Roque acionou a abordagem do Papa Francisco sobre o combate à "ideologia de gênero" como forma de embasar seu engajamento na questão, tendo também citado a frase bíblica "escolhe pois a vida" (Dt 30: 19) em um vídeo sobre a pauta anti-aborto; Cobra Repórter realizou postagem trazendo seu posicionamento sobre ser a "favor da vida em qualquer circunstância" acompanhada da afirmação que a "CNBB reforça posição pela vida e contra o aborto", e pediu apoio aos eleitores em *live* dizendo que realiza seu trabalho "sempre pautado nas coisas do bem, pautado em Deus, pautando naquilo que está escrito na Santa Bíblia"; Pedro Scherer afirma que, "por mais desacreditado que esteja o mundo da política, também aí devemos ser Sal da terra, Luz do Mundo e Fermento na Massa", fazendo referência aos escritos presentes em Mt 5: 13-14 e Lc 13: 18-21, respectivamente, tendo este último sido várias vezes citado no material de campanha, em menção não apenas ao texto bíblico, mas também ao Ano Nacional do Laicato. De tal modo, foi possível perceber o acionamento da autoridade da Igreja e das Escrituras para legitimar posicionamentos e/ou inserção aos candidatos na arena política, o que pode levar o eleitor a empregar ao voto "um sentido que não está restrito exclusivamente à motivação de cumprir o dever cívico, mas que se refere à defesa de princípios cristãos como o acesso ao bem comum, à justiça social, à igualdade, entre outras razões que engrossam a retórica política" (MEZZOMO; PÁTARO; BONINI, 2014, p. 284).

Por fim, esta análise nos possibilita visualizar de que modo a religião foi acionada na campanha desses religiosos políticos católicos por meio de aspectos específicos da doutrina em questão, mas também do cristianismo em geral, podendo alcançar a simpatia de um eleitorado para além daquele pertencente à Igreja Católica. De tal forma, observamos que a esfera religiosa e a esfera política se articulam, não possuindo fronteiras estabelecidas com precisão, em uma configuração que, como colocam Oro e Carvalho Júnior (2015), parece se intensificar ainda mais no período eleitoral.

Considerações finais

Por meio da análise dos materiais de campanha de Cobra Repórter, Padre Roque e Pedro Scherer, foi possível construir uma visualização de como esses religiosos políticos católicos acionaram elementos da religião durante o pleito de 2018 à ALEP. Apesar de apresentarem níveis de estruturação da campanha distintos, os candidatos demonstraram, em geral, formas similares de empregar aspectos religiosos no que diz respeito à divulgação de suas candidaturas, em maior ou menor grau. Com isso, somos capazes de inferir que, nas disputas eleitorais, a religião é utilizada de forma a justificar posicionamentos e conquistar o eleitorado, que pode interpretar no pertencimento do candidato à Igreja e ao cristianismo como um todo, uma garantia da qualidade de sua atuação na política.

Ao longo do pleito, os candidatos reafirmaram sua atuação como católicos, listando suas participações junto à Igreja em seus materiais de campanha, assim como Padre Roque utilizou o título eclesiástico no nome de urna. Foi verificada também a publicação de fotos e vídeos que mostravam os candidatos em ambientes e celebrações religiosas, e o uso de elementos característicos ao catolicismo, como representações de personagens sagrados, a saudação "Paz e Bem" empregada por Padre Roque, e a comemoração de datas em homenagem a santos. A imagem de católico atuante também foi reforçada por meio de apoios concedidos por pessoas do meio religioso, como foi o caso de Cobra Repórter, que publicou vários vídeos de membros do clero e leigos lhe declarando voto, e Pedro Scherer que afirmou ter recebido a benção de um bispo para sua participação na política. Nesse âmbito, vale também destacar a visita de Cobra Repórter à igreja Assembleia de Deus, o que indica que não apenas a identidade católica, mas a de seguidor do cristianismo em geral, pode funcionar como um meio de apontar o candidato como um defensor dos princípios da religião na esfera pública, independentemente da doutrina a que pertence.

Os três candidatos apresentaram a pauta da defesa da vida e da família, que consiste em um debate intimamente ligado à religião (MARIANO; BIROLI, 2017), como uma das principais bandeiras defendidas em sua campanha. Assim, percebemos como princípios e fundamentos religiosos são utilizados para defender e legitimar discursos conservadores na esfera pública, em uma movimentação que parece indicar, da parte dos religiosos políticos, que "o fato da ordem social contemporânea comportar diferentes segmentos sociais e grupos de interesses não implica que o código de valores da sociedade ou a regulação legal tenha que ser distinta da moralidade religiosa" (MACHADO, 2013, p. 57). No entanto, a questão da defesa da família é tratada de forma vaga, ainda que enfática, por Cobra Repórter e Pedro Scherer, embora seja possível subentender uma ideia de configuração familiar heteronormativa, a dita "família tradicional". Já Padre Roque atrela diretamente o tema ao combate à chamada "ideologia de gênero", sendo o único dos religiosos políticos católicos identificados durante o pleito de 2018 a abordar o assunto explicitamente, ao menos durante a campanha. Apesar disso, o

discurso não detalhado sobre essas temáticas não implica, necessariamente, em uma falta de interesse dos candidatos no que diz respeito a elas, podendo indicar que se espera a compreensão de antemão do eleitorado que terá acesso a esses conteúdos. Deste modo, é possível inferir uma busca por alcançar um público determinado, que já está familiarizado com esses debates e também com o cenário religioso, em que frequentemente tais assuntos estão inseridos e são discutidos por meio de terminologias similares às utilizadas nas campanhas analisadas.

Para legitimar tais pautas de cunho moral, os religiosos políticos acionaram pareceres oficiais da Igreja Católica, como a fala do Papa Francisco contra a "ideologia de gênero" e o posicionamento da CNBB contra o aborto, além de textos bíblicos que se encaixassem no tema de acordo com a opinião dos candidatos, fazendo presente a concepção de que "a Bíblia e todos os simbolismos nela contidos devem ser as fontes de orientação para aqueles que desejam seguir pelo caminho 'correto'" (SANTOS, 2008, p. 209). De forma similar, a autoridade da Igreja também foi acionada para justificar a inserção dos candidatos na política, como no caso de Cobra Repórter, que afirmou ter decidido participar das eleições em 2014 por perceber o apoio da Igreja às boas ações nesse campo, e Pedro Scherer, que frequentemente fez referência ao Ano Nacional do Laicato, evento voltado a incentivar a atuação dos leigos na esfera pública.

Enfim, foi possível observar maneiras com que religião e política se articulam durante as campanhas eleitorais, indicando como, a despeito do processo de secularização das sociedades modernas e da laicidade do Estado, ambos os campos interagem, não sendo um isolado e esquecido em função do outro (ORO; CAMURÇA, 2018). Assim, a atuação dos religiosos políticos católicos no pleito de 2018 à ALEP demonstra como, ainda que aos poucos, o chamado da Igreja Católica à participação de seus seguidores na esfera pública vem tendo resultados, de forma que a Instituição, embora se mantenha – ou diga se manter – neutra durante as eleições, tem em seus fiéis um meio para que seus interesses e princípios sejam defendidos no funcionamento do Estado.

Referências

ARNS, Flávio. **Contra o aborto**. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/flavioarns/videos/contra-o-aborto/269778677003387/>. Acesso em: 24 mar. 2019.

BARAN, Katna. **Com chapa 'religiosa', Ratinho Junior é confirmado candidato ao governo do Paraná**. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2O8gbd4>. Acesso em: 24 mar. 2019.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

CARVALHO JUNIOR, Erico Tavares de; ORO, Ari Pedro. Eleições municipais 2016: religião e política nas capitais brasileiras. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 18, n. 32, p. 15-68, jul./dez. 2017.

CNBB. **Cartilha de Orientação Política**: Os cristãos e as Eleições 2018. CNBB Regional Sul 2: Curitiba, 2018.

_____. **Participação dos leigos e leigas na política: palavra do papa e da CNBB**. 2017. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/participacao-dos-leigos-na-politica-palavra-do-papa-e-da-cnbb/>. Acesso em: 24 mar. 2019.

_____. **Leigos numa Igreja em saída**. 2018. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/leigos-numa-igreja-em-saida/>. Acesso em: 24 mar. 2019.

DIAS, Maria Berenice. **Homoafetividade e o direito à diferença**. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2WyVwBY>. Acesso em: 24 mar. 2019.

EUSTÁQUIO, Oswaldo. **Oriovisto Guimarães assina termo de compromisso contra legalização do aborto**. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2AQsAgJ>. Acesso em: 24 mar. 2019.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil**: da Constituinte ao Impeachment. 303 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

FUJITA, Gabriela. **Bolsonaro atraiu evangélicos com batismo e conservadorismo, diz antropólogo**. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2swIJDu>. Acesso em: 24 mar. 2019.

GAZETA DO POVO. **Candidatos a Deputado Estadual – Paraná**. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2HYEE3D>. Acesso em: 24 mar. 2019.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

IVANESCU, Carolina. Politicised religion and the religionisation of politics. **Culture and Religion**, Londres, v. 11, n. 4, p. 309-325, 2010.

MACHADO, Lia Zanotta. O aborto como direito e o aborto como crime: o retrocesso neoconservador. **Cadernos Pagu**, Campinas, s/v., n. 50, p. 1-48, maio/ago. 2017a.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, cultura e política. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 29-56, 2012.

_____. Discursos pentecostais em torno do aborto e da homossexualidade na sociedade brasileira. **Revista Cultura y Religião**, v. 7, n. 2, p. 48-68, jun./dez. 2013.

_____. Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 351-380, jan./abr. 2017b.

MACHADO, Maria das Dores Campos; BURITY, Joanildo. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 601-631, jul./set. 2014.

MARIANO, Rayani; BIROLI, Flávia. O debate sobre aborto na Câmara dos Deputados (1991-2014): posições e vozes das mulheres parlamentares. **Cadernos Pagu**, Campinas, s/v., n. 50, p. 1-38, set. 2017.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais e política no Brasil: do apolitismo ao ativismo corporativista. In. SANTOS, Hermílio. **Debates pertinentes**: para entender a sociedade contemporânea. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 112-138.

_____. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011.

MEGAL, Bela. **Haddad pede a lideranças católicas que façam alertas sobre notícias falsas a fiéis**. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2ybEyA4>. Acesso em: 24 mar. 2019.

MENDES, Vitor Hugo. Vaticano II: a modernidade da Igreja em um contexto de mudanças. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, ano 27, n. 2, p. 139-163, maio/ago. 2012.

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; BONINI, Lara de Fátima Grigoletto. Religião e política nas eleições ao legislativo municipal de Campo Mourão, Paraná. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 15, v. 1, n. 25, p. 271-289, jan./jun. 2014.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. 2017.

MONTERO, Paula; ALMEIDA, Ronaldo. O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. In: RATTNER, Henrique. (Org.). **O Brasil no limiar do século XXI**: alternativas para a construção de uma sociedade sustentável. São Paulo: Edusp, 2000. p. 325-340.

ORO, Ari Pedro; CARVALHO JUNIOR, Erico Tavares. Eleições gerais de 2014: religião e política no Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 1, n. 27, p. 145-171, 2015.

ORO, Ari Pedro; CAMURÇA, Marcelo Ayres. Da secularização ao espaço público: meandros e mediações frente ao esquema de separação entre secular e religioso. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 24, n. 52, p. 7-20, set./dez. 2018.

ORO, Ari Pedro. Religião e política nas eleições 2000 em Porto Alegre. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 2, v. 1, n. 3, 2001.

_____. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 53, p. 53-69, out. 2003.

_____. Religião e política no Brasil. **Cahiers des Amériques latines**, Paris, v. 48, n. 49, p. 204-222, 2005.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 187-213, maio/ago. 2017.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos; BONATO, Massimo. Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil. **Revista USP**, são Paulo, n. 120, p. 43-60, jan./mar. 2019.

PY, Fábio; REIS, Marcos Vinicius de Freitas. Atuação e leis parlamentares dos deputados católicos carismáticos. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 30, n. 3, p. 39-61, set./dez. 2016.

SANCHEZ, Wagner Lopes. Igreja Católica e liberdade religiosa: a renovação desencadeada pelo Concílio Vaticano II. **Rever**, São Paulo, ano 17, n. 3, p. 123-138, set./dez. 2017.

SANTA SÉ. **Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o Apostolado dos leigos**. 1965. Disponível em: <https://bit.ly/2HXJdvb>. Acesso em: 24 mar. 2019.

_____. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo actual**. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2QKdEGZ>. Acesso em: 29 mar. 2019.

_____. **Mensagem vídeo do Papa Francisco aos participantes no Encontro de Políticos Católicos organizado pelo Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) e pela Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL)**. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Ok1fcc>. Acesso em: 29 mar. 2019.

SANTOS, Marcio Martins dos. "Tribunos do povo, servos de Deus": Um estudo antropológico sobre políticos e religião na cidade de Porto Alegre. **Revista AntHropológicas**, São Paulo, ano 12, v. 19, n.1, p. 201-239, 2008.

SEXUGI, Fabio; MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. À imagem e semelhança: simulacro e hagiografia nas propagandas eleitorais de políticos religiosos. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 224-236, jan./abr. 2018.

ZANIN, Patrícia**. Igrejas fazem cartilha para orientar voto**. 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2YARyKX>. Acesso em: 24 mar. 2019.

A "IDEOLOGIA DE GÊNERO" E "ESCOLA SEM PARTIDO" NAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE CANDIDATOS EVANGÉLICOS PARA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTADUAL DO PARANÁ NAS ELEIÇÕES DE 2018

Lucas Alves da Silva[72]
Frank Antonio Mezzomo[73]
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro[74]

Introdução

Com a presente pesquisa buscamos analisar como os discursos de candidatos evangélicos à Assembleia Legislativa Estadual do Paraná (ALEP) nas eleições de 2018 abordaram os temas da "ideologia de gênero" e do movimento Escola Sem Partido (ESP). Ancorados principalmente em temas ligados a questões morais, temos observado nas últimas décadas no Brasil a emergência de grupos religiosos no cenário público, em particular na política institucionalizada, de seguimentos cristãos evangélicos, em especial os de vertente pentecostal (IBGE, 2010). Dentre as denominações pertencentes ao grupo evangélico, em nossa análise tratamos nesse texto, em especial, das Igrejas pentecostais, dentre as quais podemos destacar por sua atuação no cenário público, as seguintes Igrejas: Igreja Assembleia de Deus (AD), Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD).

A participação evangélica na política brasileira, capitaneada pelas Igrejas pentecostais, é um fenômeno que vem ocorrendo de maneira articulada desde o período de redemocratização – década de 1980 (MARIANO, 2009). O ingresso deste grupo de religiosos na política trouxe à cena pública do país práticas e valores próprios do campo evangélico, que, juntamente com elementos da cultura católica – pouco percebida pela naturalidade de sua presença secular (GIUMBELLI, 2014) –, geram uma disputa tanto por visibilidade como por legitimidade social. Desta forma, algumas Igrejas têm buscado participar ativamente da formação de uma cultura pública evangélica, em contraposição e paralelamente à católica.

A articulação política de Igrejas evangélicas tem resultado na formação de considerável força e influência em espaços teoricamente secularizados. Como expressão da organização política religiosa

[72] Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, CAPES, Unespar, lucas.as137@gmail.com.
[73] Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, Unespar, frankmezzomo@gmail.com.
[74] Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, Unespar, crispataro@gmail.com.

temos as Bancadas Evangélicas, que atuam tanto no Congresso Nacional[75] como nas Assembleias Estaduais e, em alguns municípios, nas Câmaras Municipais (ORO, 2005). Ocorre que a emergência destes atores e organizações religiosas em diferentes níveis da esfera política nacional tem se confrontado com o ideal de laicidade, próprio dos estados republicanos modernos do ocidente, assim como com o processo de secularização do espaço público, que visa reservar a presença e atuação religiosa aos ambientes privados.

Sustentados na trajetória católica de estreita ligação com o Estado brasileiro e da aguda aproximação dos evangélicos com a política, estes grupos religiosos têm reconfigurado as relações entre religião e Estado, e traçado novos desafios para pensarmos que tipo de laicidade é construída no país. Atento a este movimento, Giumbelli (2014) indica novas maneiras para se pensar a questão da laicidade, não mais como um modelo teórico estático, engessado, mas dinâmico e fluído, que busca compreender como a religião vem se constituindo nos diferentes espaços públicos. Neste sentido, Camurça (2017, p. 859) conclui que "ao invés do que a laicidade deve ser segundo paradigmas jurídicos, constitucionais e programáticos, deve-se contemplar como os atores sociais contextualizados se apropriam destas normas consagradas como 'regime laico' em função dos seus interesses e projetos". Desta forma, a ideia proposta pelos autores, Giumbelli e Camurça, seria de buscar entender a laicidade como fruto das distintas relações estabelecidas entre agentes religiosos, Estado e espaço público, considerando assim as questões históricas, sociais, culturais e políticas que cada país e região apresentam e que podem influenciar no entendimento do que se denomina laicidade. No caso brasileiro, a presença religiosa no espaço público tem ocorrido não em oposição à secularização, mas ancorada juridicamente no princípio da laicidade, da liberdade e da pluralidade religiosa, que asseguram sua livre organização e garantem seu direito de manifestação (GIUMBELLI, 2008). Para Mariano (2011, p. 254), "a laicidade do Estado brasileiro tem sido acuada pelo avanço de grupos católicos e evangélicos politicamente organizados e mobilizados para intervir na esfera pública".

Neste processo de avanço religioso no espaço público, a detenção e influência sob canais de comunicação de massa[76], como rádio, televisão e mais recentemente a internet – em especial as mídias sociais digitais, como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *YouTube* –, tem sido amplamente utilizada por

[75] No Congresso Nacional, apesar de estar há anos se articulando politicamente, a Bancada Evangélica foi registrada somente em 2003, com a criação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Contudo, somente em 2015 ela foi oficialmente reconhecida, passando a contar com pelo menos um terço da Câmara, na ocasião, com 203 membros. Para mais informações consultar: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658>. Acesso em: 14 mar. 2019.

[76] Algumas instituições religiosas são detentoras de importantes canais na televisão aberta em rede nacional, assim como estações de rádio. Como exemplo temos a IURD, que comanda a segunda maior rede de comunicações do Brasil, a Rede Record, a qual atua sob a tutela da Igreja (AIRES; CAMARA; SILVA; SANTOS, 2017). Além da IURD, instituições como a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja Renascer em Cristo e a Igreja Católica, também são detentoras de canais de televisão abertas (CUNHA, 2016).

parte de Igrejas evangélicas. O uso intenso das mídias, conforme aponta Meyer (2015), é uma das chaves para a manifestação da religião, e uma das causas que mantém a religião como força ativa na sociedade contemporânea. A respeito do uso das mídias pelos evangélicos, em especial da internet, Jungblut (2012, p. 463-464) ressalta que, "diferentemente de outros grupos, eles agem escancaradamente segundo a lógica do mercado, fazendo com que cada grupo ou indivíduo evangélico potencialize, ao máximo, na Internet, os apelos salvacionistas dessa modalidade de cristianismo". A expansão do uso da internet possibilita novas formas de apelo conversionista e de expressão religiosa, em um espaço onde o receptor pode tornar-se também emissor (CUNHA, 2016). Por mais utilizados que sejam os meios de comunicação tradicionais pelas instituições religiosas – como rádio e televisão –, muitas denominações de menor expressão e presença política ainda não tem acesso a tais canais, levando assim as ferramentas da internet a serem largamente utilizados pelos grupos invizibilizados em outros meios (CUNHA, 2017a).

Nas mídias sociais digitais, em consonância com outros âmbitos da esfera pública, a presença religiosa evangélica vem sendo marcada pelo posicionamento moralmente conservador, especialmente no que tange a assuntos ligados à sexualidade, aborto, drogas, defesa da família e direitos humanos. No interior na política institucionalizada, alinhada a postura de restrição de direitos, temos a partir dos anos de 2010 um conservadorismo moral que passa a se acentuar na atuação da Frente Parlamentar Evangélica, que se coloca como "primado moral" da nação (TADVALD, 2015, p. 260), e toma como foco de debate a "defesa da família e da moral cristã contra a plataforma dos movimentos feministas e homossexuais" (CUNHA, 2017b, p. 254). Neste sentido, Almeida destaca a disputa pela defesa de um tipo de moralidade pública, "que no Brasil encontra nas religiões cristãs os principais canais de sacralização da família e da reprodução da vida" (2018, p. 182). Neste jogo de forças, os evangélicos se tornaram protagonistas deste conservadorismo moral religioso que visam, sobretudo, o controle rígido dos corpos, em um processo que perpassa a área da educação para promover o adestramento dos comportamentos individuais.

O que se percebe é uma concorrência entre grupos evangélicos, católicos e laicos para inscrever e impor legalmente seus valores à população. Para Machado (2012, p. 49), "verifica-se neste início de século uma acirrada disputa de sentidos em torno da vida e da sexualidade humana entre as ideologias de matriz cristã e as de caráter secular, como as dos movimentos feministas e pela diversidade sexual". Mariano e Gerardi (2019, p. 74) também apontam que a esfera pública "tem sido permeada por 'guerras culturais', cruzadas morais, lutas intensas entre valores religiosos e seculares". Desta motivação por conquistas no campo moral deriva, pela via da política institucional, a busca religiosa por ter seus projetos reconhecidos na forma de lei, recebendo com isso reconhecimento e audibilidade, em "verdadeiras e importantes lutas simbólicas" (SEGATO, 2006, p. 212). Neste embate entre setores laicos

e religiosos, o que está em jogo, além da prática em si – como aborto e relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, que podem encontrar outras vias não legais de existir –, é o status e o reconhecimento legal da nação e demais comunidades morais que a legitimam (SEGATO, 2006).

Tendo por base as discussões sobre a presença pública dos evangélicos, e compreendendo que na disputa por moralidade estão presentes os temas que abordam a "ideologia de gênero" e o Escola Sem Partido (ESP), buscamos analisar nos materiais de campanha de candidatos evangélicos à ALEP a presença de discursos envolvendo tais pautas. Para tanto, juntamente com demais membros do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, da Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão, acompanhamos durante o período eleitoral de 2018 os candidatos evangélicos identificados como religiosos políticos, ou seja, aqueles que evidenciaram explicitamente sua ligação com a igreja a qual eram vinculados (CARVALHO JUNIOR; ORO, 2017). Neste processo identificamos 45 candidatos[77], e coletamos de suas páginas e perfis da mídia social *Facebook* seus materiais de campanha que, direta ou indiretamente, apresentaram relação com valores morais e religiosos. Vale ressaltar que dos 45 candidatos que acompanhamos, nem todos apresentaram materiais ligados ao tema da presente investigação, e dentre eles 3 foram reeleitos e 4 eleitos. A vinculação dos candidatos por denominação ficou dividida entre 17 Igrejas evangélicas, embora parte deles não tenham apresentado ligação direta e exclusiva a uma denominação religiosa. Contudo, em seus materiais constavam conteúdos com menção a Deus, a passagens bíblicas e pautas morais, ou então, como ocorreu com alguns candidatos que utilizaram o título de pastor em seu nome de urna, notamos o trânsito dos mesmos em celebrações de diferentes igrejas evangélicas, sem que uma se mostrasse como a principal.

Dentre outras mídias sociais digitais, escolhemos o *Facebook*, por conta do grande volume de deputados que a utilizaram como veículo para realização de suas campanhas, além do alto número de usuários que apresenta em solo brasileiro[78]. Além disso, o baixo custo, na maioria das vezes custo zero, e facilidade para publicar materiais e conteúdos diversos, contribuiu para ampliar a utilização do *Facebook* como um dos principais instrumentos de campanha acionados pelos candidatos à ALEP. Entre os materiais identificamos vídeos, fotos, textos, *jingles*, *lives*, "memes", entre outras publicações, tanto de produção dos candidatos como compartilhamentos de outros perfis, páginas e demais sites de notícias.

[77] Em uma análise prévia de todos os 766 candidatos registrados para concorrer a uma vaga à ALEP, identificamos um total de 140 candidatos que acionaram a religião, entre eles evangélicos, católicos e pertencentes a religiões de matriz afro. Após uma primeira triagem refinamos nossa busca para os evangélicos e chegamos ao número de 45, os quais recorreram de forma mais intensa e explícita aos elementos religiosos em suas campanhas.

[78] O Brasil é atualmente um dos 5 países no mundo com maior número de usuários do *Facebook*, com aproximadamente 127 milhões de contas ativas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Após a coleta fizemos a organização e tabulação, buscando os conteúdos em que constavam a temática da "ideologia de gênero" e do ESP.

O presente texto está dividido em dois eixos, sendo que no primeiro procuramos analisar os materiais que se mostraram relacionados ao movimento ESP, e no segundo verificamos como está colocado na campanha o discurso contra a suposta "ideologia de gênero". Vale destacar que em alguns casos os temas estão imbricados, e se apresentam mutuamente nos materiais.

Direito à educação com base nos valores familiares e religiosos

Tendo surgido inicialmente com o intuito de combater a "contaminação" causada pela doutrinação política ideológica nas escolas – em especial a doutrina marxista e a ideologia ligada à esquerda política –, o movimento Escola Sem Partido[79] ampliou sua base de apoio nos últimos anos, passando a contar, entre outros, com grupos religiosos conservadores. O ESP ampliou também, desde sua concepção, sua lista de temas a serem restringidos ou tomados como inadequados de serem trabalhados em sala de aula, abrangendo tanto a questão da suposta doutrinação político-ideológica, como questões ligadas à moralidade (MIGUEL, 2016), em especial o combate ao que denominam de "ideologia de gênero". O movimento ESP tem também como um de seus objetivos conter o que consideram "usurpação do direito dos pais sobre a educação moral e religiosa de seus filhos" (ESCOLA SEM PARTIDO, 2019, *online*), proibindo discussões em sala de aula que se apresentem em desacordo com os valores dos pais, sendo eles os únicos autorizados a tratar de tais assuntos. O movimento, assim, busca cercear a liberdade de expressão e de ensinar do professor em sala de aula, entendendo-o como um potencial doutrinador, sem considerar o fato de que a formação dos alunos se dá por meio da interação da aprendizagem ocorrida nos diversos ambientes de convívio dos estudantes, não sendo os mesmos simples receptores de conteúdo escolar (SILVA; FERREIRA; VIEIRA, 2017).

No Estado do Paraná, com base nos materiais analisados, o programa ESP esteve presente e foi defendido como pauta em várias campanhas de candidatos evangélicos. Dentre os candidatos analisados,

[79] O Movimento Escola Sem Partido foi criado pelo advogado paulistano Miguel Nagib, no ano de 2004, com a alegação de ser "100% apartidário" (BÁRBARA; CUNHA; BICALHO, 2017). Entre outras ações, o movimento busca afixar nas salas de aula um cartaz com 6 itens que devem ser respeitados pelos professores, os quais são: "1. O professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias; 2. O professor não favorecerá, nem prejudicará os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou a falta delas; 3. O professor não fará propaganda político partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas; 4. Ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade, - as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito; 5. O professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções; 6. O professor não permitirá que os direitos assegurados aos itens anteriores sejam violados pela ação de terceiros dentro de sala de aula" (ESCOLA SEM PARTIDO, 2019, *online*).

destacamos os que buscaram a reeleição e que já haviam trabalhado em seus mandatos em defesa do movimento, reiterando durante o período eleitoral seus posicionamentos, como a Cantora Mara Lima (Partido Social Cristão – Assembleia de Deus), Missionário Ricardo Arruda (Partido Social Liberal – Igreja Mundial do Poder de Deus) e Gilson de Souza (Partido Social Cristão – Igreja do Evangelho Quadrangular). Estes candidatos, em coautoria com outros deputados, propuseram em 2015 um primeiro Projeto de Lei (n. 748/2015) que buscava implantar o programa ESP no estado, tendo sido o projeto arquivado no mesmo ano (PÁTARO; MEZZOMO; ROSA; SILVA, 2018; MEZZOMO, 2018). Em 2016 um novo projeto foi enviado para a ALEP (n. 606/2016), o qual se encontra em processo de tramitação[80], este de autoria dos Deputados Missionário Ricardo Arruda (Imagem 1) e do então Deputado Estadual Felipe Francischini (Partido Social Liberal), agora Deputado Federal e presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara Federal. Assim como ocorre no Paraná, no Brasil, desde 2014, existem vários Projetos de Lei espalhados pelas câmaras legislativas municipais e estaduais, bem como na Câmara Federal e no Senado, que objetivam implantar o programa ESP (BÁRBARA; CUNHA; BICALHO, 2017), sendo que em alguns municípios do país ele já foi aprovado.



Imagem 1 – Candidatos a favor do Escola Sem Partido e do ensino bíblico nas escolas
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

Nos materiais de campanha é possível perceber o apoio ao movimento como uma forma de defesa da estrutura familiar tradicional – patriarcal e heteronormativa –, a qual, para alguns candidatos, está correndo sérios riscos. Temos, por exemplo, o candidato Gilson de Souza que, conforme Imagem 1, se coloca contra a doutrinação política e ideológica nas escolas, e usa como *slogan* de campanha a frase: "Em defesa da vida e da família". Sendo assim, o ESP seria um instrumento que asseguraria a manutenção familiar nos moldes cristãos tradicionais. Nesta luta em defesa das famílias, o principal

[80] Maiores informações sobre a proposição disponível em: <http://portal.alep.pr.gov.br/index.php/pesquisa-legislativa/proposicao>. Acesso em: 12 mar. 2019.

inimigo a ser combatido é a esquerda e seus movimentos sociais, em especial os feministas e LGBT`s. Expressando seu posicionamento, Missionário Ricardo Arruda diz em um de seus vídeos publicados em sua página no *Facebook* que a "esquerda quer dar liberdade total para o professor para que falem sobre qualquer assunto, como ideologia de gênero e partidária". A fala do candidato corrobora com a análise de Miguel (2016, p. 610), o qual afirma que "o professor é visto de antemão com desconfiança: não como parceiro do amadurecimento intelectual dos alunos, mas como possível agente de uma desvirtuação de sua inocência, a serviço de interesses escusos".

O mesmo candidato, Missionário Ricardo Arruda, afirma em outro de seus vídeos que "o professor tem direito de ensinar matérias do currículo escolar: matemática, química, física, história, [...] educação quem dá é pai e mãe, quando muito o avô e a avó, e ninguém mais". Contudo, ele desconsidera que, conforme aponta Maio, Oliveira e Peixoto ao pensarem sobre o espaço escolar, que a família, no atual contexto em que vivemos "não dá conta de formar para todos os desafios humanos, cabendo tal responsabilidade a outras instituições como a escola, que no trabalho diário que desempenha, acrescenta à Educação já iniciada pela família, outros conteúdos, conceitos e conhecimentos a fim de humanizar e formar para cidadania" (MAIO; OLIVEIRA; PEIXOTO, 2018, p. 53). Na fala dos candidatos e nos objetivos do ESP, percebemos que as propostas têm por consequência a retirada do papel da escola de ensinar os alunos a aprenderem a conviver com a alteridade e a pluralidade, experiência muitas vezes não proporcionada pelo ambiente familiar, ou seja, a privacidade da família deve ser preservada (SANTOS, 2018; MIGUEL, 2016), mesmo que isso possa custar uma formação de intolerância ao diferente e antidemocrática. Com esta forma de perceber o papel do professor e do ambiente escolar, notamos uma tentativa de criminalizar a docência, entendendo a não neutralidade como um tipo de subversão profissional, passível de punição.

Outra questão ligada a educação e presente em parte do material analisado é o ensino religioso, defendido como uma possível solução para a violência e manutenção da moralidade. Conforme podemos observar na Imagem 1, o candidato Zé Luis (Partido Social Democrático/Vinculação religiosa não identificada) afirma: "Eu prefiro ver a Bíblia na escola do que o jovem na prisão". Na mesma postagem consta ainda a frase: "Pela volta do ensino religioso". A afirmação do candidato em questão não deixa claro que tipo de ensino de religioso deve ser promovido nas escolas, muito menos se contempla a pluralidade de crenças dos alunos, contudo, ao se referir à Bíblia, demonstra que se trata de um ensino confessional cristão[81]. Neste ponto, a proposta de campanha apresentada entra em atrito com um dos objetivos do ESP, que é a neutralidade no tratamento de questões religiosas em sala de aula por parte do professor (PÁTARO; MEZZOMO; ROSA; SILVA, 2018; MEZZOMO, 2018), porém, pode ser

[81] Em setembro de 2017 o Superior Tribunal Federal autorizou que o ensino religioso nas escolas públicas seja de natureza confessional, ou seja, que as aulas tenham como base uma religião específica (PONTES, 2017).

utilizada como uma forma de propagação do cristianismo, logo, vista com simpatia pelos grupos religiosos que buscam ampliar sua presença no espaço público, como os pentecostais.

Diante das acusações de doutrinação política e ideológica da esquerda nas escolas e para a melhoria da qualidade do ensino público, uma das saídas seria, conforme aponta o candidato Pastor Alessio Violato (Partido Social Liberal/Igreja Pentecostal Só Jesus é a Verdade), a implantação de colégios militares. O candidato inseriu na legenda de um vídeo compartilhado em seu perfil no *Facebook*, em que o apresentador de televisão Luciano Huck elogia a atuação de colégios militares, a seguinte frase: "essa é só para os PROFESSORES socialista comunista... Quantos alunos deles tiveram algum reconhecimento com algo útil??. Colégio Militar a solução para um estudo com qualidade...!!". A frase é também um ataque aos professores da rede pública que, segundo a ala conservadora da sociedade que apoia o ESP, tem gerado retrocessos educacionais em razão da doutrinação política autorizada pelo Estado, o qual passou a ser um inimigo a ser combatido, em especial os governos petistas, acusados de serem a "encarnação do comunismo no Brasil" (SANTOS, 2018, p. 121). A generalização quanto ao posicionamento dos professores e a falta de esclarecimento destes grupos em relação a conceitos como esquerda, socialismo e comunismo, acabam por desconsiderar a pluralidade de posições políticas por parte dos profissionais da educação, colocando-os em situação de constante tensão e vigilância.

"Precisamos salvar nossas crianças": a ameaça da suposta "ideologia de gênero"

Estritamente ligado ao ESP, em especial no que tange ao movimento tratar da soberania da autoridade familiar sobre a educação das crianças e adolescentes, ganhou espaço no debate público nos últimos anos e nas campanhas eleitorais para a ALEP em 2018 os questionamentos sobre as propostas de educação sexual nas escolas, erroneamente denominada de "ideologia de gênero". Para os grupos conservadores, a suposta "ideologia de gênero" é vista "como a desconstrução dos papéis de gênero tradicionais. [...] induziria à destruição da família 'tradicional', à legalização da pedofilia, ao fim da 'ordem natural' e das relações entre os gêneros" (REIS; EGGERT, 2017, p. 20). Esta premissa sobre a falácia da "ideologia de gênero" gerou uma espécie de pânico moral envolvendo os ambientes educacionais, e criou um inimigo a ser combatido: os movimentos progressistas que buscam inserir nas escolas debates sobre educação sexual.

Vale destacar que, diferente da ideia que se criou em torno da suposta "ideologia de gênero", as abordagens em torno da categoria "gênero" permitiram a diferenciação entre o que representa o sexo, marcado por questões biológicas, e o que representa gênero, classificações entre masculino e feminino como fruto de significados culturais e de relações de poder construídos histórica e socialmente, além do questionamento das categorias patriarcais sobre o que é ser homem e o que é ser mulher (CUNHA,

2017b; MIGUEL, 2016). Por meio destes estudos tem sido possível uma desconstrução quanto ao papel estritamente doméstico e marginalizado atribuído por muito tempo a figura da mulher, assim como a busca por equidade e pela redução da violência ocasionada pelas diferenças de gênero.

No material de campanha analisado, observamos a demonização dos grupos favoráveis ao respeito à igualdade de gênero e a diversidade sexual. De acordo com as colocações de Miskolci e Campana (2017, p. 73), "tudo indica que os empreendedores morais contra a 'ideologia de gênero' são grupos de interesse conservadores que buscam distanciar os movimentos feminista e LGBT, e mesmo seus simpatizantes, das definições de políticas públicas e tomar o controle sobre elas". Tais embates ganharam repercussão no Brasil durante a elaboração e as votações dos planos de educação (2014-2015) (RIBEIRO; PÁTARO; MEZZOMO, 2016). Naquela ocasião, "evangélicos e católicos trabalharam juntos e obtiveram o banimento da temática de gênero do plano nacional e de muitos outros, estaduais e locais" (MIGUEL, 2016, p. 599), na tentativa de coibir os grupos progressistas que defendem o direito de se debater nas escolas sobre educação e diversidade sexual. Em meio a discussões polêmicas, os setores conservadores buscaram afastar do Estado aqueles que consideram ameaçar a concepção de família tradicional, garantindo que seus valores morais sejam legalmente reconhecidos e os discursos contrários sejam deslegitimados.

Durante a campanha para a ALEP em 2018, o candidato Missionário Ricardo Arruda, autor do projeto que visa implantar o ESP no Paraná, publicou um vídeo em sua página em que afirma, em defesa de seu projeto, que "vai defender seu filho contra a maldita ideologia de gênero que quer confundir as crianças de 6 anos de idade dizendo que elas são meninas e podem virar meninos, ou são meninos e podem virar meninas". A fala do candidato refere-se exclusivamente às características sexuais biológicas que tem por base os preceitos heterossexuais, e desconsidera todo o papel social e cultural na construção dos corpos e comportamentos masculinos e femininos, além da orientação sexual de cada indivíduo. No tocante à relação entre sexualidade e educação, Maio, Oliveira e Peixoto (2018, p. 56) afirmam que "fomos desde cedo, convencidos/as que existem diferentes papéis para o gênero masculino e o gênero feminino", sendo o posicionamento do candidato uma tentativa de manutenção da ordem estabelecida em defesa da moral cristã.

Entre os grupos que se colocam contra a suposta "ideologia de gênero", é comum o discurso de que as crianças nas escolas estão correndo sérios riscos, conforme podemos observar na Imagem 2.



Imagem 2 – Candidatos contra a "ideologia de gênero" nas escolas.
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

Podemos identificar frases como: "deixem nossas crianças em paz", "precisamos salvar nossas crianças" e "porque lutar pelas nossas crianças é prioridade". A candidata Cantora Mara Lima afirma em uma de suas publicações no *Facebook* que é "uma mulher a favor da vida, impediu a ideologia de gênero nas salas de aula, tem combatido as drogas, sua voz em defesa da família e da ética". O candidato Pastor Aléssio Violato também toma posição, e na legenda de um de seus vídeos escreveu: "precisamos lutar contra essa nefasta Ideologia de Gênero". Na luta contra este "mal", mais uma vez a recorrência à liberdade e direitos familiares sob a educação dos filhos se faz presente e, o que percebemos, é que "estabelece-se, assim, uma hierarquia estrita entre família e escola, com o predomínio inconteste da primeira" (MIGUEL, 2016, p. 603). A negação das discussões sobre gênero tem respaldo mais uma vez na entidade familiar, assim como o ESP, considerada um âmbito sagrado na qual o Estado não pode interferir.

Temos, nos casos apresentados, os candidatos se colocando como defensores das crianças e da família, contra um suposto mal que foi criado – a "ideologia de gênero" –, vista como a desconstrução da família tradicional dentro dos ambientes educacionais, a qual "despertou uma espécie de pânico moral, retrocesso e demonização do 'inimigo'" (REIS; EGGERT, 2017, p. 20). Diante deste cenário, os candidatos se colocam como solução para recuperar a moralidade perdida na sociedade brasileira. Tal moralidade teria sido ameaçada principalmente durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), considerado, além de uma das expressões do comunismo no Brasil, os responsáveis pela ampliação dos direitos de grupos minoritários por conta de suas políticas públicas e sociais (CUNHA, 2017b). Esta

abertura possibilitou a emergência de vozes laicas, antes invizibilizadas no cenário público, que passaram a reivindicar seus direitos e a gerar uma disputa com os setores religiosos pelos discursos e pelo reconhecimento legal do Estado e das comunidades que as legitimam.

Além do PT, o "inimigo" em questão é representado por toda a esquerda progressista, a qual tem, em vários casos, suas ideias e conceitos distorcidos, ou mesmo inventados ou falsificados. Durante as campanhas analisadas temos, por exemplo, uma fala do candidato Missionário Ricardo Arruda em que o mesmo diz que "ideologia de gênero" é coisa da "maldita esquerda corrupta comunista". Esta conexão entre comunismo e "ideologia de gênero" é comum segundo Santos (2018), mas os que fazem tais afirmações não explicam o motivo ou origem desta relação, sendo que as teorias comunistas não tratam diretamente das questões de gênero. O candidato Alexandre Amaro (Partido Republicano Brasileiro/Igreja Universal do Reino de Deus) afirma em uma de suas publicações, sem citar a origem das informações, que "em países em que já foi aprovado a ideologia de gênero aumentou o número de casos de crianças que querem fazer a mudança de sexo". A alegação do candidato, mesmo se tratando de um assunto sério, fica um tanto vaga, sem argumentos que credibilizem a afirmação, mas, contudo, pela simplicidade como é apresentada, torna-se de fácil reprodução e disseminação na sociedade. A falta de informações por parte da população, ou mesmo a crença incontestável nos atores políticos e religiosos, faz com que tais discursos tomem o papel de verdade, e criem versões dos fatos que fogem da realidade e das reais intenções de alguns grupos que lutam pela promoção da igualdade e combate à violência de gênero.

Considerações finais

Por meio da análise dos materiais de campanha dos candidatos evangélicos à ALEP de 2018, buscamos analisar como os discursos sobre a ESP e a suposta "ideologia de gênero" estão apresentadas. Notamos com a presente investigação que as posturas dos candidatos evangélicos a respeito destes temas se mostram em consonância, ou seja, a favor do ESP e contra o que denominam de "ideologia de gênero". Na defesa destas posições, acreditam ser possível um ensino ideologicamente neutro, mesmo que para isso seja preciso cercear a liberdade de expressão do professor, assim como distorcem todo o discurso a respeito das questões de gênero, que não tem como objetivo transformar as crianças em homossexuais, mas pregam o respeito e o combate à violência ocasionadas por questões de gênero.

Nota-se ainda uma disputa moral em torno de sentido e de legitimadade em torno da sexualidade e do direito da família na educação das crianças, sendo esta a única fonte de sacralidade da sociedade. Ocorre que a família considerada pelos candidatos evangélicos é aquela que segue os padrões do patriarcado, e que muitas vezes não carregam um tipo de moralidade tão pregada pelos grupos conservadores, e que ainda desconsidera a gama de formações familiares existentes no Brasil

atualmente. Em defesa da família, estes grupos e setores da sociedasde entram em conflito com o Estado, disputando com ele a soberania dos pais na educação dos filhos.

As propostas a favor do ESP buscam retirar das escolas as discussões que abordam temas como religião, política e sexualidade, extinguindo assim a possibilidade das crianças terem contato com o diferente, fato tão frequente na sociedade plural em que vivemos. A falta de práticas que permitam os estudantes entenderem o outro com respeito e solidariedade tem sido caro na atualidade em que vemos com certa frequência casos de intolerância e violência por questões como a orientação sexual ou diferentes crenças e valores. A docência, ainda, torna-se também um desafio ao ser criminalizada e vigiada, deixando os professores em situação de constante apreensão e policiamento, sem levar em conta os diversos desafios já vividos no dia a dia das salas de aula. O ESP, que prega um ensino apregoadamente neutro, se mostra muito bem localizado e nada apartidário, afinal defende uma escola de partido único, onde não há espaço para pluralidade de ideias e posicionamentos.

Por meio das análises notamos que a religião é também apresentada como fonte de moralidade e base para discursos e pautas políticas durante as campanhas. O argumento de que não é a vontade de Deus, ou que não é isso ou aquilo que os textos sagrados propõem, são comumente utilizados para justificar determinados posicionamentos. A candidatura dos religiosos políticos é apresentada como saída para as mazelas da sociedade, em especial para recuperar a moralidade perdida da nação e para combater o "inimigo" que a esquerda passou a constituir para os grupos moralmente conservadores, em especial os movimentos feministas e LGBT`s. A imbricação entre religião e política se mostra cada vez mais intensa, reconfigurando nosso entendimento do que é a laicidade em solo brasileiro e quais as implicações desta relação para a sociedade.

A presença de pautas de campanha relacionadas à moral acaba por ausentar das narrativas dos candidatos as discussões sobre outros temas de relevância para a população, como o desemprego, a saúde, segurança, entre outros. Ainda, não se aborda os inúmeros casos de feminicídio ocasionados pela intolerância ligada às diferenças de gênero sexual, ou mesmo os casos de estupro, que em boa parte das vezes ocorrem no interior no núcleo familiar – da família tradicional, inclusive –, assim como os casos de violência envolvendo questões de intolerância religiosa. O combate à suposta "ideologia de gênero", apresentada sob argumentos frágeis e distorcidos sobre o que realmente é a educação sexual e sua importância é justificado sob a falsa ideia de proteção das crianças, com o intuito de gerar o que Miskolci e Campana (2017) chamam de pânico moral, mobilizando parte da população que acredita estar sendo ameaçada.

As análises que aqui realizamos não esgotam o potencial de estudo do material coletado, mas dão um panorama de como os religiosos evangélicos estão agindo para ganharem espaço e legitimidade

na esfera pública, e de como suas pautas precisam ser problematizadas, para que a sociedade possa compreender o jogo de interesses e de forças existente por trás de discursos idílicos.

Referências

AIRES, Janaine Sibelle Freires; CAMARA, Clara; SILVA, Marco Antonio Roxo da; SANTOS, Suzy. Quando religião, política e mídia se confundem: as estratégias políticas e midiáticas do PRB, da Record e da Igreja Universal do Reino de Deus. **Revista Eptic**, Aracaju, v. 19, n. 2, p. 88-108, maio/ago. 2017.

ALMEIDA, Ronaldo. Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**: análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 163-193.

BÁRBARA, Isabel Scrivano Martins Santa. CUNHA, Fabiana Lopes da. BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. Escola sem Partido: visibilizando racionalidades, analisando governamentalidades. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola "Sem" Partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p. 105-120.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A questão da laicidade no Brasil: mosaico de configurações e arena de controvérsias. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 47, p. 855-886, jul./set. 2017.

CARVALHO JUNIOR, Erico Tavares de; ORO, Ari Pedro. Eleições municipais 2016: religião e política nas capitais brasileiras. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 18, n. 32, p. 15-68, jul./dez. 2017.

CUNHA, Magali Nascimento. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2016.

_____. Política, mídia e religião: o ativismo progressista entre evangélicos brasileiros por meio do Facebook e do Twitter. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 39, n. 3, p. 217-244, set./dez. 2017a.

_____. Construções imaginárias sobre a categoria "gênero" no contexto do conservadorismo político religioso no Brasil dos anos 2010. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 253-276, maio/ago. 2017b.

ESCOLA SEM PARTIDO. **Escola sem partido**: educação sem doutrinação. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/objetivos>. Acesso em: 10 out. 2018.

GIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 80-101, 2008.

_____. Cultura pública: evangélicos e sua presença na sociedade brasileira. In: GIUMBELLI, Emerson (Org.). **Símbolos religiosos em controvérsias**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014, p. 189-208.

IBGE. **Censo 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 mar. 2019.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Transformações na comunicação religiosa: análise dos dois modelos comunicacionais operantes no Brasil atual. **Civitas**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 453-468, set./dez. 2012.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 7, p. 25-54, jan./abr. 2012.

MAIO, Eliane Rose; OLIVEIRA, Márcio; PEIXOTO, Reginaldo. Formação em gênero e educação para a sexualidade considerações acerca do papel da escola. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 10, n. 20, p. 51-62, maio/ago. 2018.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais e política no Brasil: do apolitismo ao ativismo corporativista. In: SANTOS, Hermílio (Org.). **Debates pertinentes**: para entender a sociedade contemporânea. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 112-138.

_____. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político dos evangélicos conservadores. **Revista USP**, São Paulo, n. 120, p. 61-76, jan./mar. 2019.

MEYER, Birgit. Mediação e Imediatismo: formas sensoriais, ideologias semióticas e a questão do meio. **Campos**: Revista de Antropologia, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 145-164, 2015.

MEZZOMO, Frank Antonio. Deputados evangélicos e o Programa Escola Sem Partido na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. In: MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). **Política, Religião e Diversidades**: Educação e Espaço Público (Vol. 1). Florianópolis: ABHR / Fogo, 2018. p. 378-394.

MIGUEL, Luis Felipe. Da "doutrinação marxista" à "ideologia de gênero" - Escola Sem Partido e as leis da mordaça no parlamento brasileiro. **Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. 2017.

ORO, Ari Pedro. Religião e política no Brasil. **Cahiers des Amériques latines**, Paris, v. 48, n. 49, p. 204-222, 2005.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio; ROSA, Daiana Nunes da; SILVA, Lucas Alves da. A liberdade religiosa nas proposições de deputados evangélicos na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. **Religare**, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 422-450, dez. 2018.

PONTES, Felipe. **Supremo autoriza ensino religioso confessional nas escolas públicas**. Agência Brasil. 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-09/supremo-autoriza-ensino-religioso-confessional-nas-escolas-publicas>. Acesso em: 20 mar. 2019.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan./mar. 2017.

RIBEIRO, Amanda; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio. Religião e "ideologia de gênero" no Plano Nacional de Eeducação (PNE). **Relegens Thréskeia**: estudos e pesquisa em religião, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 56-70, 2016.

SANTOS, Rayani Mariano dos. Conservadorismo na Câmara dos Deputados: discursos sobre "ideologia de gênero" e Escola sem Partido entre 2014 e 2018. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, dez. 2018.

SEGATO, Rita Laura. Alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos humanos. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 207-236, 2006.

SILVA, Alexandre Fernando da; FERREIRA, José Heleno; VIEIRA, Alexandre. O discurso falacioso do Movimento Escola Sem Partido. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 19, n. 42, p. 49-65, set./dez. 2017.

TADVALD, Marcelo. A reinvenção do conservadorismo: os evangélicos e as eleições federais de 2014. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 16, n. 27, p. 259-288, jan./jun. 2015.

PENSANDO O PLURALISMO RELIGIOSO POR MEIO DO HALLEL DE MARINGÁ- PR (1995-2018)

Mariane Rosa Emerenciano da Silva[82]

Introdução

O presente trabalho é tem como intuito de apresentar algumas considerações sobre o pluralismo, levando em consideração principalmente uma prática católica realizada na cidade de Maringá, o Hallel (1995-2018). Essa pesquisa toma por objeto de estudo o evento de música católica, o Hallel, que acontece em Maringá-PR desde 1995. O recorte histórico é delimitado desde o início do evento no município, até o último realizado, visando compreender as práticas culturais católicas em Maringá. Do ponto de vista da História Cultural e da História das Religiões, a pesquisa permite problematizar as estratégias e táticas utilizadas pela instituição católica e os movimentos leigos; entender a configuração espacial do Hallel e as práticas religiosas presente no evento; além de analisar a mobilidade e pluralidade religiosas do mesmo.

O Hallel, presente em outras cidades brasileiras, surge na cidade de Franca-SP no ano de 1988. Na tese de doutorado de Andre Luis Centofante Alves (2016), o autor discorre o seguinte trecho sobre a idealização e realização do primeiro Hallel,

> Sua história iniciou-se no ano de 1988, quando um grupo de pessoas pertencentes ao movimento religioso Renovação Carismática Católica (RCC), ligado à Igreja Católica Apostólica Romana, decidiram realizar um evento musical para comemorar os dez anos da RCC na cidade de Franca, no Brasil. A ideia era organizar um evento similar ao Rock in Rio, festival internacional de música, realizado pela primeira vez no país em 1985, na cidade do Rio de Janeiro. Uma comissão de caráter informal criada por alguns líderes, entre jovens e adultos da RCC, e coordenada pela Sra. Maria Theodora Lemos Silveira, conhecida por Lolita, ficou responsável por conceber o evento, sem qualquer planejamento administrativo financeiro prévio. O primeiro Hallel aconteceu por conta da intuição e abnegação desse grupo. Cabe esclarecer que a palavra Hallel deriva do hebraico e significa cânticos de louvor a Deus (SILVEIRA, apud ALVES, 2016).
> [...]
> A novidade serviu como resposta ao texto final do Concílio Ecumênico Vaticano II, que evocava os católicos a buscarem formas de evangelização com novos métodos e novas maneiras de disseminação da doutrina cristã. Com o sucesso inicial do evento Hallel – Som e Vida [...] (ALVES, 2016, p. 25).

A partir de 1995 outras cidades brasileiras começam a realizar o evento Hallel – Som e Vida, exemplo de São Paulo-SP, Brasília-DF, Maringá-PR, Londrina-PR, Ribeirão Preto-SP, São José dos

[82] Programa de Pós-graduação em História, CAPES, UEM, marianer.emerenciano@gmail.com.

Campos-SP. Maringá, por meio, do *Projeto Mais Vida* - movimento leigo da Igreja Católica de Maringá- é convidada para realizar em 30 de julho de 1995 a primeira edição do Hallel na cidade 29 e 30 de setembro de 2018 foi realizado a 24ª edição do Hallel de Maringá, no Parque Internacional de Exposições Francisco. O evento toma conta de um grande espaço do Parque, pois é distribuído no local, Módulos - o Módulo do Rock, o módulo do namoro, módulo da família, Módulo RCC, Módulo teatro, Módulo Maria, entre outros - no qual durante o dia é apresentado shows, testemunhos, pregações e orações, 2 capelas - Capela do Louvor e a Capela do Silêncio-; e o palco Central, com as principais atrações do cenário da música cristã.

Uma questão a ser observada na citação de Alves (2016) é que o Hallel "serviu como resposta ao texto final do Concílio Ecumênico Vaticano II", por meio de projetos desenvolvidos entre 2015 a 2017[83] percebeu-se que apesar do Hallel ser realizado por leigos, eles apenas realizam os eventos com a autorização das dioceses. Os leigos por sua vez usam como base legitimadora do evento, o Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965), o discurso anunciado e sua apropriação é distinto entre a Instituição, os organizadores, e os participantes do evento do Hallel.

Nesse sentido, ressalta-se a importância de fazer algumas considerações sobre a criação da cidade e a construção memorialista de Maringá e a relação dessa com a Igreja Católica: A cidade é criada com concepções de modernidade, e progresso; A Igreja é narrada como uma instituição fundamental para o desenvolvimento da cidade; O contexto da elevação de Maringá está inserido em um quadro de transformações da posição da Igreja mediante ao seu discurso dogmático.

O cenário

Na dissertação de Marcia Maria Pereira (2007) é exposto que a fundação da cidade de Maringá está inserida num amplo contexto, que envolve planejamentos e intenções estabelecidas por parte da Companhia de Terras do Norte do Paraná (posteriormente Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná) começou a atuar em 1928 com o algodão. Na década de 40 a Empresa direcionou seus investimentos à colonização. Com a decorrência do investimento foi fundado no dia 10 de maio de 1947, o núcleo colonizatório de Maringá (PEREIRA, 2007, p. 22).

Os primeiros registros de povoação datam de 1938, no entanto a cidade foi fundada oficialmente em 1947. A autora ainda pontua que na década de 40 e 50 a cidade em virtude das propagandas

[83] SILVA, Mariane R. E, da. **A presença do Hallel em Maringá- PR (1995-2015)**. Maringá 2015/2016. 48 p. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.
SILVA, Mariane R. E, da**. Festa e Religiosidade: reflexões acerca do Hallel (Maringá/PR; 1995-2016)** Maringá. 49 p. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

desenvolvidas pela CMNP, tornou-se região de grande absorção de migrante de São Paulo, Rio de Janeiro, nordestinos e posteriormente imigrantes japoneses, alemães, italianos, espanhóis, portugueses e árabes. O que nos permite concluir a hibridização cultural da cidade de Maringá.

Apesar da diversidade cultural presente em Maringá, a Igreja Católica teve forte expressão na cidade. A Igreja Católica apoiou o empreendimento da CMNP, e a Companhia por outro lado "apoiou financeiramente, concedendo espaços, prestigiando iniciativas, pois reconhecia a Instituição como uma importante aliada na constituição de uma sociedade purificada, homogênea, moralizada, ordeira, pacífica e moderna"[84] (PEREIRA, 2007, p. 22).

Na obra memorialista de Pe. Orivaldo Robles (2007), a Igreja é apresentada de forma marcante para a construção da cidade. Assim como é possível ser analisado nas dissertações de mestrado de Selson Garutti (2006), Jonas Jorge da Silva (2011).

A cidade de Maringá com menos de dez anos foi elevada sede de bispado, "criada pelo papa Pio XII a 1º de fevereiro de 1956 e posse do 1º bispo diocesano a março de 1957" (COELHO, 2007, p. 17)[85]. O primeiro bispo foi Dom Jaime Luiz Coelho, no qual permaneceu por mais de quarenta anos na Igreja de Maringá. Um momento que não podemos deixar de citar, é a participação de Dom Jaime em duas sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II (GARUTTI, 2006, p. 72-73).

Com o Concílio, discutiu-se a necessidade de uma atuação mais aberta da Igreja, isso em diversos aspectos, e a aproximação leiga era um deles. Segundo Pereira (2007) a partir desse momento os leigos eram convidados a fazerem parte de uma militância evangelizadora.

> Foi o incentivo à participação na Igreja da comunidade leiga, devido à escassez de sacerdotes, antes mesmo do com Concilio ser convocado, D. Jaime se preocupava com este problema evidente e com grande tendência de agravar-se. E em sua carta pastoral de saudação aos diocesanos, publicada, em 1957, o bispo dedicou um item aos leigos, convocando-os para a participação na Igreja e na evangelização. Com as determinações conciliares, os incentivos aumentaram e a comunidade maringaense apresentava uma presença efetiva na diocese, por intermédio dos movimentos leigos que surgiram (PEREIRA, 2007, p. 71).

Ivan A. Manoel (2004), discorre sobre a tentativa de um discurso homogeneizador da Igreja Católica entre os anos de 1800 e 1960, conhecido como "Catolicismo Ultramontano". Sendo um período

[84] Na dissertação de mestrado Giovane Marrafon (2017), o autor questiona obras memorialistas da cidade de Maringá, e a produção bibliográfica sobre as religiões da mesma, enfatiza a presença e manifestação de outras crenças na cidade – crenças afro-brasileiras, espiritismo – Sendo assim, Maringá é uma cidade que possuí pluralismo religioso desde sua organização enquanto cidade.
[85] COELHO, Jaime Luiz. Prefácio. In: ROBLES, Orivaldo. **A Igreja que brotou da mata.** Maringá: Ed. Dental Press, 2007.

no qual a Igreja se posicionou contraria as concepções renascentistas e de modernidade. O autor enfatiza que para os católicos conservadores do século XIX "Voltar à Idade Média significava reunir-se novamente, reconstruir a Unidade querida por Deus e destruída pelo pecado, dissolver-se novamente no Absoluto, reconstruir a Idade de Ouro perdida" (MANOEL, 2004, p. 124). Mas para além da busca da Igreja aos pressupostos medievais entre o Pontífice de Pio X (1903- 1914) a Pio XII (1939-1958) "O individualismo da liberal-democracia e o coletivismo proposto pelas doutrinas socialistas estavam presentes, lembrando à Igreja que não bastava apenas desejar a reunificação" "é necessário apoiar os projetos políticos totalitários" (MANOEL, 2004, p. 142). É nesse momento que "a conversão da doutrina em política, do discurso em práxis, por meio do desenvolvimento da Ação Católica, que acabaram por gerar as contradições que levaram ao Concílio Vaticano II e, na América Latina, à Teologia da Libertação" (MANOEL, 2004, p. 12).

Essas questões nos fazem considerar sobre uma a diversidade da prática do catolicismo. E a influência desses catolicismos na percepção da Igreja Católica em Maringá, assim como a relação que os leigos possuem com a prática de religiosidade católica na cidade.

Dessa forma, levamos em consideração as formas de manutenção dessas manifestações religiosas. Segundo Marc Bloch (2010) "Indispensável, é claro, a uma correta percepção dos fenômenos religiosos atuais, o conhecimento de seus primórdios não basta para explicá-los". (BLOCH, 2010, p. 58). A história é permeada por mudanças e permanecias, ao levar em consideração a própria percepção dos homens enquanto sujeitos na sociedade em que vivem, os embates culturais, econômicos e políticos estão presentes no cotidiano desses influenciam de formas tanto expressivas quanto sutis.

Narrativa do o diário e discussões teóricas

Por meio do jornal *O Diário do Norte do Paraná* observamos publicações sobre o evento desde a primeira edição realizada do evento na cidade. O evento, como já citado surgiu em Franca-SP, por meio da Renovação Carismática Católica (RCC). Em 1995 a cidade de Maringá é convidada a organizar a primeira edição no Hallel, e assim anualmente o evento acontece em Maringá. Diferente de Franca, em Maringá o movimento leigo da Igreja Católica que organiza o Hallel é o *Projeto Mais Vida* – grupo de leigos que realizam acampamentos religioso- O grupo não pertence a uma paróquia específica, mas vinculada a Arquidiocese de Maringá.

O Hallel é considerado um dos maiores eventos de música católica no Brasil, o Hallel de Maringá em conjunto com o Hallel de Franca-SP e de Brasília-DF são considerados as maiores edições

do evento. Cada local que realiza o evento mantem uma estrutura parecida para realizar o Hallel como os "módulos", missas, palestras e música, as adaptam a suas necessidades[86].

O fragmento a seguir nos ambienta sobre o que é o evento:

> O Hallel é um evento oriundo da Igreja Católica e que se tornou ecumênico.
> Durante dois dias, jovens cristãos se expressam nos mais diferentes estilos musicais; rock, heavy metal, pop, MPB, sempre unidos por temáticas ligadas a Deus e à evangelização.
> Hallel é uma palavra hebraica que significa "Aleluia" e "Canto de Louvor a Deus".
> O tema da festa deste ano, em Maringá, é "Ide e fazei discípulos" (Mateus 28,19), o mesmo da comunicação dos 50 anos da Arquidiocese de Maringá.
> Entre as atrações deste ano, padre Fábio de Melo, Rosa de Saron, Cantores de Deus, Ziza Fernandes, Wilson Rocha, Celina Borges e Anjos de Resgate. Além de música, o evento conta com pregações, teatro e missas. Na arena coberta serão realizados os shows musicais e, ao lado, foram instalados módulos evangelizadores, além de exposição de livrarias católicas no Pavilhão Azul.
> Os módulos são temáticos, com palestras sobre assuntos como família, Nossa Senhora e Namoro. Existem módulos com palestras para músicos e até de heavy metal (O DIARIO DO NORTE DO PARANÁ 03 e 04 de setembro de 2006, p. D-2).

Tal trecho nos faz tecer as seguintes considerações o Hallel: é considerado um evento ecumênico, aberto a todas as idades e religiões; uma festa cristã católica[87], com artistas, palestrantes católicos; possui rituais da doutrina católica, como a missa; por meio dos módulos discute temas como, namoro, família, entre outros temas; tem apoio o apoio institucional; e não claramente nesse trecho, mas em outros o jornal enfatiza a inspiração do evento no Rock in Rio (1985).

Convém, nesse sentido, apresentar alguns apontamentos realizado por Carlos Rodrigues Brandão (1988), para o autor a religião no Brasil é fortemente marcada pelo cristianismo, principalmente pela Igreja Católica Apostólica Romana, porém essa Igreja se adapta, é "híbrida"[88], pois está inserida nas percepções de uma eficácia simbólica: "Não é a elaboração classificatória, nem é através de uma relação direta entre a religião e a sociedade que os símbolos culturais do sagrado incidem sobre a própria identidade que qualifica um modo de ser religioso" (BRANDÃO, 1988, p. 45). O autor ainda ressalta que as "Igrejas criam e recriam, como um dos fundamentos de sua respeitabilidade confessional, identidades que qualificam tanto os deuses quanto seus devotos" (BRANDÃO, 1988, p. 45).

---

[86] ALVES, André Luis Centofante. **A gestão social na atividade educacional religiosa:** o caso da Hallel Escola no Brasil. 2016. 201 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2016.

[87] Em um dos trabalhos desenvolvidos sobre o Hallel de Maringá-PR, tentamos perceber o evento enquanto "festa", levando em consideração autores como Edilece Couto que trabalha os movimentos leigos e as festas em Salvador-BA. Demonstrando que essa participação leiga nas práticas festivas é presente em outros momentos no catolicismo no Brasil. Vide: SILVA, Mariane R. E, da. **Festa e Religiosidade: reflexões acerca do Hallel (Maringá/PR; 1995-2016)** Maringá. 49 p. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

[88] BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo, Ed. Unisino, 2010.

Tal discussão nos permite pensar o conceito de "campo religioso" de Pierre Bourdieu (2011), ao pesarmos principalmente na manutenção de "bens de salvação" e a disputa pelo "capital simbólico" as instituições religiosas, que se adaptam para atender aos devotos. Segundo Bourdieu (2007), a racionalização da religião estaria na transferência da noção de pureza do mágico para o moral, ou seja, a religião como aporte moral de percepção do mundo, a busca de viver sem pecado para a salvação.

O reconhecimento social que o corpo específico detém, o conhecimento ou monopólio de salvação, parte dos leigos que acabam por assumir que se desconhecem como especialistas. Assim, necessitam de indivíduos com tais qualificações, que produzam e reproduzam esses meios. Uma autoridade no assunto para, que se possa entender como agir de forma a serem salvos. Quando se expõe a questão de ser qualificado para assumir o monopólio religioso de salvação, aqueles que busca a salvação estará em um grupo inferior aos que a apresentam o conhecimento e meios para salvação (BOURDIEU, 2007, p. 39).

No entanto, a religião não sobreviverá sem fieis, ocorre a necessidade de adaptação é inquestionável, deve se colocar a serviço da satisfação dos grupos que as procuram, pois são esses que legitimam, e reconhecem a eficácia do poder simbólico.

> Em virtude da autonomia relativa do campo religioso como mercado de bens de salvação, as diferentes configurações historicamente realizadas da estrutura das relações entre as diversas instâncias em competição pela legitimidade religiosa podem ser encaradas como momentos de um sistema de transformações" (BOURDIEU, 2007, p. 59).

Ao pensar na discussão de Bourdieu (2007), pontuamos uma questão que nos é importante realizada por Michel de Certeau (1998) ao propor os conceitos de "táticas" e "estratégia". Para Certeau (1998) a "tática" vincula-se ao alterar e manipular uma circunstância, ela (tática) é referente aos que não possuem um lugar próprio, enquanto a "estratégia" é capaz de produzir, mapear e impor, - praticada por instituições legitimadoras de um modo de agir.

Atentamo-nos as questões de "uso" e "consumo" ponderados pelo autor. O primeiro termo para Certeau (1998), "trata-se precisamente de reconhecer ações (no sentido militar da palavra) que são a sua formalidade e sua inventividade próprias e que organizam em surdina o trabalho de formigas do consumo" (CERTEAU, 1998, p. 93). O segundo termo mencionado trata "de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como consumo" (CERTEAU, 1998, p. 94). Esse consumo está ligado de certa forma a uma arte de utilizar produtos que são impostos aos indivíduos.

É importante ressaltar, que a produção para consumo não se detém ao modo correta de se fazer uso de um produto. Sendo assim, quais são os "usos" que se fazem dos produtos? Esses usos, são vistos pelo autor como táticas, são audácias e desvios realizados de forma inconsciente pelos consumidores.

A discussão de Certeau (1998), nos permite compreender a menção de Roger Chartier (2002) sobre os signos, códigos produzidos pelos homens, principalmente no que consiste os documentos "as obras não têm sentido estável, universal, imóvel", essas são repletas de significações plurais e móveis, permeada por negociações entre proposta e recepção "no encontro entre as formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas dos públicos que delas se apropriam" "a recepção inventa, desloca, distorce" (CHARTIER, 2002, p. 93), constituem desse modo uma cultura própria. Percebemos dessa maneira que as relações humanas são complexas e múltiplas. Referenciamos aqui que o conceito de "apropriação" é pensado no sentido de usos e interpretações que uma sociedade produz (CHARTIER, 1991, p. 180).

Perspectivas de pluralismo e modernidade

Anteriormente vimos com Certeau (1989) os diferentes "usos" e a percepção de "táticas" e "estratégias", percebemos que tais perspectivas estão vinculadas ao consumo (instituição) e os consumidores (indivíduos) o que nos leva a considerar algumas questões levantadas por Peter Berger (2017) sobre instituições e indivíduos na modernidade, e principalmente a influência do pluralismo nas escolhas. Segundo o autor:

> As instituições fornecem os programas de ação que os instintos não podem fornecer. Isto é, elas erguem uma área de estabilidade em que o indivíduo pode agir quase automaticamente e sem muita reflexão, e ao mesmo tempo tornam possível outra área na qual o indivíduo está livre para fazer escolhas. Gehlen chamou estas duas áreas, respectivamente, de plano de fundo [background] e primeiro plano [foreground] da vida social humana. O plano de fundo é fortemente institucionalizado, o primeiro plano é desinstitucionalizado; o plano de fundo é o reino do destino, o primeiro plano é o reino das escolhas (BERGER, 2017, p. 28).

Partindo do pressuposto de Berger (2017) ambos os planos são essenciais para a constituição social e individual, sendo assim, o autor vincula o pluralismo não como único fator na multiplicação das escolhas, mas é um fator muito importante. Para empregar os termos de Gehlen, o pluralismo ajuda muito a expansão do "primeiro plano" à custa do "plano de fundo" (BERGER, 2017, p. 31).

Se analisarmos um dos Fragmentos do *O Diário do Norte do Paraná* referente ao Hallel de Maringá observaremos a seguinte narrativa descrito pelo até então bispo da Arquidiocese de Maringá, Dom Jaime Luis Coelho:

> Diante desta floração maravilhosa a enriquecer a igreja de Deus vemos, neste final de século, o despertar da consciência na busca de um sentido exato e certo na vida. De um lado – é verdade – cresce a onda de crimes, de corrupção nos meios governamentais, de degradação da pessoa humana, de vilipêndio das coisas nobres sustentado até por pessoas que dizem "de bem", do aumento da miséria moral e quejandos. É o pecado, isto é real, o afastamento de Deus que leva a esse secularismo, a perda do sagrado. Daí, para contrabalançar, aqueles que encontram Deus em sua vida não medem esforços para leva-lo, também, aos irmãos. São João, no Evangelho, diz que o "Espírito sopra onde quer" (Jo 3,8). E esse "soprar" do Espirito que faz crescer, no campo da Igreja, os diversos movimentos e maneiras de como falar com Deus. De como d'ELE se aproximar e de como tudo fazer para torna-lo conhecido. Uma vez conhecido, amado. Uma vez amado, fazer a sua Santíssima Vontade (COELHO, 30 de julho de 1995, p. 2).

Coelho, atribuí o secularismo a perda do sagrado e a crise do que ele posteriormente dirá que é de "amor". Entretanto, como é apontado por Berger (2017), a secularização e separação das instituições (Estado, Igreja), corroboraram para um desenvolvimento cientifico e diversidade de ideias e práticas.

Podemos então atribuir essa crise a modernidade e ao pluralismo?

Ao considerar os apontamentos de Berger (2017) o autor mencionará que "O pluralismo relativiza e com isso enfraquece muitas das certezas com as quais os seres humanos costumavam viver" (BERGER, 2017, p. 33). Entretanto, essa situação pluralista é libertadora – novos horizontes estão se abrindo em todos os sentidos. É também individualizante. Isso possibilita ao que podemos que o individuo possa fazer escolhas tanto religiosas quanto não religiosas.

Diante dessas questões, podemos apontar algumas questões que nos permite pensar os leigos organizadores do Hallel de Maringá, assim, como os participantes que procuram o evento, Danièle Hervieu-Léger (2008) com o conceito de "peregrinação" e Michel Maffesoli (1998) de "tribos", contribuem para pensar as atividades propostas pelo evento, notamos uma "peregrinação" entre os módulos, as capelas, o Palco Central, e estandartes. Os participantes procuram as palestras, bandas, teatros, missas, que mais lhe chamam atenção. São eles a escolherem o que assistir, escutar e participar durante a realização do Hallel. Nesse sentido, a "peregrinação" propõe a mobilidade e a autonomia de buscar uma crença na qual os indivíduos se reconheçam (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 103).

Para Maffesoli (1998) o "tribalismo" ou "tribos" é uma das características da Modernidade, em que ocorre uma nova construção social, perde-se a presença do individualismo em função do solidarismo. As pessoas procuram comunidades que possibilitem uma identificação, os indivíduos não legitimam suas próprias ações. Sendo, assim, pertencer a uma tribo atribui significância para suas expressões e manifestações (MAFFESOLI, 1998, p. 114).

Nessa perspectiva é necessário enfatizar que a maioria dos módulos organizados no Hallel, não são apenas do *Projeto Mais Vida*, mas também de outros grupos e movimentos de Paróquias da Arquidiocese de Maringá, como, por exemplo, o Módulo RCC, como veremos no seguinte trecho:

> O Hallel é uma realização do Projeto Mais Vida, com o apoio da arquidiocese de Maringá e a participação de integrantes das mais variadas frentes da Igreja Católica, Pastorais, Movimentos e Associações. A entrada é Franca (O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 03 de setembro de 1998, p. 4).

Considerações

Consideramos por fim, que o Hallel de Maringá é um evento que possibilita pensar a relação da instituição e do indivíduo, por meio, de uma percepção pluralista. Em que, ocorre por parte da Igreja enquanto possuidora de um capital simbólico de "bens de salvação" considerar alguns debates, principalmente a ação leiga enquanto evangelizadora e produtora de um grande evento ou uma festa de evangelização, como é o caso do Hallel na contemporaneidade. Como apontado por Berger (2017) o pluralismo:

> muda a relação entre o clero e os leigos. Um laicato sem coerção ganha inevitavelmente poder em oposição às autoridades religiosas e ao clero. Os leigos devem ser convencidos a se tornarem e/ou permanecerem membros de uma Igreja que é de fato, quando não teologicamente, uma associação voluntária (BERGER, 2017, p. 104).

Sendo assim, podemos considerar que o Hallel é uma "estratégia" da Igreja Católica, entretanto, a organização do evento seria provida das questões pluralistas onde os indivíduos possuem diversas escolhas religiosas, sendo possível analisar essas questões dentro da própria Igreja e na diversidade que se tem de grupos e movimentos leigos. É ainda interessante notar, que a distribuição dos módulos, das diversas atividades, palestras, apresentações, pode ser vista como meios dos participantes escolherem seu modo de vivenciar o Hallel.

Bibliografia

ALVES, André Luis Centofante. **A gestão social na atividade educacional religiosa:** o caso da Hallel Escola no Brasil. 2016. 201 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2016.

BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista.** Petrópolis: Vozes, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras. In: Sanchs, Viola et al. **Brasil & EUA**: Religião e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisino, 2010.

CERTEAU, Michel. Fazer com: usos e táticas. In: **A Invenção do cotidiano**. Petropolis: Editora Vozes, 1998.

CERTEAU. Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 174-191. 1991.

GARUTTI, Selson. **O poder do anel na Diocese De Maringá**. 2006. 111f. Tese (Mestrado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, 2006.

GONZAGA, Giovane Marrafon. **Memórias, notícias e espaços a presença das religiões Afro-Brasileiras em Maringá-PR (2000 - 2014),** 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento, Petrópolis: Vozes, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos***:* o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MANOEL, Ivan A. **O pêndulo da história***:* tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960). Maringá: Eduem, 2004.

PEREIRA, Márcia Maria. **A Igreja Católica em Maringá e a gestão de D. Jaime Luiz Coelho (1947-1980)**, Dourados: UFGD, 2007.

ROBLES, Orivaldo. **A Igreja que brotou da mata**. Maringá: Dental Press, 2007.

SILVA, Jonas Jorge da. **O Templo E A Cidade: Memórias Sobre A Construção Da Catedral De Maringá**, 2011. 163f. Tese (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

SILVA, Mariane R. E, da. **A presença do Hallel em Maringá- PR (1995-2015).** Maringá 2015/2016. 48 p. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

SILVA, Mariane R. E, da. **Festa e Religiosidade: reflexões acerca do Hallel (Maringá/PR; 1995-2016)** Maringá. 49 p. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

Fonte:
Jornal impresso: O Diário do Norte do Paraná.

AVALIAÇÃO DAS AÇÕES SÓCIO EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS PELO PROGRAMA PATRONATO DE CAMPO MOURÃO: A PERCEPÇÃO DOS ASSISTIDOS

Sandra Garcia Neves[89]

Introdução

A equipe multidisciplinar do Programa Patronato de Campo Mourão desenvolve Ações Sócio Educativas desde o ano de 2015. Tais ações ocorrem semanalmente em eventos de duas horas em que profissionais de diversas áreas do conhecimento expõem temas e possibilitam reflexões aos assistidos pelo Patronato-CM. Os temas tratados são sugeridos pelos próprios assistidos, egressos e beneficiários da Justiça.

Nosso objetivo nesse estudo é apresentarmos alguns apontamentos acerca da percepção dos assistidos quanto a condição de apenados e discutirmos o conteúdo das avaliações que realizam ao final de todas as Ações Sócio Educativas.

Nosso procedimento é qualitativo com análise documental, por meio do qual, descrevemos e apresentamos algumas respostas dadas sobre os diferentes temas e a percepção dos assistidos quanto às reflexões oportunizadas pelos profissionais que palestram nas Ações Sócio Educativas sobre diferentes temas, considerando-se o objetivo último do Patronato-CM de reinserção social.

Avaliação das ações sócio educativas desenvolvidas pelo programa patronato de campo mourão: a percepção dos assistidos

Decretada em 1940, o Código Penal (CP), referente às penas privativas de liberdade, "[...] deverão ser executadas em forma progressiva, segundo o mérito do condenado, observados os seguintes critérios e ressalvadas as hipóteses de transferência a regime mais rigoroso" (BRASIL, 1940, p. 1). O CP (BRASIL, 1940, p. 1), "o regime aberto baseia-se na autodisciplina e senso de responsabilidade do condenado", que, "[...] deverá, fora do estabelecimento e sem vigilância, trabalhar, frequentar curso ou exercer outra atividade autorizada, permanecendo recolhido durante o período noturno e nos dias de folga". A prestação de serviço à comunidade ou a entidades públicas é uma das penas restritivas de direito. Em prosseguimento, as alternativas penais, incluindo trabalho e educação, são estendidas a egressos e beneficiários da Justiça.

Em 1984 foi decretada e sancionada a Lei de Execução Penal (LEP) que teve, dentre outros objetos, o objeto, de "[...] efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar

[89] PROPED, UERJ-UNESPAR, sandragarcianeves@bol.com.br.

condições para a harmônica integração social do condenado e do internado". A assistência ao preso e ao internado é estendida ao egresso e compreende os aspectos material, a saúde, a jurídica, a social, a religiosa e a educacional.

Nos termos da LEP, a assistência educacional compreende a instrução escolar e a formação profissional. Dentre os direitos do preso e do internado estendidos ao egresso, tem-se o "exercício das atividades profissionais, intelectuais, artísticas e desportivas anteriores, desde que compatíveis com a execução da pena" (BRASIL, 1984, p. 1). Referente à remissão das penas, a computação do tempo deve considerar que "a alternativa administrativa encaminhará mensalmente ao juízo da execução cópia do registro de todos os condenados que estejam trabalhando ou estuando, com informação dos dias de trabalho ou das horas de frequência escolar ou de atividades de ensino de cada um deles" (BRASIL, 1984, p. 1). Em complemento, "o condenado autorizado a estudar fora do estabelecimento penal deverá comprovar mensalmente, por meio de declaração da respectiva unidade de ensino, a frequência e o aproveitamento escolar" (BRASIL, 1984, p. 1). Referente ao trabalho e a educação, Silva (2019, p. 1), afirmou "[...] a necessidade de fortalecimento das penas alternativas como um caminho mais humanizado a idéia da sanção penal no sentido de integrar o cidadão a sociedade, sem privar sua liberdade, com respeito a sua dignidade humana, que se aplica a interpretação de todas as leis brasileiras".

A Lei n.º 9.714, de 25 de novembro de 1998, alterou dispositivos do Código Penal e definiu a prestação de serviço à comunidade ou a entidades públicas constituindo-se "[...] na atribuição de tarefas gratuitas ao condenado", e "[...] dar-se-á em entidades assistenciais, hospitais, escolas, orfanatos e outros estabelecimentos congêneres, em programas comunitárias ou estatais" (BRASIL, 1998, p. 1).

Ao tratar das alternativas penais, Dutra (2019, p. 1), argumenta que "ressocializar, é dar ao preso o suporte necessário para reintegrá-lo a sociedade, é buscar compreender os motivos que o levaram a praticar tais delitos, é dar a ele uma chance de mudar, de ter um futuro melhor independente daquilo que aconteceu no passado". Em complemento, Freitas (2019, p. 1), define ressocialização como "[...] o ato de reintegração de um determinado indivíduo ao convívio em meio a sociedade" e que "[...] tem como propósito a humanização do apenado em sua passagem ao cárcere por intermédio de políticas humanísticas, ou seja, não se delimitando em executar a pena por conta do dano causado mas também inclui-lo ao convívio humano, deste modo evitando uma futura reincidência".

Em 2011 foi realizado o VII Congresso Nacional de Alternativas Penais em que se discutiu a Política de Alternativas Penais, uma concepção de política de segurança pública e de justiça. A política de alternativas penais "[...] é uma política de Segurança Pública e de Justiça, que busca promover a qualidade de vida de todos os cidadãos e que, além de ser dever do Estado, é também responsabilidade de todos e deve ser pensada e consolidada em conjunto com a sociedade civil" (BRASIL, 2011a, p. 15).

A implementação da política abarca, entre outras incumbências, "promover a articulação com organizações da sociedade civil com atuação, nas áreas de justiça, cidadania, direitos humanos e segurança pública, saúde, educação e outras áreas" (BRASIL, 2011a, p. 18). Aos municípios cabe "disponibilizar acesso às políticas municipais de assistência social, saúde, educação, cultura, direitos humanos e geração de emprego e renda aos cumpridores de alternativas penais" (BRASIL, 2011a, p. 20).

Ao discutirem sobre os caminhos e descaminhos de uma política de alternativas à prisão, Fonseca, Cerneka e Carama (2017, p. 9), definem as alternativas penais como "[...] conjunto de procedimentos punitivos de justiça criminal voltados a responder infrações penais sem o encarceramento" com intuito de diminuir as restrições de direitos e de garantias fundamentais em comparação ao encarceramento. Segundo o Grupo de Trabalho de Apoio às Alternativas Penais (2013, p. 8), "a política de alternativas penais é uma política de Segurança Pública e de Justiça, que busca promover a qualidade de vida de todos os cidadãos e que, além de ser dever do Estado, é também responsabilidade de todos e deve ser pensada e consolidada em conjunto com a sociedade civil". Ao tratar das penas alternativas, Silva (2019, p. 1), considerou que:

> o fator de sucesso da aplicação da pena alternativa deve ser basear na possibilidade de implementação da verdadeira cultura da paz, considerando que o objetivo da sanção penal não é o de vingar a sociedade pelo mal causado pelo infrator da lei e sim o de reabilitar o indivíduo ao seio da sociedade, sempre observando que este deve ter acesso aos mesmos direitos sociais, econômicos e culturais das classes mais abastadas.

A Lei n.º 12.433, de 29 de junho de 2011, dispõe sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho (BRASIL, 2011b), Segundo Freitas (2019, p. 1), a ressocialização por meio da educação parte do pressuposto de que "[...] a educação é o principal meio que viabiliza a mudança social [...]".

Baldassin (2019, p. 1), considera que "a educação e o trabalho são precedidos pelo ideal de dignidade humana, sem o qual, dificilmente um indivíduo conseguirá ter a noção de pertencer a uma sociedade justa" e que, "[...] tanto projetos de educação como de profissionalização do apenado, são fundamentais para garantir a ressocialização deste indivíduo e reduzir os índices de reincidência criminal".

Em documento recente (2017), o Ministério da Justiça divulgou o *Manual de Gestão para as alternativas penais* e a conceitua como "[...] mecanismos de intervenção em conflitos e violências, diversos do encarceramento, no âmbito do sistema penal, orientados para a restauração das relações e promoção da cultura da paz, a partir da responsabilização com dignidade, autonomia e liberdade" (BRASIL, 2017, p. 34).

Diante do exposto, funda-se claramente o objetivo de ressocialização de egressos e beneficiários da Justiça por meio de processos educativos, e, em nosso exemplo, ao integrarem as Ações Sócio Educativas promovidas pela equipe multidisciplinar do Patronato-CM.

Aspectos teórico-metodológicos

A equipe multidisciplinar do Patronato de Campo Mourão promove ações educativas para ressocialização de egressos e beneficiários da Justiça. Dentre essas ações, semanalmente, são realizadas as Ações Sócio Educativas. Cada ação ocorre no período de duas horas e conta com a contribuição de profissionais de diferentes áreas do conhecimento que tratam de temas sugeridos pelos assistidos.

No final dos últimos anos, desde 2015 aos dias atuais, março de 2019, a equipe multidisciplinar investiga, junto aos assistidos, quais temas sugerem que sejam tratados nas ações educativas pelos diferentes profissionais. Esses temas são considerados pela equipe ao planejar os módulos das Ações Sócio Educativas para o próximo ano. Então, em cada mês, os assistidos participam de palestras com temas como Direito do Trabalho, Saúde do Homem, e, entre outros, Educação no Trânsito, são tratados por módulos. Assim, mensalmente, diferentes profissionais são convidados para realizarem palestras sobre temas gerais como Direito, Educação, Saúde, Trabalho, e, entre outros, Cultura.

Na Prestação de Serviço à Comunidade (PSC), a carga horária de participação nas Ações Sócio Educativas contam duas horas, oito horas por mês. Essas oito horas são computadas na carga horária total da PSC. Para que a equipe multidisciplinar do Patronato-CM tenha parâmetro sobre o atendimento aos interesses dos assistidos e também como forma de avaliação do desempenho para os próprios palestrantes, ao final de cada Ação Sócio Educativa, os assistidos realizam avaliação geral dos conteúdos tratadas em cada ação.

As Ações Sócio Educativas foram instituídas no dia 08 de abril de 2015 e a primeira edição ocorreu no dia 22 de abril de 2015. Nos anos de 2017 e 2018 contabilizamos trezentas e cinquenta e três (353) participações de assistidos nas Ações Sócio Educativas. Dos vinte e quatro módulos, definimos, em definição desse estudo, aqueles referentes aos Subprogramas Saiba (encaminhamento, atenção e cuidado aos usuários de drogas em conflito com a Lei), Basta (intervenção junto ao autor de violência doméstica) e Blitz (reeducando infratores de trânsito). Referente as participações dos assistidos nas ações desses Subprogramas, contabilizamos: dezenove (19) ações educativas, distribuídas em onze (11) ações referentes ao Subprograma Saiba, cinco (5) referentes ao Subprograma Basta, e, três (3) ao Subprograma Blitz. Acerca das ações desenvolvidas pela equipe multidisciplinar do Patronato-CM, ressaltamos, conforme Caliman (2010, p. 359) que:

> as instituições socioeducativas são indispensáveis a partir do momento em que elas são organizadas para atender a determinadas necessidades das pessoas; contam com a colaboração de um grupo de pessoas (funcionários, voluntários) que desenvolvem funções relevantes na sociedade; possuem uma identidade construída a partir de um consenso em torno de valores, princípios e normas.

As Ações são eventos educativos planejados em que profissinais das diferentes áreas do conhecimento palestram e realizam atividades que contam com a participação dos assistidos, egressos e beneficiários, pela Justiça. O objetivo das Ações Sócio Educativas é garantir a efetivação da cidadania por meio da educação para a vida e para o trabalho dos assistidos pelo Programa Patronato de Campo Mourão. A título de exemplo, de todas as avaliações entregues pelos assistidos, selecionamos duas de cada evento, conforme pode ser visto na Tabela 01 – Avaliação dos assistidos.

Tabela 1 – Avaliações dos assistidos

Subprograma	Data	Número de avaliações	Avaliações
SAIBA	07/06 2017	25	• "Todas droga só **tras dependência** e doenca desde o começo a fim" (A1). • "perigo – as drogas **causão muitos problemas no corpo** e acaba com a saúde "é por isso parei de usar"!!!" (A2).
SAIBA	14/06 2017	29	• "**é bon nos escutar estas paléstras mesmo que nunca usei maconha** e nen craque mas sempre gostei de uma cerveja nos finais de semanas" (B1). • "**Essa ação tinha que ser aplicada varias setor**. previnino todas classe" (B2).
SAIBA	21/06 2017	25	• "**Achei interessante o vídeo aplicado sobre as drogas**, que explica totalmente como as drogas vida os povos. Mas achei muito estranho no vídeo eles falarem que de cada 4 usuários de chack apenas 1 vicia, para mim isso induz a pessoa a usar para saber se vai viciar ou não. Achei diferente eles falarem que as drogas como a maconha pode ser usada de modo moderado. Mas do mais foi tudo tranquilo" (C1). • "tudo nada aver, e tudu a ver **é bom escutar sobre essas drogas ilisitas** so que nunca uzei mais tenho vontade se é quer dar lucho" (C2).
SAIBA	28/06 2017	24	• "pra mim foi bom mas por causa dos sintomas e o que causa, e que hoje em dia são poucos que não passa por isso, na maioria das familias de classe baixa, estão nesse mundão que tudo é dificil" (D1). • "muito bom, **deu para ter uma boa reflexão sobre o que é droga licita e droga ilicita** e os efeitos que elas causam no nosso organismo" (D2).
SAIBA	25/07 2017	33	• "gostei muito da palestra **é uma palestra que a maioria da população teria que assistir** porque mulher não merece ser agredida. elas estão de parabens" (E1). • "**toda as vezes que participo das ações é so para ficar mais pordestro das leiz** foje sobre a maria da penha e sobre um casal que os doiz, descer e poder trabalhar é so entrar nun acordo" (E2).

SAIBA	09/05 2018	19	• "compendi que uso de drogas causão efeitos muitas vezes ireversiveis! Apesar de não fazer uso das mesmas! que outra forma de **buscar reuperação** seria a busca e o apelo a Deus" (F1). • "Achei que as drogas é un caminho muito perigosso gerase sem escape para uma nova vida **os efeitos das eroinas pode te levar a os disturbios mentais** e pode causar abistinencia de pendendo dela e o uso você não volta normal" (F2).
SAIBA	12/05 2018	13	• "a vida do crime não conpensa quando você tem tudo ao mesmo tenpo não tem mais nada nem amigos mulheres drogas carro dinheiro e principalmente Liberdade isso é tudo para o ser humano" (G1). • "achei bom **o filme por mostrar em várias cenas a realidade**...mostrando onde a droga leva e a importância de dialogo na familia" (G2).
SAIBA	16/05 2018	15	• "o testemunho das pessoas que estão enternadas no CTR e muito inprecionante e ta para parar e pensar antes de usar qualquer tipo de drogas" (H1). • "muito importante o testemunho de quem já passou ou esta se regenerando. **Ouvir palavras verdadeiras de quem já presenciou varias coisas na vida.** Lega a iniciativa de trazer pessoas que realmente sentiu na pele as consequencias terriveis das drogas sejam licitas ou ilícitas" (H2).
SAIBA	19/05 2018	13	• "**o filme contrasta a realidade de várias pessoas** que foram submetidas a internação involuntária, que podem causar varias circunstancias prejudiciais, e as vezes que não tem como ser tratadas. Que em alguns casos a internação não adianta" (I1). • "eu gostei porque o filme conta a história de um rapaz que nem era viciado e acabou ficando loco com os remédios e tratamentos do hospital" (I2).
SAIBA	23/05 2018	16	• "as drogas esta muito presente em nosas vidas seja no café remédios et. Muitas vezes os dependentes proucurão a cura em remédios que também são drogas" (J1). • "eu achei a palestra de hoje muito boa. A **palestrante falou um pouco sobre as drogas e seus efeitos** e que as famílias sempre estão para dar apoio mas nem sempre a famílias estão lá. Porem sempre temos que saber com quem andamos..." (J2).
SAIBA	30/05 2018	15	• "falou sobre os artigos e quais as funções dele no código penal foi bom a palestra" (K1). • "a minha opinião sobre a palestra é que a legalização das drogas seria uma grande desorientação **política**, porque se legalizar a mesmas, a tendência é piorar o que já ta ruin, mas sim eu sou a favor de uma delas que é o canábis por que o álcool é pior que a maconha" (K2).
BASTA	01/08 2018	15	• "Realmente a violência acontece nas melhores famílias, mas as pessoas só sentem quando é dentro da sua família, deria mudar a consciência das pessoas" (L1). • **"Hoje eu vim com o meu pai e aprendi sobre os tipos de violência e refleti como podemos evitala como a violência esta presente no nosso dia a dia e podemos"** (L2).
BASTA	08/08 2018	7	• "Emportante conhecer mais sobre os direitos e deveres da lei maria da penha. **apalestra foi exclarecedora** e foi muito bom saber mais. **sobre tudo isso que apreendemos hoje**". (M1). • "**Entendi sobre leis que como que funciona suas penalidades** Quando foi criados, e sobre especificamente a lei da maira da penha" (M2).

BASTA	15/08 2018	17	• "**Eu achei ótima a palestra apesar de não prestar muito atencão por escutar coisas que todo mundo sabe,** pois homem de vadade sobre que não se deve agredir e nem abusar de uma mulher. então **achei desnescessario**. mais achei otimo" (N1). • "Direitos e deveres são para todas as pessoas, respeito principalmente... À consciência das pessoas está decrescendo, algumas mulheres da mídia vão contra elas mesmas" (N2).
BASTA	22/08 2018	14	• "Violência existem vários tipos e formas, alguns exemplos: são violência damestica aonde acontecem entre mentras do lar ou família, violência contra a mulher violência imaterial ou simbólica, verbal etc. Mas toda violência nunca vai leva ninguem a coisa boas sempre a maus resultados. e que sempre **possam cria novos órgãos que cobitem todo tipo de violência**" (O1). • "Pra mim **a saída é a educação** com isso podemos diminuir tudo isso que debatemos esses dias obrigado" (O2).
BASTA	29/08 2018	12	• "Percebi o quanto a masculinidade, podem agredir uma mulher, mesmo que na seja a intunção. Aprendi a respeitar mais as mulheres mudando um pouco meu jeito mesmo que um estinto de criação" (P1). • "**Achei a palestra boa... so acho que o erro esta em querer jugar a minoria porque sinceramente não aceito ser representado como agressor pelo erro de alguns homens.** Sou casado e muito bem casado amo minha esposa e meu filho é minha vida tenho boa relação com meus amigos então nem todo homem é como vocês pensam" (P2).
BLITZ	03/10 2018	24	• "Eu aprendi a noção de ser um motorista de trânsito" (Q1). • **Todas as pessoas deveriam ter mais responsabilidade no transito**, e as pessoas serem responsabilizadas igualmente independente de sua classe social" (Q2).
BLITZ	17/10 2018	18	• "Um transito melhor começa pela sinalisação da via tudo depende de um bom condutor e tudo começa aprendendo com as sinalicao o que é e o que representa cada uma delas, sempre aprendendo para um transito melhor depende de todos Envolvidos Neles" (R1). • "Quando se obedece as placas de trânsito fica mais dificil acontecer acidente. Eu digo as pessoas que os sinais de transito não estão de bonito na via **alguem estudou para por as placas**" (R2).
BLITZ	24/10 2018	19	• "**Eu aproveitei melhor essa palestra por que as explicações foram por um adivogado** não que os outros não palestrarão ben. Mas esse tema Blitz foi muito bom deu para aprender coisas que não sabia" (S1). • "**Como sempre é muito instrutiva as palestras sempre aprendemos tirei todas minhas duvidas** por coincidencia uma amiga morreu em um acidente de transito essa semana e foi muito triste" (S2).

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019, grifos nossos.

Transcrevemos literalmente as avaliações, de pelo menos dois assistidos, de cada uma das Ações Sócio Educativas referentes aos Subprogramas Saiba, Basta e Blitz. A definição desses módulos é devida ao fato de serem Subprogramas com orientação de desenvolvimento obrigatório pela Secretaria da Segurança Pública e Administração Penitenciária, Departamento Penitenciário (DEPEN) por meio do Patronato Central do Estado (DEPEN, 2019).

Ao tratarmos da percepção dos assistidos sobre as Ações Sócio Educativas, partimos da compreensão de percepção como "[...] um processo ativo que envolve a procura das informações correspondentes, a distinção dos aspectos essenciais de um objeto, a comparação desses aspectos uns com os outros, a formulação de hipóteses apropriadas e a comparação, então, dessas hipóteses com os dados originais" (LURIA, 1981, p. 199). Decorre que "[...] a percepção humana é um complexo processo de codificação do material percebido que se realiza com a estreita participação da fala, e que a atividade perceptiva humana, portanto, nunca acontece sem a participação direta da linguagem" (LURIA, 1981, p. 200). Por fim, destacamos que a percepção "[...] *é um processo ativo* que inclui a busca dos elementos mais importantes da informação, a comparação dos mesmos entre si, a criação de uma hipótese relativa ao significado da informação como um todo e a verificação desta hipótese pela sua comparação com os aspectos originais do objetivo percebido" (LURIA, 1981, p. 209).

De acordo com Martins (2016, p. 43), entendida como fenômeno inerente a produção do ser social, "[...] a educação guarda as complexidades próprias da constituição dos homens individualmente e dos grupos sociais que se forjam historicamente em cada específico contexto". Avaliamos que as avaliações N1 e P2 são de um sujeito/de sujeitos que não se identifica/identificam como agressor/agressores. Participou/participaram da Ação Sócio Educativa organizada para todos os assistidos e não para tratar de cada delito especificamente.

Severo (2015) refere que, a pedagogia, como ciência da educação, é um campo de conhecimentos que deve assumir, interdisciplinarmente, a construção de referenciais teórico-metodológicos que potencializem efeitos formativos derivados de práticas de educação não escolar. Nesse sentido, identificamos diferentes percepções dos assistidos sobre temas e abordagens tratados nas Ações Sócio Educativas, como por exemplo, do conteúdo das avaliações entregues, destacamos aspectos como: referentes à saúde (A2; D1; D2; F1; F2; I2), referentes à Sociologia (B2; C1; D1; G2; I2; J1; L1; P2; Q2), referentes ao Direito (E2; G1; K1; M1; M2; N2; O1; S1), referentes à religião (F1; H2), referentes à política (K2), e, referentes à Educação (E1; J2; L2; M1; N1; O2; R1; R2; S2). Pelas respostas dos assistidos julgamos que, nas Ações Sócio Educativas, tanto a equipe multidisciplinar quanto os profissionais que palestram, cumprem com a função de potencializar efeitos formativos derivados dessa prática de educação não escolar. Os assistidos demonstram-se capazes de, após obter informações e conhecimentos sobre uso de drogas, violência doméstica e infrações de trânsito.

Destacamos que a educação não escolar, como no exemplo das Ações Sócio Educativas, abarca um conceito ampliado de Educação que objetiva [...] a formação humana com base em processos de ensino e aprendizagem diversificados, complexos, dinâmicos e interconectados em espaços e tempos distintos da instituição escolar [...]" (SEVERO, 2015, p. 563). Nesse sentido, educação não escolar visa "[...] a promoção da educabilidade humana em face de demandas que marcam os contextos de inserção

do sujeito nas dinâmicas sociais" (SEVERO, 2015, p. 563). Por fim, as ações educativas no âmbito da educação não escolar, objetivam congregar práticas inscritas para além do espaço escolar estabelecidas ao longo da vida dos sujeitos. Palhares (2009, p. 60), ao tratar da educação ao longo da vida avalia que:

> Tomando a noção de educação permanente como fulcral na construção da cidade educativa, a perspectiva da educação que então emerge sustenta uma visão do ser humano como ser inacabado, cuja realização se concretizaria pela aprendizagem constante, ao longo da vida, independentemente da idade, e no decurso das múltiplas e diversas experiências de vida das pessoas.

As Ações Sócio Educativas possuem caráter instrutivo, educativo e pedagógico. Permitem aos assistidos, não somente a obtenção de informações sobre diferentes temáticas, mas, a reflexão teórico-prática de suas reais condições de vida. A reflexão acerca do delito cometido, da pena imposta, da PSC e da própria participação das Ações Sócio Educativas, configura-se como oportunidade de conscientização da situação em que se encontra, de egresso ou beneficiário da justiça, mas também, impõe e cobra atitudes e ações efetivas, humanas e cidadãs, no meio social em que se encontra o assistido.

Avaliamos que como "[...] práticas educativas abertas, plurais e contextualizadas, em que a cultura e a experiência vivida pelo sujeito sejam a base para a construção de saberes e atitudes críticas e criativas" (SEVERO, 2015, p. 566), as Ações Sócio Educativas cumprem o objetivo de ressignificar a percepção dos assistidos sobre o delito cometido por meio de um processo histórico, político e legal de educação que resulta em novas atitudes, novos comportamentos, novas vivências e conhecimento da realidade que os cerca.

Em tempo, julgamos válido ressaltar que, conforme o *Manual de Gestão para as alternativas penais*, "[...] é preciso entender que não se trata de mera execução de pena, mas da efetividade de redes sociais bastante amplas, que envolvem a construção de pactos e rotinas de trabalhos entre diversas frentes de políticas públicas, além da participação efetiva da sociedade civil" (BRASIL, 2017, p. 39). Desse modo, é complementar a afirmação de Caliman (2010, p. 343), de que "[...] a escola é indispensável, mas não suficiente, isto é, não se pode jogar sobre seus ombros toda a luta contra a exclusão social". Cabe à pedagogia social uma práxis socioeducativa que objetive, por meio de inúmeras experiências, saberes metodologias em torno de instituições que potencializem fatores sociais intencionais que respondam às demandas provenientes dos conflitos referentes à realidade social. Nesse sentido, "a educação intenciona, por sua vez, corresponde a uma série de ações/intervenções planejadas e predispostas segundo uma ordem metódica por quem tem responsabilidade de organizar as ações e estratégias educativas para favorecer e promover o processo educativo" (CALIMAN, 2010, p. 348).

Considerações finais

Uma das primeiras conquistas obtidas pela equipe multidisciplinar do Patronato-CM foi a solicitação, aos juíses da Comarca de Campo Mourão, 1ª e 2ª Vara Criminal, aceitação dos mesmos de atividades educativas para remição de pena. As Ações Sócio Educativas, instituídas no dia 08 de abril de 2015, que tiveram a primeira edição ocorreu no dia 22 de abril de 2015. Desde esse dia, foram dezenas de Ações Sócio Educativas, em que, dezenas de profissionais trataram de temas variados e, por fim, dezenas de assistidos tiveram a oportunidade de obter informações, refletir e conhecer sobre assuntos relacionados aos seus delitos, ao trabalho que desenvolvem e a vida em geral.

Avaliamos que, conforme as transcrições exemplificadas nesse estudo, a percepção dos assistidos sobre os temas e sobre as próprias Ações Sócio Educativas, demonstram que, sobre muitos conteúdos tratados, os relacionam com suas condições de apenados, de dependentes, de trabalhadores, e, por muitas vezes, de aprendentes. Por fim, de pessoas que participam de processo educativo com objetivo de melhorar suas condições de vida, de trabalho, de educação e de saúde, como também, muitas vezes, estende o que aprenderam para suas famílias e a convivência social.

Referências

BRASIL. **Lei n.º 9.714, de 25 de novembro de 1998.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9714.htm#art43>. Acesso em: 17 abr. 2019.

BRASIL. **Lei n.º 7.210, de 11 de julho de 1984.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7210.htm>. Acesso em: 17 abr. 2019.

BRASIL. **Manual de gestão para as alternativas penais.** Brasília: MJ, 2017. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/dirpp/cgap/modelo-de-gestao/copy2_of_ModelodeGestoparaasAlternativasPenais1.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador. **Revista de Ciências da Educação**, Americana, São Paulo. Ano XII, n. 23, 2º semestre. 2010. Disponível em: <https://sites.unicentro.br/wp/cursodepedagogia/files/2011/08/caliman-pedagogia-social-transformadora.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

CREPALDI, Elaise Mara Ferreira; SOUZA, Lúcia Aparecido Lozano de Souza; GONÇALVES, Paulo Sérgio; NEVES, Sandra Garcia; RODRIGUES, Sônia Maria Yassue Okido. **Ações educativas para ressocialização de egressos e beneficiários da justiça efetivadas pelo Patronato de Campo Mourão.** Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/anais/2017/sumario-anais-2017.php>. Acesso em: 17 abr 2019.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO. SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA. **Patronato Central do Estado.** Disponível em: <http://www.depen.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=217>. Acesso em: 27 abr. 2019.

FONSECA, Anderson Lobo da; CERNEKA, Heidi Ann; CAMARA, Mariana Varela; LIMA, Raquel da Cruz. **Fora de foco**: caminhos e descaminhos de uma política de alternativas penais. São Paulo: Instituto Terra, Trabalho e Cidadania. 2017. Disponível em: <http://ittc.org.br/wp-content/uploads/2017/06/relatorio-fora-de-foco1.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

GRUPO DE TRABALHO DE APOIO ÀS ALTERNATIVAS PENAIS. **Alternativas penais:** bases e ações prioritárias de uma nova política de segurança pública e justiça. Publicado em: 12 ago. 2013. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13989/Anexo-6_Alternativas-Penais-bases-e-acoes-prioritarias.pdf?sequence=11&isAllowed=y>. Acesso em: 29 abr. 2019.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **Fundamentos de Neuropsicologia**. São Paulo: Livros técnicos e científicos, 1981.

MARTINS, Marcos Francisco. Educação não escolar: discussão terminológica e mapeamento dos fundamentos das tendências. **Revista Contrapontos-eletrônica**, Itajaí, v. 16. n. 1, jan/abr. 2016.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. Socialização escolar, educação não escolar e (con)formação de sujeitos. **Revista Contrapontos-eletrônica**, Itajaí, v. 14, n. 2, maio/ago. 2014.

MUELLER, Betânia. A reintegração social do egresso do sistema prisional e o papel da psicologia: estudo de caso. **Cadernos de Segurança Pública.** Ano 6, n. 5, jun. 2014.

PALHARES, José Augusto. Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho. v. 22, n. 2. 2009. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/13966>. Acesso em: 30 abr. 2019.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília. v. 96, n. 244, set/dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812015000300561&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 29 abr. 2019.

SILVA, Sara Cristina Pessin; CARVALHO, Jessica Gonçalves; CREPALDI, Elaise Mara Ferreira. **Contribuições das ações socioeducativas para efetivação da cidadania dos assistidos do Programa Patronato de Campo Mourão.** Disponível em: <http://conccepar.grupointegrado.br/resumo/ltpgtcontribuiampccedilampotildees-das-aampccedilampotildees-socioeducativas-para-efetivaampccedilampatildeo-da-cidadania-dos-assistidos-do-programa-patronato-de-campo-mourampatildeoltpgt/4125/3721>. Acesso em: 18 abr. 2019.

SOUZA, Rafaelle Lopes; SILVEIRA, Andréa Maria. Mito da ressocialização: programas destinados a egressos do sistema prisional. **SER Social**, Brasília, v. 17, n. 36, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/13421>. Acesso em: 17 abr. 2019.

EM TEMPOS SOMBRIOS, UMA PARTILHA DO SENSÍVEL: BRECHT, DRUMMOND, DORA FERREIRA DA SILVA, HILDA HILST, CONCEIÇÃO EVARISTO

Sandro Adriano da Silva[90]

"Todos os poetas são filhos da tempestade".
Lúcio Cardoso

Introdução

Na designação de Eric Hobsbawm (1995), o século XX caracterizou-se como a *era dos extremos*, em razão do impacto das duas grandes guerras, do holocausto e de outras experiências de destruição em massa, em que "não apenas a paz, a estabilidade social e a economia, como também as instituições políticas e os valores intelectuais da sociedade liberal burguesa do século XIX entram em decadência ou colapso". (p.12). Nesse cenário, o lugar poesia e sua crítica tem sido interrogado incessantemente. A Escola de Frankfurt erigiu um amplo debate sobre as relações entre arte, literatura, sociedade, barbárie e o impacto do capitalismo industrial, o que implicou um elemento decisivo para a construção de novos paradigmas de avaliação da produção cultural do pós-guerra. Em *Palestra sobre lírica e sociedade* (1959/2012), Theodor Adorno reitera a complexa articulação entre "expressões de emoções e experiências individuais" (p.66) e os problemas da vida política do seu tempo como um fenômeno, momento em que "ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal" (p. 66). Criar poesia e teorizar sobre ela é, nessa perspectiva adorniana, interrogar sua possibilidade depois do horror dos campos de concentração, uma vez que "a interpretação social [...] diz respeito ao grau de experiência histórica que se evidencia no poema" (p. 81). Em *Crítica cultural e sociedade* (1998), Adorno diagnostica que "A crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas" (p. 26). Uma resposta possível ressoou de Herbert Marcuse (1977), segundo o qual, a questão levantada por Adorno, se friccionada na acuidade dorida da poesia de Paul Celan, aponta a possibilidade da poesia ser possível, "sim, se ela reapresenta, em alienação intransigente, o horror que foi – e que ainda é" (2009, p. 51).

A desumanização promovida pelo capitalismo em todas as formas e matizes e as experiências de barbárie, em todo tempo, não aceitam do poeta e da poetisa uma postura demissionária diante do *fait social*; ao contrário, exigem uma força meditativa e interventiva, que só a literatura e a arte são capazes

[90] Programa de Pós-Graduação em Literatura, UFSC, profsandrounespar@gmail.com.

de elucidar. Essa reivindicação feita à lírica, "a exigência da palavra virginal, é em si mesma social. Implica o protesto contra uma situação social que todo indivíduo experimenta como hostil, alienada, fria e opressiva" (ADORNO, 2012, p. 68-69). É, portanto, nos interstícios da palavra poética que se realiza "a referência ao social [...], mais fundo para dentro dela" (p. 67). A dimensão social dos temas não é reduzida a uma comprovação das hipóteses sociológicas, que se levantam em um texto crítico, mas opera a partir de dentro, como uma referência à sua poeticidade: "conceitos sociais não devem ser trazidos de fora às composições líricas, mas sim devem surgir da rigorosa intuição delas mesmas" (ADORNO, 2012, p. 67).

Intuição que encaminha para a sensibilidade do poema como lugar de fala e de escuta, onde se pode "ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem [...], de um trabalho de deslocamento que ele [o poema] exerce sobre a língua", como afirma Barthes (2004, p. 16-17). A poesia, ainda para lembrar Barthes (2004), "acredita sensato o desejo do impossível" (p. 23); essa é sua centelha de utopia, sua marginalidade, sua resiliência; ou, como Paz (2012) a imortalizou: "conhecimento, salvação, poder, abandono. [...] o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo" (p. 21).

Partilha, para Rancière (2015) significa: "o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas (p. 15). A poesia, tal como a arte "é política antes de mais nada pela maneira como configura um *sensorium* espaço-temporal que determina maneiras do estar junto ou separado, fora ou dentro, face a ou no meio de..." (RANCIÈRE, 2017, p. 59).

A poesia, tomada como "escrita" é, para Rancière (2015), assim como a arte, uma das formas de resistir a uma partilha do sensível que estabelece uma ordem hierárquica, uma relação desigual entre os modos de *fazer*, de *ser*, de *sentir* de *expressar* e de *resistir*: "um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações [...]" (RANCIÈRE, 2015, p. 12). Os poemas adiante elencados se colocam como "práticas estéticas" (RANCIÈRE, 2017, p. 17), e, como tais, "são maneiras de fazer que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade [...], na relação entre uma posição de enunciação indeterminada e certas fábulas que põem em jogo a natureza do ser falante e a relação da partilha dos discursos com a partilha dos corpos", como afirma Rancière (2017, p. 50).

Partilhar dos corpos, partilhar com a *multidão*: "sua operação pode captar o latente da multidão na denominação de um acontecimento. [...] [e] o destinatário do poema, que é sempre e em toda parte, por direito, a Multidão", como ensaia Badiou (p. 2002, p. 47, acréscimo nosso). "Uma parte de mim/é multidão;/outra parte estranheza/ e solidão", poetiza Ferreira Gullar (2015, p. 346). A linguagem poética

comparece como fratura entre os sujeitos e seus mundos, em um *regime estético* de dissensos, interferindo, tocando, mais profunda e inescapavelmente humana nossa percepção da realidade e do que ela oculta: "[...] os atos estéticos como configurações da experiência, que ensejam novos modos do sentir e induzem novas formas da subjetividade política." (RANCIÈRE, 2015, p. 11).

Partindo da metáfora dos vaga-lumes [*luciciole*], no memorável ensaio *O vazio do poder na Itália*, escrito por Pasolini em 1975, mesmo ano em que roda seu último filme, *Saló ou os 120 dias de Sodoma*, no qual o cineasta e poeta retrata a resistência em face do fascismo triunfante, Didi-Huberman (2011) descreve a noção de resistência como *palavras vaga-lume*, ou seja, como imagens, narrativas, em todo seu grau de ironia e sedução, como criatividade e lampejos. Para ele, como para Rancière, a poesia é partilha dissensual do sensível, tal como as "linguagens do povo, gestos, rostos, tudo isso que, por contraste, desenha zonas ou redes de sobrevivências no lugar mesmo onde se declaram sua extraterritorialidade, sua marginalização, sua resistência, sua vocação para a revolta" (2011, p. 72).

A poesia denota uma forma enunciativa, por excelência, da experiência daqueles que têm sua palavra excluída das formas autorizadas de discurso, uma vez que "a própria literatura se constitui como uma determinada sintomatologia da sociedade e contrapõe essa sintomatologia aos gritos e ficções da cena pública" (p. 49). E é justamente esse entendimento do mundo comum como espaço de partilha e resistência onde "a urgência política e estética, em período de "catástrofe" [...] não consistiria [...] em tirar conclusões lógicas do declínio até seu horizonte de morte, mas em encontrar ressurgências inesperadas desse declínio" (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 50).

Algo dessa sobrevivência pode ser relacionado ao que Walter Benjamin entendia permitir a comparação entre os poemas: um princípio funcional, isto é, *poetificado.* O "poetificado revela-se, pois, como passagem da unidade funcional da vida para a do poema", afirma Benjamin (2013, p. 16). A ideia benjaminiana que "é a vida, como unidade última, que está na base do 'poetificado' (2013, p. 17) reforça, segundo Gagnebin (2013), que "não há, portanto, nenhuma formação de linguagem, obra literária ou filosófica, que não seja trespassada pela história de sua transmissão" O Benjamin juvenil já antevia a relação visceral e indissolúvel na relação entre forma e conteúdo da poesia, e via nela uma unidade estética fundamental, "daquele mundo de que o poema dá testemunho" (2013, p. 14).

Brecht, poesia em tempos sombrios

Aos que virão depois de nós

Eu vivo em tempos sombrios.
Uma linguagem sem malícia é sinal de
estupidez,
uma testa sem rugas é sinal de indiferença.

Aquele que ainda ri é porque ainda não
recebeu a terrível notícia.

Que tempos são esses, quando
falar sobre flores é quase um crime.
Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?
Aquele que cruza tranquilamente a rua
já está então inacessível aos amigos
que se encontram necessitados?

É verdade: eu ainda ganho o bastante para viver.
Mas acreditem: é por acaso. Nada do que eu faço
Dá-me o direito de comer quando eu tenho fome.
Por acaso estou sendo poupado.
(Se a minha sorte me deixa estou perdido!)

Em sua crítica a Brecht, na obra *Homens em tempos sombrios* (1974/1999), em função de o poeta alemão ter flertado com o regime de Stálin, Hannah Arendt afirma que

> Falar sobre poetas é uma tarefa incômoda; os poetas são para citar, não para se falar. [...] A voz dos poetas, porém, concerne a todos nós, não apenas aos críticos e especialistas; concerne a nós em nossas vidas privadas e também na medida em que somos cidadãos. [...] Um poeta deve ser julgado pela sua poesia [...]. (p. 152-154).

Na visão da filósofa, *tempos sombrios*, expressão que empresta à Brecht e a relaciona às barbáries do século XX, não constituem uma raridade na história, de crimes e catástrofes, e sua poesia, passada em revista como um contraponto ou salvo-conduto apontava para uma "tarefa excessiva" (1999, p. 160), qual seja, de ligação visceral com o mundo circundante. Nas palavras de Arendt: "O que o destacava era compreender quão fatalmente ridículo seria avaliar o fluxo dos acontecimentos com a medida das aspirações individuais [...]" (1999, p. 160). Havia em Brecht, segundo Arendt, "uma extraordinária aversão [...] à pose da torre de marfim [...]. Brecht desejava ardentemente ser (ou, de qualquer forma, ser tomado por) um homem comum [...] como todo mundo" (p. 164).

A metáfora aqui evocada da "torre de marfim" foi cunhada ainda na primeira metade do século XIX, por Sainte-Beuve, que primeiro a utilizou para se referir à postura poética de *tour d'ivoire*, assumida pelo escritor Alfred de Vigny em contraste com a literatura engajada do romântico Victor Hugo. No cerne da imagem está uma atitude que denota, de forma pejorativa, a fugacidade do artista à sua torre de marfim individual, marcadamente egocêntrica, narcísica e alienante. O poeta mantém-se alheio às vicissitudes que mobilizam seu tempo, elevando sua arte, seja do ponto de vista da estética, seja na dimensão dos temas, a um nível superior a qualquer engajamento social e histórico, fazendo surgir, dessa forma, uma arte assentada na experiência subjetiva, de caráter burguês. (MOISÉS, 2013, p. 461).

Brecht é invocado aqui como antípoda da torre de marfim, como ícone da literatura alemã engajada no século XX, a expressar a incontornável relação entre poesia e sociedade, e a endossar a neutralidade impossível do poeta diante da experiência histórica, e contra, ainda, uma atitude entrópica, que, no caso do poeta, até encontraria um salvo-conduto na notação biográfica: aos vinte e dois anos, fugindo de Hitler, com dificuldades financeiras de todas as ordens, e praticamente passando fome, ainda assim, Brecht nunca deixou de escrever.

Seu desejo era, aderente à perspectiva marxista, a *Umfunktionierung* ou estratégia de *refuncionalização* as artes, conceder-lhes um valor de práxis. (ROSENFELD, 2014). O trabalho artístico deveria se constituir potencialmente renovador e não abastecer comodamente as instituições artísticas tradicionais sem transformá-las estética e politicamente e dar a elas uma função social. Nos anos 1930, já com um domínio da perícia poética que marcará toda sua obra, Brecht escreve no poema "A exceção e a regra", homônimo à peça de 1929/30: "Estranhem o que não for estranho. /Tomem por inexplicável o habitual. /Sintam-se perplexos ante o cotidiano. /Tratem de achar um remédio para o abuso/Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra." (BRECHT, 2000, p. 25).

Em um ensaio sobre Brecht, *O autor como produtor*, Walter Benjamin conclui que o escritor cria novos meios técnicos e estéticos para sua obra. Assim, o progresso técnico da obra de arte opera novas condições para a refuncionalização das formas artísticas e literárias e, assim, "Para o autor como produtor, o progresso técnico é o fundamento de seu progresso político." (1995, p. 129).

Arendt, ao analisar o percuciente olhar de Brecht sobre a realidade em estado sombrio e a necessidade de novas diretrizes estéticas, e que depois servirão como autoquestionamento, reconhecia que

> O tédio, então, foi o fim do primeiro encontro do poeta com o mundo [..]. Quando a década de 1920 chega ao fim, ele deve ter começado a entender que, falando não poética, mas humanamente, [...] – que o mundo era uma selva apenas em termos metafóricos, sendo na realidade um campo de batalha. (1999, p. 173).

O teatro e a poesia de Brecht tratavam dos problemas da realidade numa linguagem que atingia as massas e a plateia. Sua concepção teatral anti-ilusionista, e sua poesia democrática, indicam que "foi por um sentimento de solidariedade para com os oprimidos e esmagados que Brecht escreveu" (ARENDT, 1999, p. 176). A poética brechtiana, desenvolve-se a partir do contexto cultural cosmopolita no qual estavam inseridos os trabalhadores alemães, dessa "compaixão, a incapacidade quase natural ou, como Brecht diria, animal, de suportar a visão do sofrimento de outras pessoas – [...] sob as circunstâncias da época" (ARENDT, 1999, p. 176), nasce seu projeto artístico didático e dialético, como ilustra o poema "Aos que virão depois de nós" (BRECHT, 2000, p. 20).

Sobre a poesia de Brecht, Konder (s.d) aponta o desejo do poeta em contribuir para que a crueza da quadra histórica fosse tomada em sua dimensão artística, contudo, sem subterfúgios:

> Ele manifestava uma drástica recusa a qualquer tentativa de "embelezamento" da realidade. Eventualmente, se assim lhe parecesse, o poeta precisava ter a coragem de encarar a escuridão total, a podridão, o beco sem saída, a inexorabilidade da morte. A companhia do Nada. Havia, contudo, uma esperança subterrânea, a convicção de que a condição humana tinha uma força própria, um insuprimível poder de se insurgir, uma certa grandeza ineliminável (s.d., p. 6).

É dessa força própria, mesmo no tempo mais sombrio, que se espera emanar alguma iluminação, uma luz incerta, bruxuleante, frágil e que vem da presença de vidas e obras rútilas, que brilham e irradiam no tempo um sobreviver de experiência histórica diante da qual a poesia já não pode ser mais inocente (ARENDT, 1999).

No contexto brasileiro, com sua própria barbárie, a dicção lírica de um Drummond, de uma Dora Ferreira da Silva, de uma Hilda Hilst e de uma Conceição Evaristo pode ser tomada como busca dessa *sobrevivência* em uma efetiva *partilha do sensível poetificada.* Tais noções podem ser aventadas nos poemas que, a seguir, mencionados brevemente, como a luz intermitente de vaga-lumes, interrogam a experiência história, na mesma medida em que deixam entrever a capacidade da literatura e, especialmente, da poesia, de iluminar política e esteticamente tempos que se desenham sombrios em um cenário que pressagia perdas no terreno da democracia e do estado de bem-estar social e nos direitos humanos.

Drummond, poesia de uma tragédia anunciada

I
O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

IV
Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

A poesia é um libelo na luta contra a desigualdade social, o individualismo contemporâneo e suas patologias sociais, e é também instrumento “ecocrítico”, na medida em que pode lançar uma luz ao entorno do espaço, na relação entre o ser humano e a natureza. É nessa dimensão que se pode invocar

de Drummond o poema "Lira itabirana", nas partes I e IV, e sua denúncia à exploração predatória da mineração em Minas Gerais, com toda a carga profética que o poema delineia.

Publicado exclusivamente no jornal mineiro *O cometa itabirano*, na edição 58, de dezembro de 1983, o poema não figura na obra poética de Drummond, mas foi objeto de estudo (SAMPAIO, 2000) e, "redescoberto", viralizou nas redes sociais em janeiro deste ano, após o rompimento da barragem da *Vale S.A.* em Brumadinho, Minas Gerais. Aproximadamente cem quilômetros separam Brumadinho de Itabira, onde nasceram o poeta e a *Companhia Vale do Rio do Doce*, criada em 1942 no governo de Getúlio Vargas para fins de exploração mineral do Quadrilátero Ferrífero e privatizada em 1997, por Fernando Henrique Cardoso. A *Fazenda do Pontal*, onde Drummond passou a infância, hoje é um depósito de rejeitos da *Vale*.

Com uma estilística em que dominam a hipérbole, a ironia, a antítese e a personificação, os poemas epigramáticos atingem o cerne da crítica à operação, já à época, das mineradoras nacionais e estrangeiras que destruíram a serra mineira, exploraram o minério da terra, devastando de forma definitiva a paisagem natural, a biodiversidade, e, além disso, a relação telúrica entre o eu lírico e o espaço que vai perdendo seus tons de bucolismo interiorano. A poesia como um "berro", matizada da melancolia frente à perda da referencialidade da infância e das origens, se espraia no "sentimento de mundo" do poeta em fazer notar que a amargura, o peso e as lágrimas denotam a expressão de um tempo sombrio nas Minas Gerais.

O *poema de circunstância* certamente é menor em tom e fabricação poética, quando posto ao lado de plenas realizações do poeta itabirano, como *A rosa do povo* ou *Sentimento do mundo*, poemas convocados como vórtices da face social da lírica de Drummond. Mas sua beleza encerra uma nota nostálgica do espaço, que percorre toda a obra drummondiana, como aponta o crítico José Miguel Wisnik, em *Maquinação do mundo*, ao explorar as conturbadas relações do poeta com a atividade da mineração. Do casarão dos Drummond de Andrade, o poeta, ainda menino, contemplava o *Pico do Cauê*, a serra rica em minério de ferro, reduzida a uma imensa cratera, décadas depois da exploração da *Vale*, como no poema "Itabira", de *Alguma poesia* (1930):

> Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.
> Na cidade toda de ferro
> as ferraduras batem como sinos.
> Os meninos seguem para a escola.
> Os homens olham para o chão.
> Os ingleses compram a mina.
> Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.

A memória afetiva aciona a imagem da natureza. Não como imagem idealizada, mas concreta, ainda não vitimada pelos impactos ambientais irreversíveis que sofreria, dialetizada pelas relações com

o capitalismo industrial, numa "espantosa intervenção mineradora que se abateu sobre a cidade, convertendo montanha em cratera, criando uma atmosfera saturada de pó de ferro e fazendo da *Fazenda do Pontal*, fazenda da infância do poeta, um campo de rejeitos da mineração." (WISNICK, 2018, s/p). Itabira, uma "fotografia na parede", memória soterrada debaixo do pó da hematita.

Dora Ferreira da Silva: uma elegia para o tempo

Vespertino
Aqui estou, nascida no ocaso,
quando as lágrimas se apagam, e os rios.
Leio o jornal, mão crispada na página.
Distante o ferido, a criança no caos.
"Morre de fome a bela menina abraçada ao pai no Paquistão."

São estátuas de dor, sem lágrimas,
notícias entremeadas ao café.
(Neste momento não sinto a fé que queria sentir.)

O entusiasmo sinistro, o riso de papel,
Jovens que morrem pensando que o motivo é outro.
(Levam bandeiras)
[...]

O Exército da Salvação, com sua velha pá, replanta o amor.
Tantas árvores caíram no ar de tempestade! Teria o vento
[razão?
Os lixeiros continuam o ofício da paciência, seus braços
[são fortes
Não quero chorar, seria complicado demais se alguém me
[perguntasse por que, dando-me um segundo
[para responder.
As roupas encurtam ou se alongam. A linguagem
[decresce.
Todo mundo estuda Comunicações.
Coberto de Feridas, o mundo parece o velho Jó,
[...]
Esperança, grita em nossa boca:
Quando tudo estiver irremediavelmente perdido
é preciso que Deus apareça!

Entremeado por imagens de uma crônica história, o poema de Dora Ferreira da Silva, do livro *Uma via de ver as coisas*, de 1973, inicia com uma referência à *Terceira Guerra Indo-Paquistanesa* (1971). O terceiro conflito entre Índia e Paquistão, durou treze dias, tendo envolvido o então Paquistão Oriental, atual Bangladesh. O conflito terminou com a derrota do Paquistão e a formação de Bangladesh, com sérias implicações econômicas e sociais.

O tom assumido pelo lírico transita entre a melancolia das imagens e o sentimento de impotência diante de notícias sorvidas com café. Num contexto de barbárie, a imagem ambivalente do trabalho

voluntário e humanista como medidas de filantropia religiosa paliativa em um mundo interrogado em sua condição de provação e objeto de um demiurgo excêntrico. E é a palavra poética uma espécie de salvo-conduto antes do caos, antes do ocaso.

Hilda Hilst: poesia difícil e um cão andaluz

IV

Companheiro, morto, desassombrado, rosácea ensolada
Quem senão eu, te cantará primeiro? Quem senão eu
Pontilhada de chagas, eu que tanto te amei, eu
Que bebi na tua boca a fúria de umas águas
Eu, que mastiguei tuas conquistas e que depois chorei

Porque dizias: "amor de mis entrañas, viva muerte?
Ah, se soubesses como ficou difícil a Poesia.
Triste garganta o nosso tempo, TRISTE, TRISTE.
E mais um tempo, nem será lícito ao poeta ter memória
E cantar de repente: " os arados van e vên desde a Santigado
[a Belén".

Os cardos, companheiros, a aspereza, o luto
A tua morte outra vez, a nossa morte, assim o mundo:
Deglutindo a palavra cada vez e cada vez mais fundo.
Que dor de te saber tão morto. Alguns dirão:
Mas está vivo, não vês? Está vivo! Se todos o celebram
Se tu cantas! ESTÁS MORTO. Sabes por quê?

E o futuro é de sangue, de aço, de vaidade. E vermelhos
Azuis, brancos e amarelos hão de gritar: morte aos poetas!
Morte a todos aqueles de lúcidas artérias, tatuados
De infância, o plexo aberto, exposto aos lobos. Irmãos.
Companheiro. Que dor de te saber tão morto.

Esse poema é hilstiano em toda *difícil* intensidade, perícia verbal, paixão. Paixão à vida, à poesia, ao cuidado do não-lugar do poeta no mundo. Não à toa, compõe o livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão.* Livro posterior ao transbordamento operado por Hilda Hilst nos livros maduros em prosa, os poemas aqui alocados são dotados de uma força pulsional, de devoção da subjetividade lírica e da exaltação da poesia, capaz de resistir ao tempo. Daí o poema-júbilo e em memória de um dos poetas preferidos de Hilda: Federico Garcia Lorca.

O eu lírico se coloca com uma veemência política ao defender a condição da poesia contra a banalidade do mal, e assume a "angústia da influência", o *pathos* do sentimento elegíaco diante da biografia poética e a nota de desespero que ela encerra. Lorca pertence à chamada geração dos poetas e artistas de 1927, na qual perfilavam nomes como Dalí, Buñuel, Aleixandre, Cernuda, Guillén, Salinas,

Unamuno, e foi responsável por internacionalizar a lírica espanhola. Lorca, socialista, gay, maçom, radiante e melancólico: "*Lorca no había sido un ingenuo apolítico, sino que tras él un historial antifascista ejemplar, al tiempo que su poder imaginativo y su falta de convencionalismo no el habían permitido albergar una mentalidad falangista y autoritaria*."[91] (BINDING, 1987, p. 12-13). No dia 19 de agosto de 1936, o poeta andaluz foi fuzilado à queima-roupa pelo regime fascista espanhol. "Seu destino tornou-se símbolo, [...]. É a antecipação admonitória das vítimas futuras, sejam poetas ou não." (SZABOLCSI, 1990, p. 141). Mais de oitenta anos depois da morte de Lorca, seus restos mortais ainda não foram encontrados.

Na crônica *Poetas de todo mundo, uni-vos!*, publicada em 19 dezembro de 1993, no *Correio Popular de Campinas*, na qual o poema foi inserido, Hilda, ao descrever uma certa verve de poeta, como "seres irreais, absurdos", traça um perfil lírico e humano de Garcia Lorca:

> Não há nada mais exdrúxulo sobre a Terra do que o Poeta. Só o ornitorrinco. E é em homenagem aos poetas-ornitorrincos, os mais extravagantes de todos os seres, os líricos-devastados, os inoportunos, aleijões da praticidade e do cotidiano, os patéticos inconsumíveis, os *loucos-outsiders*, em homenagem a todos eles que eu transcrevo este meu poema, dedicado a um dos maiores ornitorrincos da Espanha, Federico Garcia Lorca. (HILST, 2007, p. 165).

Conceição Evaristo: poesia, certidão de óbito

Certidão de óbito

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.

[91] "Lorca não foi um ingênuo apolítico, ao contrário, mas antifascista, por excelência, porque sua imaginação nada convencional não poderia albergar uma mentalidade sectária e autoritária" (Tradução nossa).

O tom memorialístico e lutuoso assumido pelo eu lírico coaduna-se a uma poética do sufrágio corporal como signo da violência histórica. A densidade expressiva do poema, com suas sinédoques em "perenes lágrimas" e "dolorida memória" atualizam o sentimento de medo, exclusão e criminalização que se impõe no cenário do cotidiano da população negra, vitimada pela violência. Metáforas como "negras estrelas tingidas de sangue", apontam triplamente para o passado, para o presente e para um prognóstico trágico no qual "um corpo negro bambeia e dança". O poema se estrutura por uma redundância de imagens e ritmos a denotar a violência; o verso "a bala não erra o alvo" pode ser tomada como ironia à expressão politicamente eufêmica, "bala perdida", que comparece diariamente noticiários; como também à ideia de vítimas marcadas para morrer por milícias, cujo exemplo maior nos últimos anos foi o assassinato político de Marielle Franco e tudo o que ele significa em torno de um silenciamento de múltiplos aspectos. Negra, lésbica, e militante dos direitos humanos, Marielle Franco sofreu também com a despolitização de sua morte, por parte de grande da mídia e da política brasileira. Tratado como mais um crime comum que entra para as estatísticas, o tiro que atingiu Marielle, como agente político, transpassou seu corpo e feriu outras negras, lésbicas e militantes e, no limite, o estado de direito, a confiança nas leis e nas instituições republicanas.

Valendo-se do pronome de terceira pessoa, o eu poético contrapõe a todo momento dois tempos "nossos antepassados" e "pelos mortos de hoje" e se insere num "ritmo de posicionamento, afirmando as origens e identidade das vozes que ecoam no "'eus' líricos" (CUTI, 2010, p. 93), lavrados em uma "certidão de óbito". O poema como gesto de uma liberdade a ecoar permanentemente. A melancolia misturada à indignação e resistência mostram-se lavras. O racismo, um dos instrumentos estruturais do capitalismo contemporâneo, segue marginalizando, invisibilizando assassinando e demonizando a cultura, os corpos e a religião negro-brasileira.

De acordo com o *Atlas da Violência 2018*, lançado pelo *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada* (Ipea) e pelo *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, mulheres, jovens e negros de baixa escolaridade respondem pelas principais vítimas de mortes violentas no país. A população negra responde por 78,9% dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. O documento revela, ainda, que a cada 100 pessoas assassinadas, em 2018, 70 eram negras. Em sua grande maioria mulheres e jovens (FORUM DE SEGURANÇA, 2018, s/p).

Considerações finais

Aventamos, em alguma medida, refletir sobre o partilhar o sensível, imediato, a vida tal como ela se nos apresenta em sua cota de tragicidade histórica, pela poesia. Poesia como lugar de fala do poeta e da poetisa, em tempos sombrios. Contra a barbárie, desde uma experiência brasileira, seja em relação a acontecimentos que revelam violência, seja, a partir da tomada de espaço de enunciação. E as nossas

barbáries não são menos chocantes: entre 1964 a 1984, vinte anos de regime ditatorial persecutório e assassino e suas 147 vítimas, entre elas. Wladir Herzog, Marighela, Rubens Paiva, Ana Rosa Kucinski, Carlos Lamarca Zuzu Angel (com expressa autorização e incentivo do presidente da república que haja uma comemoração do que vem sendo chamado de "revolução militar"); a chacina da Candelária, praticada por um grupo de extermínio composto por policiais militares, na madrugada de 23 de julho de 1993, no Rio de Janeiro, vitimando seis menores de idade e dois adultos, que foram surpreendidos e assassinados; a maioria, com tiros certeiros na cabeça, e outros 16 ficaram feridos; o massacre do Carandiru, em 1992, 111 apenados mortos e nenhum policial ferido. Os 74 policiais envolvidos foram condenados em júris ocorridos entre 2013 e 2014, mas tiveram a condenação anulada pelo TJ-SP (Tribunal de Justiça de São Paulo) em setembro de 2016. Destes, 58 foram promovidos; no massacre do *Eldorado dos Carajás*, no estado do Pará, no dia 17 de abril de 1996, no qual 155 policiais militares promoveram um dos maiores massacres contra trabalhadores do movimento sem-terra, num saldo de vinte e dois mortos e aproximadamente setenta feridos...

Nesse Brasil cujas eleições de 2018 ressuscitaram o fantasma do fascismo com a eleição de um governo com uma agenda de ataque aos direitos humanos e desmonte do estado de bem-estar social, através da disseminação de discursos de ódio, *fake news* e uma política econômica ultraliberal com vistas à aniquilação da aposentadoria. Mas há uma sobrevivência de vaga-lumes na poesia em tempos sombrios: ela insurge na voz de mulheres audaciosas, e sua *Primavera Feminista*, entoando, Brasil a dentro e a fora, #EleNão

> Uma manhã, eu acordei
> E ecoava: ele não, ele não, não, não
> Uma manhã, eu acordei
> E lutei contra um opressor
> Somos mulheres, a resistência
> De um Brasil sem fascismo e sem horror
> Vamos à luta, pra derrotar
> O ódio e pregar o amor (2x)

Com letra de Simone Soares e Flavia Simão, e no ritmo de *Bella Ciao*, canção símbolo da resistência italiana ao fascismo, poesia e corpo nas ruas, como repúdio ao então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Grito feminino mas que logo ganhou a tonalidade de todas as minorias e que se espalhou por cidades brasileiras e em várias partes do mundo, no sábado, 29 de setembro de 2018, dias antes do primeiro turno. Foi a maior manifestação de mulheres na história do Brasil, e uma das maiores manifestações contra um candidato a um cargo político. "O que aconteceu agora foi uma popularização do feminismo. Está espraiado na sociedade. Ninguém mais pode dizer que é contra os direitos das mulheres", analisa Céli Regina Jardim Pinto, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O #elenão foi uma centelha de eco da participação das mulheres no debate público, como sobrevivência em tempos sombrios para o feminismo.

"Já é tempo da pedra reflorir", como diz o poema de Paul Celan, que, filho de judeus, e um dos mais expressivos poetas do pós-guerra, imprimiu cruelmente em sua obra a marca do horror nazista. Talvez a poesia reflore mais intensamente em vidas poetificadas na dor e no silêncio que se segue ao trauma. Em todo caso, seu revés, o *querer-falar* espraia-se em direção a uma experimentação emancipatória, assentada e estimuladora das alterações históricas, como um caminho possível para o entendimento efetivo contra os fantasmas do autoritarismo, em prol das pautas identitárias, a favor do acesso democrático ao bem-estar social e aos bens simbólicos, entre eles, a arte, a literatura, a poesia, como sobrevivência em tempos sombrios.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. Lira itabirana. In: SAMPAIO, Angela Maria Vaz. **Palavra e terra de Carlos Drummond de Andrade em *O cometa itabirano***. 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais.

_____. Itabira. In:_____. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ADORNO, Theodor W. "Palestra sobre lírica e sociedade". In:_____. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge M. B. de Almeida. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012. p. 65-90.

_____. Crítica cultural e sociedade. In: **Prismas.** Trad.: Augustin Wernet; Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998. p. 7-26.

ARENDT, Hannah. Bertolt Brecht (1898-1956). In:_____. **Homens em tempos sombrios.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 150-183.

BADIOU, Alain. Um filósofo francês responde a um poeta polonês. In:_____. **Pequeno manual de inestética**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BARTHES, Roland. **Aula**. 12. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In:_____. **Escritos sobre mito e linguagem**. Tradução de Susana Kampff Lages & Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. BENJAMIN, Walter, O autor como produtor. In:_____. **Obras escolhidas**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 129.

BINDING, Paul. **Garcia Lorca o la imaginacion gay**. Trad. Rafael Peñas Cruz. Barcelona, 1987.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Trad. Fiama Pais Brandão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. **Poemas (1913-1956).** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2000.

CUTI. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DIDI-HUBERMAN, George. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. Certidão de óbito. In:_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONÇALVES, Marcos Augusto. **Livro de José Miguel Wisnik investiga o impacto da mineração na obra de Drummond.** Publicado em: 04 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/livro-de-jose-miguel-wisnik-investiga-o-impacto-da-mineracao-na-obra-de-drummond.shtml>. Acesso em: 27 mar. 2019.

GULLAR, Ferreira. Traduzir-se. In:_____. **Toda poesia.** 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

HILST, Hilda. Poemas aos homens do nosso tempo. In:_____. **Júbilo, memória, noviciado da paixão.** 2.ed. São Paulo: Globo, 2001.

_____. Poetas de todo mundo, uni-vos! In:_____. **Cascos & carícias & outras crônicas:** (1992-1995). 2.ed. São Paulo: Globo, 2007. p. 165-166.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KONDER, Leandro. **A poesia de Brecht e a história**. Instituto de Estudos avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/konderbrecht.pdf/at_download/file>. Acesso em: 27 mar. 2019.

MARCUSE, Herbert. **A Dimensão Estética**. Trad. Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 1977.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2015.

_____. O corpo e a letra. In:_____. **Políticas da escrita.** 2.ed. Trad. Raquel Ramalhete [et al.]. São Paulo: Editora 34, 2017.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman; Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; BURIGO, Joana. **#Elenão deixou de ser uma simples hashtag: é um movimento feminista e político que pode mudar o brasil.** Publicado em: 28 set. 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/09/28/elenao-movimento-feminista-politico/>. Acesso em: 27 mar. 2019.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. **#elenão: a manifestação histórica liderada por mulheres no brasil vista por quatro ângulos.** Publicado em: 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 27 mar. 2019.

SILVA, Dora Ferreira da. **Uma via de ver as coisas**. Goiânia: Martelo, 2018.

SZABOLCSI, Miklós. **Literatura universal do século XX:** principais correntes. Trad. Aleksandar Jovanovic. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

TEXTOS E IMAGENS: AS NARRATIVAS DE UMA REVISTA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Sidney de Melo Catelão[92]

Introdução

> "...quando a vida se torna intolerável para grandes partes da população, obtém-se um certo alívio acreditando-se e sonhando com uma época em que as coisas eram diferentes e melhores, geralmente uma época do passado remoto, por razões óbvias."
> Moses I. Finley

A citação acima, escrita por Finley (1989) no livro intitulado *Uso e Abuso da História*, traduz em poucas palavras o momento atual vivido no Brasil. Discursos exaltando épocas em que o país parecia viver uma "ordem" que supostamente se perdeu no momento presente. Nas redes sociais proliferam fragmentos de ideias que buscam justificar a volta do regime militar no Brasil, discursos revisionistas ou, até mesmo, negacionistas da História. Digo fragmentos, pois tudo que passa pelos perfis dos usuários das redes sociais são frases de efeito que ora contestam, ora defendem determinadas convenções de pensamentos justificadas pelo uso da História para fundamentar posições.

Para tentar compreender esse fenômeno atual, é preciso ter em mente que, por conta da renovação tecnológica sistemática e da forma acelerada de como as informações estão circulando, o mundo contemporâneo passa por um período de mudanças constantes. Há um contexto de desafios para o homem contemporâneo onde nada, nunca, está no mesmo lugar. Conforme Janice Theodoro (2005) "estamos assistindo, na sociedade moderna, a crise dos modelos: a crise do modelo de Estado, do emprego, da família, enfim, a crise do homem moderno" (p. 50). Os efeitos dessa crise podem ser sentidos, hoje, nas escolas, nas salas de aulas e, mais precisamente nas aulas de história.

É importante ressaltar que, quando falamos em escolas, falamos da escola pública, uma instituição inserida dentro de um espaço de poder onde se efetivam as decisões tomadas pelos agentes que gerenciam a educação pública no Brasil. E quando pensamos em educação pública, pensamos em um campo com muitas incertezas e desafios, pois se trata de uma área cercada por embates políticos de diversas matizes que refletem diretamente no espaço escolar. Dentro desse embate político são constantes as críticas e os questionamentos relacionados com a eficácia da escola, de sua função, da função do professor e de sua formação, passando pela organização do currículo entre outros.

[92] Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, bolsista Capes, Unespar, sidneycatelao@gmail.com.

Infelizmente, muitas vezes, as pessoas que pensam e decidem o sistema educacional no Brasil estão distantes do contexto escolar, do chamado "chão da escola", onde as práticas escolares se efetivam.

É desse lugar social, a escola pública, onde sou professor que procuro expor meu objeto de pesquisa que desenvolvo para o Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, o ProfHistória, na Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR, Campus de Campo Mourão. Sou professor de História do Colégio Estadual Castro Alves – Ensino Médio do Município de Rondon, Paraná, desde 2014. Como o colégio é a única instituição que atende na modalidade de Ensino Médio no município, tem como alunos um grupo bastante heterogêneo. São adolescentes e jovens da zona rural, dos bairros periféricos e central compondo turmas com diferentes interesses e aspirações. Somando-se essa condição às regras internas da instituição, bem como a organização das disciplinas, quadro no qual a História ocupa duas horas/aula semanais na grade curricular, temos uma pequena ideia do campo de trabalho no qual o professor e estudantes se articulam no processo de ensino aprendizagem.

Dentro desse espaço, ao pensar as possíveis abordagens e metodologias para trabalhar história em sala de aula, tenho como grande questão a seguinte pergunta: como ensinar história aos meus alunos? Como quebrar a hegemonia de uma história pronta e acabada que os estudantes têm do material didático disponível para eles? Como conectar sujeito (estudante) e objeto (história) para que se processe a aprendizagem? Como fazer com que os estudantes abandonem sua passividade, frente aos conteúdos que são propostos para as aulas de história, e fazer com que eles assumam sua posição de sujeitos históricos com capacidade de dedução, de levantar hipóteses e construir narrativas?

Com essas questões em mente sempre busquei fazer com que os estudantes olhassem com outros olhos as informações que chegavam prontas até eles. Sempre aproveitei as polêmicas que viralizavam nas redes sociais para discutir as diferentes perspectivas de um mesmo assunto/problema. Até que, em 2014, de forma inesperada, acabei tendo a primeira experiência com o uso das revistas Seleções do *Reader's Digest* no âmbito de sala de aula, numa turma do terceiro ano do ensino médio noturno, um estudante questionou as informações disponíveis no livro didático sobre a Segunda Guerra Mundial. Parecia difícil aos estudantes acreditar em tamanha atrocidade quando trabalhado o tema em sala de aula.

Nesse momento usei a argumentação da utilização de fontes históricas para a construção narrativa do que foi o evento. Retomei um pouco dos conteúdos iniciais da disciplina de História para falar da função do historiador e de seu trabalho. Foi quando me ocorreu a ideia de levar as revistas que estavam sob minha guarda para que os estudantes tivessem contato com algo produzido em um momento histórico em que os fatos estavam acontecendo. Fatos, esses, que eram noticiados pelos jornais e revistas do mundo inteiro.

As experiências que os alunos tiveram ao entrar em contato físico com as revistas foram de estranhamento e curiosidade. Aos poucos algumas perguntas começaram a surgir, as circunstânciais como, por exemplo, onde eu havia conseguido aquelas revistas, e as perguntas pontuais relacionadas com os conteúdos disponíveis no interior delas. Apesar de não ser uma estratégia previamente pensada e articulada com um planejamento inicial, serviu para que eu, enquanto professor, reconsiderasse minha prática docente.

Voltei a utilizá-las em anos posteriores com um maior cuidado, selecionando e direcionando casos mais específicos de acordo com os conteúdos que iria trabalhar em sala e que proporcionasse aos diferentes estudantes a experiência de analisar, elaborar hipóteses e construir narrativas históricas que fizessem sentido para eles.

O ensino de história

Propor novas estratégias de ensino no âmbito escolar, ou aprofundar em formas já utilizadas de trabalhar conteúdos de história em sala de aula, como é o meu caso, ao utilizar revistas como fonte ou documento histórico, leva-nos a refletir as diversas funções assumidas pela escola e pela disciplina de história no contexto escolar.

É preciso dar sentido ao papel da escola e das disciplinas escolares para os estudantes. A história narrada em sala de aula tem que ter relação com o campo de experiência do estudante. No contexto do mundo atual de circulação de tantas informações em redes sociais e outros meios de comunicação muito mais interessantes, uma aula expositiva e pautada pelo uso indiscriminado do livro didático tende a ser, muitas vezes no dizer dos estudantes, “chata” e “cansativa”. O aprendizado histórico, aquele definido por Rüsen (2011) como “um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem” (p. 44), tende a se perder.

A narrativa histórica é outro fator importante para que a aprendizagem se efetive, pois ela é fundamental como uma função produtiva do sujeito. Conforme Rüsen, o aprendizado histórico a partir das narrativas da história ocorre somente

> quando a história deixar de ser aprendida como mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendizado e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana[...]; a experiência do passado transforma-se em experiência histórica específica, único contexto em que tal experiência é efetivamente apropriada, tornando-se conteúdo próprio do ordenamento mental do sujeito (2011, p. 44).

Esse ordenamento do passado deve então ser formatado, tornado "questionável" e "negociável", nas palavras de Rüsen, para finalmente se transformar em elemento de um discurso, ou seja, de uma narrativa inerente aos sujeitos que interagem entre si.

Essa preocupação em pensar os estudantes como sujeitos históricos é, talvez, bem recente, se levarmos em consideração a forma como a disciplina de história foi sendo utilizada ao longo do tempo no sistema de ensino público do Brasil.

O Ensino de História como disciplina escolar passou por diferentes fases ao longo do contexto da história da educação no Brasil. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) o ensino de História nasce atrelado ao ideal de formação cívica estabelecida pelo Decreto das Escolas de Primeiras Letras (1827). A História a ser ensinada compreendia História Civil articulada à História Sagrada "enquanto esta utilizava-se do conhecimento histórico como catequese, um instrumento de aprender a moral cristã, aquela o utilizava para pretextos cívicos" (1997; p. 19).

Jaime Pinsky (2018), atribui a Francisco Adolfo Varnhagen a função de primeiro historiador brasileiro por conseguir representar os diferentes segmentos dominantes do Brasil após a emancipação política do país através do livro História geral do Brasil. Segundo Pinsky a edição do referido livro é o momento decisivo do surgimento da nação brasileira no papel.

Nesse momento,

> os métodos de ensino então aplicados nas aulas de história eram baseados na memorização e na repetição oral dos textos escritos. os materiais didáticos eram escassos, restringindo-se à fala do professor e aos poucos livros didáticos compostos segundo o modelo dos catecismos com perguntas e respostas, facilitando as argüições. Desse modo, ensinar História era transmitir os pontos estabelecidos nos livros, dentro do programa oficial, e considerava-se que aprender história reduzia-se a saber repetir as lições recebidas (PCN, 1997; p. 21).

Dentro do contexto de mudanças do final do século XIX, com os fenômenos da abolição da escravidão, implantação da República, imigração e os novos desafios políticos do momento, a educação passa a ser vista como forma de realizar a transformação do país. Nesse momento a escola elementar seria agente de eliminação do analfabetismo e efetuaria a moralização do povo, assimilando os imigrantes estrangeiros no interior de uma ideologia nacionalista.

A História passa a ocupar no currículo um duplo papel: o civilizatório e o patriótico. A História Nacional identificava-se com a História Pátria, cuja missão juntamente com a História da Civilização, era de integrar o povo brasileiro à moderna civilização ocidental.

> A moral religiosa foi substituída pelo civismo, sendo que os conteúdos patrióticos não deveriam ficar restritos ao âmbito específico da sala de aula. Desenvolveram-se, nas escolas, práticas e rituais como festas e desfiles cívicos, eventos comemorativos,

> celebrações de culto aos símbolos da Pátria, que deveriam envolver o conjunto da escola demarcando o ritmo do cotidiano escolar (PCN, 1997, p. 23).

As práticas de ensino pouco mudaram nesse período. Brodbeck (2012) afirma que o ensino e o estudo da História como disciplina escolar foi fortemente influenciado pelo contexto histórico, as aulas de História eram baseadas na memorização e repetição de textos escritos. Prática, essa, que ainda perdurou durante todo o século XX e ainda se faz presente, muitas vezes incentivada por professores e outras como tática de parte dos estudantes para garantir a nota, muitas vezes não se importando com a aprendizagem.

De caráter positivista a História tradicional apoiava-se em documentos para estudar principalmente fatos e acontecimentos de ordem política, prevalecendo as ações de estadistas e desconsiderando a história das pessoas comuns.

Porém, na década de 1920 na França, surge uma nova corrente de pensamento que buscava novos caminhos para a História contemplando a interdisciplinaridade e aproximação entre todas as áreas de ciências humanas. Essa corrente tinha por objetivo combater o positivismo, se ocupando menos com fatos políticos e valorizando mais as análises referentes ao viver coletivo e às estruturas sociais, desenvolvendo um novo tipo de história que levasse em consideração o acréscimo de novas fontes à pesquisa histórica, a partir de novas abordagens.

A fundação do periódico *Les Annales*, em 1929, visava a divulgação do pensamento de historiadores como Lucien Febvre e Marc Bloch e deu início a um novo modelo de historiografia que passou a influenciar fortemente o trabalho de pesquisa e ensino de História nos principais centros acadêmicos do mundo.

Enquanto esse movimento crescia no exterior, na década de 1970, no Brasil a política educacional caminhou no sentido contrário. Havia uma lacuna entre a História que se discutia e se produzia na Academia e aquela ensinada nas escolas de 1º e 2º graus. Enquanto nas universidades, determinados temas eram alvos de várias leituras e interpretações, muitas vezes esses nem eram mencionados nos livros didáticos. Quando mencionados, eram impostos como verdades absolutas. Nas escolas as aulas de História eram encaradas unicamente como estudo do passado, dos grandes homens e heróis, com conteúdos totalmente externos à vida dos estudantes, favorecendo a legitimação da memória dos grupos dominantes e dificultando a efetivação de experiências que rompessem com o modo tradicional de ensino de História (FONSECA, 1993, p. 11).

> A maior parte dos currículos aplicados nas escolas nesse período, principalmente nas públicas, não favorecia a reflexão e os conteúdos da disciplina de História, pois privilegiavam a sucessão dos acontecimentos históricos de forma que valorizavam o fato isoladamente, sem contextualização e a História comemorativa. Propagava-se

> assim a ideia de que a História era uma disciplina pronta e acabada porque se tratava do que já aconteceu. A construção do conhecimento histórico, o estudo das ações humanas, as relações entre os grupos sociais, o tempo e o espaço eram desprezados na maior parte das vezes (BRODBECK, 2012, p. 8).

No campo da produção historiográfica acadêmica, a partir dos anos 1970, conforme Fonseca (1993) ocorre um repensar dos temas, dos pressupostos e das interpretações. Ocorre uma expansão do campo da história através da busca de novos temas e novos documentos. Há uma diversidade de interpretações que nos possibilita apreender múltiplas leituras do social. Esse repensar da História ganha espaços nos diferentes orgãos e associações científicos através de congressos, seminários, debates envolvendo os três graus de ensino.

As discussões priorizam a produção de conhecimento como forma de romper com o papel reprodutivista que tradicionalmente era conferido ao 1º e 2º graus; o livro didático, a forma como era utilizado, a análise dos conteúdos nele veiculados; o ensino temático como proposta alternativa ao ensino tradicional de História e as experiências com a utilização de diferentes linguagens e recursos de ensino passam a ser sistematizadas e publicadas. Por pressões dos setores organizados, começa a haver revisões na legislação pertinente ao ensino de História e iniciam-se processos de reformas dos currículos de História.

Ensinar história, teoricamente, deixou de ser algo pautado na memorização de datas e nomes, e a disciplina passou a oferecer ao aluno a possibilidade de construir conhecimento a partir de próprias experiências e bagagem cultural. Reforçaram-se os diálogos entre pesquisadores, o saber acadêmico e as práticas em sala de aula.

Brodbeck afirma que as propostas curriculares passaram a ser influenciadas pelo debate movido entre as diversas tendências historiográficas e muitos historiadores se voltaram para a abordagem de novas problemáticas e temáticas de estudo ligadas à História social, cultural e do cotidiano, sugerindo possibilidade de rever abordagem histórica tradicionalmente trabalhada na sala de aula.

Apesar das gradativas mudanças nas temáticas, nas metodologias, nas políticas de elaboração curricular do ensino de História, não é possível pensar em ensinar sem levar em consideração o estudante e o universo cultural em que se encontra inserido. Diante da emergência das novas tecnologias, redes sociais, aplicativos e uma profusão de informações que bombardeiam o cotidiano das pessoas, constata-se nos últimos tempos um fenômeno que colabora para a dificuldade de se ensinar/aprender história: o imediatismo/presentismo que os meios de comunicação utilizam ao se ocupar da História.

As narrativas presentes nos meios de comunicação sobre o passado, ou melhor dizendo, nas palavras de Marinalva Barbosa (2016) “os usos do passado na comunicação” muitas vezes destoa da História trabalhada pelo professor em sala de aula, trazendo confusões ou uma desconexão que dificultam o processo de ensino/aprendizagem. Flávia Eloisa Caimi diz que em

> estudos recentes os processos do pensar e do aprender acentuam o papel ativo dos sujeitos/alunos em seus percursos de aprendizagem e o protagonismo do professor na promoção de situações educativas que favoreçam o desenvolvimento de habilidades de pensamento, traduzidas na construção de competências cognitivas para "aprender a aprender", e que, ao mesmo tempo, possam educar os jovens com base nos valores contemporâneos (2009, p. 65).

Nesse contexto, levando em consideração aspectos recentes do ensino de história, nos propomos a levar para a sala de aula, formas alternativas de construção de conhecimentos que ultrapassem o simples uso do livro didático.

A Revista Seleções do *Reader's Digest*

Como o próprio nome diz, a revista Seleções do *Reader's Digest*, é um conjunto de artigo já editados por outras revistas e condensados pelo *Digest*. Riquíssima em artigos e imagens que representavam o *american way of life*, a revista foi fundada em 1922, na cidade de Nova York por um casal de norte-americanos __ Roy William DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace __ e, devido ao seu formato de bolso, com artigos selecionados de livros e outras publicações e condensados de modo que pudessem ser lidos com rapidez e facilidade (RAAD, 2004), conquistava e ampliava o número de leitores a cada nova edição.

A revista divulgava como sua maior virtude o fato de ser uma publicação 'neutra e apolítica', pois não expressava opinião editorial. Procurava posicionar-se como publicação que tratava de temas de caráter universal e de interesse permanente. Alguns estudos acadêmicos que têm a revista Seleções como fonte tornaram conhecido o fato de o *Reader's Digest* norte-americano e suas publicações traduzidas para vários países possuíam envolvimento direto com o Estado norte-americano e seus interesses no mundo. Conforme destaca Mary Anne Junqueira (1996), algumas das edições estrangeiras foram iniciadas em cooperação com o Departamento de Estado, como parte do esforço de guerra, sendo a revista transportada pela força aérea dos Estados Unidos.

No período da Segunda Guerra a revista alcança vários países. Foi lançada em 1938 na Inglaterra, em 1940 chegou ao México e chegou ao Brasil em fevereiro de 1942, dois meses após o país se alinhar aos Estados Unidos e aliados na Segunda Guerra Mundial estreitando a política de "Boa Vizinhança" entre os dois países. Dessa forma, em uma pré-análise, pude perceber o potencial da revista, uma vez que, acompanhava o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, elegendo os nazistas, os japoneses e, depois, no pós-guerra os comunistas como "inimigos". Configurava-se, assim, num material farto para se trabalhar vários assuntos com os estudantes em sala de aula através da análise de textos e imagens.

Em 2006, em sua dissertação de mestrado com o título "A Guerra como Slogan: Visualizando o *Advertising Project* na Propaganda Comercial da Revista Seleções do *Reader's Digest* (1942-1945)" pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Érica Gomes Daniel Monteiro reconstituiu um panorama de transformações com o processo de industrialização e urbanização pelo qual o Brasil passava no início do século XX. Essas transformações atingiam os padrões de comportamento da sociedade urbana. Nesse contexto de mudanças as revistas ilustradas tinham papéis relevantes por possibilitar a divulgação e assimilação rápida de imagem de pessoas, objetos, lugares e eventos, contribuindo para a criação de um novo padrão de sociabilidade.

É sobre esse panorama que a pesquisadora vai discutir como a publicidade comercial de empresas norte-americanas, durante a Segunda Guerra, mediante a implantação da política de boa vizinhança, foi um veículo utilizado pelo governo estadunidense para a construção de sua hegemonia econômica e político-cultural na América Latina. Para tanto, buscou analisar anúncios publicitários veiculados na revista Seleções do *Reader's Digest*, durante os anos de 1940, como instrumentos de estudo para se conhecer "as ideologias, as práticas sociais e as transformações de hábitos e de comportamentos pela qual passava a sociedade brasileira" (MONTEIRO, 2006, p. 16).

Também em 2006 outro estudo da revista, trata-se da pesquisa de Silvio Luiz Gonçalves Pereira, em sua tese de doutorado pela Universidade de São Paulo com o título "Seleções do *Reader's Digest*, 1954-1964. Um Mapa da Intolerância Política". O autor analisou o mercado publicitário, editorial e o caráter industrial da imprensa no Brasil, e buscou conhecer a atuação da revista Seleções entre os anos de 1954 e 1964 a partir da seleção de 268 artigos que veiculavam a temática anticomunista; procurou ainda apreender alguns elementos que envolviam as disputas entre os Estados Unidos e a União Soviética pela hegemonia mundial. "Foram verificadas as representações que os norte-americanos construíam sobre seu opositor, na tentativa de justificar a superioridade da democracia e das liberdades existentes no ocidente, em oposição à tirania presente nos regimes comunistas" (PEREIRA, 2006, p. 10).

Segundo o autor,

> Seleções moveu-se no campo da intolerância, especialmente da intolerância política. Os artigos veiculados pela revista no período escolhido para esta pesquisa revelam agressiva propaganda anticomunista, manifestada pela demonização do outro, que é considerado pelos autores como sendo o reino do mal, da tirania e do desapego aos valores da família, da prosperidade e da ordem.
>
> A campanha anticomunista que orientava as ações do *Reader's Digest* e, automaticamente, de suas sucursais pelos diferentes países, acompanhando a mesma configuração geopolítica da guerra fria, ou seja, o "cordão sanitário" promovido pelos Estados Unidos em torno da Europa Central, da União Soviética, da China e demais países do Sudeste Asiático, negava, da mesma forma que a maioria da mídia norte-

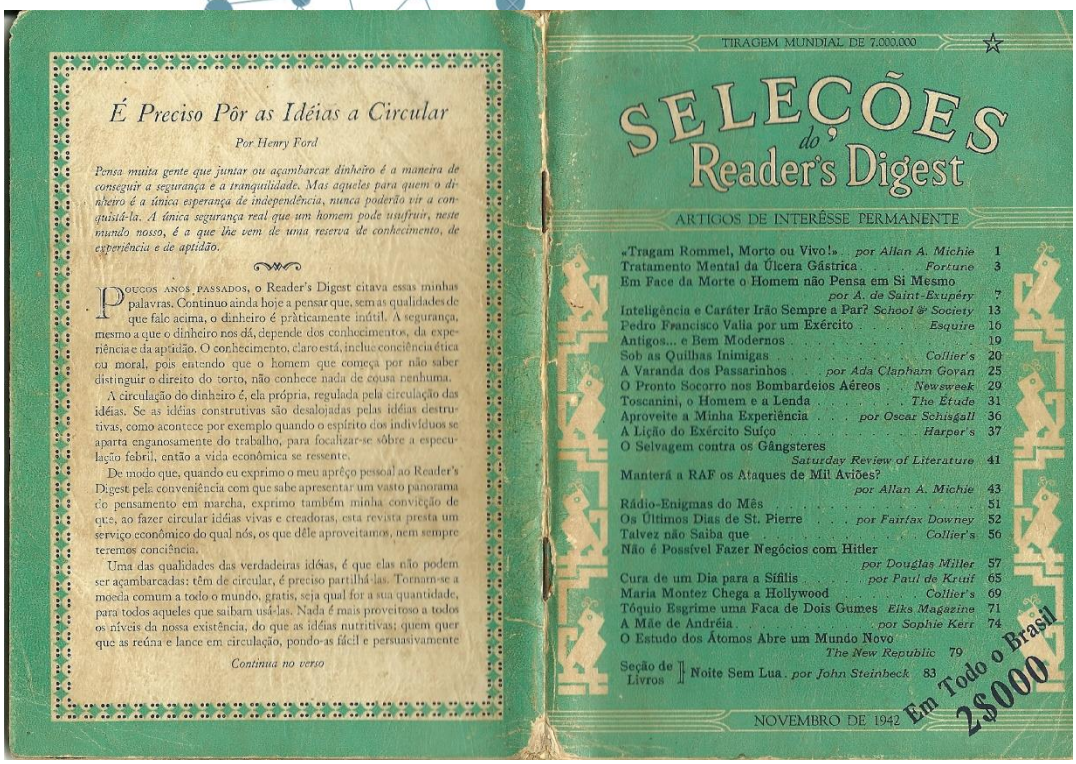
> americana, os esforços para o estabelecimento de efetiva coexistência pacífica (PEREIRA, 2006, p. 11).

Segundo o pesquisador, a revista Seleções reproduzia ideais anticomunistas elaborados pela matriz norte-americana "positivando" o ocidente capitalista como lugar da democracia e da liberdade, contra o bloco oriental representado pela intolerância.

Desse modo, ao pensar na revista seleções como uma fonte histórica para ser utilizada em sala de aula pelos estudantes no Ensino Médio, busco fazer com que haja uma construção de conhecimento pautada por questionamentos, leituras, interpretações e construções de narrativas. E, ao colocar a revista como fonte de pesquisa torna-se necessário o conceito de representação que, apesar de comportar uma pluralidade de sentidos, o utilizo a partir da concepção de Roger Chartier (1990) pois, segundo ele, a noção de representação para a história cultural tem por finalidade identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler (CHARTIER, 1990, p. 17). Essa concepção pode ser bem aplicada à necessidade de se identificar o modo como a revista apresenta suas formas e seus conteúdos, que são pensados, construídos e dados à leitura.

Conforme os PCN's, as representações podem constituir discursos, que vinculados aos sujeitos sociais, interpretam realidades, expressando percepções e apreciações. Ao construir sentidos, as representações mostram ou escondem concepções de mundo e expõe tanto quem as representa quanto aquilo que é representado (PCN, 1999, p. 21).

Assim, ao incentivar os estudantes a interpretar a revista Seleções como fonte, pretendo fazer com que percebam que o saber histórico não é um dado pronto, mas construção cognitiva. O estudante pode exercitar sua capacidade de analisar fontes diversas, aproximando-se de alguns procedimentos do ofício do historiador. A ideia é estimular a sua percepção para a relação presente-passado e vice-versa, nas suas mudanças e permanências, rupturas e continuidades que se fazem presentes até nossos dias. Enquanto professor, para fundamentar essa proposta, selecionei de antemão alguns artigos e imagens que exponho a seguir.



É Preciso Pôr as Idéias a Circular

Por Henry Ford

Pensa muita gente que juntar ou acambarcar dinheiro é a maneira de conseguir a segurança e a tranquilidade. Mas aqueles para quem o dinheiro é a única esperança de independência, nunca poderão vir a conquistá-la. A única segurança real que um homem pode usufruir, neste mundo nosso, é a que lhe vem de uma reserva de conhecimento, de experiência e de aptidão.

Poucos anos passados, o Reader's Digest citava essas minhas palavras. Continuo ainda hoje a pensar que, sem as qualidades de que falo acima, o dinheiro é praticamente inútil. A segurança, mesmo a que o dinheiro nos dá, depende dos conhecimentos, da experiência e da aptidão. O conhecimento, claro está, inclue consciência ética ou moral, pois entendo que o homem que começa por não saber distinguir o direito do torto, não conhece nada de cousa nenhuma.

A circulação do dinheiro é, ela própria, regulada pela circulação das idéias. Se as idéias construtivas são desalojadas pelas idéias destrutivas, como acontece por exemplo quando o espírito dos indivíduos se aparta enganosamente do trabalho, para focalizar-se sôbre a especulação febril, então a vida econômica se ressente.

De modo que, quando eu exprimo o meu aprêço pessoal ao Reader's Digest pela conveniência com que sabe apresentar um vasto panorama do pensamento em marcha, exprimo também minha convicção de que, ao fazer circular idéias vivas e creadoras, esta revista presta um serviço econômico do qual nós, os que dêle aproveitamos, nem sempre teremos consciência.

Uma das qualidades das verdadeiras idéias, é que elas não podem ser açambarcadas: têm de circular, é preciso partilhá-las. Tornam-se a moeda comum a todo o mundo, gratis, seja qual for a sua quantidade, para todos aqueles que saibam usá-las. Nada é mais proveitoso a todos os níveis da nossa existência, do que as idéias nutritivas; quem quer que as reúna e lance em circulação, pondo-as fácil e persuasivamente

Continua no verso

TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.000

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

"Tragam Rommel, Morto ou Vivo!" *por Allan A. Michie* 1
Tratamento Mental da Úlcera Gástrica *Fortune* 3
Em Face da Morte o Homem não Pensa em Si Mesmo *por A. de Saint-Exupéry* 7
Inteligência e Caráter Irão Sempre a Par? *School & Society* 13
Pedro Francisco Valia por um Exército *Esquire* 16
Antigos... e Bem Modernos 19
Sob as Quilhas Inimigas *Collier's* 20
A Varanda dos Passarinhos *por Ada Clapham Govan* 25
O Pronto Socorro nos Bombardeios Aéreos *Newsweek* 29
Toscanini, o Homem e a Lenda *The Etude* 31
Aproveite a Minha Experiência *por Oscar Schisgall* 36
A Lição do Exército Suíço *Harper's* 37
O Selvagem contra os Gângsteres *Saturday Review of Literature* 41
Manterá a RAF os Ataques de Mil Aviões? *por Allan A. Michie* 43
Rádio-Enigmas do Mês 51
Os Últimos Dias de St. Pierre *por Fairfax Downey* 52
Talvez não Saiba que *Collier's* 56
Não é Possível Fazer Negócios com Hitler *por Douglas Miller* 57
Cura de um Dia para a Sífilis *por Paul de Kruif* 65
Maria Montez Chega a Hollywood *Collier's* 69
Tóquio Esgrime uma Faca de Dois Gumes *Elks Magazine* 71
A Mãe de Andréia *por Sophie Kerr* 74
O Estudo dos Átomos Abre um Mundo Novo *The New Republic* 79
Seção de Livros — Noite Sem Lua *por John Steinbeck* 83

NOVEMBRO DE 1942 Em Todo o Brasil 2$000

Imagem 1 – Detalhe da capa e contra capa
Fonte: Revista Seleções do Reader's Digest, novembro de 1942.

A revista Seleções apresentava-se em formato de bolso trazendo em suas páginas, aproximadamente, de 28 a 30 artigos, condensados de livros que iam de encontro com o que seus editores consideravam o ideal de progresso, de democracia e de civilização. O projeto editorial consistia em selecionar artigos/temas que pudessem alcançar o maior número de leitores: religião, cotidiano, família, vultos históricos, política, humor, viagens entre outros. Seus redatores filtravam e condensavam os principais editoriais e revistas norte-americanas como New York Times, Fortune, Rotarian, Harper's, Vogue, selecionando artigos que englobavam vários interesses (JUNQUEIRA, 2006, p. 24).

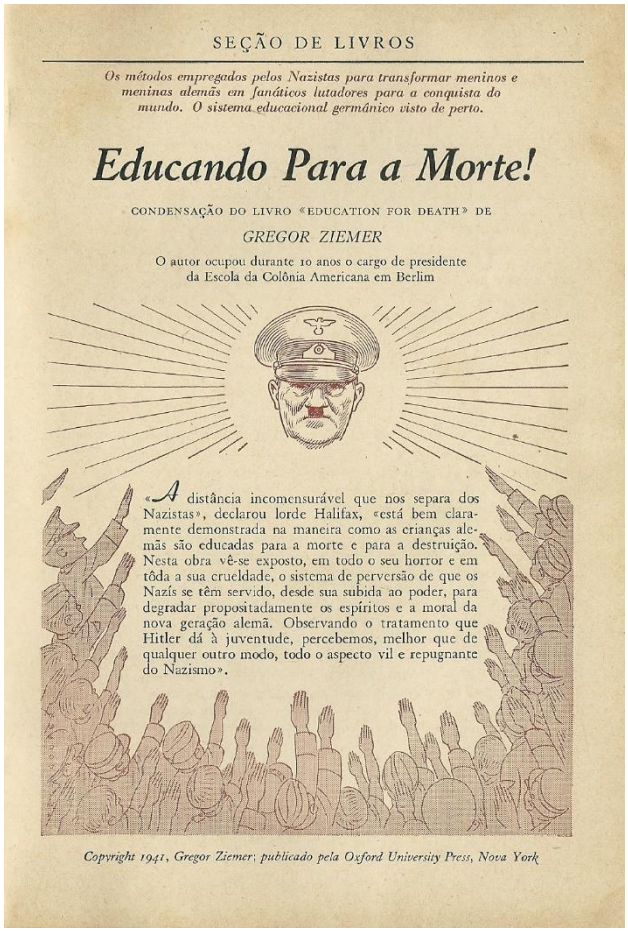
A imagem 1, por exemplo, que apresenta a capa de uma edição de novembro de 1942, trás em suas páginas novidades no tratamento medicinal para úlcera gástrica, últimas novidades em ciência como no artigo "O estudo dos Átomos abre um mundo novo", ou ainda na narrativa biográfica de um soldado tratado como "herói da Revolução Norte-Americana" no condensado "Pedro Francisco Valia por um Exército". Na contracapa, a Revista expõe um texto escrito por Henry Ford como o título "É Preciso Pôr as Idéias a Circular", numa referência a importância de Seleções do Reader's Digest como difusora de ideias que interpretam o presente e dão indicações sobre o futuro.

Nesse contexto, procurei organizar as imagens em eixos temáticos como forma de apresentar a potencialidade do uso da revista nas aulas de História. O primeiro eixo tem como tema o Nazismo, o

segundo eixo trás a Política de 'boa vizinhança" e o esforço de guerra através dos anúncios publicitários, o terceiro eixo tem como tema o Comunismo.

Eixo 1 – A Revista Seleções e o Nazismo

Contemplando o Nazismo como um eixo temático, apresentamos algumas possibilidades de trabalhar o tema em sala de aula a partir das representações que a revista publicava quando de sua chegada ao Brasil nos anos de 1940.



SEÇÃO DE LIVROS

Os métodos empregados pelos Nazistas para transformar meninos e meninas alemães em fanáticos lutadores para a conquista do mundo. O sistema educacional germânico visto de perto.

Educando Para a Morte!

CONDENSAÇÃO DO LIVRO «EDUCATION FOR DEATH» DE

GREGOR ZIEMER

O autor ocupou durante 10 anos o cargo de presidente da Escola da Colônia Americana em Berlim

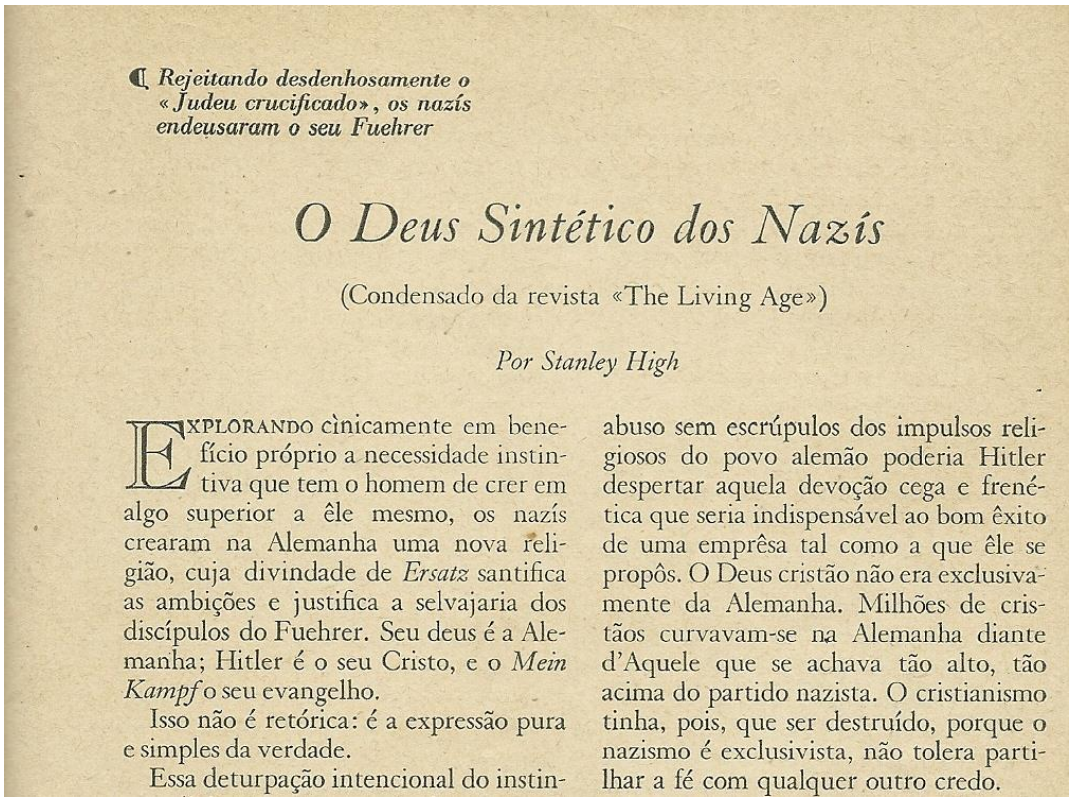
«A distância incomensurável que nos separa dos Nazistas», declarou lorde Halifax, «está bem claramente demonstrada na maneira como as crianças alemãs são educadas para a morte e para a destruição. Nesta obra vê-se exposto, em todo o seu horror e em tôda a sua crueldade, o sistema de perversão de que os Nazis se têm servido, desde sua subida ao poder, para degradar propositadamente os espíritos e a moral da nova geração alemã. Observando o tratamento que Hitler dá à juventude, percebemos, melhor que de qualquer outro modo, todo o aspecto vil e repugnante do Nazismo».

Copyright 1941, Gregor Ziemer; publicado pela Oxford University Press, Nova York

Imagem 02 – Condensado do livro *Education for Death*, de Gregor Ziemer
Fonte: Revista Seleções do Reader's Digest, agosto de 1942.

O condensado trás a visão do autor sobre o nazismo, uma vez que Gregor Ziemer ocupou por dez anos o cargo de Presidente da Escola da Colônia Americana em Berlim. O livro narra, segundo a revista, os métodos empregados pelos nazistas para transformar as crianças alemãs em "fanáticos" lutadores para a "conquista do mundo". A leitura do texto possibilita apreender os métodos utilizados pelos nazistas para difundir a doutrina através do sistema educacional, onde os professores alemães eram

obrigados a aprender e ensinar os princípios nazistas, a crença na "superioridade da raça alemã", a inscrever-se na Liga Nazista dos Docentes e a prestar juramento de fidelidade ao Führer.



Rejeitando desdenhosamente o «Judeu crucificado», os nazís endeusaram o seu Fuehrer

O Deus Sintético dos Nazís

(Condensado da revista «The Living Age»)

Por Stanley High

EXPLORANDO cìnicamente em benefício próprio a necessidade instintiva que tem o homem de crer em algo superior a êle mesmo, os nazís crearam na Alemanha uma nova religião, cuja divindade de *Ersatz* santifica as ambições e justifica a selvajaria dos discípulos do Fuehrer. Seu deus é a Alemanha; Hitler é o seu Cristo, e o *Mein Kampf* o seu evangelho.

Isso não é retórica: é a expressão pura e simples da verdade.

Essa deturpação intencional do instinto sem escrúpulos dos impulsos religiosos do povo alemão poderia Hitler despertar aquela devoção cega e frenética que seria indispensável ao bom êxito de uma emprêsa tal como a que êle se propôs. O Deus cristão não era exclusivamente da Alemanha. Milhões de cristãos curvavam-se na Alemanha diante d'Aquele que se achava tão alto, tão acima do partido nazista. O cristianismo tinha, pois, que ser destruído, porque o nazismo é exclusivista, não tolera partilhar a fé com qualquer outro credo.

Imagem 3 – Condensado de artigo publicado originalmente pela revista *The Living Age*
Fonte: Revista Seleções do *Reader's Digest*, setembro de 1942.

A leitura do texto possibilita compreender como a imagem de Hitler era exaltada pelos nazistas numa clara rejeição ao Cristo, e a bíblia substituída pelo *Mein Kampf*. O autor, Stanley High, afirma que "era essencial que o nazismo se transformasse em religião, pois só mediante o abuso sem escrúpulos dos impulsos religiosos do povo alemão poderia Hitler despertar aquela devoção cega e frenética que seria indispensável ao bom êxito de uma empresa tal como ele se propôs". O autor afirma ainda que "são de ordens físicas" as necessidades dos nazistas, daí a criação de uma nova moralidade "baseada na parte física da personalidade humana". Conforme o autor a ética nazista tem como bem supremo "corpos cada vez melhores e em maior número", chamando essa prática de "Revolução Biológica" que não tem outro fim senão a reprodução humana, pois "o objetivo do matrimônio é o mesmo que o de qualquer indústria bélica: produção de material de guerra, de 'carne para canhão'". Era, então, obrigação moral da mulher alemã ter filhos. "O nazismo adotou e perverteu quase todas as cerimônias e símbolos que tinham significação para os cristãos" transformando a Alemanha em seu deus, Hitler em seu Cristo e o *Mein Kampf* no seu evangelho.



Frau Holtz recebe um visitante americano...

[a despeito da acha do carrasco!]

Até à data em que o seu Hans morreu—pela gloria do Fuehrer—num ponto indeterminado da frente oriental, há dois meses, Frau Holtz conhecia bem pouco do mundo fora da Alemanha...

Mas quando seu último filho seguiu o caminho dos dois irmãos mais velhos, ela compreendeu que *tinha* de saber certas cousas. E uma noite deu volta a um botão, dando entrada em sua casa a um visitante americano. Foi então que a luz se fêz no seu espírito: a compreensão amarga da traição.

* * *

Esta noite,—na Alemanha, em França, na Checoslováquia—mil outras Frau Holtz escutarão a voz proibida da RCA-NBC, através das suas estações internacionais de onda curta: WNBI e WRCA . . . E isso ainda que, nos cárceres da Gestapo, as espere o chicote ou a acha do carrasco, se forem apanhadas a escutar.

* * *

De todos os usos dados ao material de rádio RCA no curso desta batalha suprema entre a liberdade e a tirania, a maior a que o mundo já assistiu,—êsse nos orgulha imensamente. Porque êsse material não só está contribuindo para dominar a fôrça física dos inimigos da América—mas ajudando também a predispor os espíritos de todo o mundo para uma paz duradoura e justa,—dizendo às Frau Holtz que o inimigo delas não está déste lado, mas na própria terra delas.

Captem os programas RCA Victor de onda curta, emitidos pelas estações WRCA e WNBI —9.670 e 11.780 kcs.

RCA VICTOR

RCA MANUFACTURING COMPANY, INC., CAMDEN, N. J., E. U. A.

Imagem 4 – Anúncio publicitário do aparelho de rádio RCA Victor
Fonte: Revista Seleções, setembro de 1942.

O anúncio em questão pode ser trabalhado em sala de aula explorando a imagem que trás representação de uma senhora alemã apreensiva junto ao aparelho de rádio, um dos principais meios de comunicação na década de 1940. O título do anúncio “Frau Holtz recebe um visitante americano...” remete à ideia de liberdade de expressão americana propagada pela revista e que estaria vinculada aos programas de rádio e às notícias vindas de outros meios que não fossem alemães. No texto abaixo do título a ideia é reforçada:

> Até à data em que o seu Hans morreu _ pela glória do Fuehrer _ num ponto determinado da frente oriental, há dois meses, Frau Holtz conhecia bem pouco do mundo fora da Alemanha...
> Mas quando seu último filho seguiu o caminho dos dois irmãos mais velhos, ela compreendeu que tinha de saber certas cousas. E uma noite de uma volta a um botão, dando entrada em sua casa a um visitante americano. Foi então que a luz se fêz no seu espírito: a compreensão amarga da traição (SELEÇÕES, 1942, p. 128).

Eixo 2 – Política de Boa Vizinhança e esforço de guerra



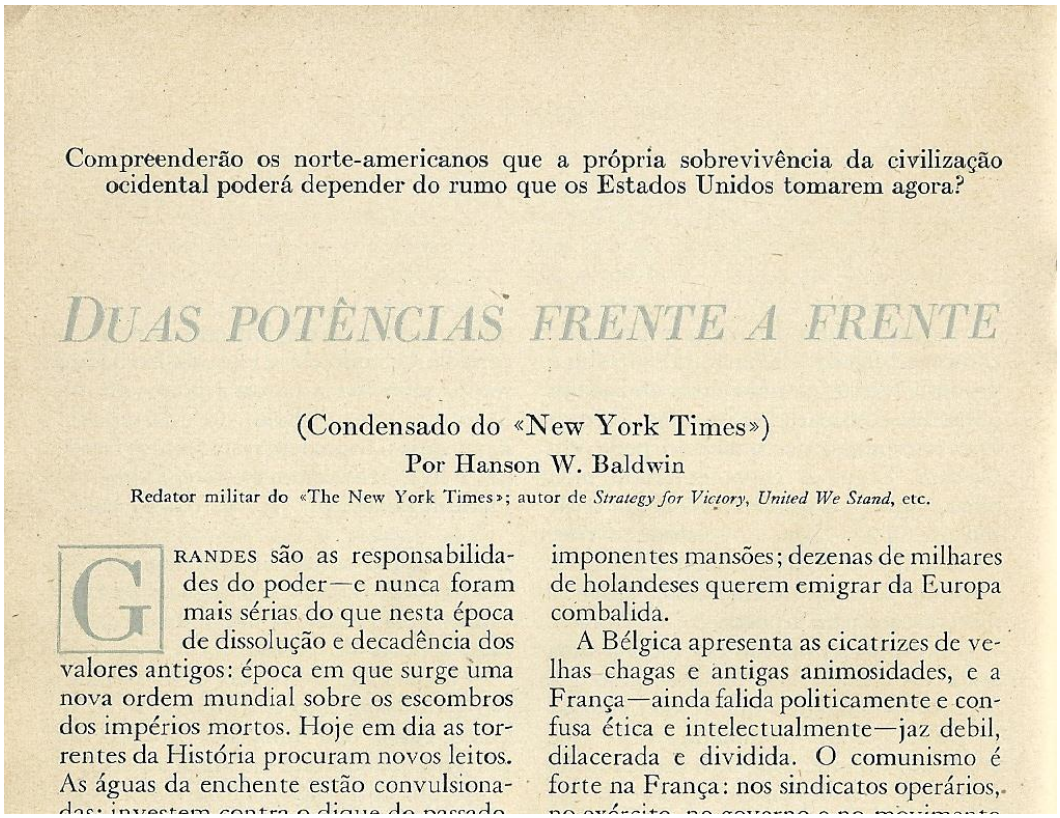
Imagem 5 – Anúncio da Coca-Cola
Fonte: Revista Seleções, outubro de 1943.



Imagem 6 – Anúncio do aparelho de rádio Philco
Fonte: Revista Seleções, outubro de 1943.

Tanto o anúncio da Imagem 5 quanto da Imagem 6 tem em comum a ideia de unidade que deve ser preservada no continente americano. O mapa das três américas e as frases que remetem a um discurso de unidade é uma ideia do departamento de Estado dos Estados Unidos e foi colocada em prática pelas agências de publicidade americana levando em consideração os esforços de guerra.

Eixo 3 – Comunismo



Compreenderão os norte-americanos que a própria sobrevivência da civilização ocidental poderá depender do rumo que os Estados Unidos tomarem agora?

DUAS POTÊNCIAS FRENTE A FRENTE

(Condensado do «New York Times»)

Por Hanson W. Baldwin

Redator militar do «The New York Times»; autor de *Strategy for Victory*, *United We Stand*, etc.

GRANDES são as responsabilidades do poder—e nunca foram mais sérias do que nesta época de dissolução e decadência dos valores antigos: época em que surge uma nova ordem mundial sobre os escombros dos impérios mortos. Hoje em dia as torrentes da História procuram novos leitos. As águas da enchente estão convulsionadas: investem contra o dique do passado

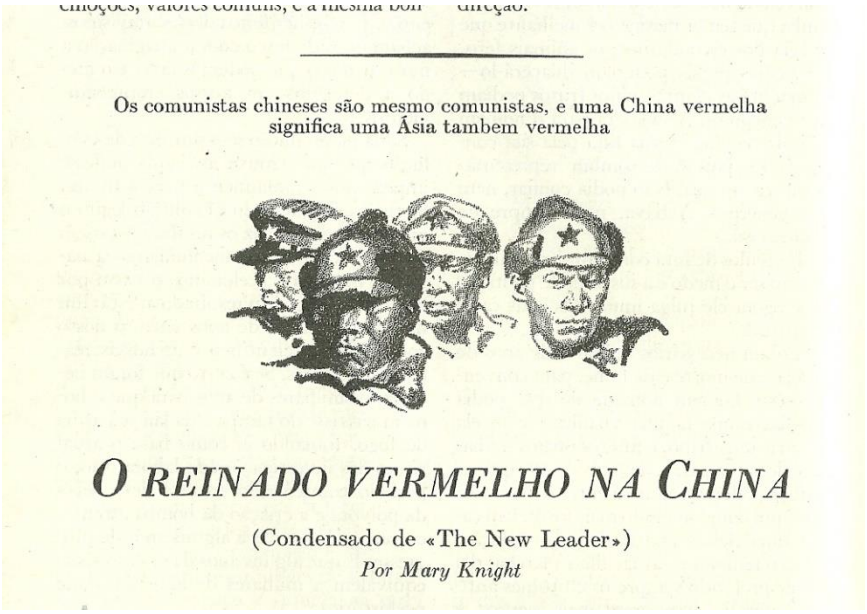
imponentes mansões; dezenas de milhares de holandeses querem emigrar da Europa combalida.

A Bélgica apresenta as cicatrizes de velhas chagas e antigas animosidades, e a França—ainda falida politicamente e confusa ética e intelectualmente—jaz debil, dilacerada e dividida. O comunismo é forte na França: nos sindicatos operários, no exército, no governo e no movimento

Imagem 7 – Chamada do condensado do artigo "Duas potências frente a frente"
Fonte: Revista Seleções, Julho de 1947, p. 90.

O artigo a que se refere a imagem 7 foi publicado inicialmente no jornal *The New York Times* e depois condensado pela revista Seleções, é um prenúncio da Guerra Fria colocando em evidência a importância dos Estados Unidos para a sobrevivência da civilização ocidental frente à "virulência fanática" do comunismo soviético. O autor, Hanson W. Baldwin, apresentado pela revista como um redator militar, faz um balanço da situação preocupante, econômica e política, de alguns países após a Segunda Guerra Mundial concluindo que os Estados Unidos e a Rússia "se defrontam numa luta pela

prepotência mundial: conflito que não chega a ser uma guerra, mas que, não obstante, modificará o rumo da História mundial".



Os comunistas chineses são mesmo comunistas, e uma China vermelha significa uma Ásia tambem vermelha

O REINADO VERMELHO NA CHINA

(Condensado de «The New Leader»)

Por Mary Knight

Imagem 8 – Condensado do artigo "O reinado vermelho na China"
Fonte: Revista Seleções, Julho de 1947, p. 90.

A imagem 8 apresenta a chamada do condensado de um artigo publicado pelo jornal *The New Leader* onde a correspondente Mary Knight, apresentada pela revista Seleções como uma experiente correspondente por ter ficado seis meses na China em "missão jornalística". Segundo ela, o avanço comunista na China é um problema pois significa "uma Ásia também "vermelha". No artigo os comunistas são apontados como "saqueadores irrefreados" e "a liberdade de palavra está sujeita a rigorosa restrição. O controle do pensamento começa nos jardins da infância, onde as crianças aprendem canções cujo tema é a luta de classes".

Considerações finais

Diante do exposto até aqui,é possível perceber as potencialidades da revista Seleções do *Reader's Digest* como fonte histórica para a disciplina de História no Ensino Médio. A publicação, com seu discurso produzido dentro de um determinado momento histórico, evidencia práticas culturais e representações que, através da definição de problemas de investigação, conferem ao estudante possibilidades de leituras, interpretações e narrativas ampliando a capacidade de autonomia de pensamento e, ao mesmo tempo, lhe garante a construção de conhecimento histórico, ferramenta importante para enfrentar os desafios de um cotidiano de constantes transformações.

Referências

BARBOSA, Marinalva. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública em debate**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 121-131.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a história**: metodologia de ensino de história. Curitiba: Base Editorial, 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** História. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAIMI, Flávia Eloisa. História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende?. In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 65-79.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

FINLEY, Moses. **O uso e abuso da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Seleções do reader's digest: o olhar norte-americano sobre a américa latina. **História Revista**, v. 1, n. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/hr.v1i2.10936>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MONTEIRO, Ana Maria. **Entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MONTEIRO, Érica Gomes Daniel. **A guerra como slogan:** visualizando o Advertising Project na propaganda comercial da revista Seleções do Reader`s Digest (1942-1945). 2006. 86 f. Dissertação de Mestrado PPGHIS. UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 23-24.

PEREIRA, Silvio Luis Gonçalves. **Seleções do Reader´s Digest 1954-1964**: um mapa da intolerância política313 f. Tese de Doutorado Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo, 2006.

PINSKY, Jaime. **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2018.

RAAD, Lenita Jacira Farias. Revista Seleções do Reader's Digest e as campanhas de controle demográfico no interior da guerra fria. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/478>. Acesso em: 15 dez. 2017.

SALIBA, Elias Thomé. Pequena História do Documento: Aventuras modernas e desventuras pós-modernas. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 309-328.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

_____. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12ª ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 54-66

TATSCH, Flavia Galli; KARNAL, Leandro. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-26.

THEODORO, Janice. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 49-56.

IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NO CONTO "ELEVADOR 'A SERVIÇO'" DE CRISTIANE SOBRAL

Tatiane Zambrim[93]

INTRODUÇÃO

O conto selecionado para objeto deste estudo foi *Elevador "A Serviço"* de Cristiane Sobral, que compõe a antologia de Volume 36 dos Cadernos Negros (2013), principalmente por partir de uma voz de uma mulher negra e abordar temas afro-brasileiros no âmbito social e cultural que manifesta preocupação com a causa negra, em uma perspectiva identitária de resistência e empoderamento. A personagem, como artista – conectada com sua ancestralidade e consciente de suas referências às tradições e às grandes cantoras negras – têm os elementos identitários como força e resistência cultural, uma identidade racial que exalta a cultura negra e vai contra o racismo. Para a autora, "(…) a literatura afro-brasileira precisa ser afirmada, porque, na literatura brasileira, as personagens negras e os temas apresentados raramente revelam a subjetividade, a complexidade, os conflitos além dos esteriótipos do escravismo. Temos muita história para contar." (SOBRAL, 2017, p. 254).

Como aparato teórico desta pesquisa, debruçaremo-nos aos estudos de Stuart Hall, grande teórico cultural e sociólogo, especificamente à obra A Identidade Cultural na Pós-Modernidade (2006), a qual o autor objetiva explanar acerca das questões sobre identidade cultural na modernidade e constatar se existem "crises" nesses processos e como elas se desenvolvem. O autor lida com conceitos de identidade e sujeito e também explora as questões relativas às identidades culturais e pertencimento. Ao partir de uma afirmação de que as entidades modernas estão sendo descentralizadas, deslocadas ou passando por processos de fragmentação, Hall nos apresenta que o ponto mais importante da identidade está relacionado à globalização e seu impacto sobre a identidade cultural.

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

O professor e sociólogo Octavio Ianni (1988) em seus estudos sobre Literatura e Consciência afirma que a literatura negra não surge de um momento para outro, é um imaginário que se forma, articula, transforma, desenvolve-se e se movimenta no curso do tempo. Para o autor, o negro é o tema principal da literatura negra, sob muitas perspectivas, ele é o universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura. O movimento negro e a literatura negra aglutinam-se, encontram-se e

[93] Programa de PG em Letras / Estudos Literários, CNPq, tzambrim@gmail.com.

desencontram-se, a matéria de criação compreende as vivências do negro, como indivíduo e coletividade.

> Devido às condições sob as quais o negro vive e trabalha, mescla-se e submerge na sociedade brasileira, na história incruenta, na escravidão benigna, na generosa abolição, na democracia racial etc., devido a isso tudo, a literatura está marcada pelo movimento negro. Um movimento múltiplo, diversificado, atravessando cidades e regiões, histórias e nações. Isto é, o tema do negro brasileiro implica em desvendar, desmistificar, resgatar, afirmar, emancipar o negro do fantástico véu ideológico que o recobre, mescla, esconde, ignora (IANNI, 1988, p. 98).

Segundo Ianni, sob várias formas, a literatura expressa e organiza a consciência social do negro brasileiro:

> Está em curso a "afirmação da cultura afro-brasileira". À medida que avança o movimento contra a discriminação social, econômica, política e cultural, surgem novas gerações de escritores, "como consequência dessa dinâmica de conscientização étnica". As manifestações do movimento negro ajudam o escritor a perceber melhor, ou mesmo descobrir, as foras de expressão espiritual das comunidades, dos grupos sociais; a descobrir os mecanismos "de comunicabilidade e julgamento" originais, mais fecundos, com possibilidades diversas daquelas oferecidas pela cultura e ideologia dominantes. Agora "o negro já articula uma linguagem literária própria, rompe o discurso da cultura oficial e se manifesta como um elemento de resistência à sua marginalização social". Ele está criando "uma cultura literária emergente que expressará esse renascimento do negro". Nesse sentido é que a poesia e a prosa contribuem decisivamente para "esta procura de raízes culturais africanas, esse ethos cultural que nasce dessa busca dramática de reencontro com sua memória cultural africana" (IANNI, 1988, p. 98).

O estudioso Eduardo de Assis Duarte (2011), expõe que o conceito de Literatura Afro-Brasileira ainda está em construção e é no século XXI que ela se consolida no meio acadêmico com a publicação dos *Cadernos Negros* pelo grupo Quilombhoje. Para o autor, os fatores que a registram como tal é sua construção se dar "por um autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. (p. 377)", e, fundamentalmente, o autor precisa se reconhecer como negro.

Para Duarte (2011, p. 385), outros fatores que caracterizam a Literatura Afro-Brasileira, é o fato de sua autoria ser de voz afrodescendente; a abordagem de temas afro-brasileiros, sejam eles sociais, culturais ou artísticos; construções linguísticas atravessadas por aspectos que evoquem em alguma de suas esferas uma afro-brasilidade; um projeto de transitividade discursiva que alcance o universo recepcional, mas "sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo".

CRISTIANE SOBRAL

Cristiane Sobral[94] nasceu em 1974 na zona oeste do Rio de Janeiro e reside atualmente em Brasília. No ano de 1989 inicia suas atividades artísticas em um curso de teatro no SESC; após um ano chega a Brasília e começa a atuar em grupos de teatros estudantis e monta a peça "Acorda Brasil". Aos seus dezesseis anos ingressa ao ensino superior e torna-se a primeira atriz negra a graduar-se em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília (UnB). A partir de 1999 engajou-se à atuações profissionais, envolvida com temas sociais, e no ano de 2000 é que a autora vinculou-se aos meios literários participando da publicação dos *Cadernos Negros* a partir do Volume 23. Sobral já realizou diversos trabalhos na televisão, no teatro, no cinema e entre suas principais publicações literárias, entre poesia e contos, estão: *Não Vou Mais Lavar os Pratos* (2010); *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011); *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014); *O tapete voador* (2016), além de suas publicações nos Cadernos Negros do Volume 23 ao 38.

Em entrevista concedida ao editor da agência de notícias online *Afropress*, Dojival Vieira (2013)[95], Cristiane Sobral ao falar do seu processo de criação, é evidenciada pelo jornalista como uma das novas expressões de escritoras mais reconhecidas na produção de literatura com recorte negro. O jornalista, ao perguntar por que se faz necessário afirmar a literatura a partir de um viés identitário e como entra nisso a questão racial e a luta contra o racismo, tem como resposta da autora os problemas relacionados à representação da negritude na cultura e sociedade brasileira, o não reconhecimento de escritores negros ou afro-descendentes na rotina escolar e conclui que a afirmação se faz necessária e precisa estar à altura do público do nosso país, que possui a maior população negra fora do continente africano.

Para Sobral (2013), "do ponto de vista qualitativo, há muitas histórias e estórias a escrever, memórias, nomes a resgatar, todo um passado ancestral para revisitar, enfim, é um panorama muito rico para um escritor, para alguém que como eu, produz no universo da percepção, da sensibilidade".
Ela declara também os temas que a inspiram a produzir:

> O jeito de ser e de viver da população negra. As tradições, o homem, a mulher, a infância, sua subjetividade, a sexualidade, o erotismo, a relação com as religiões de matriz africana e afro-brasileiras, as identidades de gênero, a maternidade, os paradoxos sociais, as possibilidades de ruptura dos moldes estabelecidos, a afetividade e o corpo negro (SOBRAL, 2017, p. 255).

Elevador "a serviço"

[94] http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/203-cristiane-sobral.
[95] http://www.afropress.com/post.asp?id=14519.

O conto *Elevador "A Serviço"*, trata de um episódio vivenciado pela protagonista negra, uma cantora bem-sucedida, chamada Malena. O desenrolar da narrativa se dá pelo diálogo da protagonista com uma senhora branca no percurso da movimentação do elevador – de serviço – do prédio de luxo em que elas residem. Nos poucos instantes em que as duas permanecem no mesmo ambiente, ambas desenvolvem um embate acerca de um discurso carregado de racismo, resistência e empoderamento.

Dá-se o início da narrativa pela manhã, Malena sai de casa para ir ao trabalho e tranquilamente, dirige-se ao elevador de serviço pois o outro parecia estar travado na recepção. Ao adentrar ao elevador, que está vazio, assovia uma música de Jovelina Pérola Negra e engata a constatação de que "[…] gostava mesmo da Jovelina, pois seu ouvido musical fora moldado em casa, desde a infância, quando sua mãe cantava e alimentava os filhos com palavras de exaltação à cultura negra" (SOBRAL, 2013, p. 21). Essa memória da protagonista reforça a exaltação à cultura negra, marco que vem de sua mãe e pode ser repassado pela ancestralidade. Segundo Stuart Hall (2006), no que se refere ao que o autor nomeia como tradução, "[…] essas pessoas têm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. […] Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias pelas quais foram marcadas" (p. 88-89).

Como uma possível leitura de um seguimento da valorização à cultura negra que foi passada pela mãe da personagem em sua infância, ela reafirma sua identidade ao divagar acerca das possibilidades de usar em seu repertório, músicas de outras cantoras negras de grande importância no cenário artístico e cultural.

> Seria interessante, nesse momento da sua carreira de cantora, discutir com a equipe a possibilidade de montar um show com um repertório de músicas de Jovelina, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara e outras cantoras negras que mereciam e deviam mesmo ser homenageadas como parte do nosso patrimônio cultural (SOBRAL, 2013, p. 21).

Tal atitude pode ser interpretada como um comprometimento com a causa negra, uma procura por um não-apagamento, bem como a representação da mesma através de outras vozes negras. Reconhecer a importância dessas mulheres é também reconhecer a si mesma, é um processo identitário. Hall argumenta que "a identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas" (HALL, 2006, p. 71).

A outra personagem surge com a parada do elevador no terceiro andar, uma senhora branca, de meia-idade, bem-vestida "totalmente de acordo com os moldes eurocêntricos capitalistas". A tal senhora se dirige à Malena, "- Bom dia! Acho que estamos com problemas nos elevadores. (Riso amarelo). Ouvi

dizer que agora os elevadores são para todos. A síndica me disse, inclusive, que o nosso condomínio vai seguir as normas e leis, para evitar problemas. Acho justo" (SOBRAL, 2013, p. 22). A respectiva fala da senhora ressalta um desconforto marcado por suas reações, o fato de tossir e o sorriso amarelo, e relata uma mudança de ordem externa a qual o condomínio acatou como regra interna para evitar "problemas". Esse incômodo dialoga com o que Stuart Hall nomeia de "crise de identidade":

> […] as velhas identidades, que por tanto estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Para Hall (2006), a globalização é o fenômeno que mais atinge as identidades e é o responsável pela descentralização do sujeito na pós-modernidade. Nesse sentido, ele descreve os impactos da globalização sobre as identidades em três tópicos: a desintegração das identidades nacionais pela homogeneização cultural, a resistência das identidades nacionais à globalização e o declínio das identidades nacionais para o surgimento de novas identidades. De acordo com ele, as identidades não são fixas e estão sempre em processo de mudança devido às trocas culturais que ocorrem a todo momento e, para esse processo móvel, Hall prefere o termo "identificação" a fim de tratar de uma identidade em desenvolvimento.

O fortalecimento de identidades locais, relaciona-se com uma reação defensiva para com outras culturas, como é perceptível na fala da senhora ao elogiar Malena, "Parabéns pelo lindo cabelo! Acho o máximo quando as mulatas assumem a raça. É um sinal de evolução." (SOBRAL, 2013, p. 22). O cabelo da protagonista pode ser considerado como elemento identitário que reforça sua identidade racial e o desprendimento de uma identidade pasteurizada pela globalização. O "sinal de evolução" reconhecido pela senhora, atenta para a mobilidade da identidade, salientada por Hall.

As próximas colocações feitas pela interlocutora, confirma o que a cantora já imaginava, "a senhora queria posar de rainha da terceira idade e portar o troféu de 'miss mito da democracia racial brasileira'" (SOBRAL, 2013, p. 23). Ao elogiar o seu cabelo e simpatia, a senhora pede indicação de "alguém como" Malena para trabalhar para ela, e os próximos dizeres carregam o que Stuart Hall colocou como um dos problemas da globalização à identidade, que é a resistência das identidades nacionais às mudanças.

> Quero dizer… Não me entenda mal. Sem preconceito algum. Não. Imagine! Na minha família nunca houve isso. Tive uma empregada que herdei dos meus pais. Uma negra tão inteligente! Ela foi minha mãe de leite. Infelizmente, faleceu recentemente. Cuidamos de tudo, não tinha família, nem teve filhos. Uma mulher muito valiosa.

> Muitos primos meus brigavam para tê-la em casa. Não sei encontraremos alguém tão dedicado. Com a PEC das domésticas está tão difícil! Não entendo essa confusão, somos todos empregados, não é verdade? Mas, hoje, encontrei você aqui por um motivo especial… Deus tem um propósito para tudo! (SOBRAL, 2013, p. 23).

Frente ao discurso da senhora, a protagonista pensa que desde que se mudou ao prédio de elite não viu negros como moradores, apenas como empregados, e não acredita em espaços interditados em nenhum lugar do mundo. "Agora tinha que responder à altura", constata Malena em uma atitude de resistência e lembra-se de que em seus shows muitas senhoras – como esta a lhe falar – fazem fila para autógrafos, mas fora do contexto artístico, isso mudava. "Não! Tinha certeza de que merecia ser respeitada como pessoa humana, independente da sua cor e posição social. Lutava por isso, tinha horror a qualquer tipo de preconceito" (SOBRAL, 2013, p. 23).

Para a autora, Cristiane Sobral, "nos padrões da cultura dominante, não existimos. Creio nas rasuras, na ruptura de paradigmas. (…) caminhamos devagar, mas é preciso insistir na promoção de fissuras, impor outras opções estéticas, políticas e ideológicas" (SOBRAL, 2017, p. 255). E é exatamente o que transfere à personagem Malena que, em um ato de enfrentamento, resistência e empoderamento, faz uma inversão de poder, do que a senhora estabelecia em seu discurso racista, e responde à altura, salientando a mudança dos tempos e das leis trabalhistas:

> Muito obrigada pelos elogios. Os tempos estão complicados, não é? Também estou procurando alguém para me assessorar. Será que a senhora não teria uma filha, uma sobrinha? Se for bem qualificada, eu pago um salário adequado, faço questão de estabelecer relações de trabalho honesta. Mas veja que curioso: a senhora disse que sua empregada não constituiu família… Só no Brasil os empregados podem "ser" de uma família e ao mesmo não pertencer a ela. Já era tempo deste país, com quatrocentos anos de herança escravocrata, rever as relações entre patrões e empregados domésticos (SOBRAL, 2013, p. 24).

Malena sai do prédio com o celular na mão, ponta para ligar para seu produtor e certa de que faria o show, estava decidida, "não era uma questão de ser contra o racismo. Isso não era o suficiente, não mudaria o estado das coisas. Era uma questão de defender as razões da nossa cor". E, dessa forma, corroborar ativamente com o declínio das identidades nacionais para o surgimento de novas identidades, como Hall (2006) explicita como o terceiro momento do impacto da globalização.

> como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e "fechadas" de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (HALL, 2006, p. 87).

Mais uma vez, exalta Jovelina Pérola Negra, que foi de empregada doméstica à grande cantora de samba, evocando a canção intitulada "Elos da Raça" como hino, motivação e marca de sua ancestralidade:

> Agora é formar uma corrente
> com elos muito resistentes
> Daqueles que levam bom tempo para arrebentar
> É abrir espaço
> Deixar caminhar com seus passos
> Essa nova geração
> E dar condição a esta raça
> E terminar com essa farsa
> Deixar este povo sofrido mostrar seu valor
> (SOBRAL, 2013, p. 24-25).

Cristiane Sobral (2017, p. 254), em entrevista a doutorandos da Universidade de Brasília (UnB), ao ser questionada em como vê o racismo representado na literatura e nos outros espaços discursivos, responde que "a literatura, a mídia, a escola e os grupos sociais reproduzem em maior quantidade a ideologia hegemônica e os padrões canônicos europeus diante dos quais não cabemos". E ao mencionar quais os elementos da sua produção literária vincula-se à sua experiência como mulher negra, ela diz:

> A busca de construções humanizadas – para além dos estereótipos do escravismo – e a complexidade dos sujeitos. O negro e a negra falam de si, não são apresentados como simulacros do branco. Os personagens são vencedores, em que pesem as derrotas cotidianas e os fracassos humanos. As personagens não representam, elas são. Há uma consciência política, ideológica e estética e uma referência às tradições, à ancestralidade, à contemporaneidade e um protagonismo negro na contação de histórias na prosa e na poesia (SOBRAL, 2017, p. 255).

São essas características que Malena carrega, os elementos identitários como força e resistência cultural, uma identidade racial que exalta a cultura negra, empodera-se como mulher negra, forte, talentosa e bem-sucedida. Ao fim do conto, o embate só fez por fortalecer a personagem e dar a certeza de que a luta é contínua e é no espaço cultural que ela está decidida a se reafirmar, resistir. "Malena estava muito bem conectada com sua ancestralidade. Seguiria na construção de um futuro onde os elevadores não remetessem mais à lembrança de terem sido cúmplices da discriminação racial" (SOBRAL, 2013, p. 25).

Considerações finais

A partir da obstinação marcada pela personagem do conto, a fim de lutar por manter seu espaço, cabelo, sua música, ancestralidade, seus direitos e todos os símbolos e questões levantadas para reafirmação de sua cultura são movimentos de resistência identitária. Dessa forma, a escrita

contemporânea de Cristiane Sobral insere-se de forma contundente em temas dos estudos culturais referentes à identidade do sujeito. O nome da autora, segundo Eduardo de Assis Duarte, compõe o grupo de escritores reconhecidos por apresentarem uma produção literária que

> expressa de diversas formas a positividade do ser negro, mulher ou homem; revisita a história, celebra os ancestrais e as divindades do culto afro; e denuncia, às vezes de forma explicitamente militante, a discriminação contemporânea. Mas trata também de tópicos universais, a exemplo do amor e do erotismo, situando-os em nova perspectiva (DUARTE, 2013, p. 152).

Segundo Duarte (2013, p. 152), ainda trata-se de obras que em sua maioria, infelizmente, circulam em circuitos alternativos, "resta torcer para que consigam atingir maior visibilidade e, quem sabe, cumprir a utopia que os move: formar um público leitor afrodescendente que com eles se identifique. Pois é outro o negro que ali se apresenta".

Cristiane Sobral reafirma a subjetividade negra, para ela a história do negro não pode ser contada sob a ótica de uma elite conservadora do modelo eurocêntrico, protagoniza o negro como vencedor, figura empoderada, com resistência identitária, com uma visão ideológica, política, ciente de todos seus direitos e militante frente as discriminações raciais.

Para a referida autora, o grande exercício de afirmação e de luta é escrever, publicar e resistir, tornar essa literatura visível a todos. Utilizando de suas palavras retiradas da entrevista concedida à *Afropress*, a qual ela finaliza com um recado incentivador para os jovens negros: "tomem posse, revisitem biografias, procurem quem possa perpetuar a nossa memória, vistam as palavras como roupas de guerra, leiam tudo, disseminem a informação, ocupem o nosso espaço nesse planeta"[96]. E que façamos os elevadores "de serviço" estarem, para sempre e apenas, "a serviço" de todos.

REFERÊNCIAS:

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Minas Gerais: UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Revista Navegações**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. Literatura e Consciência. **Rev. Inst. Bras. São Paulo**, v. 28, p. 91-99, 1988.

SOBRAL, Cristiane. In: RIBEIRO, Esmeralda. BARBOSA, Márcio (Orgs.). **Cadernos Negros**. v. 36. São Paulo: Quilombhoje, 2013.

[96] http://www.afropress.com/post.asp?id=14519.

SOBRAL, Cristiane. In: FREDERICO, Graziele; MOLLO, Lúcia Tormin; DUTRA, Paula Queiroz. “Quem não se afirma não existe”: entrevista com Cristiane Sobral. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 51, p. 254-258, Ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40185114>. Acesso em: 25 jul. 2018.

INTERSETORIALIDADE: UMA ANÁLISE DAS DISSERTAÇÕES DA CAPES NA ÁREA DE AVALIAÇÃO INTERDISCIPLINAR NO PERÍODO DE 2015 A 2017

Valéria Cristina da Costa[97]

Introdução

O presente trabalho sistematiza dissertações de mestrado sobre a Intersetorialidade no período de 2015 a 2017, considerando a área de avaliação interdisciplinar pela busca de teses e dissertações da CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior, órgão do Ministério da Educação responsável pelo reconhecimento e a avaliação de cursos de pós-graduação stricto-sensu (mestrado profissional, mestrado acadêmico e doutorado) em âmbito nacional. Após o refinamento do levantamento bibliográfico realizado, foi desenvolvido de forma analítica o estudo das 16 dissertações selecionadas do banco de dados do Sistema Cupira da CAPES, porém, 3 trabalhos não constam anexados neste sistema.[98]

Dos 16 trabalhos encontrados, vamos analisar primeiramente questões pertinentes às Instituições que desenvolvem o mestrado, sendo assim caracterizadas: a maioria é pública: (9 no total), as privadas somam apenas (2) e instituições sem fins lucrativas somam 5. Quanto ao território, as (16) instituições estão assim localizadas: 6 no Estado de Santa Catarina, seguido do Estado de São Paulo (4), o Estado do Paraná (2) e os Estados de Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e Amazonas com apenas (1) trabalho cada.

Ao analisar a formação dos agora mestres que defenderam suas dissertações, o elenco de profissionais se dá da seguinte forma: da área de Serviço Social somam (4) trabalhos, nutricionistas e enfermeiros com (3) trabalhos cada, psicólogos somam dois e os formados em Educação Física, Geografia, Direito e Biomedicina contam com um trabalho.

Outro ponto que merece destaque é que a maioria dos trabalhos concentra a intersetorialidade na perspectiva do trabalho de saúde, que somam 10 trabalhos deste levantamento. A área de Assistência Social está referenciada em 3 dissertações e duas tematizam de políticas de direitos da criança e do adolescente. Acreditamos que tal distribuição seja fruto dos programas que estão concentrados, pois 7 dos 16 trabalhos são oriundos de mestrado em Saúde, 2 de programa Interdisciplinar em Ciências

[97] Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, UNESPAR, valeria.costa07@hotmail.com.

[98] HOFFMANN, Flavia. **Gestão da saúde pública no controle da hanseníase em municípios da região de saúde de São Miguel do oeste no estado de Santa Catarina.** 15/04/2016; LACERDA, Clarissa de Barros. **"Desentorpe(sendo)":** significações sobre um caps ad para usuários em acompanhamento. 05/02/2016; SOUZA, Marineide Nunes de. **Proteção social à criança e ao adolescente vítimas da violência sexual, na cidade de Parintins – AM**: atuação em rede? 28/11/2017.

Humanas e Sociais Aplicadas e programas de Desenvolvimento Comunitário, Ciências Humanas e Sociais, Estudos ao Lazer, Direitos Humanos, Políticas Sociais, Sociedade e Cultura e Ciência do Envelhecimento contam com a defesa de um trabalho sobre intersetorialidade.

No universo pesquisado, a grande maioria dos trabalhos, no total de 11, foram desenvolvidas com base em pesquisa qualitativa, e 5 trabalhos mediante a pesquisa quanti-qualitativa, sendo que nenhuma delas se baseou em pesquisa quantitativa. Os trabalhos recorreram principalmente às referências de Maria Cecília de Souza Minayo: Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. A pesquisa de natureza qualitativa, tem como base de análise o método crítico-dialético e do ponto de vista da abordagem:

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes [...] (MYNAYO, 2004, s/p).

Assim, a abordagem qualitativa que orientou a maioria dos trabalhos, não teve como foco quantificar numericamente dados para análise, mas analisar impactos e formas de trabalho num determinado objeto de discussão.

Discussões apresentadas nas produções sobre intersetorialidade

A questão da intersetorialidade vem sendo um debate na atualidade. Dos dezesseis trabalhos analisados, 50% das produções são do ano de 2017, 5 do ano de 2016 e 3 do ano de 2015. Acreditamos, portanto, que o tema seja pertinente e de grande relevância na sociedade em tempos atuais.

Porém, precisamos primeiramente compreender que intersetorialidade é um termo que pode ter vários significados, ter diferentes compreensões e aplicabilidade, como nos fundamenta a autora Potyara A. P. Pereira (2014):

> Além do princípio ou paradigma norteador, a intersetorialidade tem sido considerada como: uma nova lógica de gestão, que transcende um único setor da política social; e/ou uma estratégia política de articulação entre "setores" sociais diversos e especializados. Além disso, relacionada à sua condição estratégica, a intersetorialidade é entendida como: instrumento de otimização de saberes; competências e relações sinergéticas, em prol de um objetivo comum; e prática social compartilhada, que requer pesquisa, planejamento e avaliação para a realização de ações conjuntas (PEREIRA, 2014, p. 23).

A análise que fazemos das fundamentações da autora é que a intersetorialidade não se trata apenas de ações pontuais, lineares e fragmentadas, mas de um processo de trabalho em que esteja intrínseco desde a sua motivação o diálogo entre os diversos setores envolvidos.

Ainda segundo a mesma autora destacamos:

> Convém precisar o significado da intersetorialidade por meio da comparação e do contraste com outros vocábulos que lhes são assemelhados e afins, como a interdisciplinaridade – que lhes serve de referência, além de outras denominações correntes, como multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade (PEREIRA, 2014, p. 24).

Neste sentido, foi analisado os resumos das dissertações, pois dos 16 trabalhos 3 não encontravam-se anexados na Plataforma Sucupira da CAPES e assim, para verificar as interlocuções entre as áreas e disciplinas e foi possível identificar em um dos trabalhos que a intersetorialidade não tinha centralidade na discussão do trabalho, mas foi analisado durante a pesquisa como necessária e foi sugerida como estratégia voltada a sensibilizar os profissionais que trabalham com o diagnóstico da doença – que era objeto da tese, pois desta forma, seria possível a inter-relação dos envolvidos. As demais dissertações apresentam a intersetorialidade como proposta de discussão central desde a definição do objeto e estão contemplados no resumo dos trabalhos, dada sua relevância, independentemente da área e programa da pós-graduação, na qual foi possível destacar algumas discussões:

Neste sentido, buscamos verificar as interlocuções entre as áreas e disciplinas de cada produção, e foi possível identificar em um dos trabalhos que a intersetorialidade não tinha centralidade na discussão do trabalho, mas foi analisado durante a pesquisa como necessária e acabou sendo sugerida como estratégia voltada a sensibilizar os profissionais que trabalham com o diagnóstico da doença – que era objeto da tese –, pois desta forma seria possível a inter-relação dos envolvidos. As demais dissertações apresentam a intersetorialidade como proposta de discussão central, desde a definição do objeto, destacando sua relevância, independentemente da área e programa da pós-graduação. A seguir, destacamos alguns trechos que apresentam tal compreensão:

> O programa bolsa família é capaz de consolidar seu papel articulador e de fortalecedor da proteção social (AGUIAR, 2015).

> A comunicação e a intersetorialidade dessas esferas é pequena, marcadas por atividades mais de cunho biomédico e focado basicamente na doença, sendo realizadas ações pontuais não se buscando a realização de atividades de promoção à cultura de paz, prevenção e enfrentamento da VICC dentro de suas áreas (KROLIKOWSKI, 2017).

Ao destacar a necessidade de articulação da rede através da intersetorialidade e a mudança de paradigmas a formação interdiscipinar mostra-se o caminho para a constituição de uma rede de atendimento com novas perspectivas, novos olhares para o cuidado (TEIXEIRA, 2016).

A necessidade de fortalecimento da intersetorialidade no campo das políticas públicas de cuidado, aos usuários abusivos e/ou dependentes de drogas, assim como a elaboração de novas pesquisas para pensar estratégias inovadoras de cuidado (LACERDA, 2016).

A intersetorialidade tornou-se uma estratégia importante para implementação de ações assistenciais e educativas, direcionadas para a saúde dos escolares. Entretanto, as ações do componente foram as mais visibilizadas, o que pode indicar que persiste o foco no aspecto biológico ao se implementar o PSE na realidade estudada (SILVA, 2017).

Dificuldade no alcance da integralidade na perspectiva do cuidado, bem como a necessidade de articulação entre todos os atores envolvidos no processo, para que sejam superados os obstáculos através de estratégias que assegurem a efetivação das RASs. (CAMPOS, 2015).

A intersetorialidade foi uma das possibilidades indicadas para se avançar nas práticas, além da possibilidade de estender a EAN para além dos limites físicos da escola (BORSOI, 2015).

Compreender como o processo da intersetorialidade, provocada pela estrutura da política municipal e do PBF, interfere no partilhamento de saberes entre os profissionais com formações diferentes; identificar os saberes partilhados entre os analistas e as relações desses saberes com a atuação do profissional no programa; e ainda, entender como os profissionais articulam os saberes da formação acadêmica e da experiência para atuarem com o lazer (DORES, 2016).

Identificou-se que os seguintes mecanismos de superação vêm sendo mobilizados: diálogo, intersetorialidade, investimento, ações formativas e organização. Os entrevistados destacaram a importância do diálogo e da atuação intersetorial para a conscientização dos agricultores da necessidade de promover as adequações necessárias para viabilizar sua participação no PNAE (POZZAGNOL, 2016).

É preciso uma reformulação das práticas de socioeducação em meio aberto e seu respectivo plano de atendimento, principalmente no que se refere à intersetorialidade das políticas públicas (SANTOS, 2017).

Registra-se também a frágil relação de intersetorialidade no âmbito das políticas municipais e a necessidade de construir análises que rompam com o entendimento da assistência como ações vinculadas à ajuda, ao assistencialismo e a negação de direitos, entre outros pontos (SILVA, 2017).

Vulnerabilidade, pobreza, exclusão e desfiliação são fenômenos que caracterizam a condição de rua, fazendo da oferta de serviços públicos intersetoriais, uma necessidade e, da interdisciplinaridade, a metodologia de análise do tema (SABEDOT, 2017).

Identifica-se que o PSE representa uma política pública importante que contribui para a intersetorialidade e que, dependendo do comprometimento da rede intersetorial, pode ser um aliado na luta contra a medicalização escolar (BRAMBILLA, 2017).

> Desvelamos de que forma ocorre a intersetorialidade entre as diferentes instituições do município que compõem a rede de proteção social à criança e ao adolescente, tendo em vista os desdobramentos do trabalho realizado em rede, verificamos também a operacionalidade das instituições que compõem a rede de proteção social à criança e ao adolescente [...] estas encontram inúmeras dificuldades (SOUZA, 2017).
>
> O que parece emergir desse conjunto de discursos é um entendimento de que a multidisciplinaridade da composição das equipes, por si só, transforma a prática em interdisciplinar. Assim, ela se constrói pelo compartilhamento de olhares e saberes que se interpenetram e que vão contribuir para a elaboração de um projeto terapêutico singular em que cada um se vê, mas ao mesmo tempo se enxerga no outro (SIPUKOW, 2017).

Nos destaques apontados, ressaltamos as considerações de Potyara, pois em muitos casos a intersetorialidade e a interdisciplinaridade foram referenciadas como se tratassem do mesmo conceito. Em outras obras, o trabalho em rede é dado como a mesma significância e há situações em que a intersetorialidade foi defendida como ações dialógicas dentro de um único setor, mas por profissionais de diferentes formações. Há que se analisar que o único ponto em comum é que a intersetorialidade, em todos os trabalhos, consiste em ver os sujeitos em sua integralidade e que a promoção da interlocução e do diálogo se faz necessário em todos os locus de trabalho e situações.

Cabe ainda uma ressalva: a intersetorialidade não é uma ação pontual, não deve ser identificada como sendo efetiva quando tratada como ações que envolvem vários setores e políticas públicas somente, mas que sua concepção esteja imbricada em todo processo – do planejamento, elaboração, execução, monitoramento e avaliação. No entanto, em alguns trabalhos, é possível verificar que tais ações são tratadas ainda de forma linear e pontuais.

Dentre as áreas de interlocução mais apontadas, destacamos que 10 trabalhos citam a necessidade de articulação entre as políticas de Assistência Social, Saúde e Educação. Dentre estes, 4 apontam também o judiciário dialogando com estas áreas, e um trabalho menciona o esporte e lazer. Somente as políticas públicas de Saúde e Educação fazem interlocução 2 trabalhos fazem o destaque e, além destas duas políticas, um trabalho soma a Agricultura e outro a Cultura e o Conselho de Direito e Tutelar. O trabalho que não tinha a intersetorialidade como objeto de discussão a princípio, mas analisou como sendo essencial, trata da relevância das interlocuções dos profissionais da área de saúde.

Frente a esta realidade, partimos para análise das referências bibliográficas, a fim de verificar se os dissertadores se utilizaram de autores e obras que possibilitariam o aprofundamento da discussão sobre intersetorialidade. Verificamos que em 50% dos autores fizeram uso de tais referências. Destacamos nas obras os autores Rose Marie Inojosa e Luciano A. Prates Junqueira, que são referências quando se trata do tema em questão. Três trabalhos não fizeram nenhuma referência a discussões sobre intersetorialidade, ou ao menos discussões próximas, como interdisciplinaridade, e 3 obras constam discussões intersetoriais, porém nas áreas especificas de seus objetos de estudo. A partir de então, foi

possível analisar os equívocos frente as abordagens sobre intersetorialidade realizada no resumo dos trabalhos.

Por último, nossa análise se deu quanto às referências e discussões dos trabalhos pesquisados/disponíveis com as realizadas no conteúdo do mestrado Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da UNESPAR/Campus Campo Mourão. Neste sentido, 8 trabalhos não fazem referências ou análises próximas às discutidas no mestrado em andamento, 2 trabalhos trazem o autor Edgar Morin, sobretudo sua teoria da complexidade, 1 trabalho discute a Economia Solidária e a Agricultura Familiar discutida na linha 2 do mestrado, uma obra discute a territorialidade na perspectiva de Milton Santos, um trabalho faz discussão de obras de Boaventura Sousa Santos, um trabalho cita o método de cartografia, mas com autores não discutidos no programa, e um trabalho faz a discussão do sujeito coletivo de Lefèvre.

Considerações finais

As tendências identificadas nas dissertações analisadas é que a intersetorialidade é pouco explorada quanto à sua dimensão conceitual. Tais indicativos demarcam a necessidade de pressupostos teóricos que fundamentem o trabalho, pois se apresenta de forma contraditória discutir a intersetorialidade e/ou a interdisciplinaridade que está apontado como tema focal dos objetos estudados sem o aprofundamento teórico para que os leitores possam compreender seu conceito, portanto ser destacado como eixos argumentativos, dada sua relevância.

Do material analisado, destaca-se a relevância da relação indissociável entre teoria e prática, na qual devem fundamentar o conjunto de produção profissionais, bem como a compreensão que deve estar além do universo da pesquisa, pois identifica-se que esta interlocução é uma angulação pouco aprofundada entre as produções analisadas.

Portanto, é possível resumir que discutir a Intersetorialidade pode ser relevante às pesquisas que têm como foco as políticas públicas, uma vez que é por meio do levantamento bibliográfico, o Estado da Arte [99]reflete em experiências inovadoras que apontam como alternativa ao enfrentamento da expressão da questão social, o trabalho articulado e dialogável entre os mais diversos setores, os referenciais teóricos que subsidiaram as dissertações têm relevância e diversificação no campo

[99] […] embora recentes, os estudos de Estado da Arte que objetivam a sistematização da produção numa determinada área do conhecimento já se tornaram imprescindíveis para apreender a amplitude do que vem sendo produzido. Os estudos realizados a partir de uma sistematização de dados, denominada Estado da Arte, recebem esta denominação quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções. Por exemplo: para realizar um Estado da Arte sobre Formação de Professores no Brasil não basta apenas estudar os resumos de dissertações e teses, são necessários estudos sobre as produções em congressos na área, estudos sobre as publicações em periódicos da área. O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de Estado do Conhecimento (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 4).

científico. Outro fator é quanto à ênfase às mais variadas políticas públicas que podem ser o caminho da efetividade da intersetorialidade.

Fazemos o destaque, também, que a aproximação dos pesquisadores com os sujeitos da pesquisa e com a realidade prática vivenciada em torno de seus objetos pode contribuir com a não ruptura de estudos e com trabalhos estanques, lineares, rompendo com as estagnações de fluxo de pesquisa e trabalho, dando margem a desbravar novas pesquisas, bem como dar continuidade e avançar na pesquisa sobre a Intersetorialidade.

Em poucas palavras, pode-se concluir que o objeto de estudo – a intersetorialidade e a interdisciplinaridade – torna-se condição relevante para atender as demandas da população na sociedade contemporânea, de forma que contribua para integralidade do atendimento e compartilhamento de conhecimento entre os trabalhadores das mais diversas políticas e setores, ou seja, na perspectiva intersetorial e interdisciplinar. Para tanto, os planos, programas, projetos e serviços devem ser planejados, executados e avaliados não de forma estagnada, mas que haja envolvimento e comprometimento de todas as políticas públicas e profissionais das mais diversas áreas envolvidas para o alcance dos objetivos coletivos.

Pois a problemática apresentada, precisa sair do ideário sonhado à materialização no cotidiano das pesquisas, do desenvolvimento intelectual e aplicação na realidade que intervencionam os profissionais de diversas áreas de conhecimento, para que enfim, seja estabelecido o diálogo e colaborações concretas entre si à sociedade em que se trabalha.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CAPES. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível em: http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/. Acesso em: 27 maio 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciências & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. A intersetorialidade das políticas sociais na perspectiva dialética. In: MONNERAT, Giselle Lavinas; ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de, SOUZA, Rosimary Gonçalves de (Orgs.). **A intersetorialidade na agenda das políticas sociais**. Campinas: Papel Social, 2014.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v.6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

TRABALHOS ANALISADOS

BORSOI, Aline Tecchio. **Limites, possibilidades e desafios da Educação Alimentar e Nutricional como estratégia para a promoção da saúde no ambiente escolar.** 2015. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Comunitária Da Região De Chapecó, Chapecó, 2015.

BRAMBILLA, Daiane Kutszepa. **Programa Saúde na Escola:** perspectiva da (des)medicalização. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Comunitária Da Região De Chapecó, Chapecó, 2017.

CAMPOS, Audrilara Arruda Rodrigues. **Redes de atenção à saúde, panorama e desafios:** a percepção de gestores, profissionais e usuários em um município de médio porte de Santa Catarina. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Saúde) – Universidade Do Planalto Catarinense, Lages, 2015.

DORES, Lucilene Alencar das. **Programa BH em férias:** os desafios de uma política intersetorial e os saberes dos profissionais. 2016 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

HOFFMANN, Flavia. **Gestão da saúde pública no controle da hanseníase em municípios da região de saúde de São Miguel do Oeste no estado de Santa Catarina.** 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Biociências e Saúde) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2016.

KROLIKOWSKI, Debora Eliana Teichmann. **A violência intrafamiliar contra a criança**: uma experiência num território do SUS. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Comunitária Da Região De Chapecó, Chapecó, 2017.

LACERDA, Clarissa de Barros. **"Desentorpe(sendo)":** significações sobre um *caps ad* para usuários em acompanhamento. 2016. Dissertação (Mestrado em Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual De Campinas, Limeira, 2016.

JUNIOR, Arnaldo De Jesus Aguiar. **Programa bolsa família e o enfrentamento intersetorial da vulnerabilidade social.** 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) – Universidade Federal Do ABC, Santo André, 2015.

POZZAGNOL, MARCIA. **Alimentação escolar e agricultura familiar**: como vem se construindo esta interface? 2016. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Comunitária Da Região De Chapecó, Chapecó, 2016.

SABEDOT, Karina Pereira. **"Análise dos serviços destinados à população de rua na microrregião de Limeira".** 2017. Dissertação (Mestrado em Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual De Campinas, Limeira, 2017.

SANTOS, Valdeir Cesario dos. **Sistema Socioeducativo em Meio Aberto:** Perfil e Direito à Educação do Jovem em Conflito com a Lei em Anápolis-GO. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal De Goiás, Goiânia, 2017.

SILVA, Gilson Fernandes da. **O programa saúde na escola em municípios paranaenses na visão de gestores**. 2016. 171 f. Dissertação (Mestrado em Biociências e Saúde) – Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná, Cascavel, 2016.

SILVA, Mirian de Freitas da. **A gestão do sistema único de assistência social no município de Campos dos Goytacazes (2009 a 2016) –** uma realidade em movimento. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Universidade Estadual Do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2017.

SIPUKOW, Debora. **O cuidado necessário:** representações sociais dos profissionais de saúde das unidades de referência à saúde do idoso do município de São Paulo. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em ciências do envelhecimento) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2017.

SOUZA, Marineide Nunes de. **Proteção social à criança e ao adolescente vítimas da violência sexual, na cidade de Parintins – AM**: atuação em rede?. 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade E Cultura Na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

TEIXEIRA, Denize Aparecida. **Entre o olhar do cuidado e a patologização:** um estudo sobre a rede de atenção em saúde mental à Criança e ao adolescente. 2016. 155 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Comunitário Instituição de Ensino) – Universidade Estadual Do Centro-Oeste, Irati, 2016.